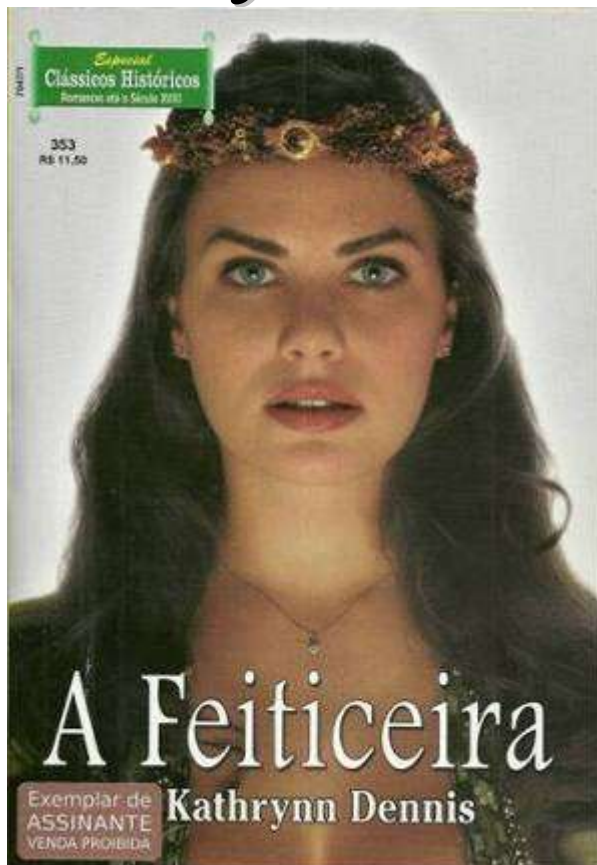


A FEITICEIRA

DARK RIDER

Kathrynn Dennis



Inglaterra, 1269.

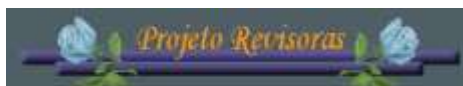
O poder de uma mulher.

Quando lady Eldswythe é chamada para cuidar dos cavalos de raça do reservado e solitário sir Robert Breton, um rival de sua família, ela não está preparada para as fortes emoções que ele lhe desperta. Aquele olhar lânguido e penetrante, por si só, poderia fazê-la esquecer que está noiva de outro homem. Embora seu coração deseje Robert, Eldswythe não confia nele. Mas quando uma violenta invasão acontece em sua propriedade, e Robert salva a sua vida, ela começa a imaginar se seus temores eram infundados...

Robert não sabe que estranho encantamento foi lançado sobre ele. Durante o dia, ele não consegue pensar em outra coisa senão em Eldswythe, e à noite, a bela dama aparece em seus sonhos. Que segredos ela esconde? Eldswythe o intriga como nenhuma outra mulher, e Robert está começando a acreditar que ela de fato tem poderes especiais... e está determinado a fazê-la sua!...

Digitalização: Crysty

Revisão: Ana Ribeiro





Querida leitora,

Lady Eldswythe é tida como feiticeira, por sua habilidade de conversar com cavalos e curá-los de uma maneira milagrosa. Mas quando os cavalos de sir Robert Breton adoecem, ele a chama para vê-los, não querendo arriscar-se a perder sua criação. Embora sua família e a dela sejam inimigas, Eldswythe concorda em cuidar dos cavalos, sem saber que a trajetória de sua vida mudaria para sempre a partir daquele momento...

Um romance que encanta por seus personagens bem caracterizados, um cenário medieval vividamente detalhado e uma trama cativante, repleta de paixão e intriga!

Leonice Pompônio
Editora

Copyright ©2007 by Kathryn Dennis

Originalmente publicado em 2007 pela Kensington Publishing Corp.

PUBLICADO SOB ACORDO COM KENSINGTON PUBLISHING CORP.

NY,NY-USA

Todos os direitos reservados.

Todos os personagens desta obra são fictícios. Qualquer semelhança com pessoas vivas ou mortas terá sido mera coincidência.

TÍTULO ORIGINAL: DARK RIDER

EDITORA Leonice Pomponio

ASSISTENTES EDITORIAIS

Patrícia Chaves Silvia Moreira, Vânia Canto Buchala

EDIÇÃO/TEXTO Tradução: Gabriela Machado

ARTE Mônica Maldonado

MARKETING/COMERCIAL Andréa Riccelli

PRODUÇÃO GRÁFICA Sônia Sassi

PAGINAÇÃO Ana Beatriz Pádua

Copyright© 2010 Editora Nova Cultural Ltda.

Rua Butantã, 500 — 10º andar — CEP 05424-000 — São Paulo — SP

www.novacultural.com.br

Impressão e acabamento: RR Donnelley

Capítulo I

Praia de Dover, Inglaterra, 1269.

Véspera da Oitava Cruzada

A brisa quente do oceano, úmida e pesada com o cheiro da maresia, colava a camisa de sir Robert Breton ao seu peito largo e agitava-lhe os cabelos negros. Contudo, isso não era o bastante para esfriar seu temperamento adverso.

— Foram chicoteados? — ele perguntou, a voz tensa. Fechou o punho no cabo da espada e esfregou o polegar em pequenos círculos do topo, um lugar tão polido com a frequência do gesto, que brilhava como um espelho de prata.

O escrevente real, um homem mirrado e de olhar astuto, comprimiu os lábios antes de responder.

— O sargento-ferreiro bateu neles para obrigá-los a andar. Eu intercedi antes que ele fizesse coisa pior, sabendo como o senhor abomina o chicote.

Robert cerrou o queixo, e os músculos de seu pescoço e dos ombros ficaram tão tensos quanto um arco retesado. Aqueles cavalos eram seu bem mais valioso. Os únicos seres vivos na Terra, que ele poderia confiar. Qualquer idiota veria que os pobres animais estavam com os pés tão doloridos que não conseguiam se mover. O baio, o alazão e o cinza malhado postavam-se na traseira da carroça, as pernas duras, os pescoços esticados, os olhos ansiosos e cheios de dor. O chicote do sargento só aumentara a agonia dos infelizes.

Sua garganta apertou-se com aquela sensação terrível que o atormentava sempre que alguém chicoteava um cavalo. O ataque feroz contra pele e músculo por uma arma da qual não se podia fugir. Ele conhecia bem esse tipo de dor.

Arrancou a camisa pela cabeça e rasgou-a. Vestido apenas com as calças de couro preto e as botas altas de montaria, passou pelo escrevente e foi até a carroça, molhou a camisa rasgada no balde de água e depois pegou o pano ensopado e passou pelos flancos trêmulos do animal cinzento.

Robert esfregou a cicatriz dentada que corria por seu pescoço, um triste lembrete do quanto estivera próximo da morte e do assunto não resolvido que ele havia deixado para trás na Inglaterra. Seu inimigo teria de esperar, no entanto não seria esquecido.

Virou-se para encarar o escrevente real.

— Zarparemos ao amanhecer, e minhas montadas não estão em condições de fazer a viagem. — Enxugou o suor da testa com o dorso da mão, e apontou para os animais. — Desconfio que tenham sido envenenados. Ouvi rumores de que uma feiticeira de cavalos está na praia. Preciso dela.

As feições do escrevente tornaram-se sombrias.

— Sir Robert, ela é filha do conde de Crenalden. Ele não a deixaria vir, e ela pode recusar-se a prestar ajuda, principalmente a um Breton. O senhor não pensa realmente...

O punho de Robert fechou-se no cabo da espada. E ele lançou um olhar furioso ao escrevente.

— Meus cavalos podem morrer. A mulher estará segura comigo. Pode dar minha palavra ao conde.

Uma linha dura de desaprovação formou-se na boca do escrevente. Robert puxou a respiração, impaciente. Detestava o conde de Crenalden como todo membro da casa de Breton. Procurar ajuda da filha do homem, uma mulher chamada de feiticeira de cavalos,

era, de fato, um ato de desespero.

Porém, se alguma coisa acontecesse aos animais, toda a esperança para o futuro estaria perdida.

O escrevente ergueu os olhos, o semblante cheio de reservas.

— Se o senhor está resolvido... o príncipe pode convencer o conde e sua filha a serem complacentes. Só precisa dar a ordem.

A cabeça de Robert começou a doer. Então, ele fechou os punhos e, depois, ordenou, alto o suficiente para que todos ouvissem:

— Vá buscar a feiticeira!

As palavras do pai martelavam em seus ouvidos.

— Não faça nada para atrair atenção. E, principalmente, não ponha a mão num cavalo.

Nervosa, Eldswythe tentou aproximar-se do cavalo extenuado que tossia sem parar, amarrado a uma carroça a não mais de vinte passos de distância. Então, pelo canto do olho, viu uma túnica vermelha que rumava em sua direção. Um soldado. Um guarda real. O medo paralisou suas pernas quando uma mão rude pegou-a pelo cotovelo.

— É a senhora Eldswythe? Aquela que chamam de feiticeira de cavalos? — O soldado cheirava a suor, porco assado e vinho. — Tenho ordens de encontrá-la. Dizem que exibe a marca do cavalo do diabo nas costas. Vai me fazer olhar? — Inclinou-se para mais perto.

A garganta de Eldswythe fechou-se, impedindo-a de engolir ou mover a língua. Feiticeira de cavalos. Mãe Maria, ela detestava ser chamada de feiticeira de cavalos. Encarou com raiva o soldado.

— Tire a mão de mim, senhor! Ultrapassou seus limites. Sou lady Eldswythe, filha de Aldrick, o conde de Crenalden. Não me obrigue a acordá-lo.

No mesmo instante, o aperto da mão do soldado se afrouxou. Sem mais uma palavra, ele girou nos calcanhares e se afastou, as botas chutando a areia branca.

Encorajada pela retirada apressada do homem, Eldswythe colocou as mãos em torno da boca e gritou:

— Não sou uma feiticeira de cavalos, caso contrário lançaria um feitiço e faria crescer um rabo em você. E isso, só iria melhorar seu traseiro.

Correu para o refúgio da tenda do pai.

— Às vezes eu gostaria de ter alguma magia — resmungou consigo mesma. — Então, poderia conjurar uma casa, um belo marido e filhos meus. Uma vida normal como de qualquer outra mulher.

Eldswythe enfiou uma mecha teimosa de cabelos sob o véu. O velho cavalo finalmente parará de tossir. Seu pai roncava. Tudo parecia tranqüilo, como os dias que passava, em criança, brincando e trabalhando nos estábulos. Pensou em Safia, uma criada que possuía um talento igual ao seu. Sua professora, e uma mulher que a amava como uma mãe...

Eldswythe sacudiu a cabeça, lutando contra o medo sombrio que emergia sempre que mergulhava no passado.

Feiticeira de cavalos.

O mesmo nome que tinham chamado sua amada Safia no dia em que a expulsaram.

Acalorada, ela tirou o véu da cabeça e esquadrinhou a multidão. Milhares de pessoas reuniam-se na praia. Armaduras reluziam ao sol, enquanto peregrinos rezavam e ambulantes anunciavam ervas contra enjôo do mar e relíquias santas para boa sorte.

Ela enfiou a mão para pegar as ameixas açucaradas que sempre carregava na

bolsa de couro, observando um sujeito magro serpear por entre as filas desordenadas de tendas. O casaco de veludo marrom, quente demais para o verão, enfunava-se com o vento e se enroscava em torno das pernas de palito. Corado e sem fôlego, ele parou sob o toldo da tenda de seu pai e inclinou-se numa mesura.

— Lady Eldswythe, o príncipe Eduardo manda seus cumprimentos. Estou aqui para pedir que venha comigo até o acampamento de sir Robert Breton. Ele tem necessidade de sua ajuda.

Eldswythe empertigou-se. Limpou o açúcar grudento das mãos, sabendo que seus dedos e lábios exibiam uma mancha da cor de ameixa. Ajeitou a túnica, meio constrangida.

— Sir Robert Breton pede minha ajuda?

Seu coração saltou com um orgulho secreto. Ele era seu inimigo de nascença, mas era também um cavaleiro talentoso, conhecido pela perícia na equitação e pelos cavalos raros que criava.

Uma fieira de palavras ressoou dentro da tenda. O escrevente recuou. O conde de Crenalden saiu, com o jovem escudeiro, Malgen, tropeçando logo atrás. Olhou feio para o escrevente suarento.

— Lady Eldswythe não é nenhuma meretriz para ser convocada para a tenda desse homem.

— Alguém envenenou os cavalos de sir Robert, meu senhor. Ele sabe da perícia da senhora com cavalos e tem necessidade da ajuda dela. — O homenzinho ergueu o queixo. — E, meu senhor, o príncipe Eduardo nomeou sir Robert como comandante da Guarda Montada. Uma honra para um cavaleiro que não tem ainda vinte quatro anos de idade. Um homem tratado com tanta predileção pelo futuro rei, certamente pode ser confiável com relação à sua filha.

Eldswythe mordeu o lábio, lutando para se controlar. Seria uma honra examinar cavalos tão bons quanto os de sir Robert, mesmo que ele fosse um Breton e o filho do maior inimigo de seu pai, o conde de Hillsborough.

— Eu gostaria de ir, papai. Talvez eu possa ser de alguma ajuda. — Apontou para o mar agitado onde os homens aprontavam os escaleres. — Voltarei antes que o senhor termine de embarcar a bagagem.

Forçou um sorriso, sabendo que seu pai desaprovava. Contudo, ela não renegaria seu chamado. Tinha um dom para descobrir a causa das moléstias eqüinas. Um mês antes, havia curado o garanhão de sir Hallard de uma inflamação crônica. E o cavaleiro agradecido a presenteara com uma bela sela de senhora do mais fino couro.

O orgulho a encorajou.

— Por favor, papai, eu gostaria de... O conde ergueu a mão.

— Escute, Eldswythe, você é teimosa, não dá ouvidos às minhas advertências ou atina para as conseqüências de suas ações. Mas nenhuma filha minha prestará ajuda a um Breton. Ladrões, chantagistas, safados, todos eles. Robert Breton é o pior. Fez uma petição ao rei, reclamando as terras de Crenalden a leste do rio Greve. Sua terra por dote. Além disso, é o porco que arruinou Margaret de Suttony...

A voz do escrevente elevou-se acima do vento.

— Meu senhor, sir Robert não...

— Robert Breton não se conduz pelo código de cavalheirismo esperado de um cavaleiro. Lady Eldswythe saiu faz apenas um ano do convento e está aqui hoje para me ver partir, para dizer adeus, não para qualquer outro propósito.

O escrevente endireitou os ombros.

— Mas, senhor, é desejo expresso do príncipe Eduardo que sua filha ajude sir Robert com os cavalos. O senhor deve permanecer aqui, já que sua presença no acampamento de sir Robert poderia incitar um conflito. Eu trouxe a guarda real para nos escoltar. Sua filha pode levar a criada pessoal. Ficarão era segurança. — Apontou para

os soldados que se postavam discretamente à distância.

Eldswythe conteve a respiração. Seu pai, por mais que detestasse a Casa de Breton, não se voltaria contra uma ordem real. Melhor não contar que sua criada, Bertrada, estava prostrada na tenda, doente, sofrendo com o calor.

De feições crispadas de frustração, o conde deixou escapar um longo suspiro.

— Por que é desejo de nosso príncipe, e pelo bem da Santa Causa, eu a deixarei ir... com a criada. — Espetou um dedo no peito suado do escrevente. — Diga a sir Robert Breton que se ela sofrer qualquer mal, ele pagará o preço.

O escrevente meneou a cabeça em concordância.

Eldswythe jogou a bolsa de couro sobre o ombro. Pespegou um beijo na face do pai, sentindo-se esperta e independente. Depois, desviou os olhos. Não eram apenas os cavalos de sir Robert Breton que a interessavam. O homem a intrigava também. Toda a Inglaterra sabia do dom extraordinário que ele tinha em treinar cavalos. Verdade fosse dita, ela ansiava conhecer aquele que chamavam de mestre cavaleiro, um homem que conseguia domar um perigoso cavalo de batalha com apenas um toque gentil e acalmar o espírito atribulado do animal com a voz. Ele podia cavalgar um cavalo como se tivesse uma clara compreensão da mente equina. Talvez ele também fosse abençoado com uma poderosa conexão com os animais.

Era esse homem que ela precisava conhecer. Porém, corriam boatos de que sir Robert Breton era um cavaleiro que dedicava mais carinho a seus cavalos do que ao coração de uma dama. Seu charme, diziam, exercia atração especialmente em mulheres que se julgavam imunes.

Mas eu não sou uma mulher qualquer, e depois de umas poucas horas, é duvidoso que eu ponha os olhos nele outra vez.

Ergueu as saias e apressou-se a alcançar o escrevente.

— Estou pronta. Podemos pegar minha criada pelo caminho.

Robert Breton andava de um lado para o outro, embora isso pouco aliviasse sua tensão. Maldição! Não tivera outra escolha a não ser mandar buscar a feiticeira de cavalos, a filha do sanguinário conde de Crenalden. O homem que encontrara seu pai mal respirando com um punhal cravado nas costas, e o deixara nos bosques para morrer.

Ele cerrou o queixo com tanta força que os dentes doeram. Quando garoto, Robert detestava o pai, mesmo quando tentava agradá-lo. O conde de Hillsborough usava o chicote nos filhos com a mesma frequência que usava nos cavalos. Porém, Robert nunca pensara em vê-lo morto. Agora, era obrigado a servir a um homem inferior, seu irmão mais velho, Harold, um beerrão descuidado, e o herdeiro de Hillsborough.

Droga, a velha cicatriz que os monges tinham costurado sua cabeça de volta aos ombros doía, um triste lembrete do ferimento que quase o matara. Só o ódio e a raiva o tinham mantido vivo. Perdera um ano de sua vida enquanto jazia no que poderia ter sido seu leito de morte. Durante esse período, tivera a notícia de que seu pai havia sido assassinado; a mulher que ele jurara desposar quebrara o juramento; e seu irmão, enciumado, deixara sua parcela de terra junto ao rio Greve, terra legalmente concedida ao segundo filho, cair nas mãos do traiçoeiro conde de Crenalden.

Não poderia ressuscitar o pai, nem o amor da mulher a quem pedira que fosse sua esposa e, sem a intervenção real, não poderia se postar contra o poderoso conde de Crenalden. Sem aquelas terras, ele não tinha nada. Por esse motivo, faria qualquer coisa para conquistar de volta seu direito de nascerça.

A Guerra Santa não era de seu agrado também, mas pelo menos proporcionava uma oportunidade para ganhar um cofre de moedas e um prêmio ainda maior. Um título e

terras e um lugar para criar seus cavalos.

Seus cavalos.

Quem os teria envenenado e por quê? E por que ele deveria confiar na feiticeira de cavalos, a filha do conde de Crenalden?

A aba da tenda se ergueu parcialmente de lado. A luz infiltrou-se para dentro e a forma vaga do escrevente real do príncipe apareceu.

— Ela está aqui, sir Robert.

Através da penumbra da tenda, Robert viu a figura de uma mulher parada ao sol. Alta e magra, trajando um vestido bem cortado de um tom de azul lápis-lazúli, ela estava de costas para ele, mas separada da guarda. Não trouxera nenhuma criada consigo e, pela energia nos ombros e a maneira com que mantinha a cabeça erguida e sem véu, era uma criatura confiante e decidida. E jovem. Os cabelos, negros e tão brilhantes como azeviche polido, caíam numa trança solta abaixo dos quadris. Ela virou a cabeça para ver seus cavalos, embora não parecesse dar-se conta de que ele a observava.

Robert respirou fundo. Pelas barbas do Senhor. Ela não era absolutamente nada daquilo que ele esperava. Era uma beleza de pele clara, lábios da cor do vinho novo, e olhos escuros e inteligentes. Olhos que o atraíam e o faziam imaginar que magia aquela mulher possuía.

Eldswythe parou à frente da entrada da tenda de sir Robert. Poucos passos adiante, numa carroça aberta na traseira, um corcel cinzento, um baio menor e um alazão enorme com olhos comoventes postavam-se, imóveis como estátuas. De compleição sólida e formas refinadas, todos os três cavalos eram uns bons palmos mais altos do que a média, e adequados para um ginete alto. Para o olhar destreinado, os sinais de sofrimento poderiam passar despercebidos: as narinas arfantes, a respiração rápida e curta, e o suor por trás das orelhas.

Ela ergueu a mão, a palma virada para cima, e estalou a língua baixinho. O enorme alazão virou a cabeça de lado, olhou para Eldswythe e relinchou. Os homens que estavam ao lado da carroça a encararam, cochichando, as vozes abafadas pelo vento. Um homem corpulento, com um avental de couro amarrado à cintura, veio em sua direção. Cruzou os braços no peito e fitou-a, os olhos cheios de ressentimento.

O cheiro de vinagre e linimento de gordura de ganso que emanava do sargento-ferreiro revirou o estômago de Eldswythe. Ia dizer que aquela mistura era inútil e que tal tratamento só fazia os cavalos feder, quando um lampejo branco atraíu-lhe o olhar.

As abas da tenda se abriram. Um homem surgiu. Um homem, não. Um arcanjo. Um cavaleiro, o mais moreno dos quatro descritos no Apocalipse de São João. Bronzeado e moreno, de covinha no queixo e suíças nas faces, com feições tão perfeitamente proporcionadas, só poderia ter descido dos céus.

Era de uma altura incomum, o bastante para montar aqueles animais. E a túnica, negra como uma noite sem luar, era fendida no meio, da barra até a cintura, mostrando pernas de cavaleiro, longas e esguias, com coxas que pareciam poder esmagar um cálice de prata no meio delas.

A respiração de Eldswythe ficou presa no peito.

Devagar, ela se virou para encarar o imponente cavaleiro. Esqueceu-se da multidão, dos guardas e, por um momento, dos cavalos na carroça.

Robert parou em frente a ela, cruzou os braços no peito largo e abriu os pés, postado como se fosse o dono da praia.

— Lady Eldswythe? — perguntou.

— Sir Robert. — Os olhos de Eldswythe cravaram-se nos dele.

A boca de Robert entortou-se num sorriso. E ele correu os olhos do rosto de Eldswythe para os ombros. Depois, para baixo. Sua trança se soltara, desmanchada pelo vento, e os cabelos esvoaçavam, livres.

Com as faces queimando, Eldswythe abaixou a cabeça. Deus do céu! Como

pudera esquecer o véu? E como haveria de saber que sir Robert Breton era um homem assim? Um homem que provocava um alvoroço dentro dela, algo que a fazia querer tocá-lo, pousar a mão em seu braço e certificar-se de que era de verdade? O jeito com que ele a fitava, como se gostasse de ver uma mulher tão descabelada pelo vento, fez seus dedos dos pés se curvar dentro dos sapatos e seu estômago palpar.

— Eu não tinha idéia de que a filha do velho conde de Crenalden era dona de tamanha beleza — disse. — Lady Eldswythe, para uma feiticeira de cavalos, a senhora é linda. Estou surpreso.

Aquela palavra outra vez.

Com as mãos fechadas em punho Eldswythe endireitou as costas.

— Sou uma curandeira. Não uma feiticeira de cavalos. Os ardentes olhos negros faiscaram de desafio.

— Por favor, diga-me, qual é a diferença? Ela o encarou, furiosa, e ergueu o queixo.

— Uma feiticeira usa magia e pode provocar uma doença no animal, se isso se ajustar aos seus propósitos. Eu não tenho dons mágicos. E nenhum cavalo sofrerá jamais em minha mão.

Os olhos de Robert se estreitaram.

— Descanse sossegada, lady Eldswythe, estou de olho em cada movimento seu.

Como ele ousava ameaçá-la! Ela era a filha de um conde, e estava ali a pedido do príncipe! Insinuar que ela poderia fazer mal a seus cavalos era inimaginável!

— Sir Robert, eu nunca faria mal a um cavalo, mesmo aqueles pertencentes a um Breton. Mas também estou surpresa. Não tinha idéia de que um homem tão famoso, tanto pela perícia na equitação quanto na boêmia, pudesse se sentir compelido por Deus a tomar a cruz e liderar as tropas do príncipe.

Robert ficou sério e, então, apontou os cavalos.

— Estão com as patas tão doloridas que não conseguem andar e precisam ser carregados. Creio que foram envenenados, já que nenhum outro cavalo foi afetado. Qual é sua opinião, lady Eldswythe?

— Primeiro, preciso examinar...

Ela caminhou na direção dos cavalos. Uma lufada de vento sacudiu seu vestido. A ponta do sapato prendeu a barra e o tecido enroscou-se em seu pé, derrubando-a. Eldswythe caiu de joelhos, afundando na areia diante de Robert. Humilhada, agarrou a primeira mão esticada que se ofereceu para ajudá-la.

Os dedos fortes de Robert apertaram ligeiramente os dela. Eldswythe estremeceu ao contato. Os olhos do cavaleiro cravaram-se nos dela e, então, um lampejo de espanto relanceou por sua face, como se ele também sentisse a estranha sensação que passava entre os dois.

Eldswythe puxou a mão, depressa, rezando para que ninguém notasse aquela troca de energias.

— Obrigada — resmungou.

Sem dizer palavra, Robert rumou para os cavalos. Debruçou-se na lateral da carroça, e afagou o pescoço do cavalo deitado no leito da carroça. O animal abaixou a cabeça e fechou os olhos. O toque dos dedos longos e fortes pareceu acalmá-lo. O enorme alazão, que estava ao lado do malhado, relinchou como se ele também implorasse pela atenção do dono.

Eldswythe endireitou os ombros. A multidão que se reunira no local abriu-se lentamente conforme ela passava, cada homem relutante em lhe dar espaço para caminhar. Então, a voz de sir Robert ressoou.

— Deixem lady Eldswythe passar.

O burburinho cessou. Os homens deram um passo de lado.

Eldswythe parou diante da carroça. Estalou a língua e arrulhando numa voz suave,

ergueu as mangas para, em seguida, subir na carroça. Ajoelhou-se ao lado de cada cavalo e comprimiu as mãos contra as patas, uma a uma.

Estavam quentes. Quentes demais.

Rastejou para perto e postou-se ao lado do animal cinzento. Com os polegares, testou o local sensível onde os pelos encontravam a muralha, e sentiu a pulsação latejando na cutidura. Inclinou-se para mais perto, sem se deter por causa do cheiro pungente de estrume fresco e palha azeda. O cavalo abaixou a cabeça e farejou seus cabelos.

— O que ela está fazendo? — perguntou o sargento-ferreiro. — Ouvindo vozes?

Os homens riram à socapa. Robert resmungou.

Eldswythe apertou o ponto entre os tendões do cavalo, e o animal ergueu a pata dianteira. Ela pegou da sacola uma palheta feita de casco, raspou a sola da pata e depois pressionou a ranilha. O cavalo torceu o rabo, empinou as orelhas para trás e puxou a pata das mãos de Eldswythe. Ela colocou a palheta de novo na sacola.

— Concordo, sir Robert. Seus cavalos foram envenenados. Estão em colapso.

Uma vozinha gritou:

— Só dei ovos e mingau de cevada para ele comerem e forrarem os buchos antes de embarcarem nos navios. Não sei nada de veneno.

Soldados jogaram um garoto descalço aos pés de Robert. Tremendo de medo, o menino encolheu-se e fechou os olhos com força.

— Piedade, sir Robert. Eu só queria ajudar.

O olhar de Robert tornou-se glacial.

Eldswythe saltou da carroça para se postar entre o garoto e Robert. O rapazinho agachou-se atrás de suas saias, tremendo. Ela abriu os braços para protegê-lo.

— O que ele deu de comer aos cavalos não é a causa da condição em que se encontram. Tenho certeza.

— Então, o que provocou essa aflição?

De olhos baixos, ela fitou as pontas do sapato. Causas, remédios, e resultados galopavam em sua mente, as ideias fugidias.

— Ela não sabe, sir Robert — opinou o sargento-ferreiro. — Mas aposto que o rapazinho sabe mais do que está dizendo.

O garoto começou a soluçar, as lágrimas riscando as faces sujas.

— Não sei, meu senhor. Sou só um limpador de esterco. Ia ajeitar a cama de seus cavalos quando me arrastaram para cá.

— Descobri a causa! — Eldswythe exclamou, triunfante. Pegou um punhado da palha da cama. — Isto! — Sacudiu a serragem escura misturada com porções de feno na mão.

— Feno e aparas de madeira? — indagou o sargento-ferreiro. — Não faz um cavalo mancar. Fosse assim, cada cavalo da Inglaterra estaria doente. — Solto uma risada oca.

O problema é o tipo de madeira, senhor. A apara tem um tom arroxeadado e as lascas são retas e curtas. De nogueira-negra. — Pegou uma apara enrolada entre os dedos e deixou-a cair na mão aberta de Robert. — O óleo da madeira da nogueira-negra impregna as patas dos animais e logo eles começam a mancar.

O sargento-ferreiro estreitou os olhos remelosos.

— O que é essa nogueira-negra? Nunca vi ouvi falar. Como a senhora, lady Eldswythe, sabe como é?

— As árvores não são nativas de solo inglês, mas foram trazidas para cá da Terra Santa e plantadas pelos cavaleiros templários. Minha cópia da Hylica descreve a síndrome.

Robert ergueu as sobrancelhas.

— Vi esse texto, um antigo tratado escrito por um cirurgião grego no exército

romano. Sabe ler latim, lady Eldswythe?

— Sim. — Ela bateu na sacola onde guardava o livro. — As freiras em Covington insistiram nisso.

Que Robert soubesse ler latim, também era uma qualidade, que ela não esperava de um homem que ganhava a vida com a espada.

Robert virou-se para o sargento-ferreiro.

— Quem trouxe essa cama?

O homem empalideceu e abaixou a cabeça.

— Veio de Horsham Manor. Um presente, meu senhor. Três cargas de carroça.

As faces de Robert avermelharam.

— Horsham? Pelas barbas do Senhor, seu idiota! O barão de lá lutou com Simon De Montfort, o conde de Leicester, contra o rei! — Agarrou o cabo da espada. O polegar roçou furiosamente na saliência do punho com se o movimento servisse para impedi-lo de atacar o ferreiro.

Virou-se para encarar Eldswythe.

— Qual é sua previsão? Acha que irão se recuperar?

— Coloque os cavalos nas ondas esta noite. Deixe a areia envolver as solas dos cascos enquanto a água fria tira o calor. Amanhã de manhã, se Deus quiser, estarão bem.

O garoto parou de fungar.

— Eu fico com eles a noite inteira, senhor, e faço direitinho o que lady Eldswythe mandar.

Robert massageou as rugas fundas da testa.

— Milady, peço a Deus que esteja certa. Zarparemos para Acre de manhã, e pretendo levá-los comigo. Dificilmente eu poderia investir contra os infiéis sem meus cavalos. — Apontou para o sargento-ferreiro. — Considere-se com sorte por eu não ter tempo de substituí-lo. Eu deveria mandar lhe arrancar as orelhas pela desatenção, e deixá-lo sangrar até a morte. Mas você vai passar a viagem inteira no porão do navio com meus cavalos, comer o que eles comerem, beber o que eles...

O ferreiro esgueirou-se pelo meio da multidão quando o escrevente real pigarreou e saiu de uma segunda tenda, a uns cinquenta passos da de Robert.

— Meu senhor, o príncipe Eduardo deseja conferenciar com o senhor. Está esperando.

Apontou para dentro, onde homens de rostos vermelhos sentavam-se em torno de uma mesa. Eduardo, o ruivo príncipe de Gales, estava de pé, a ponta da bota descansando num baú de carvalho.

No entanto, foi sua esposa, Leonor de Castela, que atraiu o olhar de Eldswythe. Vestida de damasco branco e enfeitada de pérolas, ela sentava-se ao lado do marido, as mãos pousadas no ventre de grávida. Olhou diretamente para Eldswythe. Mesmo a fadiga na face cansada não escondia a força e a compreensão em seus olhos.

Eldswythe ajoelhou-se numa cortesia reverente.

Robert lançou um olhar tempestuoso para o sargento-ferreiro e, em seguida, seguiu para a tenda do príncipe.

— Cuide de meus cavalos, milady — disse, por sobre o ombro.

Ela endireitou-se. Sacudindo os braços, chamou por ele.

— Sir Breton, não devo favores ao senhor ou a qualquer membro de sua casa de grosseiros. Se tiver necessidade de minha ajuda, deve pedir por isso educadamente.

A multidão caiu em silêncio. E, em meio a ausência de ruídos, a risada suave da princesa Leonor ecoou de dentro da tenda.

Robert fez meia-volta.

— Vou ignorar que você insulte o nome de minha família, que sua família, durante gerações, tenha reclamado os direitos ao acesso à água na terra dos Breton. Pelo bem de meus animais, peço desculpas. Poderia ser generosa em ajudar meus cavalos? — Fez

uma medida, a expressão fechada. Entrou na tenda sem esperar por uma resposta.

O homem estava delirando, fazendo acusações infundadas, pensou Eldswythe. Porém, ela ajudaria os cavalos, não importava o motivo. Não poderia deixá-los sofrer.

O garoto limpador de estrume, ainda ajoelhado, agarrou a mão de Eldswythe e beijou-lhe o pulso.

— Estou devendo essa para a senhora.

— Como se chama?

— Simão Uma Orelha. — Ergueu a cabeça para mostrar uma orelha atrofiada. —

Nasci assim. Mas funciona bem do mesmo jeito, e me deram esse apelido por conta da outra. — Orgulhoso, exibiu a orelha normal. Eldswythe tomou a mão do garoto e apertou-a.

— Simão, temos uma longa noite à nossa frente. — Olhou para o cenário diante dos dois. Homens suados e resmungões arrastavam e puxavam os três cavalos relutantes da carroça e conduziram os animais de aparência miserável para a água.

Antes de vê-los tentar se locomover, Eldswythe estava segura de que poderia ajudar. Agora, porém, não tinha tanta certeza.

Capítulo II

Robert Breton parou do lado de fora da tenda e aqueceu as mãos na fogueira da noite. As ondas rolavam na praia a poucos passos de distância. O ritmo tranquilo da água subindo e descendo deveria acalmá-lo. No entanto, martelava em seus ouvidos.

Olhou para os cavalos, o mar a lambê-lhe as pernas. Não se moviam muito contentes, mas deixavam a água bater nas patas e permitiam que lady Eldswythe lhes cocasse atrás das orelhas.

A visão o deixou transfixado. Nunca em todos os dias de sua vida uma mulher tratara os seus cavalos com tamanha familiaridade. Seus animais não estavam acostumados ao toque feminino ou com a voz de uma mulher. E realmente o surpreendeu ver o cinzento abaixar a cabeça e esfregar o focinho de um modo afetuosamente no ombro de lady Eldswythe. De repente, sentiu inveja do cavalo. Quase podia sentir o calor do ombro dela em sua boca, imaginar a suavidade daquele pulso branco, sentir os dedos macios em seus lábios...

A sombra de uma figura que se aproximava atraíu-lhe o olhar, interrompendo os pensamentos tumultuados.

Robert virou-se, e se deparou com sir Hugh de Wathan, andando pesadamente pela areia.

O amigo estendeu-lhe uma caneca de madeira.

— Uma comemoração final — disse, despejando um líquido dourado de um frasco na caneca. — É a última vez que compartilhamos do solo inglês por meses, quem sabe anos. Beba, meu amigo, e sonhe com o dia em que voltaremos à praia de Dover, ricos e triunfantes, deliciados na glória de Nosso Senhor.

Distraído, Robert não fez nenhum comentário. Continuou com os olhos fixos em lady Eldswythe enquanto bebia.

— Que inferno, Hugh! Eu não esperava encontrar o desastre antes mesmo de sair da praia. — Apontou para os cavalos. — Mas os homens estão tomando o envenenamento dos meus animais como um mau pressagio. Dizem que é um sinal de que esta campanha irá fracassar.

Hugh cocou a barba.

— Ouvi os boatos. Nunca vi animais que tenham perdido os cascos ficar tão doentes como os seus. Se eles estiverem incapacitados pela manhã, você terá de encontrar outro grupo de cavalos.

Robert chutou a areia, praguejando.

— Pelo sangue de Cristo, quando eu puser as mãos em Horsham, eu o farei pagar por isso. Covarde. O rei deveria tê-lo enforcado quando teve a chance, não conceder-lhe o perdão. — Olhou os cavalos. — Não posso substituir minhas montarias. Gastei os últimos recursos que tinha para comprar minha passagem.

— Se a feiticeira falhar, você pode escolher um cavalo meu. Sei que gosta do baio. Pode levá-lo. Pegue o malhado também. Ele não é dos mais espertos, mas nunca refuga em batalha.

— Ela não vai falhar!

Robert não tinha nenhum motivo para acreditar que ela iria curá-los. Contudo, Eldswythe parecia entendê-los. Jogou a cabeça para trás e respirou fundo. Realmente depositava todas as esperanças na moça. Ela curaria seus cavalos. Simplesmente recusava-se a aceitar a possibilidade de qualquer outro resultado.

Mais animado, deu um tapa nas costas sólidas de Hugh.

— Não precisarei de suas montarias, Hugh. Mas devo dizer-lhe que você é o melhor dos amigos.

Hugh sorriu, satisfeito. Apontou para Eldswythe.

— Ela é alta para uma mulher, não? E se movimenta ao redor de seus cavalos como alguém que os conhece, devagar e com um propósito determinado.

Robert observou as formas imprecisas na beira d'água. Os cabelos, soltos e desordenados, ondulados pelas trancas, formavam uma aura em torno de Eldswythe. A água e os salpicos do mar molhavam-lhe as saias, o tecido agarrado às pernas, delineando completamente a figura graciosa.

Ele reprimiu um gemido.

— Santo Deus. Quase sinto inveja de meu cavalo. — Estudou Eldswythe, imaginando que tipo de mulher não mostraria medo de um animal tão grande. — Ela é inocente, segura de si e confiante demais. Nos cavalos e nos homens.

As sobrelombas cerradas de Hugh se ergueram.

— Ora! Pelo menos você está pensando em outra mulher. Ótimo! Era hora de colocar o assunto com Margaret de lado e partir para um novo romance.

Robert cruzou os braços, e seu sangue enregelou-se diante da menção daquele nome.

— Não estou procurando por outro romance. — Calou-se, olhando para a frente. — Eu daria qualquer coisa para impedir Margaret de... — A voz vacilou, e ele calou-se, sem intenção de revelar o tamanho de sua mágoa a Hugh.

— Você fez o que podia, dadas as circunstâncias e o que sabia na ocasião. Que homem honrado pode entender o tipo de perversidade que espreita no coração de uma bela mulher?

Robert endireitou os ombros.

— O que está feito, está feito. Os espólios de guerra estão esperando por mim. A riqueza chama.

Uma risada ressoou na garganta de Hugh.

— Existem apenas três maneiras de um filho mais novo fazer fortuna, ou, no seu caso, conquistá-la de volta. A guerra, os torneios, e o casamento. Olhou para Eldswythe e

sorriu.

— Casamento é o mais fácil, eu creio, embora alguns possam contestar. Pena que ela seja filha do conde de Crenalden e você é um Breton. A moça é bonita, o pai é rico, e as terras do dote fazem limite com as suas. Não uma grande extensão, mas ricas e estrategicamente situadas ao longo do rio. Você poderia apelar para...

— As terras de dote são minhas, roubadas de minha família. Existem coisas que não farei, nem por dinheiro nem por terras.

Hugh agachou-se ao lado do fogo.

— Então está decidido a deixar a Inglaterra e procurar sua fortuna nos desertos do Oriente? Você deveria ficar. Aposente o Cavaleiro Negro do circuito de torneios e case-se bem, meu amigo. Existem mulheres lá fora. Prepare-se para o dia em que terá de assumir o lugar de seu irmão para resgatar o que sobrou do domínio de sua família. Não arrisque a vida novamente nas liças, e principalmente numa guerra na qual você não acredita.

— Fiz um juramento de lutar pela cristandade. Mantereí minha palavra e zarparei para Acre.

— Digo isso como seu amigo. Fique aqui. O rei precisa de você. Hillsborough precisa de você.

— Não tenho laços que me prendam à Inglaterra. Henrique está doente e angustiado. É o momento certo para eu me elevar na Corte de Eduardo.

O alazão de Robert relinchou em meio à bruma. Instintivamente, Robert aproximou-se das ondas. O que estaria a feiticeira fazendo além do véu da neblina?

Hugh esticou-se na areia com as mãos atrás da cabeça, e afundou no sono, a caneca a descansar sobre o peito.

Robert ficou parado, em silêncio, envolto em névoa e escuridão. Lembrando-se de Margaret. Da lança se partindo logo acima de seu coração. Da dor dilacerante correndo por seu ombro e seu pescoço. Do relinchar agonizante de seu cavalo e dos gritos no tablado ao lado da liça. Da multidão berrando: "O Cavaleiro Negro foi derrubado!"

Seu corpo havia se curado, mas ele ainda ostentava a cicatriz rude da traição. Desde aquele instante, um ano atrás, confiava em poucas pessoas, preferindo a companhia dos cavalos. E no dia de hoje, não havia ninguém que tivesse vindo lhe dizer adeus. Mas isso não importava. Havia paz na solidão e na treva do oceano.

Uma voz suave e calma soou na brisa. Eldswythe cantava para o alazão, enquanto soltava o cabresto do cavalo e coçava-lhe abaixo do focinho.

Robert imaginou Eldswythe em sua cama, os dedos longos escorregando devagar por suas costas, as pernas sedosas enroscadas às suas. Os músculos sob a cicatriz em seu pescoço relaxaram e suavizaram-se conforme a tensão se dissipava.

Então, o volume entre suas pernas começou a latejar.

Com um gesto brusco, ele pegou um odre de vinho e arrancou a rolha com os dentes. Precisava de uma bebida forte para tirar a feiticeira dos cavalos de sua cabeça.

De pé na beira da praia, Eldswythe observou a alvorada subir no horizonte. A maré baixara. A areia parecia neve derretida. Os cavalos estavam inquietos. Remexiam-se e sacudiam as caudas.

O limpador de estêreo estava ao seu lado, segurando as três cordas. Fitou-a, preocupado. Ela sorriu para reconfortá-lo, mas escondeu as mãos trêmulas nas costas. E se tivesse errado o diagnóstico?

Cansada e faminta, ela olhou ao longo da praia. Os homens tinham se reunido às centenas ali, as expressões cheias de ceticismo. Seu pai, sério e solene, rodeado pela guarda real, andava de um lado para o outro na frente da tenda do príncipe.

O escrevente estava de pé ao lado da carroça vazia, os olhos divididos entre a multidão, o pai de Eldswythe e os cavalos de Robert.

O príncipe Eduardo, o próprio Pernas-Longas, postava-se em silêncio à frente da multidão, com seu conselho particular, condes e barões de aspecto sombrio, ao lado.

Olhava para, Eldswythe, em expectativa.

Robert estava do lado do jovem príncipe, seu porte tão régio e imponente como o do homem que seria um dia o rei da Inglaterra. E também olhava para Eldswythe.

Com as saias ensopadas agarrando-se as suas pernas, ela pegou uma corda das mãos do garoto e tirou o alazão da água. Correu pela praia, os pés descalços afundando na areia macia enquanto o alazão trotava a seu lado. O garoto e os outros cavalos a acompanharam bem de perto. Todos os três cavalos mostravam uma passada veloz, sem pisar em falso nem mostrar qualquer sinal de dor ou debilidade.

A multidão irrompeu em aplausos.

Eldswythe respirou fundo, aliviada. Acenou para o pai, muito sério. Mas sua alegria sumiu quando Robert atravessou a areia e parou diante dela. Pegou a corda do alazão de suas mãos.

— Ele parece bastante bem sem um cavaleiro às costas. Agora, vou colocá-lo em teste. — Afastou-se, passou a corda pelo pescoço do animal e o montou. Como se por algum sinal silencioso, o cavalo partiu num trote e depois irrompeu num galope. Desceu a praia a toda velocidade, os cascos imprimindo marcas na areia antes que as ondas as apagassem.

Umas duzentas jardas mais além, os dois estacaram, o cavalo deslizando nos quartos musculosos, quase se agachando na areia. Robert inclinou-se ligeiramente para a esquerda, e o enorme alazão ergueu as patas dianteiras, fez meia-volta e pousou-as no chão, do outro lado. Então, sentou-se nos quadris e virou-se de novo, desta vez executando um círculo completo, girando em torno do eixo das patas traseiras, escavando crateras na areia.

Robert continuava firme, colado ao dorso do cavalo, em perfeito equilíbrio com o garanhão, sem tocar a corda ou abaixar as mãos para tocar-lhe a cernelha.

Era impressionante de se observar.

Em transe e deslumbrada, Eldswythe não recuou um passo quando Robert e a montaria investiram em sua direção. O enorme cavalo veio em disparada até parar bem a seu lado, espirrando areia e água pelo corpete de seu vestido azul e em sua face. Ergueu as patas e resfolegou, o bafo quente.

Robert saltou, e jogou a corda pelo pescoço do alazão.

— Você é confiante ao ponto da estupidez, milady. Eu poderia tê-la atropelado.

— E poderia ter parado muito antes. Depois dessa exibição, sei muito bem do que o senhor é capaz. — Arqueou uma sobancelha e levou as mãos aos quadris.

Uma pitada de malícia dançou nos risonhos olhos acinzentados de Robert

— Barstow e meus outros cavalos a agradecem, lady Eldswythe. A senhora os curou. Investi tudo o que possuo nesta cruzada, e não me sobrou muito para lhe oferecer em pagamento. — Tirou as luvas e enfiou-as no cinto.

— Não espero nenhum pagamento, senhor.

— Então, por favor, aceite um símbolo de minha gratidão. — Tomou-lhe as mãos nas suas e depois abaixou a face para a dela.

O sol da manhã formou um halo resplandecente atrás da cabeça de Robert e as sombras borraram suas feições. Cega pela luz e tomada de surpresa, Eldswythe continuou rígida no lugar. Antes que pudesse protestar, ele a beijou, uma vez em cada face, à maneira da corte francesa, com toda a formalidade e deferência de um nobre cavaleiro.

Contudo, o ato em si era sensual e lascivo. Sutil e excitante.

Os braços de Eldswythe, tão moles como cordas, caíram ao lado do corpo. O cheiro daquele homem, de cavalos e de couro, encheu suas narinas conforme ela puxava a respiração, assustada. Os lábios de Breton mal haviam tocado sua face, contudo fora o bastante. O bastante para ela imaginar qual seria o gosto dele, o bastante para saborear por um instante o calor daquela boca em sua pele.

Um calor lânguido subiu de seu ventre, derretendo o que restara de sua indiferença. Ela não tinha idéia do que sentia, tamanho querer e desejo. Uma sensação que ela jamais conhecera antes e que não entendia.

Só com um beijo na face.

Alarmada, recuou um passo e olhou para o pai. Se ele detectara qualquer impropriedade, não havia sinal, graças a Deus. Mas os guardas do príncipe os observavam com as mãos nas espadas.

O escrevente, carregando uma pilha de livros, parou ao lado do conde de Crenalden, falando em voz baixa. Então, apontou para a tenda do príncipe. O velho conde deu um único passo, parou e lançou um olhar de advertência na direção de Eldswythe antes de seguir o escrevente.

A voz suave de Robert soou acima das ondas.

— Lady Eldswythe, eu não mancharia sua reputação, nem me arriscaria a um desafio por parte de seu pai beijando-a mais... mais intimamente... em público. Porém, devo admitir, imagino o que esses seus lábios de rubi fariam se eu respondesse a esse convite mudo. — Sorriu. — Você salvou o dia. A moral de todos melhorou muito, tanto quanto a minha.

Aqueles eram os dentes mais brancos e perfeitos que ela já vira algum dia.

Mas, que negócio era aquele de... lábios de rubi? Convite mudo?

Suas faces queimaram, ruborizadas.

— Ofereci minha ajuda, e o senhor caçoa de mim? É mal-agradecido e arrogante, sir Robert, e não se envergonha nem um pouco.

Plantou as duas mãos no peito dele e o empurrou, com toda a força, derrubando-o de costas.

Robert sentiu os pés fugir de sob o corpo. Aterrissou de traseiro com um chapinhar de água conforme uma onda leve lavava suas pernas e a parte inferior do corpo.

A multidão explodiu em gargalhadas. Os homens batiam nas coxas e uivavam, aplaudiam, assobiavam.

Eldswythe deu um passo curto para trás, chocada com o próprio comportamento. Em seguida, cobriu a boca com as mãos para esconder o riso.

— Eu... eu sinto... muito — resmungou, por trás dos dedos, abafando a risada. Não pretendia derrubá-lo.

Robert ergueu os olhos e a encarou.

— Milady, enganou-se ao dizer que a água leva embora o calor. Está bastante fria, mas depois de beijá-la, estou em fogo aqui embaixo. — Inclinou a cabeça para trás e riu, uma risada profunda e visceral, as longas coxas cruzadas uma sobre a outra. — Acho que preciso ficar sentado aqui por um minuto, a menos que queira revelar mais do que pretendo.

Eldswythe sentiu o calor subir por suas faces. A risada dos homens às suas costas aumentou.

Robert saltou de pé, a água pingando de sua túnica e escorrendo pelas pernas.

— Você pode sentir muito, mas eu não estou arrependido, lady Eldswythe. Por meus atos, passados ou presentes, não tenho nada a lamentar.

Sem aviso, ele tomou-lhe as mãos nas suas, outra vez, e disse em voz baixa:

— Nada a lamentar a não ser uma coisa, milady. Que eu tenha de deixá-la aqui. — Apertou-lhe os dedos. — Não esquecerei a feiticeira de cavalos vestida de azul que curou minhas montadas e me beijou com o coração, se não com os lábios.

Eldswythe puxou as mãos, libertando-as.

— Não sou uma feiticeira, sir Robert, e não o beije! Não com isso — levou a mão ao peito —, nem com qualquer outra parte do corpo!

As palavras escaparam de sua boca antes que ela se desse conta. Envergonhada, cobriu os olhos com a mão. A multidão explodiu em vaias. Robert soltou uma gargalhada.

— Lady Eldswythe. Tão inteligente e, no entanto... tão pouco escolada. Uma combinação atraente.

Ela respirou fundo e depois cruzou os braços.

— Sir Robert, seus cavalos estão recuperados. Pode levá-los consigo. Vá com Deus.

Ele afastou-lhe um cacho rebelde de cabelos da testa.

— Lady Eldswythe, marque minhas palavras. Nós nos veremos outra vez — murmurou. — Deus a proteja enquanto eu estiver em Acre. Reze por meu retorno.

Inclinou-se numa reverência cordial e caminhou para a multidão que se abriu, com Barstow a segui-lo.

Eldswythe mordeu o lábio inferior. Aturdida e confusa, olhou para o príncipe, que estava de pé a observar das dunas; a esposa, muito pálida, ao lado e em silêncio. Eduardo alisou a barba vermelho-amarelada, inclinou a cabeça regia e sorriu, como se tivesse ouvido tudo.

Lá pela metade da manhã, tendas, armaduras e provisões foram todas embarcadas em escaleres abarrotados de carga, os quais fariam o transporte de gente e de bens para os navios à espera.

Eldswythe apertou a mão do pai. Juntos, viram o jovem Simão Uma Orelha conduzir o cavalo malhado de sir Robert para águas mais fundas. De repente, o moleque subiu no cavalo e, agarrado ao seu pescoço, fez o animal nadar.

— Santo Eustácio, tome conta de Simão e dos cavalos — pediu.

Cansada e com fome, ela recostou-se no ombro do pai.

Aqueles últimos minutos ao lado dele seriam os derradeiros por meses ou anos. Talvez para sempre. Engoliu o nó na garganta, recusando-se a ver as velas dos navios distantes desdobrar-se e se enfunar com o vento que levaria seu pai embora.

O conde passou o braço pelos ombros da filha.

— Eldswythe, eu não deveria tê-la deixado abandonada no convento. Por favor, não espere o meu retorno. Case-se com o conde de Gloucester. Assim que ele receber a permissão do rei, você dois devem se casar. Você precisa de um marido.

Eldswythe abaixou os olhos para ocultar a relutância. O conde de Gloucester, o melhor amigo de seu pai, tinha duas vezes sua idade. Contudo, quem haveria de querer uma feiticeira de cavalos por esposa, maculada pela suspeita e, por isso, detestável? Ela deveria sentir-se grata de que alguém quisesse desposá-la, apesar de tudo.

Fitou os olhos suplicantes do pai. Não o desapontaria.

— Eu me casarei com o conde de Gloucester, papai — murmurou. — E vou esperar sua volta. Sei que voltará.

O pai afagou-lhe as mãos.

— Tome conta de Isolda. — Voltou-se para o mar turbulento. — Não era para o bebê viver e seu nascimento quase lhe custou a vida. Eu me culpo por isso. Tenho medo de que ela ainda possa morrer.

Eldswythe pousou a mão no braço do pai.

— Papai, não foi culpa de ninguém. Vocês se amam, e ela queria que o senhor tivesse um filho. Fique tranquilo, ela não vai morrer.

Isolda, a segunda esposa de seu pai, era uma alma frágil e débil de corpo e de espírito. No entanto, Eldswythe a considerava uma amiga.

— Filha, tudo cabe a você agora. Consulte meu senescal a respeito dos negócios. Venda os cavalos se precisar de dinheiro. Conserve o ganhão espanhol se puder. — O conde puxou-a e apertou-a contra o peito.

Com um sentimento indefinível, ela comprimiu o rosto ao peito do pai, desejando

recordar-se do carinho para sempre. Ansiava para pedir que ele não fosse, que não a deixasse ali sozinha. Mas não o fez.

Assim, o conde e seu escudeiro embarcaram. Logo, os escaleres, carregados de gente e de carga, subiam e balançavam nas ondas, afastando-se cada vez mais pelo mar. À distância, dois dos dez navios que transportavam o exército do Pernas-Longas já havia zarpado.

Eldswythe sentiu as pernas tremer, e custou-lhe cada grama de coragem manter-se em pé. Entorpecida pela incerteza e pela sensação de perda, ela mal notou o escrevente que remexia os pés a seu lado. Ele bateu em seu ombro, e depois lhe entregou um pequeno pergaminho.

— Milady, o príncipe Eduardo ordenou que lhe entregasse isto. Uma recompensa por seus serviços de hoje. Um presente do rei.

Arrancada de suas preocupações, Eldswythe desenrolou o pergaminho.

— Uma escritura de dote? Meu pai me disse para cuidar de Crenalden; não falou nada a respeito de dá-la a mim...

— Se seu pai morrer, não deixa nenhum filho como herdeiro. Milady é a única descendência. O castelo de Crenalden e as propriedades são seus, e permanecerão dentro da restrição sucessória da Coroa.

Eldswythe sentiu o sangue ser drenado de suas faces. Entregou o pergaminho ao escrevente.

— Conheço a lei, bom senhor. Isso é prematuro. Meu pai não está morto. Resta-lhe tempo suficiente para ter outro filho.

O escrevente soltou um suspiro exasperado. Empurrou o pergaminho de volta.

— Na ausência de seu pai, não deve haver disputa com relação à propriedade do castelo de Crenalden ou das terras.

Eldswythe hesitou.

— O que aconteceu? O que quer dizer com não deve haver disputa?

Um tinir de esporas e cotas de malha soou atrás dela. Eldswythe virou-se e se deparou com sir Robert caminhando pela praia, diretamente em sua direção.

O que, em nome do demônio, ele estava fazendo ali? Deveria estar zarpando para Acrel. As veias dos dois lados de seu pescoço latejavam, e a face queimava de vermelha quando ele parou perto dela e olhou furioso para o escrevente.

— Por que o limpador de estêreo não voltou para levar meus outros cavalos a nado para os navios? E meus próprios remadores não esperaram por mim, apesar de minhas ordens. Estou sendo deixado para trás, deliberadamente. Exijo uma explicação!

O escrevente pigarreou e enxugou o suor da testa.

— O mensageiro do rei Henrique chegou nessa última hora que passou, senhor. John Gilroy tomou Billingsworth. Reuniu aliados. Seu apetite para roubar a Coroa precisa ser refreado.

Os olhos de Robert faiscaram de raiva. Instintivamente, Eldswythe deu um passo para trás, e um gosto amargo subiu por sua garganta. John Gilroy proclamava-se filho ilegítimo de seu pai e o nome dele era proibido de ser pronunciado em Crenalden. O fato de Robert demonstrar também uma reação tão visceral a John Gilroy a surpreendeu.

O escrevente tirou uma carta dobrada da manga de veludo.

— O rei indicou o senhor, sir Robert, para isso. Com o senhor liderando o poderoso exército de Hillsborough, ele pode ser dominado.

Entregou a carta a ele.

Conforme Robert lia a missiva, a raiva dissipou-se de sua face. Com os lábios crispados, ele relanceou os olhos para Eldswythe e, então, dobrou a carta e a enfiou dentro do cano da bota.

O escrevente apontou para Eldswythe.

— A senhora precisa aprontar as defesas de Crenalden, lady Eldswythe. Gilroy

está marchando rumo às suas terras enquanto estamos aqui conversando. Sir Robert irá acompanhá-la até sua casa e juntar-se ao conde de Gloucester, que espera com o exército do rei pelo ataque preventivo e sob o comando de sir Robert.

O ar foi expulso dos pulmões de Eldswythe como se ela tivesse sido golpeada com uma tábua.

— Crenalden sob ataque? E o senhor sabia disso uma hora atrás? Ah, então essa é a razão de ter me presenteado com uma escritura!

— Exatamente, milady — retrucou o homenzinho. — O rei quer que o conde fique com o príncipe Eduardo. Seu pai conhece os infiéis malignos e aquela região esquecida por Deus. Caso soubesse das ações de Gilroy, ele nunca arredaria o pé para fora da Inglaterra. O rei precisa dele para guiar e manter o príncipe Eduardo em segurança. Certamente milady pode entender, não é? E a Inglaterra precisa saber que a senhora é a herdeira sancionada do conde. Crenalden não deve ser tomada.

Eldswythe tentou recuperar o fôlego. Perscrutou o mar, buscando algum sinal do navio de seu pai. A irrevogabilidade da situação pesou em seu coração como uma pedra. Mesmo assim, ela não conseguiu aceitar o fato.

— Mas eu vi o limpador de estéreo levar o garanhão malhado de sir Robert a nado até os navios!

O escrevente inclinou a cabeça.

— Sir Robert deu o cavalo de presente ao escudeiro de seu pai.

Eldswythe olhou para Robert, surpresa. Ele realmente dera um de seus mais caros e premiados cavalos ao escudeiro de seu pai? Ora, era um Breton! O que estava tramando? O que dizia aquela carta?

— Reconheço que não posso assumir essa responsabilidade sozinha, mas como pôde o rei ordenar que ele... — apontou o dedo esguio para o peito de Robert —, um Breton, defenda Crenalden? Esqueceu-se da inimizade entre nossas casas? Eu ouvi as acusações que ele fez sobre meu pai...

Robert explodiu:

— Ele deixou meu pai morrer, talvez até mesmo o tenha assassinado. Ficou olhando enquanto os bandidos de Crenalden matavam nossos pastores e cinquenta ovelhas de nosso rebanho e, depois, reclamou minha terra e...

— Como ousa acusar meu pai de tamanho crime?! Aqueles homens não eram de Crenalden. Nossos aldeões soltaram o rebanho dos Breton para pastar junto ao rio, nossa terra mais rica, meu dote...

O escrevente ergueu a mão.

— Parem! Vocês dois! — berrou. — A soberania do rei da Inglaterra, está em risco. Ponham de lado as diferenças. O rei e o país precisam vir em primeiro lugar.

Apontou para as dunas a poucos passos de distância, onde dois cavaleiros montados, de expressões azedas, se postavam lado a lado. A criada de Eldswythe, pálida, estava de pé ao lado deles, torcendo as mãos.

O escrevente continuou:

— Sir Hugh e sir Thomas foram convocados também.

— Sir Robert, apresse-se a chegar a Crenalden com lady Eldswythe e a criada, e assuma a tarefa que temem mãos. Tudo está pronto.

— Honrarei o pedido de meu rei. Mas, quanto a escoltar as senhoras de Crenalden pelo interior... faríamos um tempo melhor sem elas.

A voz do escrevente ressoou vibrante.

— O senhor não pode deixá-las sozinhas. Sei que detesta ter perdido seu investimento nessa campanha. Mas vai encontrar outro meio de encher seus cofres vazios.

Barstow relinchou e arranhou o chão, refugando um pouco. Bertrada se encolheu. Robert falou em voz baixa com o garanhão. O cavalo piscou e, então, acalmou-se.

Os pelos nos braços de Eldswythe se eriçaram. Ela nunca vira um cavalo tão em sintonia com o dono, como Barstow. Reconheceu o poder de Robert. O poder sobre e cavalo e, se ela não tomasse cuidado, sobre ela própria.

Engoliu em seco, sufocando o medo. Por que seu pai tivera de partir? Ao olhar para o pergaminho amassado em sua mão, ela ergueu o braço e se virou para o oceano, a água a menos de vinte passos de distância.

A voz do escrevente elevou-se:

— Lady Eldswythe, não culpe o príncipe por lhe dar Crenalden e enviar Robert Breton para ficar a seu lado. Foi idéia de Sua Alteza, a princesa Leonor.

Eldswythe virou-se, espantada.

O escrevente relanceou os olhos para Robert e suspirou.

— Creio que a princesa acha que vocês dois merecem um ao outro. — Esfregou os olhos fundos. — Depois de lidar com ambos, eu concordo.

Como poderia a princesa Leonor acreditar que um Breton e a filha do conde de Crenalden enfrentariam um inimigo mútuo juntos? Eldswythe não desejava uma aliança forçada, e Robert deixara claro que preferiria obedecer à ordem real sem tê-la ao lado. Nisso, eles estavam de acordo.

Entretanto, o castelo de Crenalden era seu lar, o único lugar que ela realmente amava.

Enfiou a escritura na sacola. Preferiria lutar ao lado de um Breton do que deixar John Gilroy ganhar as terras. As colheitas e as vilas que Gilroy devastaria iriam dizimar sua gente.

O escrevente real entrou no último escaler, aquele que transbordava de extraviados e cavaleiros indecisos.

— Uma última coisa, lady Eldswythe — ele se lembrou, quando já se afastavam. — A princesa pediu-me para indagar. Onde aprendeu suas habilidades com os cavalos? Quem foi seu professor?

Eldswythe enxugou o borrico salgado do mar das faces.

— Veio de Acre.

O escrevente arqueou as sobrancelhas com uma admiração respeitosa.

— Um homem letrado?

— Uma mulher — respondeu Eldswythe. Seus olhos cravaram-se nos de Robert. — Ela me ensinou tudo o que eu sei.

Robert segurava as rédeas da montaria dela, e sua voz soou impaciente.

— Apresse-se, milady. O exército de Gilroy está avançando. — Ajoelhou-se, oferecendo o joelho dobrado como degrau para ajudá-la a montar.

De queixo erguido, ela agarrou um punhado da crina de Ceres, saltou para a sela sozinha e, então, inclinou-se e pegou as rédeas das mãos dele.

— Então, senhor, devemos acertar o passo. Enfiando os calcanhares nos flancos do cavalo, disparou na frente.

Capítulo III

Pelas barbas do Senhor, seu traseiro estava dolorido! Tinham cavalgado por horas a fio e mal parado para que os cavalos descansassem. O ar na floresta tornara-se frio, úmido e cheirando a mofo e madeira podre. Um contraste agudo com o vento seco e o calor radiante do sol à beira-mar.

Eldswythe puxou o manto por sobre os ombros. Normalmente, considerava aquela parte da floresta de Belway um santuário. Porém, agora, a mata parecia sobrenatural, envolta em maus presságios.

Nuvens negras reuniam-se, cobrindo a floresta ainda mais de sombras. Eldswythe olhou para Bertrada. Na garupa de sir Hugh, a pobre criada tinha o rosto pálido e cheio de medo.

Hugh resmungou.

— Há um jeito mais rápido de chegar a Crenalden, lady Eldswythe? Eu preferiria acampar no inferno a passar a noite em Belway.

— Há bruxas nesses bosques, sir Hugh — Bertrada murmurou. — Feiticeiras. Minha irmã me disse que viu uma saltar num garanhão enquanto o dono estava ocupado urinando. O sujeito nunca mais viu a montaria... Hugh riu, os olhos brilhando.

— Ora, sra. Bertrada, lutei com um dragão uma vez, e agarrei um grifo pelo rabo e comi as asas no jantar.

A boca de Bertrada escancarou-se de espanto. Robert soltou uma risadinha quando Eldswythe lançou um olhar reprovador para Hugh.

— Não existe caminho mais curto, sir Hugh. Eu costumava brincar aqui quando criança e nunca vi uma feiticeira de cavalos. Deus sabe, se alguém visse uma, seria eu, já que todos parecem acreditar que sou uma delas. — Eldswythe apontou para o cume da colina que se erguia acima da linha das árvores. — Estamos apenas a uma légua de distância do castelo de Crenalden. O senhor, sir Hugh, sir Thomas e sir Robert, são bem-vindos para passar a noite ao lado da lareira, se se dignarem a pôr os pés na casa de meu pai.

Robert olhou para Eldswythe de soslaio.

— Se houver um fogo quente e comida, aceitaremos. Esperemos que o povo de Crenalden possa tolerar os Breton no meio deles.

Eldswythe não respondeu, irritada que estava. Esticou a cabeça de um lado para o outro, distendendo os músculos do pescoço e dos ombros. O castelo de Crenalden estava logo além da colina, mas a falta de sono e a nova responsabilidade que pesava em seus ombros ameaçavam dominá-la. Oitocentas pessoas, talvez mais, viviam na fortaleza de seu pai e na vila, e todos contariam com ela enquanto seu pai estivesse longe. Como iria se arranjar se Gilroy atacasse? No convento, ela estudara latim e grego, porém, nunca estudara planos de guerra. Agora, a responsabilidade recaía sobre ela, e com a maior parte do exército do rei fora, rumo a Acre, Robert Breton, um homem que ela desprezava desde que era pequena, era seu único aliado.

De repente, Hugh e Thomas puxaram as rédeas das montarias e sacaram as espadas. Agarrando o cavalo de Eldswythe pelas rédeas, Robert obrigou-o a parar.

— Qual é o prob...

Ele apontou para a colina além das árvores.

Eldswythe empertigou-se na sela. O som de um aríete martelava o ar e o estrondo de pedras desabando ecoava como um trovão distante. Do ponto mais alto da estrada, ela viu a catapulta. E um exército espalhado pelos campos, até onde sua vista alcançava.

O castelo de Crenalden estava sob cerco.

A fumaça subia do portão da guarita e o cheiro de óleo queimado e madeira chamuscada enchia o ar. O aço retinia contra aço e as pedras estalavam enquanto gritos de agonia e brados de guerra ecoavam pelo céu.

Eldswythe arquejou, a boca entreaberta. Bertrada ergueu a cruz que usava no pescoço e levou-a aos lábios.

Robert apontou para a mata.

— Hugh, leve as mulheres para fora da estrada e de volta à floresta. Espere lá enquanto Thomas e eu procuramos Gloucester. Onde está o exército do rei? — Fazendo Barstow dar meia-volta, saiu em disparada pela estrada, com Thomas logo atrás.

O estômago de Eldswythe revirou-se. Como o exército de Gilroy chegara até ali tão depressa?

Hugh sacou a espada, o semblante cheio de preocupação. Agarrou Ceres pela brida e puxou o cavalo pela mata adentro. Bertrada soluçava sem emitir um som sequer, sacudindo os ombros.

Com o peito arfando, Eldswythe lutou para permanecer composta, o medo a lhe retorcer as entranhas.

— Sir Hugh, o que Gilroy fará com as pessoas no castelo?

— Matará o pessoal que não tiver utilidade para ele. Os jovens, os velhos e os doentes. O restante será forçado a jurar lealdade a ele, ou enfrentarão a espada.

Uma onda de náusea subiu do estômago de Eldswythe. Havia crianças no castelo. E Isolda, doente com a febre pós-parto. Khalif, ainda sarando da doença, estava nos estábulos.

— Por que, sir Hugh? Por que o rei não parou Gilroy mais cedo?

Hugh respirou fundo e a encarou.

— Gilroy pagou pelos navios que o príncipe Eduardo precisava para a Guerra Santa.

Santa Maria! Como o rei da Inglaterra pudera ser tão tolo, tão desesperado?

Uma determinação ousada a invadiu. Ela não ficaria sentada ali sem fazer nada. Com as mãos trêmulas, ergueu as rédeas e esporeou Ceres a um galope.

— Milady, pare!

Ela olhou por sobre o ombro para Hugh. Com Bertrada agarrada às costas, e um cavalo de carga amarrado de lado, ele já ficara bem para trás, as pragas e imprecações cada vez mais abafadas e distantes.

Com os pés calcando os lados da montaria, Eldswythe gritou:

— Mantenha Bertrada em segurança. Vou encontrar sir Robert. Conheço um jeito de tirar Khalif, Isolda e os outros para fora.

A escuridão amortiou os bosques quando Eldswythe e Ceres seguiram pela trilha estreita até a beira da clareira. Ela procurara por Robert e Thomas durante horas sem sucesso e, agora, o ar ao redor estalava com a ameaça de chuva. Uma tempestade estava vindo.

Não havia como voltar para Bertrada e Hugh. Os bosques enxameavam de soldados que procuravam por sobreviventes. Ela podia ouvir suas vozes, seus cavalos, e o som das espadas enterrando-se nos arbustos. Fogueiras, centenas delas, bruxuleavam nos campos abertos e a névoa fumarenta da batalha que subia acima do castelo borrava o luar. Sua garganta apertou-se. A cada farfalhar das moitas, ela se sobressaltava, e Ceres passarinhava. Sua tentativa estúpida de encontrar Robert e Thomas era tão clara quanto um novo dia.

Espadas retiniram. Cavalos bufaram logo atrás dela. Vozes de soldados. Deus do céu! Ela fora avistada!

Com os soldados fluindo pela floresta e um exército acampado nos campos, havia apenas um lugar para fugir. Nas sombras da linha das árvores, rumo ao rio.

Debruçada sobre o pescoço de Ceres, Eldswythe incitou a égua a um galope e seguiu na direção da margem coberta de cascalhos do rio.

Tornou a olhar para trás. Um cavaleiro solitário se aproximava; um cavaleiro com uma capa escarlate e um elmo que lhe ocultava a face. A cada passada, a distância entre eles ficava mais curta. Ela podia ouvir a respiração ofegante e o som dos cascos do cavalo sob seu corpo, e o do homem logo atrás.

Então, um baque estrepitoso em suas costas arrancou-a da montaria.

Eldswythe rezou para poder pelo menos cair no rio.

Bateu nas pedras. Com força.

Rolou para aterrisar de bruços. Sentiu a sacola sumir de seus ombros, as pernas se espalhar, as calçolas descer até os tornozelos. Ficou deitada ali, mal conseguindo respirar, o chão rodando. Gemendo, tentou erguer a cabeça.

Uma voz masculina advertiu-a ao alto.

— Não se mexa!

As patas enormes de um cavalo escavavam o chão, arrancando pedras. Pés calçados em botas, com esporas retinindo nos calcanhares, pararam apenas a centímetros de sua face.

— Você é lady Eldswythe?

A voz, dura e nada familiar, ecoou em seu cérebro entorpecido. Tonta e dolorida, ela encolheu-se quando um aço frio escorregou por sua canela e insinuou-se debaixo de seu vestido, erguendo a barra.

— Dizem que lady Eldswythe ostenta a marca do cavalo do demônio nas costas. Se não responder, tenho outro meio de extrair de você o que quero saber.

Ergueu-lhe o vestido. Com as pernas abertas e as calçolas em torno dos tornozelos, Eldswythe estava nua da cintura para baixo.

O ar frio da noite soprou, e ela balbuciou:

— Não sou ela, senhor. Eu juro. Tenha coração, senhor. Não faça isso.

— Não tenho coração, milady. Sem um, sou um juiz melhor de mulheres e de mentirosos. Se acha que pode me enganar, está errada.

Descansou a ponta da lâmina no traseiro nu de Eldswythe.

O medo a percorreu por inteiro. Ela fechou os olhos e esperou.

Oh, meu Deus! Fui descoberta. Por favor, faça meu fim ser rápido e me deixe conservar minha dignidade.

Para seu espanto, o cavaleiro fez a única coisa que ela não esperava. Riu.

— Por Deus, eu começava a duvidar de que você fosse ela, já que a famosa lady Eldswythe, conhecida por sua perícia com cavalos, não teria sido derrubada tão facilmente de uma montaria. Porém, você é ela... definitivamente é ela. Essa adorável fileira dupla de cicatrizes prova que estou certo.

Riu de novo e virou-a de costas, as saias enrolando-se em torno das coxas. Colocou os pés dos lados de seu corpo e comprimiu a ponta da espada em seu seio.

Eldswythe arquejou, lutando para levar ar aos pulmões maltratados.

— Quem é o senhor? — indagou, encarando, furiosa, os olhos que a espreitavam por baixo do elmo.

— Sou um homem que conhece uma mordida de cavalo quando vê uma. E você tem uma bem bonita em seu bumbum que deve ter doído como o diabo, embora eu duvide de que o demo tenha feito isso a você. Veja bem, isso em nada diminui a perfeição de seu traseiro. — Os cantos de sua boca viraram-se num sorriso malicioso.

— Diga seu nome. Preciso saber de quem é a mão que cometeu essa injustiça.

— Sou John Gilroy, comandante do exército que enxameia Crenalden como abelhas no mel. — Ele correu a ponta da espada pelo peito de Eldswythe, a urdidura do vestido azul arrebetando. — Estava procurando por você.

Eldswythe cravou os olhos nos dele.

— O conde de Gloucester está a caminho com reforços. Lidera um exército do rei. Você não vai ter êxito.

Ele riu.

— Gloucester? Foi capturado. E as tropas desordenadas do rei se retiraram. Entre a Terra Santa e a batalha com os escoceses, as atenções do rei Henrique ficavam divididas, para minha vantagem.

Eldswythe virou a cabeça, tentando ocultar o medo, e viu sua sacola caída no chão, fechada. Porém, sentiu que o olhar de Gilroy seguia o seu.

Com a ponta da espada ainda pousada em seu seio, ele inclinou-se e pegou a sacola. Abriu a fivela rapidamente, pegou o pergaminho e sacudiu-o para abri-lo.

Os olhos se estreitaram conforme ele lia.

— Uma escritura de dote? Declarando você como herdeira do conde? Ele sabia que Isolda de Albany morreu dois dias atrás, gelada na cama antes mesmo que eu chegasse aqui?

Um grito escapou da garganta de Eldswythe.

— Isolda!

Gilroy enfiou a escritura na sacola e, em seguida, lançou-a no rio, onde a bolsa rodou para depois afundar, engolida pela corrente.

— A escritura... — O sangue drenou-se de seus membros e deixou-a inerte.

Gilroy escorregou a ponta da espada até ficar acima do coração de Eldswythe. O aço frio espetou-lhe a pele e ameaçou fazer um corte mais profundo caso ela fizesse o menor movimento.

Ela o encarou com frieza.

— Mesmo que me mate, Crenalden não lhe pertencerá. Meu pai está vivo!

— Não sobreviverá à viagem. Meus homens providenciarão isso. — Ergueu-lhe a saia acima da cintura e forçou-a a separar as coxas.

— Pelo direito de conquista, eu reivindico o castelo de Crenalden e minha irmã.

Incapaz de fugir da ponta da espada, Eldswythe começou a gritar e espremer conforme Gilroy desabotoava a braguilha de suas calças. Então, pelo canto do olho, ela percebeu um movimento ao luar. Um cavalo, aproximando-se com rapidez. A terra tremia sob suas patas. No mesmo instante, Gilroy virou a cabeça para os lados e arregalou os olhos.

De repente, a face do bastardo sumiu de vista, e Eldswythe saltou de pé. Gilroy rolava pelo chão, a mão agarrada ao seu elmo amassado. A espada, arrancada de sua mão, reluziu pelas pedras e equilibrou-se na margem do rio antes de cair nas águas turvas.

Limpando a lama dos olhos, ela os apertou para ver Barstow sacudindo a gigantesca cabeça, a brida entre os dentes, a contê-lo.

Robert o montava. Sacou a espada e apontou-a para Gilroy.

— Caso eu não tivesse puxado as rédeas de meu cavalo, o choque teria matado você. Mas o rei prometeu ouro a qualquer um que o leve até ele, vivo. Você vale mais com a cabeça presa ao corpo. Caso contrário, eu a deceparia.

Gilroy arrancou o elmo da cabeça. Fez uma careta, as feições retorcidas de dor, embora conservasse os olhos cravados em Robert.

— Ah, Robert Breton, o Cavaleiro Negro. A última vez que nos encontramos foi nas liças em Smithfield. Eu poupei sua vida naquele dia. Agora, devolva-me o favor e deixe-me ir embora.

Robert, com o semblante ameaçador e mortal, fez Barstow aproximar-se um pouco

mais.

— Não faço concessões a um homem que não tem honra; um homem que engana e abusa de mulheres. — Pegou um pedaço de corda da sela e tirou os pés dos estribos. — Fique de joelhos e ponha as mãos atrás das costas.

Gilroy arrastou-se de joelhos e inclinou a cabeça. Mas, apenas por um momento.

Agarrando Eldswythe pelos cabelos, sacou um punhal de dentro da bota e levou a arma até o pescoço da jovem.

— Minha liberdade pela vida dela.

Barstow, de repente, refugou e bufou, as patas dianteiras ferindo o ar e depois batendo com força no chão. Um relincho de estourar os tímpanos saiu da garganta do animal.

Eldswythe sentiu o aço frio e rijo contra o pescoço. Desesperada, agarrou o braço de Gilroy e balbuciou:

— Por favor. Por fa...

Gilroy puxou-a para mais perto. Ergueu-lhe o queixo com a beirada do punhal.

— Controle seu animal, sir Robert.

Robert, porém, não se moveu. Mas o enorme cavalo recuou, as patas raspando as pedras.

Com os lábios colados à face de Eldswythe, Gilroy fez uma trilha de beijos pelo lóbulo de sua orelha.

— Pena que nunca tenhamos nos conhecido... Seu pai, no entanto, conhecia minha mãe muito bem.

Ela arquejou, e depois limpou o rosto com as costas da mão.

— Que mentira vil...

Gilroy soltou, uma risada. Ouvira os gritos de seus homens e já se sentia mais seguro. Empurrou Eldswythe de lado.

— Não é mentira, milady. Estou de olho no castelo de Crenalden desde que tive idade suficiente para urinar em pé. Na ausência de seu pai, vim buscar o meu direito.

Virou-se, agarrou o cavalo pela orelha e tentou puxá-lo para a frente. O animal recusou-se a se mover.

Eldswythe cambaleou para trás, incapaz de compreender as palavras de Gilroy. Não era possível que aquele assassino traiçoeiro fosse filho de seu pai. Seu meio-irmão.

Robert levou Barstow para mais perto de Eldswythe. Apontou para as luzes das tochas que se aproximavam, o brilho clareando os campos.

— Vamos — ordenou, estendendo a mão a ela. Gilroy puxou a orelha do cavalo com mais força, obrigando o animal a se render. Então, dirigiu-se a Eldswythe.

— Está cavalgando com o demônio disfarçado, minha irmã. Já imaginou o que Robert Breton espera ganhar vindo em sua ajuda? Ganho minha fortuna na guerra, mas ele prefere tomá-la de mulheres insuspeitas. Pense em Margaret de Suttony. Ele já seduziu você também?

Eldswythe levou a mão ao rosto, e um calor subiu por suas faces.

Gilroy sorriu, divertido.

— Deus do céu, Breton! Pensei que não houvesse tempo... Como faz isso?

A raiva faiscou nos olhos de Robert, e ele ergueu a espada, o braço tenso, pronto para atacar.

Gilroy recuou um passo e, então, jogou as rédeas sobre a cabeça do cavalo e enfiou o pé no estribo. O luzir de uma arma, uma lâmina, projetou-se do alto da bota.

Eldswythe jogou-se na frente da montaria e sacudiu os braços acima da cabeça, gritando:

— Não!

O cavalo empinou e saltou para trás, arrastando Gilroy com ele. Quando por fim seu pé escorregou do estribo, ele desabou no chão a alguns passos de distância, o

punhal perdido. O cavalo, em pânico, desceu pela margem do rio, bufando e corcoveando.

Eldswythe estremeceu. A dor latejava em suas têmporas, passando para trás dos olhos e obrigou-a a fechá-los. Com a mão na testa, ela comprimiu os dedos entre as sobrancelhas. Deus do céu, o que acontecera? Ela não esperava que o cavalo reagisse com um medo tão extremo. Não era natural.

Gilroy cambaleou, tentando ficar de pé, limpando a lama e o sangue da boca.

— Feiticeira de cavalos! Eu tenho Crenalden e juro a você que espetarei sua cabeça numa lança. — Apontou para os campos. — Vocês não têm para onde fugir.

Flechas começaram a chover enquanto homens gritavam, correndo dos campos para a margem do rio.

Robert agarrou Eldswythe pelo braço e içou-a até sentá-la ao seu lado, conforme as flechas voavam por toda a parte. Virou a montaria para o rio.

Ela passou os braços em torno de sua cintura e firmou-se com as pernas nos flancos do cavalo.

— A corrente aqui pode nos puxar para baixo. Solte a cabeça de Barstow.

Robert inclinou-se na sela enquanto Barstow escorregava pela margem lamacenta até a beira do rio.

— Sei cavalgar, milady. Só rezo para que todos possamos nadar. Agora, segure-se firme!

Barstow chegou à beira do rio e saltou, deixando Gilroy e seus soldados molhados de água em seu caminho.

Capítulo IV

O trovão ribombou pela noite escura. Barstow saiu do rio, as costelas arfando. A água escorria pelo peito e os quartos do animal, que tossia. Eldswythe, encharcada, escorregou de seu lombo e caiu de joelhos, desabando no meio do barro e dos juncos.

Robert saltou e inclinou-se, as mãos pousadas nas coxas. Lutava para respirar, os pulmões queimando. A correnteza rápida do rio, poderosa e escura como a noite, lembrou-o do quanto haviam ficado perto de morrerem afogados. Graças a Deus, e a Barstow, tinham sobrevivido à travessia.

Percebeu a respiração de Eldswythe tornar-se mais compassada conforme ela cobria o rosto. E ali, entre os caniços, notou que ela deixava escapar um som débil e pesaroso, abafado pelas mãos trêmulas. De ombros caídos e cabeça baixa, ela não parecia em nada com a orgulhosa mulher que naquele mesmo dia se postara diante do escrevente real e desafiara a bondade do rei.

Robert ajoelhou-se em frente a ela. Por alguma razão inexplicável, vê-la derrotada e tão vulnerável o deixou inquieto. Hesitou um instante, mas segurou-a com firmeza e ajudou-a a se levantar. Tomando o queixo delicado na mão, virou-lhe a face de um lado para outro.

— Está machucada? — perguntou, baixinho, afastando os cabelos da testa dela.
— Gilroy... ele... Deus me ajude, se ele pôs as mãos em você, arrancarei a pele daquele rato, vivo, antes de enterrar minha espada em seu coração.

— Não estou machucada. Só estou... estou... — Seus olhos vermelhos pareciam fundos e exaustos.

O alívio o inundou, e Robert passou os braços em torno dela, puxando-a para mais perto. As batidas de seu coração se acalmaram quando ela descansou a testa em seu peito e respirou fundo.

Então, um arquejo escapou-lhe dos lábios e ela tocou sua face.

Robert mexeu a mandíbula. Uma dor funda latejou e o sangue, misturado à chuva que começara a cair, escorreu por seu pulso.

Eldswythe comprimiu a beirada da manga do vestido contra o ferimento. Endireitou-se, a face transformada na de uma mulher novamente sob controle, que decidia o que precisava ser feito.

— Você precisa de um ponto. — Tateou a ferida. — Encontrarei um pouco de absinto para fazer um curativo.

Um trovão estalou e o risco prateado de um raio rasgou o céu escuro.

Robert ficou tenso, num reflexo de guerreiro, como quem conhece o som dos portões de um castelo cedendo sob a força de um aríete e das muralhas desabando.

Por Deus! O que ele estava fazendo? Estavam no meio de uma guerra! Não era hora de ser mimado por uma mulher voluntariosa e impertinente, nem era certo da parte dela seduzi-lo com pitadas de ternura ou carinho. Isso o assustava mais do que qualquer inimigo que já tivesse enfrentado em batalha.

Contraíu as sobrelanceiras e, mais do que depressa, tirou os braços ao redor da cintura de Eldswythe, refugiando-se na raiva crescente. O rei fora um tolo em deixar Gilroy avançar tanto daquele jeito. Recuou um passo e encarou-a, furioso.

— Pelo amor de Deus! O que você pensou que estava fazendo? Eu lhe dei ordens para ficar com Hugh!

Eldswythe estreitou os olhos.

— Fui à sua procura, querendo lhe mostrar o caminho para dentro do castelo. Minha intenção era a de salvar Isolda, Khalif e os outros. Por certo não esperava que eu ficasse parada olhando enquanto o povo de Crenalden era assassinado, não é?

Ele meneou a cabeça, resistindo a qualquer tipo de sentimento de simpatia e compreensão.

— E no que resultou sua ação desafiadora, além de quase ser violentada, ou morta? Agora, estamos separados dos outros.

— O que quer dizer?

Robert afastou os cabelos da testa.

— Hugh e sua criada sumiram. Não tive tempo de procurá-los quando a vi correndo rumo ao rio, com Gilroy logo atrás.

Eldswythe respirou fundo.

— Santos abençoados! Rezo para que estejam seguros. Para onde podem ter ido?
— Ela mordeu o lábio inferior, como se receasse fazer mais pergunta. — O que aconteceu a sir Thomas?

— Mandeí Thomas a Hillsborough para preparar meu exército. Hugh certamente também levará sua criada e seguirá para o norte junto à costa até Hillsborough. Ficarão a salvo, mas sua tentativa imprudente de um resgate complicou as coisas para nós dois.

Olhou para além do rio, onde as fogueiras dos acampamentos brilhavam como faróis em torno das muralhas do castelo de Crenalden.

— Precisamos chegar a Hillsborough. Ficar longe do alcance de Gilroy.

Tomou Eldswythe pela mão.

— Não! Não posso ir embora.

Robert fechou os punhos. A irritação ameaçava fazê-lo içá-la sobre o ombro e jogá-la no lombo do cavalo.

— Eu disse ao rei que a ajudaria e a protegeria. Não há nada que eu... que nós possamos fazer daqui. Ambos corremos perigo. Agora, suba em meu cavalo.

— Você não tem o direito de estar zangado comigo!

— Não estou zangado, apenas...

Ela lançou um olhar para o punho de Robert.

— Está, sim. Posso afirmar pelo modo que esfrega o cabo de sua espada.

O polegar de Robert paralisou-se no lugar. Ele soltou a arma, abrindo os dedos. Detestava aquele seu hábito de friccionar o cabo da espada. Revelava sua raiva ao inimigo e lhe dava vantagem. Embora Eldswythe não portasse nenhuma arma, ela certamente era uma oponente.

Com um suspiro de exasperação, ele resmungou:

— Suba em meu cavalo, milady. Não pedirei outra vez. Eldswythe ergueu o queixo, deixando clara a recusa. Se ele não soubesse das coisas, poderia pensar que por trás daquela fachada orgulhosa, ela lutava contra as lágrimas. Maldição! As nobres da corte de Hillsborough eram meigas e gentis. Dóceis. Eldswythe de Crenalden era exatamente o oposto delas. O que deveria fazer com aquela teimosa?

Estremeceu só de pensar o que ela faria se soubesse do conteúdo da carta do rei, o documento enfiado em segurança dentro de sua bota. Ficaria furiosa quando soubesse que o rei lhe prometera a posse dos campos de Crenalden, que era o dote dela. A terra que um dia fora sua até ser confiscada pelo pai de Eldswythe como recompensa. Melhor revelar aquele segredo depois que o domínio fosse retomado. No momento, ele precisava convencê-la de que o que ele queria era realmente do melhor interesse dela e de Crenalden.

Enrolando as rédeas de Barstow em torno da mão, Robert baixou o tom de voz.

— Milady, admiro sua coragem, mas precisa aceitar meu conselho. Você não deveria ter saído do lado de Hugh. Por causa do que fez, estamos sozinhos, sem provisão, e Gilroy está fungando em nossos pescoços. Agora, se me fizer o favor — fez uma pausa e respirou lenta e profundamente —, vamos embora. Precisamos continuar andando.

Trêmula, ela avançou um passo, esfregando a coxa.

— Minha perna está doendo onde o senhor me agarrou quando a corrente nos puxou para baixo. Eu realmente preferiria cavalgar a andar, mas, sir Robert, seu cavalo está exausto. — Ergueu a saia ensopada no braço. — Precisamos andar e deixá-lo descansar. Há uma choça de um ermitão não muito longe daqui onde poderemos encontrar abrigo.

Abalado, Robert recuou a cada passo que ela dava e, então, olhou para Barstow. A cabeça do enorme cavalo pendia para baixo e os flancos arfavam com as batidas do coração junto às costelas. Eldswythe tinha razão.

Ele respirou fundo e se postou ao lado dela, com Barstow seguindo devagar, mas logo atrás.

— Desculpe, eu não pretendia machucá-la. Se eu fosse arrancado das costas de Barstow, seria a morte para mim. Muitos homens se afogaram em armadura, mesmo aqueles que sabem nadar.

Eldswythe continuou a caminhar, os ombros tensos. As finas veias azuis sob a pele de suas têmporas latejavam. Ela não disse uma palavra, mas lançou-lhe um olhar de desprezo.

Robert acelerou o passo. Sua paciência estava sendo testada ao ponto de estourar.

— Creia-me, lady Eldswythe, eu preferiria estar num navio para Acre a andar na chuva com uma feiticeira de cavalos de cabeça-dura. Uma mulher que está sendo caçada

pelo meio-irmão assassino, e que está desorientada a ponto de acreditar que poderia se esgueirar para dentro e resgatar os ocupantes de um castelo sob cerco. Para complicar as coisas, jurei protegê-la e agora não tenho escudo, nem elmo. Ambos foram engolidos pelo rio. Para não mencionar que eu... que nós estamos por conta própria, os dois ensopados até os ossos, sem nenhuma perspectiva real de conseguir uma comida decente ou um lugar para secar nossas roupas até que encontremos uma vila.

Ela jogou a trança molhadas para trás. — Gilroy não é meu irmão, e eu não sou uma feiticeira de cavalos!

Raios riscavam o céu em longos arcos, e a chuva começou a cair de novo. Barstow parou, bufou e piscou para tirar a água dos olhos. Ainda arfava, de cabeça baixa, a cauda enfiada entre as pernas. Os músculos tremiam sob a pele.

Eldswythe inclinou a cabeça de lado, avaliando o animal, as feições suavizando-se, indiferente ao aguaceiro. Em seguida, apontou para Robert.

— Era você! Você era o Cavaleiro Negro, o homem vestido de preto no torneio de Smithfield, no verão passado. Eu tinha acabado de chegar em casa, vinda da abadia de Covington, e me sentara toda empolgada na arquibancada acima da liça com meu pai. Você foi derrubado violentamente da sela aquele dia, com uma lança enterrada em seu ombro. Barstow pisou em sua cabeça e esmagou o elmo em seu crânio. Eu o reconheço agora. Ouvei o relincho dele, um som assustador e depois o vi parado ao seu lado, e ele estava assim, desse mesmo jeito.

Robert esfregou o pescoço. O sangue escorreu do queixo para sua mão.

— Fui tirado da sela apenas uma vez, lady Eldswythe. Naquele dia em Smithfield. Meu oponente teve de trapacear para conseguir isso. — Arrancou as luvas. — Você deveria ficar agradecida, feiticeira de cavalos, que eu tenha sobrevivido, que eu estivesse em cima de meu cavalo hoje para salvar seu traseiro antes que lorde Gilroy e seus homens se apossassem dele.

Eldswythe soltou as saias. As roupas ensopadas amontoaram-se a seus pés.

— Ora, seu... Não sou uma... Robert arqueou uma sobrancelha.

— Não é uma feiticeira de cavalos, lady Eldswythe? Hoje eu testemunhei um experiente cavalo de batalha assustar-se ao seu comando. Ou foi mal treinado, ou fez exatamente o que você ordenou. Um garanhão nunca fugiria de uma mulher aos gritos, a menos que ela fosse uma feiticeira.

— Isso nunca aconteceu antes. Eu juro!

Por que ela era tão incapaz de reconhecer que possuía um dom? Ou não estava disposta a admitir isso?

A despeito da própria afirmação, havia um toque de hesitação na voz de Eldswythe. Robert insistiu:

— Quer me dizer que nunca antes tinha feito o que fez hoje ao cavalo de Gilroy?

— Claro que não! Nunca precisei.

— Então, estou correto em afirmar que a agressiva e autoconfiante lady Eldswythe nunca conheceu o verdadeiro medo até o dia de hoje? Ou o verdadeiro ódio? Indícios que dizem acionar o poder de uma feiticeira de cavalos?

O olhar de negativa sumiu da face de Eldswythe, substituído por uma expressão de repentino reconhecimento.

— Bem, eu... fiquei furiosa com um pônei uma vez. Ergui minha mão, e ele deu meia-volta. Atropelou meu cachorrinho... — Ela afastou-se, tremendo. — e o pobrezinho morreu. Acho que foi a primeira vez... Não importa. Meu pai me mandou para o convento logo depois disso.

— Importa, sim, milady. Você estava apavorada, e seu medo e o ódio por seu irmão a forçaram a chamar a magia que, você não sabia que tinha. Você é uma feiticeira de cavalos, uma mulher que pode comandar um cavalo apenas com os pensamentos, um poder evocado por uma profunda emoção. Li sobre isso no texto persa de Equus Magus.

Por que nega? Seu pai não a mandou embora porque você assustou seu pônei. Você era apenas uma criança, e ele não poderia suspeitar de que fosse algo mais além de uma menina comum.

Eldswythe hesitou, obrigando-se a se manter ereta. De olhos fundos e semblante cansado, ela respondeu, lentamente, como se daquela vez pensasse com mais cuidado na resposta:

— Já disse e repito que não sou uma feiticeira de cavalos. Li o *Equus Magus* também. Não cultivo a maldade em mim, e a única pessoa que conheci um dia e que foi acusada de ser uma feiticeira foi abandonada por meu pai. Disseram que ela era uma feiticeira de cavalos e a acusaram de um crime hediondo que ela não cometeu. Ela não lutava contra uma maldade inata que a induzia a praticar o mal. Nem eu. — Abaixou a cabeça, suas palavras soaram quase inaudíveis. — Quando eu voltei a Crenalden, ela foi a primeira a ser minha amiga. Eu a amava como a uma mãe. Ela me ensinou tudo que eu sei, e disse que eu tinha um dom para curar cavalos. Então, eles a expulsaram, e meu pai não a ajudou. Acho que ficou envergonhado por abrigar uma suposta feiticeira em sua casa. — Ela ergueu os olhos para Robert. — Ele sabe que não sou uma feiticeira, e permite que eu cuide de seus cavalos. Eu não lhe darei motivos para me impedir.

Robert ficou parado por um momento, sem fala, processando mentalmente a confissão que ela lhe fizera. Ela não parecia o tipo de mulher que abrigava a maldade. Havia conhecido freiras mais gentis e com maior experiência do mundo do que Eldswythe. Tão receosa estava de perder o amor do pai, que ela negava o próprio talento. A moça certamente tinha muito a aprender... sobre si mesma. E sobre aquele seu pai desprezível. Talvez com tempo e experiência, ela reconhecesse que qualquer um é capaz de propagar o mal. Porém, não era sua tarefa ensiná-la. No momento, sua obrigação era apenas mantê-la viva.

Ele deixou escapar um suspiro profundo, e depois estalou a língua para Barstow, incitando-o a seguir em frente.

— Não podemos nos demorar aqui para discutir sobre isso. Todos temos nossa cruz para carregar. Você deve aceitar quem é e dominar seu dom...

— Diga-me, sir Robert, que cruz o senhor carrega? Robert estacou e encarou-a.

— Eu quero aquilo com que não nasci. Poder e posição. Contudo, trabalho para ganhar minha fortuna e um título de um rei caprichoso que sempre se esquece de seus súditos fiéis, até que precisa deles. Um soberano que subestima seus inimigos, que vincula meu sucesso a uma feiticeira de cavalos teimosa, a filha do homem que matou meu pai e roubou a terra que é minha por direito de nascença. Essa é minha cruz, milady. Agora, continue a andar ou serei obrigado a carregá-la.

Eldswythe aumentou o passo.

— O que o rei lhe prometeu caso o senhor pudesse, por acaso, tirar Gilroy de Crenalden? Ouro? Um título? Terra?— Seus olhos se arregalaram. — Minha terra? O que há na carta do rei?

Robert manteve o ritmo das passadas. Com Barstow a reboque, observou-a pelo canto do olho.

— O conteúdo da carta é particular. De qualquer forma, Gilroy está ganhando, e o que quer que o rei tenha me prometido é hipotético.

Ela diminuiu o passo.

— Não para mim. Crenalden é um belo domínio com direitos de água ao longo deste rio. Prometi a meu pai que tomaria conta da propriedade, dos cavalos e de Isolda...— Sua voz fraquejou.

Robert detestou vê-la fragilizada, embora não compreendesse por quê. Tomou-a pela mão, puxando-a para a frente.

— Entendo que esteja sofrendo muito. Mas nem tudo está perdido. Você tem um aliado. Eu. Podemos derrotar Gilroy, mas o povo de Crenalden precisará de um paladino.

Quem melhor do que a filha do conde de Crenalden, aquela que chamam de feiticeira de cavalos?

Eldswythe meneou a cabeça.

— Não sou respeitada nem amada como meu pai.

— Você tem magia. Use-a para me ajudar a esmagar a rebelião de Gilroy.

— Mesmo que tivesse, como você propõe que eu a use, exatamente?

— Sou um cavaleiro. É você que precisa descobrir o modo. Agora, onde é essa choça maldita? Tenho a impressão de que estamos andando em círculos.

— Espero que você não seja como os outros homens, que receiam... que receiam a escuridão dessas matas.

Maldição! A mulher era um espinho em seu traseiro. Ele a encarou furioso.

— Não tenho medo e não sou como os outros homens, lady Eldswythe. Disso, pode ter certeza.

— Então, só tem de perguntar a direção.

Apontou para um monte de sapé e lama mal visível através do mato ensopado de chuva. E resmungou por entre os dentes, mas num tom de voz alto o suficiente para que ele ouvisse:

— Não é como os outros homens? Sei...

Ergueu as saias e seguiu em frente, estalando a língua para que o cavalo a seguisse.

Eldswythe esperou enquanto Robert amarrava Barstow a uma árvore e depois se inclinou sob a manta rasgada que pendia da porta da choça. A chuva já havia parado e os raios de luar filtravam-se pelas frestas do teto de sapé, iluminando fracamente o interior úmido. Uma pilha de cinzas do meio do chão marcava o fogão e o buraco da chaminé ao alto. Além de um pote de cerâmica de bordas lascadas e os restos de uma cama esfarrapada, não havia nenhum conforto.

Robert seguiu-a para dentro.

— Servirá — disse, erguendo o pote e espalhando as cinzas. — Isso será útil para nosso jantar. Tentarei encontrar lenha seca para fazer um fogo. — Saiu da cabana.

Eldswythe desabou na cama, os pés e os dedos entorpecidos de frio, as roupas ensopadas grudadas ao corpo.

Estava gelada. O cansaço consumira sua energia. Fechou os olhos e respirou fundo como se pudesse de alguma forma obrigar o dia aflitivo a terminar. Era difícil imaginar como sua vida era privilegiada e confortável. Quando sua única preocupação era com os homens que insistiam em chamá-la de feiticeira de cavalos. Céus, tudo havia mudado em apenas um dia!

Jamais sua vida seria como antes.

Os passos de Robert soaram na soleira da porta. Ele entrou na cabana com uma braçada de gravetos e o pote de cerâmica cheio de água na mão. Jogou a pilha de lenha no chão, e tirou a manopla do cinto, despejando o conteúdo da luva, cogumelos e brotos de tomilho silvestre na vasilha.

Eldswythe inclinou-se para a frente e examinou as ervas que boiavam na água.

Com a cabeça a poucos centímetros da dela, Robert endereçou-lhe um olhar enviesado.

— Procurando veneno, milady? Está com medo de comer comida feita por um Breton ou, quem sabe, pensa que sou um mago, um Encantador de Cavalos, aqui para fortalecer seu poder?

Eldswythe recuou e cruzou os braços no peito.

— Não seja ridículo! As ervas são boas. E é sabido de todos que um mago de cavalos nasce apenas uma vez a cada cem anos. Pelo que me lembro dos rumores, ele nasceu cerca de cinco nos atrás. Não terá posse de seus poderes até que alcance a juventude. Você já está muito velho.

Robert caiu na risada.

— Realmente velho demais. De um jeito que você nem pode começar a entender.

Em questão de minutos, pequenas chamas saltavam de graveto em graveto. Um véu de fumaça branca curvou-se para cima. Robert inclinou a cabeça para trás e examinou o buraco da chaminé.

— Mantereí o fogo baixo o bastante para aquecer uma sopa e secar nossas roupas.

Sentou-se nos calcanhares e lutou com as mangas, tentando tirar os braços do colete almofadado, mas era evidente que não tinha intenção de pedir ajuda.

Eldswythe mal teve força para levantar, mas postou-se ao lado dele. Puxou-lhe as mangas até que os braços de Robert estivessem livres e ajudou-o a erguer a barra da camisa de cota de malha e tirá-la por sobre a cabeça. Pelo peso do colete almofadado, ele realmente teria se afogado.

Porém, não foi o peso da armadura que fez seu coração quase parar, ou o modo como a camisa molhada agarrava-se ao peito bem esculpido que impediu sua respiração de deixar os pulmões. Não, era algo diferente. Um desejo de traçar a longa coluna do pescoço e correr os dedos por aqueles cabelos fartos e escuros. Um impulso inominável a fez querer reduzir o espaço entre os dois, embora ele mal estivesse a um palmo de distância. Vontade de respirar o mesmo ar que ele respirava. Queria o calor e o cheiro másculo a envolvê-la, e desejou sentir a força daqueles braços fortes.

Robert ergueu o queixo, e seus olhos cravaram-se nos dela, indagadores, desafiadores, intrigados. Sem desviar o olhar, ele tirou a camisa e encarou-a abertamente.

O arfar do peito acelerou-se diante da inspeção e uma película de suor porejou-lhe pela pele, até mesmo sobre a cicatriz de batalha que lhe marcava o ombro. O torso, magro e firme, tão enxuto que ela podia ver cada costela, afilava-se até uma cintura estreita com músculos ondulados de cada lado que se encontravam num "V" e desciam sob a frente das calças.

Sem uma palavra, Robert puxou as calças pelos quadris, para baixo das coxas musculosas.

Atônita e sem fala, Eldswythe o examinou por inteiro, descaradamente, embora soubesse que deveria desviar os olhos. Porém, não conseguiu. Atrás dele, o fogo baixo dançava, lançando um brilho dourado sobre aquela nudez. As nádegas eram tão fortes e tão redondas como os quartos de um garanhão, e as longas pernas tão tensas como cordas de um arco. E, entre as coxas, descansava...

A respiração de Eldswythe acelerou-se. Calafrios subiram por sua espinha. Uma estranha sensação tomou conta da boca de seu estômago e ela mordeu o lábio inferior para se impedir de olhar mais para baixo. Não era decente que ela o inspecionasse daquela maneira, porém, não conseguia desviar os olhos.

Um som gutural escapou da garganta de Robert. Ele puxou as calças molhadas para cima de novo. Deu um passo à frente, eliminando o último espaço entre os dois, e pegou a armadura dos braços de Eldswythe, sem tirar os olhos dos dela. Jogou o colete no chão e, num instante, seu braço a enlaçava pela cintura.

Puxou-a para perto.

— Maldição! — praguejou, por entre os dentes. — Que feitiço lançou em mim?

Um ligeiro arquejo escapou dos lábios de Eldswythe. Seus seios se moldaram ao peito de Robert, e ela podia sentir-lhe o coração batendo forte e a respiração morna em sua face.

— Eldswythe — ele murmurou, a voz rouca e vacilante. — Você está me tentando desde a primeira vez que a vi. Usei de todo o controle quando beijei suas faces esta manhã, mas, neste momento, prefiro não me conter.

Inclinou-a para trás, a mão subindo da cintura de Eldswythe até segurá-la pela

nuca.

— Quero seus lábios nos meus, quero sentir essa suavidade maleável, e tudo que prometem.

Seus lábios tocaram os dela e o corpo de Eldswythe estremeceu. Modéstia e decoro, sumiram. Ela não conseguiu oferecer resistência. Robert a beijava, deixando-a aturdida, e ela não tinha forças para impedi-lo.

A língua de Robert, úmida e sedosa, a saboreava com vontade. Eldswythe aconchegou-se, num abandono lânguido, e deixou seu quadril se colar, ao dele. Enlaçou-o pelo pescoço e enfiou os dedos pelos cabelos úmidos e escorregadios, os sentidos concentrados no prazer que aquela boca lhe proporcionava, e nas batidas ressoantes do coração de Robert a bater perto do seu.

Com o cérebro toldado de desejo, ela sentiu um movimento, o eixo duro tornando-se maior, comprimido contra sua coxa. Assustou-se e, mesmo assim, não encontrou forças para protestar. Que os santos a protegessem! Mas não tinha vontade alguma de parar.

Robert, de repente, interrompeu o abraço. Afastou os lábios dos dela e recuou, os olhos faiscantes.

Um gemido desapontado escapou de Eldswythe. O espaço entre os dois parecia imenso e cavernoso.

Ele ficou parado a fitá-la, o peito arfante, as mãos fechadas em punho, o fogo a estalar às suas costas. Sua excitação era evidente e ele não tentou escondê-la. Soltou um grunhido de frustração e enfiou os dedos pelos cabelos.

— Maldição, lady Eldswythe! Não tem medo dos homens? Não a avisaram no convento? A princípio eu pretendia mostrar-lhe, dissuadi-la de tal comportamento imprudente. Por Deus! Não esperava uma reação assim. Tome cuidado!

A cabana, de repente, pareceu quente. Quente demais. E os fiapos de fumaça branca que subiam das brasas fizeram os olhos de Eldswythe arder. Ela levou a mão ao pescoço e baixou os olhos, incerta do que dizer, lamentando o que acabara de fazer. Robert tinha razão, naturalmente. Ela não tinha experiência nenhuma com homens. Não deveria ter trocado seu primeiro beijo de verdade com um homem que nascera para desprezá-la, assim como ela o desprezava. Principalmente um homem que não seria e não poderia ser seu marido.

Robert soltou um suspiro longo e entrecortado.

— O que acabou de acontecer... foi uma aberração, milady — disse, calmamente, embora a aspereza na voz traísse seu esforço. — As provações do dia de hoje resultaram em nosso desregramento. Não é prudente nem conveniente para nossa missão. Prometa que esquecerá o fato, assim como eu.

Eldswythe engoliu em seco. Como se pudesse esquecer a tocha flamejante que ele acabara de acender. Como se negar o que se passara entre os dois fizesse suas sensações desaparecer. Bem, se ele podia ser tão desprendido e controlado, o maldito, então ela poderia também. Afinal, aquele beijo fora apenas uma aberração. Uma que não se repetiria.

— Claro, sir Robert — ela retrucou, friamente. — E peço que o senhor não macule minha honra e jamais mencione isso ao meu pai, ou ao conde de Gloucester.

Ela dissera aquelas palavras esperando que a referência indireta à desonra de lady Margaret espicaçasse a consciência de Robert. Porém, ficou surpresa ao ver a mágoa perpassar pelo semblante dele, antes que ele estreitasse os olhos com ressentida raiva.

Encarou-a, furioso.

— Lady Eldswythe, quando uma mulher examina um homem com tanta atenção como a senhora fez quando eu estava nu, ela o incita a atenções como o beijo que compartilhamos. E mais. Muito mais. E isso o que quer? — ele perguntou, num murmúrio gutural.

O calor subiu pelas faces de Eldswythe.

— Não, eu... eu... — Ela baixou os olhos.

Ela o quê? Não pretendia olhar? Mais do que qualquer outra coisa, ela quisera olhar, quisera ver tudo.

Deus do céu, não podia prometer esquecer o que se passara entre os dois, mesmo que os lábios de Robert nunca mais tocassem os seus outra vez. E a visão dele sem roupas ficaria para sempre requeimando em sua lembrança. Ela se deitaria na cama e pensaria naquela noite, mesmo muito tempo depois que estivesse casada com o conde de Gloucester.

Robert deitou-se na cama ao lado dela.

— Não estou isento de culpa pelo que houve entre nós, mas você é por demais confiante. Foi preciso toda a minha força de vontade para deixar de lhe dar aquilo que você parecia querer.

Eldswythe bufou de raiva.

— Não quero nada, exceto meu castelo de volta!

Ele reclinou-se nos cotovelos e olhou distraído para o buraco no teto. Os cantos de sua boca arquearam-se ligeiramente num sorriso irônico.

— Ah, mas você quer... vejo em seus olhos, milady. Belos olhos, como a floresta, de um verde profundo e faiscante. Prometem um lugar onde um homem poderia se perder e buscar refúgio do mundo.

Ele só podia estar brincando!

Enrubescida, Eldswythe estendeu as saias molhadas sobre as pernas, num gesto instintivo.

— Nem toda mulher desmaia com as palavras floridas que brotam de seus lábios macios.

Ele inclinou a cabeça para trás e caiu na risada. Eldswythe desviou os olhos, mas não antes de ver de relance a horrível cicatriz que lhe atravessava a clavícula e subia pelo pescoço, terminando logo abaixo da orelha. Santos abençoados! Alguém tentara decepar-lhe a cabeça. Era um milagre que ele tivesse sobrevivido.

Clareou a garganta, aproximou-se do fogo, virou-se de costas para ele e se pôs a mexer a sopa que já fervia, deixando o calor acariciar suas mãos e face, conforme o aroma pungente do tomilho silvestre tomava conta da cabana.

Um comichão espalhou-se por seu nariz e seus olhos começaram a lacrimejar. Eldswythe virou a cabeça e espirrou. E espirrou de novo.

Robert sentou-se ereto.

— Sugiro que seque seu vestido e a combinação para que o resfriado não tome seus pulmões.— Tirou a manta rasgada da porta de entrada e jogou-a na direção dela. — Tome, vou sair para você ter sua privacidade. — Saiu da cabana, só de calção. — Chame quando tiver terminado.

Aliviada de não ter de tirar as roupas na frente dele, Eldswythe chutou fora as sapatilhas de couro imundas e soltou os laços da túnica arruinada e deixou-a cair no chão. Sua combinação, um dia branca, belamente tecida e enfeitada de fitas azuis e fios de prata, estava agora manchada de lama. O tecido frágil agarrava-se a seus quadris e seios e se enrolara em torno de suas pernas. Ela soltou um longo suspiro. A túnica azul e a combinação um dia tinham sido o que ela possuía de melhor. Suas peças prediletas. Tudo o que restava de sua vida anterior, estavam arruinadas agora, além de qualquer conserto.

Estremecendo, deu um passo para fora do monte de pano a seus pés e pegou a manta. A coberta de lã, esgarçada pelo tempo, mal tinha o tamanho suficiente para alcançar suas coxas.

Descalça e nua debaixo da manta, Eldswythe acomodou-se sobre o catre e deixou que o calor fumarento da cabana rodopiasse ao seu redor.

Pensamentos do castelo de Crenalden encheram sua cabeça cansada. As torres imponentes dominando as pastagens ondulantes onde cavalos lustrosos corriam e pastavam. Seu pai assobiando, montado em Khalif, cruzando a ponte levadiça. Cães latindo no pátio onde os cavaleiros treinavam e armaduras retiniam e faiscavam ao sol. Isolda rindo e acenando de uma fenda da janela estreita na fortaleza...

Eldswythe comprimiu os braços em torno da testa e fechou os olhos, agarrando-se à esperança de que o conde de Gloucester ainda estivesse vivo. De que Khalif estivesse são e salvo. De que Crenalden pudesse ser retomada.

E de que, de alguma forma, pelos santos abençoados, sir Robert estivesse errado sobre seu dom de magia.

Robert caminhou da cabana até um grupo de faias de casca branca onde Barstow estava amarrado. Mas continuou de olho na entrada da choça. Deus sabia que não poderia confiar que a mulher fizesse o que lhe fora dito e ficasse quieta no lugar.

Enfiou a mão na bota e tirou a carta do rei. O pergaminho úmido, quente e macio, não fez nenhum som quando ele o desdobrou e releu o conteúdo, confiando na luz débil da lua para ajudá-lo a decifrar a tinta borrada. Não que tivesse realmente de ler, pois memorizara a mensagem.

Depois da eliminação de John Gilroy, traidor da Coroa e da Inglaterra, sir Robert Breton, segundo filho de Raulf, o conde de Hillsborough, será recompensado com duzentos hectares de terra ao longo do rio Greve, limitados ao norte por Shropshire e ao sul por Taddingly. A oeste, limita-se com o castelo de Crenalden em vinte cinco milhas e, a leste, com o condado de Willow, em cinquenta milhas. Essa extensão de terra, vinculada por lei a Henrique II, rei da Inglaterra, juntamente com os cinquenta hectares antes legados em testamento ao segundo filho do conde de Hillsborough, agora de posse do conde de Crenalden, devem ser os honorários de cavaleiro de sir Robert, concedidos após da derrota de John Gilroy.

Robert enfiou a carta de volta na bota, tão satisfeito com os termos como ficara quando lera pela primeira vez a declaração na praia de Dover. A extensão de terra era distante do conjunto de Crenalden, mas era grande e incluía a parcela tradicionalmente passada ao segundo filho do conde de Hillsborough — antes de Henrique ter permitido que o conde de Crenalden a reivindicasse depois de fazer algum favor à Coroa. Harold não se dera o trabalho de contestar a troca, mas o rei deixara claro: o único modo de conseguir a terra prometida de volta e um domínio ainda maior era derrotando John Gilroy.

Robert cocou o pescoço. A suposta recompensa do rei era mais do que ele poderia esperar, o bônus mais valioso que qualquer solar ou fazenda pertencente a Hillsborough. Ele poderia, por fim, ficar em pé de igualdade com o irmão. Com o apadrinhamento e a petição adequada, poderia até mesmo complar para si um condado. Henrique tinha a tendência de conceder posição social em troca de ouro.

Maldição! Ele só não contava em ficar atrelado à herdeira da terra que esperava reclamar. Seria mais fácil engolir a repulsa por seu pai desprezível e casar-se com ela agora mesmo, porém isso era impossível. Eldswythe estava noiva de Gloucester e o enlace iminente fora sancionado pelo rei. Quem saberia que plano Henrique e o conde de Crenalden tinham preparado ao arranjar tal noivado?

Correu as mãos pelos cabelos. Casar-se com lady Eldswythe? Senhor Todo-Poderoso, o que estava pensando?

Se não tomasse cuidado, encontraria um casco golpeando suas costas. Ela não desistiria com tanta facilidade daquilo que desejava reivindicar. E, para complicar as coisas, ele a julgava incrivelmente atraente. Sedutora. Tivera de sair da cabana porque

mal conseguira se controlar a sós e quase nu com ela. Era uma boa coisa que seu calção estivesse úmido e gelado. Impedia sua virilha de requeimar.

Inferno dos diabos! Seu destino estava ligado a uma bonita feiticeira de cavalos que não desejava ser uma bruxa e que não tinha idéia do efeito que exercia sobre ele.

Nunca antes em toda a sua vida, resistira ao impulso de tomar uma mulher nos braços e beijá-la com loucura. Nunca precisava disso. As mulheres sempre se mostravam bastante dispostas. Margaret de Suttony certamente nunca objetara. E era esse o problema. Lady Eldswythe não objetara também. Não sabia e não poderia saber o que poderia ter acontecido.

A culpa ferveu diante da idéia de deitar-se com outra mulher que, evidentemente, nunca estivera antes com um homem. A raiva em Eldswythe poderia provocar ferimentos a ele, ou pior, a Barstow.

E esse pensamento era o mais perturbador de todos.

Robert esfregou a testa. Rumou de volta para a cabana. Ela já tivera bastante tempo para se trocar. Ele estava com frio e faminto. Irrompeu para dentro.

Encontrou-a ressonando, encolhida debaixo da mísera manta, os pés apontando numa das beiradas e, na outra, a massa de cabelos espalhando-se em ondas cremosas, caindo sobre o volume dos seios.

Ele estendeu a mão para afastar uma mecha da testa de Eldswythe, mas então, afastou-a. Não queria acordá-la, porém sentiu vontade de tocar-lhe os cabelos. Era uma pena que ela sempre usasse um véu a cobri-los.

Eldswythe mexeu-se, levando a mão para cocar o pescoço. A manta escorregou, expondo completamente um seio maravilhoso.

Robert apertou a ponta do nariz e fechou os olhos com força. Por que ele estava ali? Será que a feiticeira lançara um encanto sobre ele? A voz de Eldswythe ressoava em sua cabeça, usurpando seus pensamentos. Ele poderia recordar de quase todas as palavras que ela dissera:

Eu não tinha idéia de que um homem tão famoso pela perícia na equitação como na boêmia pudesse se sentir compelido por Deus a tomar a cruz e liderar as tropas do príncipe numa cruzada.

Ele quase rira alto quando ela dissera isso na praia. Quase riu naquele instante.

Soltou um suspiro. Lutando para comandar a mente, Robert tomou o restante da sopa e depois se esticou e se aconchegou ao lado de Eldswythe o suficiente para lhe sentir o calor do corpo, mas não perto o bastante para tocá-la.

Ela se mexeu, a perna nua saindo de sob a manta, o pé roçando contra o seu. Um fogo lento espalhou-se por sua canela, subindo pelo joelho até a parte interna da coxa e depois mais para cima. A dor na virilha tornou-se forte e insistente, ansiando por alívio.

Então, ele viu, a mancha azulada, a marca de mão que envolvia a parte superior da coxa de Eldswythe.

Inferno! Ele não tivera intenção de machucá-la. Obrigando os olhos a ficarem fechados, ele rolou de lado, afastando-se, desejando poder dormir.

Um frio úmido instalara-se na cabana. Em algum momento, nas horas profundas da noite, Eldswythe aninhou-se contra o homem que estava deitado ao seu lado, a respiração lenta e ritmada. Seus olhos abriram-se de chofre, e ela percebeu, de repente, o braço nu que descansava por seus seios desvelados. Não ousou se mexer.

Deus do céu! Por que ele estava tão perto?

Com cuidado, ela ergueu o braço de Robert e depositou-o de lado. Enrolando a manta com força em torno do peito, levantou-se do catre. Robert resmungou quando ela enfiou os sapatos, mas não se mexeu, conforme ela saía silenciosamente da cabana. O ar frio da noite queimou-lhe os pulmões e acordou-a completamente; Ela então esquadrinhou os bosques, rezando para que os homens de Gilroy não estivessem à espreita e depois, aventurou-se mais à frente, andando na ponta dos pés pelo chão macio

da mata. A noite zumbia, os grilos cricrilavam. Uma coruja piou. As orelhas de Barstow se empinaram quando ela parou ao lado dele e comprimiu a face na depressão de seu pescoço. Inalando o familiar cheiro eqüino, ela esfregou o rosto nos pelos macios.

— Perdi Ceres e Khalif. Dois dos melhores cavalos que já conheci.

Sorria, mas as lágrimas escorriam por suas faces. Engolindo um soluço, ela respirou fundo e passou as palmas das mãos pelos olhos.

— Chega de lágrimas. O que está feito está feito. — Cocou o focinho do enorme cavalo. — Você merece um descanso. Obrigada por nos salvar no dia de hoje — disse, jogando o estribo de ferro pelo assento da sela. — Faltam horas para a alvorada.

Seus dedos moveram-se com segurança conforme ela puxava a cinta da sela. Soltou a couraça de peito e deixou-a balançando entre as pernas do cavalo. Esticou-se para tirar a sela e as almofadas do lombo de Barstow.

— Deixe-me ajudá-la. — A voz de Robert soou atrás dela.

Eldswythe assustou-se. Presa entre a sela e os braços do cavaleiro, ela virou-se para encará-lo.

— Há quanto tempo está parado aí? Robert murmurou:

— Tempo suficiente para sentir falta de minha cama e de minha companheira de leito. Volte para dentro. Os homens de Gilroy podem estar patrulhando. — Tirou a sela da mão dela. — Barstow é um cavalo de batalha, milady. Está acostumado a parar sob arreios. Seria melhor deixá-lo pronto, caso precisemos partir depressa.

Eldswythe passou por baixo dos braços dele e apertou a manta contra o peito.

— Estava me espionando?

Os olhos de Robert percorreram toda a extensão do corpo dela. Ele apontou para a manta e encarou-a com ar de reprovação.

— Você se arrisca muito saindo aqui sozinha.

Profundamente consciente da manta curta, Eldswythe fez meia-volta e rumou para a cabana. Lá dentro, inclinou a cabeça para trás e fechou os olhos, respirando fundo. Talvez ele não a tivesse visto chorar. Esperava que não. Uma vez à beira do rio fora o suficiente. Apertou a manta ao peito e endireitou os ombros.

Por que ela se importava com o que Robert pensava, que falasse com ela como se ela fosse uma criança que precisava de reprimendas? O conde de Gloucester sempre a tratara com respeito, mesmo que sentisse receio dela. Porém, a imagem nublada de Gloucester sumiu, de repente, substituída por uma mais intensa, mais insistente. Ondas estourando na praia branca. Robert assomando em sua direção, Eldswythe tocou a face. Deus do céu! Por que Gloucester não a beijara uma vez daquele jeito? Com sentimento, mesmo que fosse apenas na face...

Passos pesados se aproximaram. Apressada, ela deixou cair a manta e pegou a combinação e a túnica. Enfiou as roupas úmidas pela cabeça e tentou desembaraçar os cabelos emaranhados. Robert irrompeu na cabana, largou a sela ao lado do fogo e arrumou as almofadas de sela.

Sentou-se no leito improvisado.

— Você tem razão, Barstow merece um descanso. É um longo caminho até Hillsborough. — Descansou a mão na espada. — Volte a dormir, milady, e nem pense em sair da cabana. Se tiver de cuidar das necessidades, irei com você.

Irritada, Eldswythe soltou um suspiro sibilante e sentou-se na cama. Mas não importava o quanto tentasse, não conseguiu obrigar-se a dormir.

As enormes patas de Barstow, de repente, raspam o chão, esfregando a ferradura nas pedras.

Eldswythe sentou-se no mesmo instante, assim como Robert.

O cavalo estava inquieto. Ela podia sentir isso nos ossos.

Capítulo V

Robert agarrou a espada. — Vamos — murmurou. — Deve haver soldados na mata.— Apontou para a porta.

— Sua sela?

— Deixe-a.

Barstow dançava em torno da árvore, ansioso. Robert soltou as rédeas e jogou-as no lombo do cavalo, erguendo Eldswythe e montando à sua frente.

— Que caminho? — perguntou, em voz baixa.

Ela apontou para uma trilha pedregosa que serpeava subindo uma colina coberta de árvores atrás da cabana.

— Para o escarpado. Há um desfiladeiro entre as pedras.

Barstow escorregou e tropeçou conforme subia. Robert olhou para trás, segurando o braço de Eldswythe na cintura. Os homens de Gilroy enxameavam pela cabana. Dois brigavam pela sela e por sua cota de malha. Outros dois, ainda montados, avistaram Barstow na trilha.

Eldswythe agarrou as rédeas das mãos de Robert, puxando a cabeça do cavalo para a esquerda.

— Atrás das árvores. A passagem é lá.

— Que diabos...

— Por aqui. — Eldswythe apontou para a abertura de uma caverna alta o bastante para deixar um homem passar, mas muito estreita para um cavalo e cavaleiro montado. Saltou e agarrou a brida. — Desça. Não é largo o suficiente.

Levou-os por um corredor rochoso tão apertado que os flancos de Barstow raspavam dos lados. Eldswythe convenceu-o a continuar, e Robert a acompanhou, incitando Barstow para frente quando o animal empacava.

— Milady, qualquer homem de bom-senso não traria um cavalo para cá — ele disse, ao encostar o ombro no traseiro de Barstow e dar-lhe um tapa no quadril.

— Estou contando exatamente com isso. — Ela esticou o pescoço para enxergar adiante. — Lá na frente há luz!

Minutos depois ao emergir da passagem, Robert apertou os olhos diante do sol forte da manhã que iluminava o céu e o vale logo abaixo da escarpa.

Eldswythe limpou as teias de aranha do vestido.

— Acho que a vila de Whickerham fica apenas a um dia de distância, dependendo da rapidez com que viajarmos. Não posso afirmar mais nada. Nunca estive tão longe de casa a não ser para ver meu pai partir para a Terra Santa.

A voz de um soldado ecoou de dentro da passagem.

— Seu cavalo maldito! Vou amarrar um ouriço em seu rabo. Ande!

Robert saltou no lombo de Barstow e depois estendeu a mão a Eldswythe.

— Para Whickerham, milady, ou para onde quer que a trilha abaixo possa nos levar.

O som de armaduras retinindo e homens zangados sumiram na distância, conforme Robert incitava Barstow a descer colina abaixo com Eldswythe agarrada às suas costas.

Mahaut segurou as rédeas de Ceres nas mãos enluvadas. A égua relinchou para os pôneis selvagens que corriam ao luar à beira do lago, a não mais de cinqüenta passos de distância.

Ceres empinou, e Mahaut aumentou a pressão nas rédeas. Encontrara a montaria de lady Eldswythe vagando com os pôneis. Safia, sua mentora e líder, pedira que lhe trouxesse a égua.

— Calma, calma... — Safia estalou a língua. A égua acalmou-se.

O ciúme cutucou o coração de Mahaut. Será que Safia algum dia a amaria do jeito que amava Eldswythe de Crenalden?

Mudou de lugar o arco que usava atravessado nas costas.

— Senhora, lady Eldswythe fugiu da choça do ermitão. Ela está com sir Robert Breton, o cavaleiro do castelo de Hullsborough.

Safia não respondeu, o olhar cravado nas mulheres que se banhavam no lago. Bolhas espalhavam-se pela superfície, o vapor subindo. Oito mulheres, machucadas e surradas, tinham fugido do castelo de Crenalden para a floresta, procurando refúgio com as Mulheres Chorasas. Havia quem chamava Safia de sua líder. Moças e velhas, casadas e solteiras, poucas mulheres de Crenalden tinham escapado dos soldados sem ser estupradas. A maioria não conseguira. Seus gemidos eram carregados pela brisa.

Contudo, o ritual iria curá-las. Era o mesmo para todas que se reuniam — a restauração através de um banho purificador, o abandono das posses materiais e a obtenção de armas. As mulheres que se banhavam saíram da água, renovadas e limpas. Cada uma recebeu um embrulho de roupas, um arco e flechas, e uma espada curta.

Celeste, irmã de Mahaut, cortou e jogou as trancas num monte de roupas descartadas — vestidos e combinações em farrapos, véus e meias — e pôs fogo na pilha.

Ao luzir das fogueiras, as mulheres vestiram as roupas que simbolizavam sua nova vida entre as Mulheres Chorasas: uma túnica curta, ceroulas, calças justas e um manto encapuzado. À distância, era difícil discernir alguma forma feminina. E era essa a intenção.

Mahaut pigarreou.

— Minha senhora — murmurou. — Eu trouxe a égua como pediu. Deveríamos trazer lady Eldswythe para a senhora também?

Safia empurrou o capuz para trás, o semblante sereno, os olhos negros tristes e sábios.

Mahaut maravilhava-se diante daquela pele macia, pele que nunca parecia envelhecer. Os cabelos prateados cortados curtos emolduravam-lhe o rosto delicado, e o corpo esguio era flexível e gracioso como um salgueiro. Ela vestia uma túnica verde floresta. O colar de ouro em torno do pescoço e as pulseiras nos pulsos faiscavam ao luar.

Está tão bonita como no dia em que nos conhecemos, pensou Mahaut, o dia em que ela chegara ao acampamento soluçando. Com os cães a rosnarem nos calcanhares, Safia se refugiara na mata, acusada de bruxaria. Ali, todos os pecados, verdadeiros ou não, eram perdoados. Mesmo os de uma feiticeira de cavalos.

Safia pegou as mãos de Mahaut.

— Lady Eldswythe estava segura?

— Estava, senhora.

— O cavaleiro causou-lhe alguma aflição?

— Não. Ele ajudou-a a fugir de John Gilroy e dos soldados que invadiram a cabana do ermitão.

Mahaut respirou fundo e então se virou para observar as mulheres. O choro havia cessado, como sempre acontecia. Os moradores locais e caçadores chamavam o grupo

de Mulheres Chorasas. Pois não eram mais. Não passavam seus dias chorando nem eram poucas em número. Várias centenas de mulheres viviam sob a proteção daqueles bosques, e todos encaravam Safia, a feiticeira de cavalos, como sua líder. No entanto, Mahaut sabia que ela não ficaria ali por muito mais tempo. Falava com frequência em retornar à terra natal.

As novas mulheres seguiram Celeste pela trilha serpeante que conduzia ao acampamento.

— Senhora? — Mahaut perguntou em voz baixa. — Deveríamos trazer lady Eldswythe para cá?

— Não — Safia respondeu, com suavidade. — Ela não precisa de mim. Ainda.

Mahaut remexeu os pés, aliviada. Apenas uma feiticeira de cavalos substituiria sua mestra como líder das Mulheres Chorasas. E ela pretendia ser essa mulher. Cruzou os braços.

— E quanto a ele, senhora? — perguntou. — Vamos deixar o cavaleiro em paz?

— Sim, Mahaut. Diga às outras para deixarem lady Eldswythe e seu cavaleiro em paz. Mas cobrem dos homens de John Gilroy a pena costumeira por se aventurarem em nossas matas. Atraiam-nos até a beira do lago. Puxem-nos para dentro d'água. Deixe que tentem lutar de armadura.

Puxou o capuz sobre a cabeça e seguiu pela trilha em silêncio.

Mahaut montou Ceres e saiu a galope pelo caminho que conduzia à cabana do ermitão, onde uma centena de Mulheres Chorasas se escondia nos bosque, vigiando os soldados desatentos.

O sol do meio-dia estava a pino quando Eldswythe e Robert cruzavam os campos comuns que contornavam a floresta de Belway. O lombo de Barstow, escorregadio de suor, tornava difícil para Eldswythe não escorregar para a frente. Os pelos do cavalo a pinicavam através do vestido e raspavam a parte interna de suas coxas. A umidade suada só aumentava o seu desconforto. Ela ergueu o vestido até os joelhos e se abanou. Estava tão quente ali na estrada aberta como o ar numa loja de ferreiro.

Robert virou-se para observar os soldados que ainda os seguiam.

— Por todos os santos, é uma boa coisa que os cavalos deles estejam tão cansados como Barstow. Mas descanso e água ainda terão de esperar — ele disse, como se lesse a mente de Eldswythe.

Ela virou-se na sela para dar uma olhada melhor nos homens que estavam atrás. Aquela presença persistente era enervante, mas agora eles pareciam ter ficado bem para trás. Tinham parado no meio da estrada e discutiam. Um momento depois, fizeram as montarias virar e Voltarem para trás.

— Estão desistindo, sir Robert!

— Estranho. Por que iriam se dar o trabalho de nos perseguir até tão longe e depois decidir dar meia-volta?

A intuição feminina concordava com Robert, mesmo se exteriormente Eldswythe se mostrasse cética. Ela esquadrinhou os campos ao lado da estrada. Nem vacas ou ovelhas pastavam pela terra. Não havia nada para comerem, o chão marrom e seco. Não havia gente por ali também, nem viajantes.

A fumaça subia das pastagens, enegrecendo a estrada com uma névoa de cinza e brasas. Robert levou a mão para a espada.

— As pastagens comuns foram queimadas. Eldswythe receou que a devastação fosse mais uma obra de Gilroy.

— Deus os ajude.

Na vila, as lojas e casas que não estavam incendiadas haviam sido abandonadas,

as portas abertas, as venezianas erguidas. Carroças e charretes jaziam viradas, o conteúdo espalhado ao redor.

Robert desmontou e levou Barstow até a praça central.

Eldswythe saltou do lombo do cavalo e correu para o poço. Encheu uma concha e lavou o rosto e o pescoço com água fresca, enquanto Robert enchia um balde para Barstow.

— O povo daqui não foi atacado pelo exército de Gilroy, ou isso não teria sido deixado para trás. — Robert empurrou com a ponta do pé as moedas, conchas e pratos de prata caídos pelo chão. — Preciso de dinheiro e prata, mas não sou tão ganancioso para tentar embolsar esses aqui.

Eldswythe, tonta de calor e de fome, ajoelhou-se no chão. Robert acorcorou-se ao lado dela, as gotas de água brilhando em seus cabelos. Correu os olhos pela praça. Eldswythe apertou os olhos, protegendo a vista do sol.

— Por que o local está deserto? Robert meneou a cabeça.

— Seja qual for a razão, não é um bom presságio para nós. — Ergueu-a de pé e ajudou-a a subir em Barstow. — Precisamos sair deste lugar — disse, ao montar atrás dela.

Barstow trotou por entre as casas vazias de Whickerham rumo à igreja da vila. As portas do santuário estavam escancaradas. Uma carroça cheia de bancos de madeira e vestes bordadas em ouro estava estacionada ao pé dos degraus da igreja. Ainda amarrado às varas da carroça, um cavalo, caído de lado, lutava para ficar de pé.

Eldswythe ficou tensa. Mesmo à distância ela podia ver o fluxo vermelho escorrendo da narina e boca do animal. De olhos vermelhos e sangrentos nos cantos, ele arquejou, puxando o último suspiro e ficou imóvel. Eldswythe estremeceu e encolheu-se diante dos olhos fixos do cavalo morto.

Robert sacou a espada.

— Há alguém na capela. Eldswythe agarrou-o pela manga.

— Sir Robert, precisamos ir embora daqui o mais depressa pos...

Então, ela viu com horror quando o padre, o hábito branco salpicado de vermelho, saiu cambaleando da capela e caiu ao lado da carroça. O sangue corria do canto de sua boca, e ele agarrou um crucifixo e apertou-o contra os lábios. Os olhos rolaram para cima. E o padre amontoou-se ao lado do cavalo.

Os dedos de Eldswythe apertaram-se em torno do braço de Robert.

— É a Peste Negra. Vi muitas vezes em cavalos. Matou um cavaliário de um dos solares de meu pai. Assim que a hemorragia começa, não há nada a ser feito.

— Então é por isso que os homens de Gilroy recuaram. — Ele deu um tapa na coxa e praguejou. — Maldição! Eu fui imprudente. Deveríamos ter ido por outro caminho.

— Que caminho sugere? Para o Leste? Oeste? A doença pode já ter se espalhado. Não temos como saber.

Ela olhou para as pastagens enegrecidas logo além da capela, onde carcaças de ovelhas, bois e cavalos se espalhavam pela paisagem. Cobriu o nariz quando um fedor de podridão bafejou a estrada.

— Eles levaram os animais para os campos. Os mortos não enterrados são os mais contagiosos. Precisamos nos afastar daqui, sir Robert!

— Voltar e enfrentar os homens de Gilroy ou ficar aqui para adoecer sangrando de dentro para fora. Não temos nenhuma escolha a não ser seguir em frente. — Ele firmou o queixo no topo da cabeça de Eldswythe e depois lhe estendeu as rédeas. — Você escolhe o curso, milady. Não temos nada a perder.

Como você está enganado. Será um milagre se nós, ou Barstow, não adoecermos também.

Eldswythe inclinou-se para afagar o pescoço de Barstow, feliz ao ver os bosques, logo adiante, a oferecer alívio para o calor.

— Quando chegarmos a Glensbury, quero um banho — disse, enquanto afastava os cabelos do pescoço e se abanava. — E quero dormir.

Robert espantou as moscas que atormentavam os flancos de Barstow.

— E eu quero um ensopado saboroso e tão grosso que eu possa espalhar no pão.

Eldswythe virou-se para encará-lo.

— Deveria se lavar primeiro, senhor. — Torceu o nariz. Ele caiu na risada. Então, puxou Barstow pelas rédeas, parando o cavalo.

— Tome cuidado — disse, ficando repentinamente sério, conforme sacava a espada e apontava para os cavaleiros que se aproximavam.

Os dois homens pararam os animais no meio da estrada. Montados em belos palafréns, balançavam de um lado para o outro nas selas e puxavam as rédeas a fim de manter o equilíbrio. Os trajes ricos, mal-ajustados e descombinados, não eram deles, evidentemente. Os alforjes das selas ao lado dos cavalos estavam abarrotados.

O mais velho sorriu e cuspiu através dos dentes quebrados.

— Entreguem o cavalo e a espada, e seguiremos nosso caminho — disse, enrolando as palavras.

Robert ergueu a espada.

— Deixem-nos passar! — exclamou, num tom perigoso. O homem deu uma risadinha e remexeu-se na sela.

— Estamos em dois, e você é apenas um, milorde. Queremos apenas o cavalo. — Apontou a espada para Eldswythe, lambeu os lábios e piscou. — Mas essa moça bonita adoça nossa boca.

Robert murmurou para Eldswythe:

— Estão bêbados e pretendem brigar. Desça e corra. Vou distraí-los. — Apontou para a esquerda, onde o campo ainda fumegava e um cavalo jazia de pernas para o ar na vala ao lado da estrada.

A garganta de Eldswythe apertou-se. Deixar a proteção de Robert parecia uma imprudência. Entretanto, compreendia que seria difícil para ele lutar com ela agarrada às suas costas. Assim, desceu do lombo de Barstow, ergueu as saias e atravessou correndo a estrada, lutando para manter o equilíbrio. Escorregou, caindo de costas na terra, e quase aterrisou sobre o cavalo morto. Em pânico, levantou-se e saiu da vala, correndo na direção do campo e rezando para que os ladrões de cavalos não fossem segui-la através da fumaça.

Os bandidos avançaram como loucos na direção de Robert. A bebida os deixara destemidos e eles pareciam não se importar com a vida ou com os membros.

Robert ergueu a espada. O aço chocou-se ao aço, e um golpe feroz passou apenas a poucos centímetros da cabeça desprotegida do atacante. O ladrão vacilou com uma expressão de alguém que quase perdera a vida. Então, berrou para o comparsa:

— Vou pegar a moça! — Girou o cavalo e seguiu para o campo.

O mais novo dos dois, não tão corpulento nem tão bêbado, chutou o focinho de Barstow e lançou a espada para o peito de Robert. Barstow empinou quando seu dono, jogando o corpo para trás para se desviar o golpe, deixou-o sem equilíbrio. O enorme cavalo quase tombou.

Eldswythe arquejou.

Então, avistou o outro cavaleiro. O homem usava as rédeas para chicotear o animal no pescoço e na cabeça. O cavalo recusava-se a saltar, e o bandido o golpeava com força no traseiro. Apavorado e relinchando, o cavalo dançava em círculos, sem se aventurar a chegar perto da vala.

Eldswythe, continuou a correr e procurou por abrigo. Ofegou, sem ar. A fumaça

acre queimava seu nariz e sua garganta, fazendo-a tossir a ponto de vomitar. Quando, por fim, recuperou o fôlego, enxugou os olhos que ardiam. Parou atrás de uma moita fumegante e então deixou que a fumaça a envolvesse. Não conseguiria fugir de um cavalo.

Através da névoa, mal conseguia ver o cavalo ainda refugando na vala, o cavaleiro desferindo golpe após golpe na cabeça do pobre animal.

A raiva ferveu em suas veias, e uma negrura encheu sua cabeça. Ela não deixaria o cavalo saltar e nem permitiria que o cavaleiro batesse na montaria com tamanha selvageria.

Concentrou-se na imagem borrada do cavalo e com toda a força que sua voz conseguiu reunir, berrou:

— Não!

Com um corcoveio violento, o cavalo arrancou o cavaleiro de seu lombo, jogando-o no ar. O homem aterrissou na vala, o sangue escorrendo do braço ferido, o pescoço torcido num ângulo esquisito enquanto o animal galopava pela estrada.

Eldswythe suspirou.

Não pretendia matar o ladrão!

Um segundo cavalo e cavaleiro irromperam pela névoa do campo e rumaram em sua direção. Cambaleando diante do que fizera, ela reuniu forças, certa de que agora enfrentaria a ira do Criador. E merecia a punição.

Uma voz ribombou:

— Eles se foram, milady. Sumiram. — Robert saltou das costas de Barstow e passou os braços em torno dela.

Eldswythe o enlaçou pelo pescoço e enterrou a face nas dobras da túnica do cavaleiro.

— Viu o que eu fiz? Matei um homem! Oh, por todos os santos, é verdade... sou uma feiticeira de cavalos.

— Shhh... — Ele a acalmou, afagando-lhe o topo da cabeça. — O homem pretendia matá-la. E teria matado o cavalo também.

A voz de Eldswythe fraquejou.

— Estou tão cansada de fugir, sir Robert.

Ele a pegou no colo e colocou-a sobre o lombo de Barstow.

— Logo estará segura atrás das muralhas de Hillsborough, e eu guardarei o que testemunhei aqui para mim mesmo. — Saltou no dorso de Barstow e sentou-se atrás dela. — Acho seu talento fascinante, e quem sabe sinta um pouco de ciúme por não possuí-lo.

Limpando o rosto manchado de fuligem, ela aconchegou-se ao peito de Robert.

— Talvez eu o tenha julgado mal.

— Em que sentido? Em meu engenhoso controle de uma espada? Minha perícia na equitação? — ele a provocou.

— Deveria ter me deixado para eles. Mesmo que eu não sobrevivesse, o rei o recompensaria por acabar com o desafio de Gilroy. O que importa a ele que eu viva ou morra? Por que você se importa, a ponto de arriscar sua vida me defendendo?

— Sua vida, milady, é importante para o rei. Ele tem um plano a seu respeito. E você também é importante para o povo de Crenalden, que espera que o liberte. É importante para mim... porque terei uma feiticeira de cavalos para nos levar a salvo para casa em Hillsborough. — O tom bem-humorado desapareceu de sua voz. — O conde de Gloucester, sem dúvida, está ansioso pelo momento em que a tomará como esposa. Fosse eu na situação dele, seria isso a me manter vivo. — Robert inclinou-se, comprimindo o peito largo às costas de Eldswythe.

De olhos baixos, ela aconchegou-se a ele, extraindo conforto daquela presença sólida.

— Obrigada por salvar minha vida. — Incerta do que dizer, ela ocupou-se inspecionando a substância grudenta que manchava a ponta de seus dedos e se espalhava pela manga do vestido.

Sentou-se empertigada e ergueu as mãos. Sangue. Sangue fresco.

Eldswythe puxou as rédeas de Barstow, fazendo o cavalo estacar.

— Está ferido?

Robert encarou-a, perplexo.

— Não, por que pergunta?

Ela agarrou-lhe a mão e virou-a para cima. Um corte nos últimos dois dedos, emplastrado de terra, abria-se pelas articulações.

Eldswythe sentiu a cor fugir de suas faces.

— Isso precisa ser tratado. Ele riu.

— É apenas um arranhão. Vai sarar. — Esfregou o ferimento ensangüentado no queixo e depois massageou o pescoço. — Já sofri coisa pior.

Eldswythe ergueu a saia e rasgou a barra da combinação manchada de sujeira.

— Receio que possa ser mais que isso. — Cuspiu no pano e limpou o ferimento. Enrolou o pano em torno dos dedos de Robert. — Mantenha coberto. A Peste Negra se espalha de vacas para cavalos e depois para ovelhas... e gente. A doença sobe do sangue pútrido que exala dos infectados e se mistura ao ar.

Robert empurrou-lhe a mão.

— Então, não cuide de mim, milady. Vai arriscar sua própria vida.

Saltou e deu a volta em torno de Barstow, inspecionando o animal. Ergueu-lhe a cauda, parou e correu as mãos para cima e para baixo e por dentro das pernas do cavalo.

— Graças a Deus, Barstow não tem nenhuma marca.

— Talvez não fique doente. Vamos rezar para que não aconteça. Embora muitos cavalos morram de infecção dos pulmões ainda que não tenham nenhum ferimento.

Eldswythe respirou fundo.

— Sir Robert, há uma casa adiante. Quem sabe encontremos comida e descanso. Preciso cuidar melhor de sua mão.

— Milady, podemos dispensar as formalidades? Talvez não vivamos o bastante para nos conhecer melhor. Por favor, me chame pelo meu nome de batismo.

De fato, o perigo da viagem aumentara dez vezes mais. O tratamento formal parecia frívolo.

— Nesse caso, então, me chame de Eldswythe. Prefiro meu nome mesmo ao... outro.

Ele afastou-lhe os cabelos da face.

— É difícil resistir à tentação de chamá-la de feiticeira, quando vi o que acabo de ver — ele protestou.

— Tente, por favor. Caso contrário, terei de chamá-lo de algo igualmente repugnante e não será Robert.

Capítulo VI

Entraram em silêncio no quintal vazio da casa de taipa. A construção tinha dois andares e um teto de palha e madeira com uma chaminé alta de pedra. Roupa lavada pendia na janela do segundo andar. Contudo, além dos pombos que arrulhavam sob os beirais, não havia uma alma viva por perto.

Robert ajudou Eldswythe a aparecer.

— Parece que as notícias de Whickerham os assustaram. Pelos menos não queimaram o lugar.

Eldswythe seguiu-o até o celeiro. Não havia nenhum animal lá dentro, mas as baias estavam limpas e havia água fresca no coxo.

Barstow encontrou a manjedoura e encheu a boca de feno. Robert riu.

— Barstow, descanse um pouco e coma até se encher. Tomando Eldswythe pela mão, ele sacou a espada e aproximou-se da casa.

Na cozinha, um grande naco de veado salgado ainda pendia nos ganchos de secagem. Havia uma barrica de carvalho ao lado de uma prensa de maçãs, e o cheiro da fruta pairava no ar. Canecas de madeira espalhavam-se pela mesa da cozinha onde havia pedaços de pão e porções de queijo, tudo abandonado na pressa.

Robert puxou um banco e ofereceu uma cadeira a Eldswythe.

— Um banquete. — Encheu duas canecas de cidra e ergueu-as. — E dois dias de jornada daqui a Hillsborough.

— Estendeu uma caneca a ela.

Eldswythe tomou um gole da bebida perfumada, tão fria e doce que chegava a travar a garganta. Robert cortou uma fatia de carne e colocou-a entre duas fatias de pão.

— Não é um ensopado, mas vai servir. — Piscou e deu uma mordida no pão.

O estômago de Eldswythe estava oco como um tambor vazio. Queijo e pão nunca tivera um sabor tão bom. Satisfeita e saciada, ela encheu uma tigela com cidra.

— Dê-me sua mão, Robert.

Ele pousou a mão inchada na mesa e ficou a observar Eldswythe conforme ela desenrolava a atadura. Flexionando os dedos, ele parecia indiferente à dor que um ferimento daquele tamanho devia provocar.

Relaxado, a mão nas dela, Robert deixou-a inspecionar o corte atentamente.

Ela ergueu os olhos e se deparou com Robert a fitá-la, o olhar toldado. Seu coração disparou.

Ruborizada, mergulhou os dedos dele na tigela, examinando a cozinha ao redor.

— Se tivessem ameixas secas, eu faria um unguento com elas. São muito eficientes contra a Peste Negra. Mas a cidra deve ajudar. — Massageou o ferimento, limpando a terra e o sangue seco.

Robert inclinou a cabeça para trás, as rugas nos cantos dos olhos suavizando-se. Sua respiração acalmou-se conforme ele afundava na cadeira.

Na quietude da casa, Eldswythe receou que ele pudesse ouvir as batidas disparadas de seu coração. Ela havia cuidado dos ferimentos do conde de Gloucester uma vez quando ele fora jogado numa moita de sarças pelo cavalo. Porém, sua pele não tinha formigado quando ela o tocara, como formigava quando tocava Robert Breton.

Robert abriu os olhos e surpreendeu-a a fitá-lo.

Mais que depressa, Eldswythe levantou-se e jogou a cidra da tigela pela janela. Voltou e enxugou os dedos dele com o canto da toalha da mesa.

— Obrigado. Não estou acostumado aos cuidados de uma mulher — ele murmurou, a voz rouca. Levantou-se. — Uma boa mudança merece outra. — Apontou para uma pequena tina ao lado do fogão de cozinhar. — Dentro de uma hora, você terá seu banho. Vá procurar um esfregão e algumas roupas secas. Encontre-me na sala.

Ansiosa para se ver limpa, Eldswythe não perdeu tempo. Com os braços cheios de roupas e toalhas que encontrara nos quartos do segundo andar, apressou-se a ir até a sala.

Havia dois bancos e uma mesa de jantar diante de uma estreita lareira de pedra, onde o fogo aquecia o ambiente e lançava um brilho dourado pelas paredes caiadas de branco. Robert enchera a tina com água fumegante e colocara a cadeira ao lado da lareira.

Eldswythe deixou as toalhas sobre a mesa.

— Encontrei isso nos quartos de dormir lá de cima. Roupas limpas que felizmente devem servir, e uma escova macia e toalhas de enxugar.

Robert sorriu, satisfeito.

— Se houver mesmo camas lá em cima, isso é mais do que eu poderia esperar. — Esticou as pernas e inclinou-se para a frente na cadeira. — Vá primeiro. — Apontou para a tina. — A água não ficará quente por muito tempo.

Eldswythe cruzou os braços, endereçando-lhe seu melhor olhar de reprovação.

— Eu a deixaria a sós, mas não sabemos o que pode haver por aí. Ladrões. Homens de Gilroy. Os donos deste lugar não ficariam contentes de nos encontrar aqui, tenho certeza. Preciso ficar, mas virarei de costas. Chame quando terminar. — Levantou-se, virou a cadeira e sentou-se de novo, desta vez olhando para a porta.

Eldswythe hesitou, mas acabou tirando os sapatos e arrancou o vestido azul, imundo. Entrou na água fumegante e deixou a combinação cair no chão conforme se sentava para que Robert não pudesse vê-la. Sentiu que quase se derretia quando, o calor penetrou em seus ossos e, depois, começou a esfregar-se, lavando os cabelos, tirando algas do rio dos nós emaranhados. Contento de ter lavado toda a sujeira, saiu da tina e secou-se até a pele ficar avermelhada, com cuidado para manter a toalha cobrindo seu corpo ao máximo.

Enfiou a combinação emprestada e um vestido cor de oliva sobre a cabeça, e sentou-se descalça diante do fogo. As roupas eram macias de usar, e cheiravam a lavanda e menta. Com ar distraído, ela esfregou a toalha pelos cabelos e pensou em enrolar-se na cama, mas virou-se para passar um pente pelos cabelos horivelmente embaraçados.

Robert aproximou-se dela, tirando a túnica e a camisa.

— Pensei, que nunca fosse terminar. — Arrancou as botas, que caíram perto do fogo que luzia na lareira.

O rubor espalhou pela pele de Eldswythe. Erguendo a toalha molhada, ela a atirou no peito de Robert.

— Estava me espiando? Robert desviou-se da toalha.

— Cansei de esperar. E se não tomar logo esse banho, vou cair dormindo com toda a minha sujeira. Uma bela cama de crina e palha está me esperando. — Soltou as ceroulas. — A menos que você queria me espiar, sugiro que vire de costas.

Eldswythe recuou, fingindo ignorá-lo. Mas a última coisa que poderia fazer era ignorar Robert Breton. Quando ele havia tirado as roupas na cabana, e ela o observava, não conseguira controlar os impulsos que tinham enchido sua cabeça com pensamentos que uma mulher não deveria ter. Contudo, mais uma vez, não pôde desviar os olhos.

Robert pegou a toalha do chão. Jogou-a, junto com as ceroulas, sobre o colo.

— Olhe para o outro lado, embora seja difícil me enxergar com de toda essa sujeira

— ele disse, entrando no banho.

Seus joelhos se dobraram até o queixo, e ele estendeu a mão para fora.

— Poderia fazer a gentileza de me dar o esfregão? Eldswythe pegou a escova do chão.

— Você não me deu tempo nem de sair ou de desviar meus olhos!

Robert riu e ergueu a mão em concha, lavando o rosto.

— A água na tina está escura de sujeira de seu banho. Você não vai conseguir ver nada. — Inclinou a cabeça e esfregou os cabelos. — Além disso, poderia ter fechado os olhos no tempo que levou para eu abaixar as ceroulas. Não sou tão rápido. Se você viu alguma coisa é porque quis olhar!

Eldswythe levantou-se, irritada.

— Sir Robert, saiba que eu sou... Ele pousou a mão no coração.

— Eu sei... você é noiva. Mas isso não a impediu de me olhar, nem a mim de ter pensamentos que eu não deveria ter sobre uma dama comprometida.

Ela jogou a escova e acertou-o na cabeça.

Robert soltou uma risadinha e esfregou o couro cabeludo.

— Eldswythe, fui noivo uma vez. Mas isso não me impedia de olhar também.

— Aposto que esses olhos indiscretos são o motivo de não ser casado. E é melhor para todas as mulheres que você fique desse jeito.

Robert saiu da tina, espalhando água por toda parte.

— É o que eu pretendo. — Pegou uma camisa da pilha de roupas e enfiou-a pela cabeça. — Quando uma mulher alega amar o futuro marido e depois olha para outro homem do jeito que você olha para mim, talvez ela devesse pensar melhor. Há conseqüências para suas ações.

Sem fala, Eldswythe passou por ele.

— Vou para cama.

Seus passos ressoaram pelas escadas. Ao entrar no quarto, ela bateu a porta e puxou a tranca para baixo.

Robert afundou-se na cadeira diante do fogo e engoliu um longo gole de cidra. Não tinha energia para enfiar as calças e não se deu o trabalho de amarrar a camisa. Erguendo os pés e pousando-os na banquetela, fechou os olhos, recordando-se da visão de Eldswythe se banhando. Realmente, ela era alta e magra para seu gosto, mas os quadris sugeriam a suavidade de uma mulher. Os seios eram grandes o bastante para fazê-lo arder de desejo. Não deveria ter olhado, mas a tentação fora impossível de resistir.

Examinou a mão latejante. Era um ferimento sem importância que ele não teria se dado o trabalho de tratar. Achou incrível que doesse tanto.

Estremecendo, esfregou a cicatriz em torno do pescoço. Depois de um ano, a pele rosada e irregular ainda era insensível e impossível de esquecer. Um ferimento que teria matado a maioria dos homens.

Misericordiosamente, seu cérebro bloqueara a dor daquele ferimento. Virou o pescoço para alongar os músculos doloridos. Passara os dias na fria cela do mosteiro sem dar graças por ter sobrevivido, mas imaginando maneiras de matar o homem que roubara seus cavalos, sua armadura e a coisa que importava mais... a mulher que ele amava.

Margaret de Suttony.

Maldição!

Todos em Hillsborough tinham testemunhado sua derrota.

Atirou a caneca pela sala. O ferimento em seu pescoço havia sarado, mas a raiva pela traição ainda infeccionava sua alma. Ele fechou os olhos. A visão de Margaret com as pernas enroscadas à cintura de John Gilroy, cujas nádegas nuas investiam avidamente sobre ela, que gemia e se retorcia debaixo dele, era mais do que Robert poderia suportar.

Entornou outra caneca de cidra.

O fogo queimava, e sua pele começou a arder. Pareceu bom a princípio, mas depois se tornou mais quente do que ele desejava. Porém, estava exausto demais para se mover. Deixou a cabeça pender, o queixo apoiado ao peito.

Pensou em Eldswythe. As gotas d'água escorrendo por suas pernas, os cabelos negros molhados enrolando-se em torno de sua face. Seu corpo comprimido ao peito dele enquanto cavalgavam no lombo de Barstow...

Pela paz do Senhor, as curvas suaves e o estranho olhar de prazer em sua face enquanto ensaboava os seios firmes, era o bastante para deixá-lo insano de desejo.

— Eldswythe... — chamou, ciente de que sua voz era apenas um mero murmúrio, embora soasse aos seus ouvidos como carrilhões de igreja. — Eldswythe...

Ela, porém, não respondeu.

Capítulo VII

A luz filtrou-se pela janela estreita enquanto o canto de um galo rompeu o silêncio da manhã. Eldswythe esfregou os olhos e rolou de lado. Percebeu que estava sozinha. Saltou da cama e correu para erguer a barra que trancava a porta do minúsculo aposento. Descalça, desceu correndo a escada até a sala.

O fogo estava frio, e Robert jazia encolhido na cadeira, ressonando.

Eldswythe pousou a mão no ombro dele.

— Oh, sinto muito, Robert. Eu deveria ter ido para o quarto das crianças e dormido na cama menor ou, pelo menos, jogado algumas cobertas pela escada.

Ele não se mexeu.

Eldswythe cutucou-o no ombro.

— Robert?... Ele gemeu.

Ela tomou-lhe o queixo entre as mãos e comprimiu a palma contra a pele quente. Seu pulso disparou. Robert queimava de febre.

— Oh, Deus, não!

Ele ergueu as pálpebras pesadas.

— Que bom, você ainda... está aqui — disse, levantando a mão, os dedos arroxeados das articulações até as pontas. — Receio que seja mais do que um arranhão.

Eldswythe mergulhou uma toalha nos restos da água gelada do banho e depois o enrolou em torno da cabeça de Robert.

— Vou ajudá-lo a ir para a cama. Venha.

Robert apoiou-se nela, os joelhos vergando sob o próprio peso. Quando chegou à cama de casal, desabou.

Erguendo-lhe a mão, Eldswythe examinou as pústulas em torno da borda da ferida. Sua calma desapareceu, e ela esforçou-se para não demonstrar o susto.

— Vou pegar mais toalhas e água.

Robert tocou-lhe a mão, os dedos fracos e trêmulos.

— Eldswythe, a noite passada... sinto muito. Você não merecia minhas palavras ásperas.

— Nem você as minhas. Poupe sua energia. — Pousou a palma na face vermelha de Robert. — Vou até a cozinha. Volto logo.

Saiu correndo do quarto, sabendo muito bem que ele poderia não sobreviver àquele dia. Santos abençoados! A vida de Robert significava mais para ela do que algum dia sonhara. Se ele morresse, ela ficaria sozinha. Porém, se ficasse ali com ele, poderia adoecer nas próximas horas.

Parou diante da porta que se abria para o quintal. Barstow estava no celeiro. Seria bastante fácil ir embora. Deixar Robert Breton. Seria mais seguro do que ficar ali, exposta ao contágio.

As entranhas de Eldswythe se reviraram, remoendo-se de aflição. Se ela o abandonasse, ele provavelmente não sobreviveria. As chances de Robert eram apenas um pouco melhores se ela o tratasse.

Hesitante, olhou para as escadas, para o quarto e depois de novo para a porta. Não encontrou forças para obrigar os pés a se moverem. Que possessão sir Robert Breton exercia sobre ela? Era forte o bastante para mantê-la ali e fazê-la arriscar sua própria vida?

Eldswythe fechou os olhos, procurando acalmar os pensamentos. Ela era uma curandeira. Não poderia afastar-se diante de alguém que sofria, nem suportaria pensar em nunca mais vê-lo outra vez.

Passou correndo pela porta na direção da cozinha.

Remexendo a despensa, procurou por ervas e utensílios. Não havia nada que ela pudesse usar, a não ser uma faca de descarnar. Deus Todo-Poderoso, não chegaria a precisar dela.

Subiu correndo as escadas.

Robert estava esparramado na cama, a camisa emprestada mal cobrindo seus quadris. Eldswythe ergueu-lhe a cabeça e segurou uma caneca em seus lábios, colocando cidra misturada com água em sua boca.

Ele ergueu a mão flácida e enxugou o líquido que caía do queixo.

— Diga-me, morrerei disso, bela feiticeira de cavalos, ou você pode me curar?

— Você não vai morrer. Eu não deixarei. — Lágrimas quentes encheram-lhe os olhos.

— Minha senhora — ele murmurou, com voz rouca —, algum dia vai admitir que é uma feiticeira de cavalos. Não terá paz até aceitar sua sina. Eu a vi curar meus cavalos e assustar um garanhão para depois fazê-lo fugir. Você deveria abraçar seu dom, não negá-lo. — Sorriu, debilmente. — Agora, diga a verdade sobre a marca do demônio que tem em seu adorável traseiro.

Eldswythe não deixaria que ele soubesse como estava assustada.

— Não é a marca do demônio! O cavalo de meu pai me mordeu quando eu era pequena. Nunca mais virei as costas para um cavalo de novo. Foi uma lição dolorosa que deixou uma cicatriz. — Pegou um banco ao lado da cama.

Robert virou a cabeça em sua direção, e ela cobriu-lhe a testa com uma toalha molhada.

— O que eu sei, aprendi com Safia, uma sarracena convertida ao cristianismo que veio para Crenalden com meu pai quando ele voltou da primeira visita ao Oriente. Papai disse que a trouxera junto porque ela fora boa com seus cavalos e queria vir para a Inglaterra. Cuidava dos estábulos para ele e cavalgava Um garanhão tão negro como azeviche. Khalif, ela o chamava. Um cavalo pequeno, porém mais rápido do que qualquer um dos estábulos de meu pai. Khalif podia viajar milhas antes de precisar descansar.

Eldswythe abaixou a cabeça para auscultar o peito de Robert. Enxugou-lhe o pescoço e os ombros com um pano e depois continuou:

— Como curandeira de cavalos e treinadora, Safia se comprovou inestimável. Tomou-me sob suas asas e me ensinou quase tudo que eu sei.

Robert resmungou:

— O que aconteceu com ela?

— Um ano atrás, ela foi açoitada por uma multidão que a caçava com lanças e ancinhos. Gritavam que ela era uma feiticeira de cavalos e ameaçaram arrastá-la atrás de um cavalo até que ela morresse, caso não fosse embora. Ela gritou, chamando por meu pai. Ele virou-lhe as costas, e a multidão expulsou-a do castelo. Não sei por que ele não a ajudou. Ela não era uma feiticeira de cavalos. Chorei durante dias. Safia estava tão desesperada para salvar a própria vida que deixou os livros, a Hylica, e Khalif para trás. Não sei para onde foi, ou mesmo se está viva.

Eldswythe pousou a mão na testa de Robert. Ele estava mais quente que uma hora atrás. Então, cobriu-lhe a testa com mais toalhas molhadas e colocou panos ensopados sobre o restante do corpo dele.

Sua voz vacilou quando ela banhou-lhe o pescoço e as faces.

— Khalif sentiu tanto a falta de Safia que parou de comer. Ficou tão doente que quase morreu. Suava e espumava pela boca e muitos disseram que ele estava possuído pelo demônio. Eu sabia que não. Mas não conseguia diagnosticar sua doença. Finalmente, quando a época de cria começou na primavera, sua atitude e seu apetite melhoraram. Ele é tudo o que eu tenho que restou de Safia. — Ela abaixou os olhos. — A Hylica que Gilroy jogou no rio era dela.

Os olhos de Robert ardiam pelo vazio das pálpebras entreabertas. Eldswythe duvidava de que ele tivesse ouvido uma palavra. Lutou contra as lágrimas enquanto mergulhava mais toalhas na água e as colocava debaixo dos braços dele.

— Por favor — murmurou —, não me deixe também.

— Tenho sede... — ele murmurou.

Ela encostou-lhe a caneca de cidra nos lábios, e Robert abriu os olhos, toldados e vazios.

— Basta? — indagou, com ar de súplica.

— Basta o quê? — Ela acariciou-lhe a testa. Robert pousou a mão no braço de Eldswythe.

— Eu basto? É tudo o que tenho a oferecer. Nem ouro, nem título. Meu irmão é o conde, não eu.

Eldswythe conteve a respiração.

Os dedos de Robert puxavam-lhe o vestido.

— O que mais você quer, Margaret? Um castelo? Um reino? Eu lhe daria, se pudesse.

Santa Maria!

Eldswythe procurou palavras para confortá-lo, lutando para ignorar a pontada de ciúme. Ele pensava que estava falando com lady Margaret.

— Robert Breton, você é um mestre cavaleiro, o melhor que já vi. Isso é suficiente para mim.

Robert deixou a mão cair. Uma expressão de calma espalhou-se por sua face conforme a respiração se acalmava. Sua cabeça rolou de lado.

Exausta, Eldswythe sentou-se na cama. Depois, deitou-se e sem pensar, descansou a cabeça dolorida no travesseiro perto dele. Passou o braço pela testa de Robert e fechou os olhos.

Jesus, por favor, não o leve.

Se pelo menos Safia estivesse ali. Ela vira a Peste Negra muitas vezes antes, tanto na Inglaterra como em Acre. Eldswythe sabia que havia outras coisas para tentar tratar a doença. Se pudesse se lembrar... Se tivesse sua Hylica... Amaldiçoado John Gilroy por destruir seu livro. Quem dera que a mulher que fora sua mestra, sua amiga, quase sua mãe estivesse ali...

Permitiu que sua mente divagasse e, de repente, ela viu o pai ordenar a Safia que

partisse. Mesmo as súplicas da filha não o havia comovido. Ele nem pareceu escutá-la, ao sorrir para uma bela lavadeira que passava com uma cesta de roupas apoiada nos quadris generosos, as saias erguidas e presas no avental, revelando pernas benfeitas e belos tornozelos.

Eldswythe sentou-se e levou a mão à boca. Vira seu pai sorrir daquele jeito antes. Para a lavadeira... Para lady Beatrice... Para Chloe, a filha do cervejeiro...

Mãe do céu! Seu pai tivera muitas mulheres, bem diante de seus olhos. Ela era inocente demais para entender, mantida por muito tempo num convento para compreender o que via. As lágrimas marejaram seus olhos, pendurando-se nos cílios.

Seu pai não era o santo que ela imaginara que fosse. Será que alguma vez ela soubera o que havia no coração dele? Ele amara sua mãe? Ou Isolda?

Ele a amava?

Eldswythe ergueu a cabeça e examinou a face de Robert. O queixo e a linha do maxilar tinham traços fortes. Malares esculpidos e olhos profundos. Lábios cheios, pálidos. Mesmo perto da morte, era um belo homem. Quantas mulheres, ela imaginou, tinham sorrido para Robert Breton?

Ele amara pelo menos uma mulher. Margaret de Suttony, a mulher que seu pai dissera que sir Robert arruinara.

Embora a idéia fosse estranhamente dolorosa, era bom saber que Robert amara Margaret com tanta paixão, todos deveriam experimentar esse tipo de amor uma vez antes de morrer.

Uma lágrima escorreu por sua face. E Eldswythe deu-se conta de que sua alma ansiava por Robert Breton, pelo cavaleiro de uma casa rival, pelo homem que pretendia apossar-se de sua terra. Havia tantas razões para ir embora daquele lugar... Contudo, não conseguia.

Não poderia.

Estava apaixonada por Robert Breton, um homem que, com todo o direito, ela deveria detestar.

Um homem que poderia não sobreviver àquela noite.

Robert sentia o corpo todo doer. Pernas e braços estavam pesados como chumbo. Custava-lhe cada bocado de energia continuar respirando. Ele apertou os olhos para poupar os olhos da luz débil de uma única vela que queimava na escuridão.

Sua pele estava quente e a mão enfaixada latejava. Mas, na ponta dos dedos da outra mão, ele podia sentir cabelos sedosos e uma respiração suave.

Uma mulher! Margaret?...

Não. O cheiro que pairava pela cama era por demais terreno e muito limpo. Em nada lembrava o aroma pesado e doce do perfume de Margaret.

Por Deus, era a feiticeira de cavalos!

Teve vontade de estender a mão, tocá-la, segurá-la nos braços. Sua proximidade dava-lhe conforto de um modo que Margaret nunca dera.

Imagens dispararam por sua mente... Eldswythe parada na praia, os cabelos açoitados pelo vento, o sol brilhando na pele macia. A risada cristalina. O sorriso travesso quando o empurrara e ele caíra de traseiro na água. Ela dormindo ao lado do fogo na cabana do ermitão... e de pé no campo cheio de fumaça, tomada de terror, mas determinada.

Ele admirava-lhe o espírito, o conhecimento. Eldswythe sabia coisas sobre um cavalo de que ele nunca ouvira falar. E, pelos santos, quando se aconchegara a ele na sela, fora preciso toda a sua força de vontade para ignorar o fogo que ela acendera em seu coração... e mais embaixo.

Se ele pudesse sorrir, sorriria, mas seus lábios estavam secos e quebradiços.

Então, sentiu um movimento. E, logo, uma concha de cidra fresca apertava-se à sua boca. Um rosto oval de olhos verdes-escuros assomaram da névoa ao seu redor.

Alguém se importava com ele a ponto de lhe dar de beber.

Lady Eldswythe. Ela arriscava a própria vida para ficar com ele.

Robert meio que desejava que o conde de Gloucester ficasse apavorado diante da perspectiva de um casamento com uma feiticeira de cavalos. Então, ela seria livre. Livre para cavalgar com ele. Ele a tornaria sua esposa e depois encheria os estábulos de cavalos e o berçário de crianças. Crianças.

Sua cabeça doía, mas não de febre. Da ira doentia pela traição de Margaret.

Oh, Senhor! Como poderia ele contar a Eldswythe que o rei lhe prometera a terra de Crenalden, o próprio trecho ao longo do rio Greve que suas famílias disputavam fazia anos? Ela o odiaria se soubesse, e nunca concordaria em desposá-lo. E ele jamais conseguiria convencê-la de que não era a terra que ele desejava.

A culpa devastou seu corpo febril. Seria o certo se ela deixasse a Peste Negra levá-lo. Se vivesse para derrotar Gilroy, tomaria a terra de Eldswythe e, fazendo isso, mataria a própria alma... e a dela.

Jesus. Não deixe que ela encontre a carta.

Esperava que Deus o ouvisse, e não o demônio.

O som do vento das árvores despertou Eldswythe. Robert continuava deitado exatamente como estava antes que ela adormecesse com a cabeça no travesseiro ao lado dele... braços caídos ao lado do corpo, pernas esticadas e pés quase pendurados para fora do colchão. A pele continuava quente e seca, a face acinzentada.

Eldswythe cortou a atadura de sua mão. As pústulas estavam maiores e os dedos pretos. Ela saltou da cama e pegou a faca da cozinha que deixara sobre a mesa e lancetou as bolhas em torno dos nós dos dedos. Pegando os panos, roupas e qualquer coisa que usara para os curativos, jogou tudo no fogo. Arrancou o vestido emprestado e queimou-o também, e depois correu nua do quarto para a sala.

Jogou fora a água da tina e encheu-a de novo. A água fria provocou arrepios por sua pele, mas ela esfregou-se com o último fragmento de sabão, até a pele avermelhar e arder.

E isso impediu sua mente de entregar-se ao terror que galopava por suas entranhas.

Com a pele reluzindo, ela saiu da tina e vestiu o único outro vestido que encontrara, uma roupa larga e rústica da cor de um saco de trigo.

Apressou-se a subir as escadas. Não importava agora que ficasse em contato com o sangue e a descarga pútrida que acompanhava a Peste. Não importava que dançasse com o demônio cada vez que entrava no quarto de Robert. Sabia o que tinha de fazer.

Mesmo que ele não sobrevivesse. Robert Breton, o homem que se apossara de seu coração, não merecia morrer sozinho.

Seus joelhos tremiam quando ela tirou as cobertas de cima do corpo quase sem vida do cavaleiro. Puxou as mangas da camisa dos braços de Robert e a tirou pela cabeça, deixando à mostra o peito largo e sem pelos, a pele macia e quente ao toque. A respiração rouca era rasa e lenta, e as costelas se alargavam conforme ele respirava.

Ela o despiu e, quando terminou, ele jazia deitado nu, uma estátua de máscara perfeita. Apesar da febre devastadora e do sono profundo induzido pela Peste, parecia cheio de vitalidade e muito vivo, como se a qualquer momento pudesse saltar da cama.

Eldswythe ergueu-lhe os braços para sentir a parte interna, apalpando em busca de nódulos denunciadores sob a pele, depois bateu sob os ouvidos e junto ao pescoço ao lado da cicatriz. Nenhum calombo ou nódulos.

Ela respirou fundo. Havia apenas um último lugar para examinar. Correu as mãos pela caixa das costelas, descendo pela cintura e abaixo dos quadris de Robert. O sexo viril repousava entre as pernas, longo e grosso, num ninho de pelos crespos.

Com as mãos trêmulas, Eldswythe explorou as pregas da virilha, nos lugares onde sabia que a Peste poderia se espalhar. A pele de Robert estava quente e macia, os pelos

ásperos e grossos.

— Minha Nossa Senhora, ele é tão grande como Barstow!

O que estava pensando? O homem estava às portas da morte e ela não conseguia resistir a necessidade de tocá-lo!

Afastou as mãos, embaraçada diante das próprias ações e pensamentos, mas satisfeita com a inspeção. Suspirou fundo, e puxou as cobertas. Sentou-se na cama, descansando a palma no peito de Robert.

— A Peste não se espalhou. Por favor, fique comigo, Robert — murmurou.

Sem medo ou hesitação, abaixou a cabeça e beijou-lhe os lábios de leve, o cheiro másculo almiscarado e familiar agora.

A fadiga a consumiu, esgotando a energia que mantivera seus ossos e músculos funcionando. Ela esticou-se ao lado dele na cama e depois pousou a mão em seu peito outra vez.

Rezou para que o coração do cavaleiro não parasse de bater.

Barstow relinchou. Seu chamado estridente ecoou pelo celeiro, atravessou o quintal e passou pela janela do quatinho. Então, escoiceou a porta da baia, acordando Eldswythe num sobressalto.

Ela esfregou os olhos sem se atrever a olhar para o homem com quem passara a noite, receando não encontrá-lo com vida. Porém, os braços estavam quentes, e a extensão das pernas perto das suas emanava um calor suave.

Procurou-lhe o pulso. Era débil, porém firme. Pela primeira vez, Eldswythe se permitiu ter esperanças.

Uma voz baixa ressoou ao seu lado.

— Barstow parece vivo e bem. — Robert ergueu a mão enfaixada, virando-a para examinar o inchaço. — Dói como o diabo. — Bocejou. — Por quanto tempo eu dormi?

Eldswythe levantou-se, endireitando a túnica e alisando os cabelos emaranhados.

— Não tenho certeza. Um dia. Dois... quem sabe. Dei de comer e beber a Barstow pelo menos seis vezes.

Sentiu o rubor espalhar-se por suas faces. Ao mesmo tempo, teve vontade de jogar-se de novo na cama e cobrir Robert de beijos.

Ele gemeu e tentou erguer as pernas, o esforço deixando-o sem fôlego.

Caiu de costas e depois estendeu a mão e segurou a dela.

— Você dormiu ao meu lado todas as noites? Ela baixou os olhos.

— Não, mas a noite passada eu estava exausta e você parecia tão pálido... Devo ter adormecido sem perceber onde estava.

Os dedos de Robert apertaram-lhe gentilmente a mão.

— Sua presença me reconforta. Eu lhe agradeço, milady, por minha vida.

Entrelaçou os dedos nos dela, e sua energia vital mesclou-se à dela. Um arrepio lhe correu pelo braço, e Eldswythe engoliu em seco, lutando contra a poderosa conexão que a atraía para Robert Breton, de uma fonte que ela não conseguia definir.

Naquele instante, ela percebeu que tinha o destino vinculado à vida daquele homem. O único homem que compreendia seu esforço. A única pessoa na face da Terra a quem ela admitira o que por tanto tempo negava. Era uma feiticeira de cavalos.

Ele soltou-lhe os dedos e depois tateou sob as cobertas, com um ar de espanto fingido.

Ela gaguejou:

— Queimei nossas roupas. Carregavam o contágio.

— Ah... — Ele sorriu, debilmente. — Você cuidou... de todas as minhas necessidades?

Eldswythe sentiu o calor subir às suas faces outra vez. Ignorou a pergunta.

— Está com fome?

— Não. — Ele fez uma careta e esfregou a cicatriz no pescoço.

Eldswythe enfiou os dedos no pote de manteiga sobre a mesa e sentou-se ao lado dele.

— Isso irá acalmar. — Esfregou a manteiga na cicatriz e sentiu a tensão relaxar sob seus dedos.

Robert gemeu e fechou os olhos.

— A febre quase o matou. Mas vejo que não é a primeira vez que você esteve tão perto da morte. Como arranjou um ferimento tão medonho?

— Em Smithfield — ele resmungou.

— No dia em que foi arrancado da sela? — As mãos de Eldswythe deslizavam mais lentamente até que ela parou de massagear a cicatriz. — Mas as pontas da lança estavam protegidas para a competição.

— Nem todas. Alguns preferiram ignorar as regras.

Ela franziu a testa, sabendo que uma lança aguçada poderia atravessar o ponto vulnerável entre a touca e a cota de malha do ombro, matando um homem tão depressa como qualquer espada.

— O juiz soube que seu adversário o atacou com uma ponta de verruma?

— Não, e o único que poderia fazer a acusação jazia sangrando no chão, o elmo pisado e esmagado na cabeça.

— Quem foi o cavaleiro que quase o matou? Ele deveria ter sido responsabilizado. Ele mal moveu os lábios.

— Você o conhece.

Intrigada, Eldswythe tentou recordar-se dos desafiantes no campo aquele dia.

— Quem? — Então, seus olhos se arregalaram. — John Gilroy?

Robert concordou e fechou os olhos.

— Preciso dormir de novo — disse, num murmúrio. — Gostaria muito que você se sentasse ao meu lado. Não precisa se preocupar. Nunca forcei uma mulher a deitar-se. em minha cama.

Eldswythe sorriu. Ele mal tinha a força de um gatinho recém-nascido, mas era corajoso a ponto de brincar. Ficou contente que ele a quisesse a seu lado.

Puxou o banquinho de sob a janela e colocou-o junto da cama.

— Ficarei, Robert, pelo tempo que precisar de mim.

Capítulo VIII

John Gilroy sentou-se em sua poltrona, cruzando as pernas uma sobre a outra e lambeu o dedo. O castelo de Crenalden não era muito de seu agrado, mas as colméias estavam cheias de mel e a lareira era grande o suficiente para assar um veado. Caso contrário, o lugar seria muito espartano para seu gosto.

Cortou um bocado de peixe ensopado. Mastigando com cuidado, fez um gesto abrangente.

— Pela aparência das coisas por aqui, o velho conde gasta todos os seus recursos com aqueles malditos cavalos. — Pegou uma caneca desbeijada de madeira e ergueu-a para que a enchessem de novo. — Pelo amor de Deus, por que não pendurar uma ou

duas tapeçarias ou um quadro nas pedras da lareira? E onde estará a prataria? Disseram que ele recebia o rei!

Não esperou resposta. Seus homens concentravam-na na comida.

Um garoto magro e descalço, encheu sua caneca e depois estendeu uma pequena tigela de cerâmica. Gilroy mergulhou os dedos na vasilha e os enxugou na toalha da mesa, os lábios torcidos de desgosto. Esperava coisas mais finas como butim. Sedas, talvez, ou pelo menos trilhos de veludo sobre a mesa.

Aos trinta anos de idade, ele se acostumara a certos luxos. A guerra era o meio mais eficiente de obter qualquer coisa que um homem desejasse. As circunstâncias e as guerras, felizmente, proporcionavam oportunidades inesperadas. Riu diante da ironia de encontrar o castelo de Crenalden desprovido de prataria. Devia estar, escondida, suspeitava, e mais cedo ou mais tarde, ele a encontraria. O que importava realmente era que a terra e os direitos de água ao longo do rio Greve estavam agora sob seu controle. Eram a verdadeira riqueza. Mesmo o rei pagava taxas.

Não esperava punição por seus atos porque planejava jurar aliança ao príncipe Eduardo logo depois da coroação quando retornasse de Acre ou Damasco. Que novo rei não haveria de querer ter acesso aos cofres de um súdito rico e poderoso?

Bufou. Sim, ele seria perdoado. Era o costume da política e da guerra. Pena que não fosse o costume das mulheres.

Abaixou a cabeça e viu salpicos de sangue seco na manga da túnica. Sangue era coisa que sempre o incomodava. Esfregou até que sumiram.

Deus do céu, o combate é um negócio muito sujo.

E depois de toda a matança, sua meio-irmã, lady Eldswythe, ainda estava viva.

Levantou-se, esmurrou a mesa e rugiu:

— O castelo de Crenalden é meu por direito de nascença! Sou o conde de Crenalden agora. Há alguém que desafie minha afirmação?

Seus soldados pararam de comer e se entreolharam, para depois continuarem a se regalar com o banquete. Gilroy esfregou o rosto, frustrado.

Sentou-se de novo em sua poltrona e inspecionou o aposento. Pelo menos capturara o conde de Gloucester, embora duvidasse de que os parentes do velho fossem pagar o resgate. Cocou a virilha. Seu sexo reclamava por atenção. O fogo estalava na lareira, e ele chamou o criadinho.

— Reynaud?

O garoto surgiu das sombras.

— Sim, milorde. — Encolheu-se e fez uma medida ao mesmo tempo.

Gilroy riu.

— Deixe preparados os aposentos do novo conde de Crenalden.

Ao amanhecer, Gilroy entrou no grande salão, rodeado pelos homens em quem confiava. Desenrolou um mapa sobre a mesa e espetou o punhal no símbolo de sua próxima conquista.

Seu mais antigo servidor, Richard de Lisboa, estalou os nós dos dedos.

— Não fica a três dias de viagem daqui, senhor. Mais rápido se levamos alguns homens em barcos pelo rio. — Traçou uma linha pelo rio Greve com a ponta da adaga.

O sucesso era iminente. Gilroy cumprimentou Lisboa com um tapa nas costas. Com o castelo de Crenalden sob sua posse, ele tinha seu acampamento base. Precisaria de um durante os meses de inverno quando movimentasse seu exército através do interior, rumando para o verdadeiro prêmio. O castelo de Hillsborough.

O castelo de Hillsborough não poderia ser facilmente tomado por cerco, embora ele suspeitasse de que o novo conde de Hillsborough, lorde Harold, não fosse o guerreiro que o irmão era. Porém, independentemente disso, o melhor meio de conquistar Hillsborough era atrair seu exército para o campo de batalha.

O simples pensamento fez suas palmas cocar. Robert Breton não merecia

caminhar sobre a terra e, desta vez, ele terminaria o que pretendia fazer um ano atrás em Smithfield.

Jogou os bocados de seu desjejum aos cães que fungavam a seus pés e deu uma risadinha. Muito, em breve, Robert Breton estaria implorando em sua mesa, tal como aqueles cães. E a feiticeira de cavalos estaria pendurada em correntes no calabouço. A idéia era tão doce que ele podia saboreá-la. Serviu-se de sua reserva particular de clarete na caneca de madeira e a levou aos lábios. Em algum lugar daquele buraco infernal, seu pai deveria ter escondido a baixela de prata.

Engoliu o vinho. E sua face repuxou-se numa violenta contração. Com uma fieira de palavrões, ele atirou a caneca contra a parede. O líquido vermelho cor de sangue escorreu pelas pedras e empoçou-se no chão. Os cães correram para lambem o vinho com as línguas gulosas.

Gilroy enxugou a baba do queixo. Que desperdício, pensou, beber aquele vinho fino num recipiente tão rústico. Tinha gosto de tamanco mofado.

O sargento encarregado entrou no salão, convocado para recontar as tentativas fracassadas de seus homens em capturar lady Eldswythe.

Ajoelhou-se diante de seu senhor e comandante, John Gilroy.

— Ela viaja com Robert Breton, milorde. Seguiram para a floresta de Belway e depois para Whickerham, onde a Peste Negra corre solta. Não ousamos nos aventurar até lá.

Olhando para baixo, Gilroy limpou uma migalha de pão da jaqueta de couro.

— Que infelicidade. Fico triste em dizer que esse fracasso marca o fim de sua carreira.

Os guardas arrastaram o sargento do salão. Aos coices e sacudindo os braços, ele berrava:

— Gilroy, apodreça no inferno! Sua mãe era uma prostituta! Você é um bastardo e toda a Inglaterra sabe disso!

— Enforque-o! — ordenou Gilroy ao se levantar. — E seus homens!

Indiferente aos protestos do soldado condenado, ele foi até a lareira e pegou a lança que pendia contra a parede.

Virou-se, testando a ponta, e encarou seu corpulento capitão, que bateu os calcanhares, de prontidão.

— Albert, ouviu que ela viaja com Robert Breton? Pegue seus melhores homens e siga para Hillsborough. Capture lady Eldswythe antes que ela chegue à fortaleza e depois a traga para cá. Viva.

O capitão Albert concordou, o semblante impassível.

— E quanto a Robert Breton, senhor?

Gilroy pegou a lança e arrancou o bico de verruma de aparência perigosa da ponta.

— Dê isso a Robert Breton. Diga a ele que "tudo é justo no amor e na guerra", Que essas sejam as últimas palavras que ele ouça. — Soltou uma risada raivosa e afagou o focinho de um dos cães. — Ele saberá exatamente o que eu quero dizer.

Capítulo IX

A luz do crepúsculo filtrou-se pelas janelas abertas da cozinha e trouxe consigo o aroma suave de flores de maçã e o chilrear de pardais. Eldswythe encostou-se à mesa, arrumando fatias de queijo e carne salgada numa bandeja de madeira. Descalço e sonolento, Robert cambaleou para dentro da cozinha e apoiou-se ao fogão.

Ela sorriu e estendeu-lhe a bandeja.

— Chega de mimos na cama. Siga-me.

Ela varrerá a sala e arrumará a mesa com canecas e tigelas de madeira cheias de nozes e maçãs. Depois de mais de uma semana, Eldswythe se acostumara a conversar com Robert, enquanto comiam, sobre cavalos e os ensinamentos dos mestres, como Xenofonte e Alexandre.

Robert sentou-se. Também parecia ansioso para estar com ela. Não era mais um homem à beira da morte, mas uma bela figura sob a luz suave da noite. O peito largo esticava as costuras da túnica emprestada. As calças retesavam-se pelas longas coxas e canelas e moldavam suas formas. A cor morena retornara, e os olhos de aço faiscavam.

Para Eldswythe, era difícil esquecer a imagem de Robert Breton jazendo nu na cama, uma visão em que pensava com frequência. O vigor renovado e as roupas que não lhe serviam pareciam exacerbar a obsessão que ela sentia por aquele homem.

Concentrou-se no queijo.

Robert pigarreou.

— Eldswythe, é hora de irmos embora.

O desapontamento a inundou. Eldswythe sabia que Robert tinha razão, mas ela não estava pronta. Havia tantas coisas que queria conversar com ele, uma das quais sobre a carta do rei. Não tocara no assunto. Nem falara de sua terra ou de seu pai. Sabia, no fundo do coração, que seu pai não tinha parte na morte do velho conde de Hillsborough. Contudo, Robert acreditava que isso era verdade. Não, era melhor deixar algumas coisas não faladas. Ela queria desfrutar da paz recém-encontrada entre os dois. Estava feliz e ele parecia também.

— Sua saúde não permite que passe horas na sela. Hillsborough fica a dois dias de viagem daqui.

Ele afastou o prato de comida e levantou-se.

— Eldswythe, um exército espera por mim. E Gilroy vai nos caçar. Não é seguro ficar aqui. O dono desta casa vai voltar. Vi mercadores na estrada, rumando para suas lojas na vila.

Eldswythe buscou forças para encarar a verdade. Ela e Robert Breton tinham obrigações e responsabilidades. Ali, estavam afastados da política, da guerra e do conflito em seu coração. Ela precisava distanciar-se dele, daquele lugar e das horas tranquilas e felizes que haviam compartilhado. Tinha de concentrar-se em seu dever enquanto ainda podia.

Levantou-se e recolheu os utensílios, mas manteve os olhos sobre a mesa, pretendendo esconder o sofrimento.

— Dê-me alguns minutos para arrumar as coisas...

Correu para a cozinha. Tropeçou ao lado do fogão.

Comida, travessas e uma das botas de Robert saíram voando pelo chão. Seu olhar seguiu o pergaminho amarelo que subiu do cano da bota e veio descansar a seus pés.

Uma carta, meio desdobrada. A missiva do rei. Aberta o bastante para que ela pudesse ler.

Uma pontada de dor disparou por sua alma. Então aquele era o segredo de Robert. O rei lhe prometera sua terra de dote e duzentos hectares a mais das propriedades de Crenalden também. Senhor Todo-Poderoso! Como fora gostar tanto de Robert Breton, um ganancioso que a ajudava a pedido do rei em troca de um bônus real? Um mercenário até o âmago?

Eldswythe fechou os olhos, dilacerada de confusão e de raiva. Será que esquecera que era obrigada pela honra a casar-se com o conde de Gloucester, o homem que seu pai escolhera para ela?

Robert tomou a carta de suas mãos.

— Eldswythe, desculpe por não ter contado antes. Mas não posso negar o que o rei prometeu. Cresci esperando herdar a terra junto ao rio Greve. Não posso lhe dizer que não a quero, mas prometo que assim que seja minha, nós viveremos em paz, sua casa e a minha.

Eldswythe desviou os olhos. Santa Maria. Seria possível odiar o homem que se amava? Lentamente, ela levantou-se do chão.

— Não tenho mais nada a dizer ao senhor, sir Robert.

As trevas enchiam seu coração, um oceano de desconfiança, ódio e mágoa, tão extenso como o mar que se estendia da Inglaterra até Acre.

Entorpecida de tristeza, Eldswythe passou o restante da noite colocando a casa em ordem, enquanto Robert trabalhava no celeiro. Quando não havia nada mais a fazer, ela deitou-se na cama, pensando nas horas que passara ao lado de Robert. Nem uma vez durante sua enfermidade ele mencionara a carta, e o silêncio que se estabelecera entre os dois desde que ela a descobrira, horas atrás, era frio e duro como pedra. Lágrimas brotaram de seus olhos.

Deus do céu! Fora uma tola. Pensar que ele se importava com ela, uma feiticeira de cavalos...

A porta da sala bateu contra a parede, sacudindo os pratos e as canecas.

Eldswythe enxugou o rosto e beliscou as faces para devolver a cor ao rosto e desceu a escada estreita. Rezou para que Robert não percebesse que ela estivera chorando. Parou à entrada da sala e olhou para ele com uma expressão glacial.

Robert estava ajoelhado ao lado da lareira, atizando o fogo. Ergueu uma lebre, limpa e destripada.

— Avistei nosso jantar na estrada. Vou cozinhar esta noite e poderemos levar a comida conosco amanhã.

Passou a carne no espeto e apontou para a garrafa de vinho sobre a mesa.

— Tome um drinque, milady. Fará bem ao seu humor.

— Onde encontrou isto? — Eldswythe olhou para a garrafa. Estava quase pela metade.

— Há uma adega na choça atrás do celeiro. — Robert acomodou-se na cadeira ao lado do fogo. — É uma coisa forte, portanto tome cuidado com o tanto que vai beber. Vamos partir para Hillsborough ao amanhecer. Preciso que você acorde cedo.

Ela sentou-se no banco e enfileirou as colheres, buscando tempo para encontrar um assunto de conversa que não levasse a uma discussão. Sacudiu o cálice e observou o vinho girar em círculos, depois tomou um gole e saboreou o gosto de carvalho antes de engolir. Se soubesse o mais que pudesse sobre Robert Breton, com o que realmente ele se importava, talvez pudesse convencê-lo a aceitar dinheiro por recompensa em lugar de sua terra.

— Sei o quanto um cavalo de batalha significa para um cavaleiro — afirmou, cautelosa. — Por que você deu seu garanhão malhado ao escudeiro de meu pai? Um ato de gentileza que eu não esperava, Diga-me o que o levou a fazer isso. Não quero mais

segredos entre nós.

Robert estudou a expressão determinada de Eldswythe, preocupado. Queria desesperadamente que ela acreditasse e confiasse nele, embora cada ato seu desde que tinham se encontrado pudesse ser questionado. Mesmo o fato de ter presenteado o pai dela com um garanhão não fora inteiramente um ato altruísta. Porém, isso acontecera semanas atrás. Ele se sentia diferente agora.

Fingiu ocupar-se com o fogo. Talvez fosse o vinho, mas seu estômago se revirava de culpa.

Maldição! Eldswythe julgava-o generoso. Bem, ele não era.

Conte-lhe a verdade sobre o presente do cavalo e acabe com isso.

Robert tirou o espeto do fogo e colocou-o sobre a mesa. A carne chiou na travessa, e o cheiro delicioso de gordura de caça assada encheu o ar.

— Dei o cavalo ao escudeiro de seu pai como um favor a Eduardo. Eduardo precisa de todo homem e cavalo que possa obter. Algum dia ele será o próximo rei da Inglaterra. Quero que se lembre de mim. — Calou-se e esperou pela resposta de Eldswythe. Quando nenhuma surgiu, ele virou-se e encarou-a. — O coelho está pronto — disse. — Quando esfriar, vou embrulhá-lo para levar conosco.

Um silêncio desconfortável tomou conta da sala. Só o fogo estalava.

— Você não quer aceitar que eu pretenda tomar sua terra. Mas, já que estamos sendo francos um com o outro, vai admitir pelo menos que é uma feiticeira de cavalos?

Ao ver os olhos de Eldswythe reluzindo de incerteza, ele postou-se ao lado dela e pousou a mão em seu joelho, lamentando ter lhe causado mais aflição.

— Eldswythe, do que é que tem medo? Se você é uma feiticeira, diga. Não creio que seja capaz da maldade que o Equus Magus descreve naqueles que têm o dom.

— Não sei o que eu sou — ela murmurou, com voz trêmula. — Nunca conheci uma feiticeira de cavalos. Não tenho ninguém para perguntar. Não sei o que eu... o que elas podem fazer. O livro diz que normalmente são mulheres, pois mulheres compartilham um vínculo com os animais, confiam no poder em seu coração e usam um tipo de magia não disponível à maioria dos homens. Safia nunca abordou o assunto comigo, eu juro.

Robert arqueou uma sobrancelha.

— Você assustou o cavalo de Gilroy. Não lhe pareceu estranho que um garanhão experiente, acostumado aos sons e crueldades de um campo de batalha, fugisse de uma mulher gritando? E depois você fez isso de novo com o cavalo do ladrão. O animal arrancou o bandido fora do lombo porque você quis. Pode pensar em outras vezes que um cavalo tenha se comportado como você queria?

Eldswythe baixou os olhos.

— Quando Khalif estava lutando pela vida, misturei uma poção e o fiz beber, quando ninguém mais conseguia forçar alguma coisa por sua boca. E houve uma ocasião em que Ceres... — Erguendo os olhos, cravou-os nos de Robert. — Se meu pai soubesse, ele me expulsaria. Não teria uma mulher tão ímpia como uma feiticeira de cavalos em sua presença.

Suas mãos se fecharam em punhos e seus ombros começaram a tremer. Robert sentiu a angústia que a invadia.

Eldswythe estava apavorada. Apavorada de admitir que tinha um poder com o qual não sabia o que fazer, e com medo de perder o amor de seu pai, se ele soubesse.

Arrolhou a garrafa de vinho. Levantou-se e ofereceu a mão a Eldswythe.

— Perdoe-me. Eu deveria ter lhe contado sobre a recompensa do rei. Melhor que você soubesse desde o começo do que descobrir como fez. Só tomarei de Crenalden o que me foi prometido pelo rei, mas nossas casas viverão em paz, depois. Dou-lhe minha palavra.

Eldswythe fitou-o, os olhos imperscrutáveis. Robert abaixou o braço.

— Não teremos permissão de compartilhar acomodações assim que chegarmos a

Hillsborough — ele disse, baixinho. — Quero mantê-la perto de mim por um pouco mais de tempo, feiticeira ou não. Nem todo homem receia seu poder, Eldswythe. Quero provar isso a você. Vamos para a cama. Chega de falar de política e de terra.

Ela meneou a cabeça.

— Não posso. Sou a filha do conde de Crenalden, e você acredita que ele matou seu pai. Você é obrigado pelo rei a me proteger e tomará o que é meu por esse privilégio. Não tem de provar nada a mim. Não finja que se importa comigo. Não fará bem nenhum. Estou comprometida a me casar com outro. Não posso dormir ao seu lado.

— Eldswythe...

— Não, Robert. Por favor, não. — Ela se afastou. Robert encostou-se à mesa, o coração pesado.

— Nunca imaginei ser contagiado pela Peste e me recuperar nas mãos de lady Eldswythe, a filha do conde de Crenalden, nem que pudesse sobreviver e me descobrir tão atraído por... — Hesitou e, depois, rilhou os dentes. — Não pode esperar que um homem, qualquer homem, rejeite o que o rei oferece. Nem que passe dia e noite com você e não... Eldswythe, existe mais entre nós dois agora do que você ou eu podemos admitir. Compartilhamos uma conexão entre um homem e uma mulher que... que é... — Ele soltou um suspiro exasperado e correu as mãos pelos cabelos. — Deus do céu, as palavras me escapam. Você não sabe o quanto é bela? Ela meneou a cabeça.

— Isso é o vinho falando. Palavras doces para que eu lhe entregue meu coração e, assim, não faça objeção quando ganhar minha terra e for reclamá-la. — Eldswythe virou-se e rumou para as escadas. — Dormirei no quarto das crianças. Sozinha.

Robert atravessou a sala numa corrida e postou-se ao lado dela.

— Não, não vai. — Ergueu-a nos braços. Eldswythe debateu-se e esperneou.

— Não! Você disse que nunca forçou uma mulher. Esmurrou-o no peito conforme Robert subia correndo as escadas, a segurá-la com mais força, os braços travados em torno dela como uma prensa.

Ele abriu a porta do quarto de casal com um chute e irrompeu pelo aposento, para jogá-la sobre a cama.

— Durante dias você cuidou de mim como um bebê — resmungou. — Alimentou-me e deitou-se ao meu lado. — Cruzou os braços. — Acha realmente que eu pagaria sua gentileza, forçando-a? Sou tão horrível ou a maltratei de alguma forma que a fizesse pensar que eu a magoaria? Bêbado ou não, nunca forcei uma mulher. E me magoa ver a dúvida em seus olhos, Eldswythe. Durma aqui esta noite, Sozinha, e durma bem. — Saiu do quarto e bateu a porta atrás de si.

Sua voz ressoou do outro lado da porta.

— Dormirei nos estábulos.

Os passos duros ressoaram pela escada.

Eldswythe recostou-se à cabeceira da cama, respirando fundo. Encolheu os joelhos até o peito. Fora difícil negar a Robert o que ela própria queria. Queria a ele, um Breton e um homem em que não poderia confiar. Maldita carta do rei. Como gostaria de nunca tê-la lido.

Pela janela, veio o ranger da porta do celeiro. Barstow relinchou, e uma voz profunda ergueu-se, carregada pela brisa suave.

— Nunca esquecerei a feiticeira de cavalos vestida de azul que me beijou com o coração.

Robert irrompeu pelo estábulo. Uma cama de palha era mais macia do que um chão de pedra. Chutou um balde vazio e mandou-o pelos ares, voando. Pelo menos seu cavalo lhe faria companhia.

Se Eldswythe o achava tão pouco atraente, por que cada sinal que emitia lhe dizia que ela o desejava tanto quanto ele a queria, apesar de todos os protestos? Agira como se não tivesse passado dias cuidando de cada necessidade sua e dormindo ao seu lado.

Por que não aceitava um trato proposto pelo rei, um arranjo entre dois homens que procuravam oportunidades na guerra? O que havia de errado nisso, já que uma porção da terra pela qual ele lutava era sua por direito de nascença?

Maldição, será que nunca entenderia a mente de uma mulher?!

Barstow pendurou a cabeça pela porta da baia e soltou um relincho baixo. Robert acariciou-o no focinho.

— Graças a Deus. Você é uma companhia descomplicada e leal.

Esticou-se no feno e fechou os olhos. A visão de Eldswythe parada à luz do fogo encheu-lhe a mente. As curvas suaves, os cabelos escuros escorrendo pelos ombros... até o saco de trigo que servia de vestido não conseguia disfarçar seus seios. Ele queria enterrar o rosto naquela depressão entre o pescoço e o lóbulo da orelha, beijar a suavidade da pele macia e respirar o cheiro de Eldswythe.

Um rato saltou por sua bota. A chuva começou a bater no telhado e depois a respingar em sua testa. Ele mudou de posição e cruzou o braço acima dos olhos.

Deus do céu, por que Eldswythe tinha de ser do jeito que era? A dor em sua virilha era mais do que frio. Era desejo, puro e simples.

Luxúria, desejo, anseio... Isso ele compreendia!

O trovão ribombou, e mais gotas de chuva pingaram na testa de Robert. O teto tinha uma goteira bem no ponto onde ele fizera sua cama. Logo, a água escorria pelos remendos do telhado antigo. Ele pensou em abrigar-se debaixo de Barstow, mas em seguida o enorme cavalo ergueu a cauda e soltou um pum que espalhou estêreo pela palha e fumegou. Droga. Ele não iria ficar num celeiro, quando havia uma cama quente e seca lá dentro. A essas alturas, tudo o que realmente desejava era dormir.

Seguiu para a casa, subiu as escadas de dois em dois degraus de cada vez e passou pelo quarto das crianças até o quarto de casal.

Eldswythe sentou-se. E deixou escapar um arquejo.

Robert encarou-a furioso.

— O telhado do celeiro está vazando água e as camas das crianças são muito pequenas. — Sacudiu a água da cabeça, arrancou a camisa molhada e se afundou ao lado dela. — Se quiser ficar com sua metade, eu ficarei na minha.

Eldswythe deitou-se de novo e cruzou os braços no peito. Ficou dura como pedra, tentando não rolar na direção dele conforme as cordas debaixo do colchão afundavam com o peso de Robert.

— Robert — ela murmurou, hesitante —, se tivéssemos nos conhecido antes, antes de seu pai... antes de meu pai... As coisas poderiam ser diferentes entre nós. Agora, porém, é tarde demais e eu...

O rosto de Robert assomou sobre o dela. E o desejo reprimido reluziu nos olhos verdes de Eldswythe, olhos que o questionavam e investigavam-lhe a alma.

Eldswythe não afastou a cabeça, mas deixou os lábios entreabertos o suficiente para que ele a saboreasse. Vinho tinto e especiarias.

Ele ergueu a cabeça e afastou-se, fitando-a, dando a ela a oportunidade de empurrá-lo e rolar de lado.

No entanto, continuou imóvel e, então, deixou as mãos deslizar pelas costas de Robert, até enterrar-lhe os dedos nos cabelos. Puxou-o para mais perto.

— Maldito seja — murmurou.

Robert cobriu-a com o corpo, e explorou sua boca com a língua, deixando as mãos passear, descendo pelo decote de seu vestido.

— Quero senti-la, Eldswythe, e vê-la. Vai permitir? — Em gestos lentos, afastou a túnica e a combinação de seus ombros e expôs os seios brancos e roliços, os mamilos eretos e encolhidos.

Eldswythe estremeceu. Robert pousou beijos leves como plumas numa trilha que desceu por seu pescoço até roçar os bicos dos seios com os lábios. Arqueando as costas,

ela comprimiu-se a ele, e o calor espalhou-se por suas pernas até o ventre.

Robert ficou cego de desejo. Não queria parar, queria que a sensação durasse para sempre. Maldição, deveria tê-la pedido como esposa e feito o escrevente real casá-los lá na praia de Dover. O rei ficaria furioso, mas Gloucester encontraria outra herdeira. Ele, porém, queria aquela mulher incrivelmente perturbadora chamada de feiticeira de cavalos.

— Eldswythe — murmurou, a voz rouca —, se nossas casas se unirem, se nos casarmos, o conflito acabaria e eu poderia...

Num repente, ela afastou-se, lutando para cobrir os seios.

— Não! Estou comprometida a me casar. Mantereí meu juramento. — Agarrou o corpete do vestido contra o peito. Confusão e susto cruzaram-lhe a face. — Esqueci de mim mesma e de quem eu sou. Esqueci de quem você é e daquilo que julgo que realmente deseja. Não sou eu.

Robert jogou-se de costas sobre a cama, imóvel como uma estátua. Então, incapaz de conter-se, ergueu-se e beijou-a suavemente nos lábios.

— Eu a desejo, Eldswythe de Crenalden. Você usa o conde de Gloucester como uma barreira entre nós. Com a paciência de um cavaleiro, esperarei que você venha para minha cama de boa vontade e com o coração aberto.

Levantou-se e acomodou-se na cadeira ao lado do fogo, com os pés apoiados na banquetta e os braços cruzados. Deixou a cabeça pender para trás e fitou as vigas do teto, sabendo que o sono ia lhe fugir aquela noite.

Tremendo, Eldswythe murmurou:

— Não me beije de novo. Detesto que você cobice minha terra e se esforce tanto para tomá-la de mim. Detesto que não fale comigo de... amor. Sei, por seus delírios no leito de enfermo, que outra é dona de seu coração. Detesto que eu não seja ela... lady Margaret.

O ar no quarto de repente tornou-se gelado, tenso.

Os pés de Robert bateram com força no chão.

— Não, você não é lady Margaret, lady Eldswythe. Se fosse, não estaria aqui. Nem eu.

Eldswythe virou-se de lado para encará-lo. As lágrimas rolaram por suas faces.

— Sei que você se apaixonou por lady Margaret e que o dote dela era um ducado. Diga-me a verdade. Você me quer, ou quer minha terra?

Robert ferveu de raiva, as veias de suas têmporas latejando.

— Você não sabe da missa a metade. Alguma vez entregou coração e alma a alguém e depois mais tarde soube que não o queriam? Que não se importavam se você vivesse ou morresse?

Ela não respondeu.

— Creio que não — ele retrucou. — Até que saiba, não tem o direito de me julgar. Você e eu, lady Eldswythe, estamos obrigados por ordem do rei a trabalhar juntos. Assim sendo, farei o meu melhor de agora em diante para me manter no controle com relação à sua pessoa. Peço que faça o mesmo. Tornará as coisas mais fáceis para nós dois.

Saiu do quarto e bateu a porta atrás de si com tanta força que o som ressoou pela casa inteira.

Capítulo X

Santa Maria! Ela nunca o vira tão bravo. Eldswythe sabia que não tinha o direito de trazer ao assunto o doloroso passado de Robert Breton. Que tipo de mulher era lady Margaret, para despertar tanto amor e ódio? Isso lhe espicou a curiosidade. Mais que tudo, deixou-a com ciúme. Pensamentos de outra mulher nos braços de Robert mantiveram-na acordada a noite toda. Ao amanhecer, ela arrastou-se da cama, sobressaltada com um barulho no quintal. Puxou o oleado da janela e então avistou um homem baixo e troncudo puxar Barstow para fora do celeiro. Um garoto forte seguia logo atrás, empunhando um chicote.

Uma mulher de aspecto sofrido bufava sob um enorme pacote que trazia nas costas. Sentou-se sobre a bagagem, inspecionou o terreno e depois esfregou o traseiro. Aldeões enchiam o quintal, com paus e ancinhos nas mãos.

Eldswythe enfiou o vestido sobre a cabeça e desceu corre tido as escadas para a sala. Robert roncava na cadeira ao lado do fogo, descabelado e com as feições crispadas de fadiga.

— Acorde! Os donos da casa estão de volta — ela murmurou, conforme o sacudia pelo braço. — Os moradores da vila também, armados e de prontidão. Pegaram Barstow. Ande depressa!

Robert saltou da cadeira e apanhou a espada ao seu lado.

— Fique aqui — ordenou e saiu da sala. Ignorando a ordem, Eldswythe o seguiu.

Robert manteve a mão na espada conforme saía para o quintal. Parou e inclinou-se, com ar cordial para os moradores da vila.

— Bom dia. Vejo que estão com meu cavalo.

Um sujeito barbudo e corpulento entregou as rédeas de Barstow a um rapazinho de cara redonda. Uns dez outros homens, cada um com uma arma, postou-se ombro a ombro, impedindo Robert de chegar perto do cavalo.

O barbudo apertou o cinto de corda e enrolou as mangas da camisa.

— E você se apossou de nossos pertences. — Apontou para a túnica de lã cinza e a camisa marrom que Robert usava. — Imagino que pela comida que comeu e a lenha que queimou, seu cavalo vai nos deixar empatados.

A mulher olhou para a mão enfaixada de Robert. Uma expressão de alarme perpassou por sua face e depois sumiu. Ela ajeitou o cabelo e depois pigarreou.

— Magnus, estou cansada. Carreguei todos os nossos pertences nas costas durante milhas. Não havia nada aqui que valesse a pena pegar. Deixem que sigam o caminho deles. Estavam de partida. — Olhou para Eldswythe, inclinou a cabeça e desviou os olhos para a estrada.

Barstow bufou e escavou o chão, assustando o garoto.

— O demônio do cavalo tentou me morder! — berrou. Apontou para Eldswythe. — Tio Magnus, é a feiticeira de cavalos de Crenalden. Estava na feira de verão. Deu um emplastro para Jules Whitby e alegou que iria curar o fungo do cavalo dele.

Uma voz débil subiu da multidão.

— E curou! E eu vendi o cavalo, saudável e capaz, por muito mais do que o carnicheiro iria me pagar por ele, manco e fedendo.

O garoto, o medo estampado na face, berrou de novo.

— Olha, mãe, ela está usando seu vestido de grávida.

Eldswythe passou a mão pelo vestido horrível. Mal cortado, parecia um saco pendurado em seus ombros. Ela deu um passo à frente e abaixou a cabeça.

— Sinto muito por ter emprestado sua roupa, senhora. A minha está arruinada. — Hesitou por um instante, e em seguida prosseguiu. — Eu... eu estou esperando bebê. Vamos para Hillsborough, mas pedi a meu marido para descansar. Passamos a noite e comemos um pouco de sua comida e bebemos um pouco de cidra. — Virou-se para o garoto. — Não sou a feiticeira de cavalos. Você está enganado.

Rezou para que ninguém mais a reconhecesse e nem descobrisse as roupas e as toalhas sumidas, e as garrafas vazias de vinho.

Magnus resmungou.

— Pegue minha enxada, Timothy.

O garoto correu para o paiol, pegou a enxada e entregou ao tio. Magnus assumiu uma postura aguerrida. Olhou para Robert.

— De que direção vieram? De Whickerham? É a única estrada daqui.

Os moradores da vila arquejaram. Vários deles recuaram, abrindo um buraco nas filas. Robert ergueu a espada.

— Deixe-nos ir embora, bom senhor, e seguiremos nosso caminho.

Magnus apontou para Eldswythe.

— O juiz ofereceu uma recompensa para qualquer um que carregasse o contágio, seja homem, animal ou mulher. Ela é uma feiticeira de cavalos. Todo mundo a apontava na feira. Talvez tenha sido ela que soltou a Peste em nossa vila. Foi obra do demônio, e a igreja e o juiz estão procurando o culpado.

A multidão começou a entoar feiticeira de cavalos, e a rodear Eldswythe.

Magnus ergueu a enxada.

— Eu digo para colocarmos o cavalo e a feiticeira no poço de cal com os outros e enterrá-los. — Apontou a cabeça para Robert. — Você pode ir. — Virou-se e falou aos moradores da vila: — Mas dividirei a recompensa do juiz com qualquer um de vocês que queira me ajudar com a feiticeira e o cavalo.

A velha sacudiu a cabeça.

— Magnus, seu idiota! Você e os homens aqui mataram cada cavalo e vaca na cidade, mesmo os saudáveis. E um casal que você pensou que estava doente. Mas a Peste ainda está com a gente. É um ato de Deus, não de uma feiticeira de cavalos. — Apontou um dedo encarquilhado para um homem alto com uma foice na mão. — A maldição do Senhor está em você, Thomas Locksmith, por beber e surrar sua mulher até deixar a pobre sem sentido, e em você, Richard Fromeby, por dormir o dia inteiro e farrear à noite com meretrizes, e com o resto de vocês também, por saberem de outras coisas mais. Vocês deveriam ter construído a igreja este ano, como prometeram ao bispo.

Sorrisos forçados se espalharam pelas feições do povo. Aqueles homens não temiam a Deus a ponto de desistirem da perspectiva da recompensa do juiz.

Barstow bufou, encurralado entre a cerca de uma fileira de homens com cordas e paus.

O pastor e o ferreiro avançaram, pegando Eldswythe pelos braços. Ela gritou, e Robert investiu e atacou o grupo.

O aço frio de uma faca de repente comprimiu-se à garganta de Eldswythe.

— Largue a espada, senhor cavaleiro. — O ferreiro forçou a lâmina contra o pescoço dela.

Robert estacou. Em seguida, jogou a espada no chão e ergueu as mãos.

— Estou desarmado. Solte-a.

Os homens não deram resposta, embora o pastor chutasse a arma de Robert para o lado. Num instante, o carroceiro e seus três filhos corpulentos caíram sobre Robert, que lutou para defender-se, mas, por fim, caiu ao chão. Ficou de bruços, com quatro homens

fortes sentados em suas costas e pernas.

Magnus jogou uma corda pela cabeça de Barstow e puxou-a. Barstow empinou. O nó apertando conforme o cavalo respirava com dificuldade. Então, parou, de pernas abertas e a cabeça esticada.

— Por favor, o cavalo não está doente, nem carrega o contágio — Eldswythe suplicou, a faca a lhe cortar a pele. — Não pastou nos campos fora da vila, e eles já foram queimados até o chão em Whickerham. Nós não paramos lá. — Olhou para o pastor, um homem alto que apertava seu braço com a mão feito uma garra. — Bom senhor, quantas de suas ovelhas morreram da Peste?

Ele meneou a cabeça.

— Nenhuma, até agora.

— E por que acha que não, quando tantos perderam todos os cavalos e gado? — perguntou Eldswythe. — Será que, como qualquer pastor experiente faria, o senhor levou os animais dos campos para dentro de sua cabana, por prudência, quando começou a chover?

Os outros o encararam com suspeita.

Com a voz contida, o pastor respondeu:

— Eu as trouxe dos pastos e guardei-as na minha choça comigo para conservar a lã limpa e seca para a tosa, e pronta para o mercado.

— Exatamente — retrucou Eldswythe. — Os cavalos e o gado que ficaram do lado de fora pastaram o capim, queimado do sol do mês passado, e as ervas daninhas. A terra está ensopada e lamacenta. Até os vermes saíram do solo para respirar.

Os olhos do pastor se arregalaram.

— É verdade. Na manhã depois da chuva mais pesada, eu vi vermes por tudo quanto era parte. Era tanto bicho que mal dava para pôr os pés no chão sem pisar neles.

Magnus cuspiu e apertou com mais força o nó do laço de Barstow.

— O que está querendo dizer, feiticeira? A gente já teve seca e chuva, e todo mundo aqui já viu vermes antes.

Robert remexeu-se.

— Mas não um tempo tão seco como esse, nem um que fosse seguido por chuvas tão pesadas. Não acontecia isso desde dez anos atrás, quando a Peste varreu a terra pela última vez.

O pastor arqueou as sobrancelhas, surpreso. Os moradores da vila remexeram os pés.

— O contágio é uma ação da natureza, não um ato de Deus, ou de bruxas — Eldswythe continuou. Apontou para Jules Whitby, um homem perto dos sessenta anos. — Mestre Whitby, o senhor se lembra de quando a Peste Negra apareceu pela última vez. A feira foi cancelada naquele ano por receio de que pudesse espalhar a doença. O senhor era mais jovem na época, e eu, uma menininha. Lembro que meu pai planejava levar nossos melhores cavalos para lá. Magnus pigarreou.

— É mais que coincidência que a Peste esteja ao nosso redor e termos uma feiticeira de cavalos em nosso meio. — Virou-se e dirigiu-se à multidão. — E ela anda com um cavalo negro como o demônio que nem mesmo está doente!

Estendeu a corda, ainda amarrada ao pescoço de Barstow, para o homem ao seu lado. Caminhou devagar para o lado de Eldswythe.

— Vou ficar com seu cavalo, moça. Seu marido me deve. Quanto a você, vamos levá-la ao juiz. Só uma feiticeira poderia trazer os vermes para fora da terra. Você ainda vale uma peça de ouro.

Eldswythe sentiu o sangue fugir de suas faces.

— Não sou uma feiticeira! Mesmo que eu fosse, que razão eu teria para matar cavalos com a Peste?

Magnus agarrou-lhe as mãos e passou uma corda em torno dos pulsos.

— Não sei, moça. Deixarei isso com o juiz. Ele tem meios de conseguir uma confissão.

Robert riu.

— O senhor sabe que ela é uma feiticeira de cavalos e ainda pensa em testá-la? Acredita que ela pode convocar vermes da terra e trazer a Peste Negra para sua cidade? Não tem medo do que ela fará ao senhor se for idiota o bastante para seguir adiante com isso?

Os homens ficaram imóveis e olharam para Magnus.

— A poção dela curou o cavalo de Whitby do fungo — o pastor lembrou. — Acho que a moça bem que poderia deixar a gente e nossos cavalos doentes, se quisesse.

Robert ergueu os olhos do chão.

— Ela é uma feiticeira de cavalos. Deixe que prove isso a vocês. Tem a marca do cavalo do demônio nas costas. Mostre a eles, Eldswythe!

O suor escorreu pela nuca de Eldswythe. Ela baixou os olhos, ruborizada e aflita.

— Não, Robert, não posso... Robert insistiu.

— Vamos, feiticeira. Mostre aos homens sua marca. — Robert, eu... — Eldswythe gaguejou.

Robert berrou.

— Mostre, Eldswythe! Alguns não acreditam que você seja uma feiticeira de cavalos. Se acreditarem, perderão o interesse em matá-la, pensando no caos e na assombração que você infligiria aos homens que causarem sua morte.

Eldswythe encolheu-se. Jamais mostraria de boa vontade sua cicatriz a ninguém. Porém, recuou alguns passos e então ergueu as saias, o rosto queimando de vergonha.

A velha arquejou. O garoto soltou um grito de novo, mas nenhum homem disse uma palavra.

Magnus resmungou:

— E daí, ela tem a mordida de um cavalo no traseiro. O que vai fazer? Chamar o cavalo do demônio para dançar na nossa frente? Vamos levar essa mulher para o poço e pegar nosso dinheiro.

Robert pigarreou.

— Quer ver o que ela pode fazer?

Eldswythe soltou as saias e virou-se para encará-lo. Intrigada, ergueu as mãos.

Os aldeões assustados arquejaram. Os quatro homens que se sentavam sobre Robert saltaram de pé. Robert ergueu-se com dificuldade e depois pegou sua espada.

— Solte o cavalo! Caso contrário, a feiticeira lançará um sortilégio sobre sua criação. A Peste atacará cada ovelha e vaca que ainda tenha restado.

— Solte o cavalo! — o carroceiro berrou para Magnus.

— Tenho três filhos para alimentar e uma esposa que logo dará à luz a outro.

— Isso mesmo! — O ferreiro arrancou a corda da mão de Magnus. — É ruim para os negócios. Não tenho meios de pagar meus impostos se não tiver animais para cuidar.

Magnus soltou um palavrão, mas deu um passo de lado quando Barstow passou trotando por ele e parou na frente do dono. Robert saltou no dorso do cavalo. Ergueu os braços acima da cabeça e sacudiu a espada no ar.

— Vou lhes mostrar que ela é uma feiticeira de cavalos!

— Fez meia-volta com Barstow e parou diante de Eldswythe.

— Faça-o dançar, feiticeira. Ele fará o que você mandar. Eldswythe arqueou uma sobrancelha, incerta de como agir, e ergueu as mãos um pouco mais alto, as palmas viradas para cima.

Barstow contraiu os quartos traseiros, encolheu a cabeça, o focinho virado de modo a quase tocar o pescoço arqueado, e começou a erguer-se e abaixar-se, trotando no lugar, sem avançar nem recuar.

Os moradores da vila bradaram um "oh" de incredulidade.

Robert sentava-se imóvel e equilibrado com os braços acima da cabeça. Barstow mudou de cadência, de um trote lento e pomposo para uma passada que Eldswythe nunca vira antes. O cavalo dançava e parava para em seguida dançar de novo, enquanto andava em círculos em torno dela.

Eldswythe cruzou os braços no peito e inclinou a cabeça. Aquilo era realmente um espetáculo. Apertou os lábios para não sorrir.

Diante da mudança de posição de Eldswythe, Barstow estacou. Ergueu a cabeça, quase em linha vertical ao chão.

Agachando-se, trouxe o peso para as patas dianteiras e, em seguida, deu um coice duplo com ambas as patas traseiras no ar. Mais uma vez, saltou e escoiceou, expulsando os aldeões do quintal. Robert segurou-se nas crinas do animal, agitando a espada acima da cabeça, enquanto Barstow corria em volta de Eldswythe.

— Veja — ele berrou para Magnus—, só uma feiticeira de cavalos poderia fazer um cavalo dançar e escoicear.

Com um salto acrobático, Robert desmontou. Barstow não perdeu o passo e continuou a trotar em círculos. Robert ajoelhou-se diante de Eldswythe, beijou-lhe a mão e depois olhou para Magnus.

— Caso pense que eu tinha alguma coisa a ver com esse espetáculo, pode perceber que ele continua dançando sem mim. — Apontou para Barstow. — Ele é o cavalo do demônio, mas aqui na terra obedece à feiticeira. Eu não gostaria de ser o homem a separar esses dois um do outro.

Eldswythe ficou tensa, com o inesperado influxo de poder que sentiu subindo pelo corpo. Santa Maria! Sentira-se assim quando assustara o cavalo de Gilroy à beira do rio, quando obrigara Khalif a beber a poção que lhe salvara a vida. Pelas barbas do Senhor! O que estava acontecendo? Será que podia canalizar o medo, a raiva ou a coragem para convocar seu poder?

Barstow virou-se e andou até o centro do quintal, onde Robert ainda se ajoelhava diante de Eldswythe. Abaixou a cabeça e ajoelhou-se ao lado do dono, encarando Eldswythe. De traseiro para cima e nariz no chão, relinchou como se lhe fizesse uma saudação.

A surpresa fischou nos olhos de Robert. Ele olhou para Eldswythe, as sobancelhas arqueadas. Então, saltou de pé e, com a cerimônia de um cavaleiro carregando uma princesa, ergueu-a para colocá-la sobre o dorso de Barstow.

Saltando atrás dela, enfiou a espada na bainha.

— Agora, bons senhores, minha esposa e eu iremos embora. Ela me diz que a Peste vai passar. Dêem graças a Deus de terem visto uma feiticeira e o cavalo do demo, e vivido para contar a história.

Magnus investiu contra Barstow, mas tropeçou quando a velha agarrou-o pela barra da camisa e puxou-o para trás.

— Magnus, velho idiota, o homem é um guerreiro e um cavaleiro igual eu nunca vi! Não se meta com ele. Agora, deixe que vão embora. — Apontou um dedo para Eldswythe. — Bom parto a você. Não queremos confusão com uma feiticeira de cavalos.

Eldswythe, ainda tremendo com o poder que não compreendia, virou-se para encarar os homens.

— Boa gente de Glenbury, construa uma igreja na vila como prometido. Pendure uma ferradura sobre a porta e, eu juro, nenhuma feiticeira de cavalos passará por este caminho outra vez.

Robert pigarreou e cutucou Barstow com os calcanhares, incitando-o a um trote.

Eldswythe firmou os joelhos e segurou-se num tufo de crina. Recostou-se a Robert, a coragem se esvaindo e dando lugar ao alívio e a hesitação. Não tinha certeza se o que sentia era verdadeiro ou se o que vira Barstow fazer era obra de sua imaginação... ou de seu medo.

— Robert, é possível que eu tivesse alguma coisa a ver com o espetáculo de Barstow?

Robert respirou fundo.

— Embora eu odeie admitir, nunca vi Barstow dançar com tanta desenvoltura e nunca vi meu cavalo ajoelhar-se... ante qualquer um, além de mim.

Eldswythe relanceou os olhos para trás, para a velha que ainda estava parada na estrada, observando.

— Apresse-se, lady Eldswythe — a mulher gritou. — Vá embora daqui, mas tome cuidado. Há problemas adiante na estrada. Posso sentir em meus ossos.

Ela podia jurar que vira a mulher piscar antes de jogar os embrulhos nos ombros e entrar na casa.

Capítulo XI

Abrindo caminho por entre carroças, mulas e gente andando a pé, Barstow desceu trotando a estrada. Eldswythe manteve a cabeça baixa, esperando não chamar atenção. A chuva levava embora a Peste. Camponeses, mercadores, comerciantes e suas famílias rumavam de volta para suas cidades e lares.

Cavalar na garupa de Robert de lado, como convinha a uma senhora grávida, não era coisa para os fracos de espírito. Sua nádega esquerda estava entorpecida e formigando e a perna direita com câimbras. Ela o cutucou.

— Robert, preciso parar e esticar as pernas.

Robert apontou para a multidão que se reunira no santuário ao lado da estrada.

— Tem gente demais. Prefiro que continue sentada onde está, pelo menos até passarmos por esses peregrinos. Os homens de Gilroy devem estar procurando por nós entre os viajantes, sem dúvida.

— Mas procuram uma moça de vestido azul, não uma mulher grávida vestida com pano de saco horroroso que viaja com o marido, um lavrador de túnica marrom e calças rasgadas.

Robert resmungou:

— Reconhecerão o cavalo. E que lavrador anda com uma espada e usa botas de montaria como essas? — Apontou para os pés. E depois para os ciganos que os observavam das árvores. — Tome cuidado — murmurou —, estamos sendo observados.

Levou Barstow para a beira da estrada. Uma moça cigana passou, balançando um bebê apoiado no quadril. Saiu da estrada para os bosques, e acenou, fazendo sinal para que a seguissem.

Puxando as rédeas da montaria, Robert ajudou Eldswythe a desmontar.

— Vamos nos juntar aos ciganos. Sinto cheiro de comida.

Eldswythe parou e o encarou.

— Está exageradamente preocupado com seu estômago, senhor. E o que o faz pensar que serão hospitaleiros conosco?

— São velhos amigos. Além disso, ficar fora da estrada é mais seguro.

Ao se aproximarem do acampamento, uma voz arrastada gritou, ao lado da fogueira:

— Sir Robert, é bom ver o senhor. Imaginei que estivesse com o Pernas-Longas, indo combater por seu Deus. O que o traz aqui?

— Assuntos do rei.

O homem moreno deu de ombros, indiferente. Saltou de um pé para o outro, quase pisando no fogo. Parou e olhou ao redor, atordado, e depois tirou o lenço da cabeça e fez uma mesura para Robert.

— Bem-vindo ao nosso acampamento.

Robert riu, pegou uma caneca de cerveja da mão de uma mulher descalça com olhos negros impressionantes, e deu-lhe um beijo na face. Ela usava uma faixa laranja passada em torno da cintura larga, das saias iam até abaixo dos joelhos. Os pés e as canelas estavam expostos. Desenhou um "X" na terra com o dedão curvado e sorriu para Robert.

— Ainda uso seu presente, meu senhor. Não o venderia por nada, embora tenha muitas ofertas por ele. — Apertou a mão sobre um amuleto de opala que pendia de uma corrente de prata e descansava no vão dos seios volumosos.

Eldswythe arqueou as sobrancelhas.

— Conhece essa gente?

Robert tomou um longo gole da caneca e apontou para o cigano.

— Aquele é Filo — disse, e depois indicou a garota com o bebê encaixado no quadril. — E esta é sua irmãzinha Joan e seu sobrinho. — Fez uma mesura diante da mulher peituda de olhos assombrosos. — E esta é a outra irmã de Filo, Gunnora.

A mulher soltou uma risada profunda e sonora e sacudiu as saias.

— O membro mais famoso de nossa trupe de ciganos. Viajamos de vez em quando para Hillsborough e fazemos negócios na cidade.

— Que tipo de negócios fazem? — Eldswythe perguntou, enquanto a mulher dava outra caneca de cerveja para Robert.

— Ora, fazemos isso e aquilo, serviços irregulares e o que for preciso. Joan aqui sabe cantar. Toma conta de meu menino enquanto eu cuido dos negócios.

A garota beijou a cabecinha morena do bebê, sorriu para Eldswythe e seguiu para a tenda ao lado do fogo.

— É hora de colocar o pequeno para dormir — disse, cantarolando baixinho conforme entrava. Robert esfregou o pescoço.

— Você se importaria se compartilhássemos de seu acampamento por esta noite? Viajaremos para Hillsborough pela manhã.

Gunnora respondeu antes que Eldswythe pudesse objetar.

— Naturalmente, meu senhor. É sempre bem-vindo à minha... ah... ao nosso fogo. Não é mesmo, Filo?

Filo concordou com a cabeça. Sorriu para Eldswythe.

— É sua esposa, senhor?

Eldswythe enregelou-se. Olhou para Robert.

— Sim, esta é lady Margaret. — Pegou a mão de Eldswythe e segurou-a na sua. — Está esperando um bebê e cansada de nossa viagem. Fomos atacados por bandidos que roubaram tudo o que carregávamos. Ela poderia comer um pouco e tomar uma cerveja?

Eldswythe forçou um sorriso.

— Se eu pudesse sentar um pouco, gostaria de descansar agora.

— Por certo, minha senhora. — Gunnora apontou para o banco ao lado do fogo. Colocou pedaços de carne de frango numa fatia de pão preto e estendeu-o a Eldswythe, junto com uma caneca alta de cerveja. — A carroça tem uma cama. Você come e depois descansa os pés. Cuidarei de seu marido.

Robert sorriu, enquanto se sentava perto de Filo. Filo resmungou por trás da borda da caneca:

— Acho que não vai precisar dos serviços de Gunnora esta noite, vai, senhor? —

Deu a Robert um pedaço de pão e uma perna de frango.

Eldswythe engasgou-se, espalhando cerveja pelo queixo.

Robert engoliu o bocado que comia.

— Não, não vou precisar. E é melhor não mencionar nossos negócios anteriores.

— Sorriu, deu uma mordida na perna do frango e mastigou.

Eldswythe viu que Gunnora enxotava outro homem do leito da carroça.

— Aquele é Jacques — disse Filo. — Juntou-se a nós quando seus parentes morreram da Peste. A mulherada o adora, e ele sabe como beliscar um dinheirinho, se é que você me entende. Vem de um belo sangue cigano. — Jogou o restante do líquido da caneca no fogo e depois gritou: — Jacques, pode dormir na tenda esta noite, mas mantenha as mãos longe de minhas irmãs.

Jacques, de olhos remelentos, correu os dedos pelos cabelos negros e entrou cambaleando na tenda.

— Vá pra lá, Joan, tem companhia esta noite. A garota deu uma risadinha,

Gunnora atravessou o acampamento.

— Sua cama está pronta. Há alguma coisa que eu possa fazer pela senhora, ou por seu marido? Não tenho muito mais do que um homem pode oferecer, já que meu marido morreu. Talvez queira que eu dê prazer a ele esta noite, dada as suas condições? — Correu o dedo de leve pelo braço de Robert e pestanejou com olhar meigo.

Eldswythe sentiu o calor subir por suas faces, espantada com a proposta da mulher. A simples idéia de Robert com outra fazia seu peito apertar-se até ser quase doloroso respirar.

Robert levantou-se e limpou as migalhas da túnica.

— Estou casado agora, Gunnora. Mas lutarei com as tentações como qualquer homem. — Pegou os dedos de Gunnora e beijou de leve os nós das articulações. — Preciso ser forte e resistir a seus encantos. Boa noite, bela dama.

— Piscou para Filo e tomou Eldswythe pela mão e conduziu-a até a carroça antes que ela pudesse protestar.

O interior da carroça era suntuosamente decorado, embora a cama no meio fosse estreita e pequena, mal dava suficiente para uma pessoa. Eldswythe tropeçou no monte de mantas e cobertas empilhadas sobre a cama estreita. Algumas eram de veludo e tão finas que ela não teve certeza se eram feitas para dormir ou para pendurar numa parede. Tirou os sapatos e esfregou os dedos na cobertura de pele de raposa estendida. Aquela gente vivia num conforto maior do que a maioria dos aldeões de seu pai, mesmo que o espaço fosse um pouco limitado.

Acomodou-se. sobre a pele e abraçou os joelhos ao peito. A cama gemeu debaixo dela com o peso de Robert, que se sentou e tirou a túnica.

Um alarme soou em sua cabeça. Evidentemente ele não tinha a intenção de dormir ali também, ou tinha?

— Este lugar é muito pequeno para nós dois... — Sua voz quase estalou na garganta. Encolheu-se, procurando um palmo mais de espaço. Não havia nenhum, e o ar lá dentro de repente tornou-se denso com o cheiro másculo de Robert.

A imagem dele nu lhe veio à mente. A emoção de seu toque cada vez que lhe pegava a mão, a suavidade de seus lábios nos dela, tumultuou-lhe os pensamentos, que ela tentou expulsar da cabeça. Era errado desejar, apenas por aquela noite, que ela e Robert Breton realmente fossem casados? Quem haveria de saber? No entanto, a idéia de ceder à tentação com Robert a apavorou. Se ela se entregasse ao próprio desejo, não poderia voltar atrás. Um Breton casado com a filha do conde de Crenalden? Impossível!

Ela não poderia amá-lo. Ele não poderia amá-la.

— Sinto muito impor minha presença em acomodações tão apertadas. — Robert desafiou o cinto da espada e esticou as pernas. — Mas procuro refúgio de Gunnora. Ela não iria se aventurar a entrar em minha cama com minha esposa ao meu lado.

Riu e escorregou para perto de Eldswythe como se fosse seu lugar natural.

— Espero que ache as acomodações de seu gosto. Consciente da proximidade de Robert, Eldswythe não respondeu. Cada vez que ele roçava nela, parecia que ficava em chamas.

— Não fique com ciúme de Gunnora. A bugiganga que ela usa foi um presente dado tempos atrás por um rapaz solitário que se sentiu grato que ela o levasse para a cama — ele murmurou, afastando uma mecha de cabelos da face de Eldswythe.

Ela empurrou-lhe a mão para longe. Sua pele formigava onde Robert a tocara.

— Não estou com ciúme. Mas não creio que seja prudente dormirmos aqui, juntos. — Por mais que detestasse admitir, a atração entre os dois era muito difícil de negar, difícil de manter sob controle. — Precisamos chegar a Hillsborough. Quero meu lar de volta e libertar o conde de Gloucester. E você quer... Bem, ambos sabemos o que queremos.

Fechou os olhos e inclinou a cabeça para trás, confusa. Anseio, desejo e culpa, tudo era o caos em seu coração. Um beijo leve como uma pluma roçou sua têmpora.

— Contudo, eu quero o que será meu por direito quando chegar a hora. Perdoe minha ambição, milady, e perdoe-me por desejá-la. Sei que me pediu para não beijá-la outra vez, mas não consigo tê-la tão perto e não fazer isso.

— Seus lábios escorregaram pelo pescoço de Eldswythe e depois se afastaram. — Devemos passar por marido e mulher. Você precisa me expulsar daqui.

A confusão toldou o cérebro de Eldswythe.

— O que está me pedindo?

Ele a fitou nos olhos, os deles faiscando de desejo. E um sorriso lento e malicioso espalhou-se por seu rosto.

— Arranje uma briga comigo. Uma briga de gritos estridentes. Uma razão para me mandar embora da carroça e deixá-la dormir em paz. Diga todas as coisas que detesta em mim. Tudo aquilo que a desgosta. Jogue um travesseiro e uma pele para fora da carroça para que eu possa pelo menos ter algo para me manter quente quando eu sair. — Sua respiração estava tão próxima que provocou arrepios pela espinha de Eldswythe.

— Não sou uma marionete! — ela gritou, de repente. — Não pode me fazer dançar a qualquer hora que quiser! Robert riu. Alto.

— Você é minha esposa. Faz o que eu mando.

— Não, não farei, seu patife! Como todos os homens da Casa de Breton! Você é um ladrão e um assassino e um aproveitador de mulheres! Deitou-se com cada moça que algum dia cruzou seu caminho. Não há nenhuma cigana em toda a Inglaterra que não tenha sentido sua espada entre as coxas?

O semblante de Robert crispou-se de surpresa, mas seus olhos faiscaram de aprovação.

— Deus do céu, mulher, se não fosse por sua terra de dote, nenhum homem a teria! Você tem um rosto bonito, mas o temperamento de uma bruxa e o humor de um javali zangado. Graças a Deus pelo dinheiro de seu pai e sua propriedade. Sem isso, eu nunca teria concordado com essa palhaçada de casamento. Pode me detestar quanto quiser, mas, maldição do inferno, você tem obrigações de esposa!

As palmas de Eldswythe de repente ficaram úmidas.

— Não! — ela gritou. — Você não vai me forçar, seu grosseiro, a me deitar com você! Uma vez já foi o suficiente!

Ele vociferou:

— Como é?! — O som de sua voz era ensurdecador, alto o bastante para acordar o acampamento inteiro.

Eldswythe ergueu o queixo.

— Eu disse não!

Robert deu um tapa na lateral da carroça. A lona balançou com o impacto e a

carroça estalou.

— Por Deus, se você não fosse uma bruxa e não carregasse meu herdeiro na barriga, eu a jogaria de quatro e ergueria suas saias e...

As faces de Eldswythe começaram a queimar. A simples ideia daquilo que Robert ameaçava fazer com ela fez sua pulsação acelerar-se.

— Robert Breton, eu o farei arrepender-se do dia em que deixei que me tocasse! Você se importa mais com minha terra de dote e com seu maldito cavalo do que com sua esposa!

— Ora, minha senhora, eu preferiria dormir com meu cavalo que com você de novo. Ele me mantém mais quente e nem de perto é tão carola. Cruza quanto sente necessidade e suas éguas estão sempre dispostas. Não sentem vergonha do ato. Mesmo aquelas que precisam de uma torcida na orelha e de uma corrente no focinho quando ele monta, no fim aprendem a gostar da coisa!

Eldswythe soltou um berro agudo.

— São animais! Como ousa me comparar aos animais?! O diabo que o carregue, Robert Breton!

Jogou dois travesseiros que saíram voando da carroça, passando pela cabeça de Robert e depois empurrou uma coberta de pele em sua face.

— Apodreça no inferno!

— Basta você para despachar um homem diretamente para lá!

Robert inclinou-se para ela, tomou-lhe a mão e beijou-lhe os dedos gentilmente.

— Muito bem — murmurou. — Agora, durma em paz esta noite. — Seu peito arfava, seus olhos ainda faiscavam. — Eldswythe, sinto muito. Eu não deveria ter brigado com você a noite passada. E, quanto a Margaret... Eu não a amo. E não faz sentido discutir sobre a recompensa do rei, sua terra. Não a ganhei ainda, e Gilroy é um inimigo poderoso. Rezo para poder derrotá-lo.

Jogou a manta pelo ombro e saltou da carroça.

Cansada e confusa, Eldswythe jogou-se na cama e enterrou o rosto na coberta de veludo. Não dormiria em paz aquela noite. Não sem Robert. O vazio da carroça já parecia imenso e oco, a cama estreita, agora parecia larga e solitária como um oceano.

Santa Maria, onde Robert dormiria aquela noite?

Socou os travesseiros de frustração, incapaz de expulsar a idéia agonizante da cabeça.

Robert poderia muito bem ir procurar Gunnora.

O dia clareou cedo e brilhou de um jeito vingativo sobre a carroça. Eldswythe apressou-se a sair a fim de encontrar um lugar para suas necessidades íntimas. Onde Robert passara a noite, ela não tinha idéia, mas deu um jeito de convencer-se de que isso não importava.

Caminhou até o riacho, ajoelhou-se e fitou o próprio reflexo na água. Os círculos arroxeados sob seus olhos cansados a faziam parecer tão frágil e indecisa como se sentia. Jogou a água fria no rosto, mas, por mais refrescante que fosse, não animou seu espírito.

Um pedregulho saltou pela água, depois outro caiu no riacho, provocando ondas até as margens.

— Bom dia, lady Margaret — disse uma voz alegre. — Como passou a noite?

Um homem de cabelos escuros agachou-se perto dela, recolhendo pedregulhos da água. Rolou-os pela palma aberta, sem deixar de fitá-la.

Jogou os pedregulhos no bolso e depois sorriu. Uma argola de ouro brilhava em sua orelha.

— Gunnora fez um pouco de caldo, se quiser tomar seu desjejum. Se estiver com enjôos matinais, vai curá-la, e, se não, vai lhe dar um!

Riu e inclinou-se com toda a elegância de um cavaleiro que estivera na Corte.

— Jacques de Littean — disse, levando-lhe a mão até os lábios. — Fico feliz por ceder minha cama a uma senhora cristã tão fina. Mas ouvi o bate-boca entre os dois a noite passada. E sei que as pessoas não brigam assim a menos que amem um ao outro. Aposto que ele volta pedindo perdão. Se não for por nada, não vai querer dormir debaixo da carroça outra vez.

Eldswythe desviou os olhos.

— Obrigada, senhor. — Enxugou as mãos nas saias. — Preciso voltar para a carroça. Meu marido deve estar de pé à esta hora.

Jacques apressou-se a emparelhar com ela.

— Achei estranho que ele dormisse debaixo da carroça, lady Margaret. Mas sei que pode ser difícil dormir ao lado de uma mulher que está esperando filho faz pouco tempo. Espero que os dois consigam descansar. — Sorriu.

— Também tínhamos plano de partir esta manhã, mas minha égua está com problemas com o mormo. Teremos de ficar um dia ou dois até que o inchaço na perna diminua. Vou amarrar um talismã colorido em torno. — Bateu no bolso, as pedras chacoalhando lá dentro. — Com descanso, ela deve ficar boa como nova. Eldswythe parou.

— É para isso que pegou essas pedras?

— Sim, senhora. Por isso e pelos viajantes, na estrada.

— Tirou um punhado de pedregulhos do bolso. — Veja, as de cor de laranja aqui protegerão um homem da Peste Negra, e as azuis manterão suas mulheres a salvo. Se meus parentes estivessem usando as pedras quando a Peste atingiu nosso acampamento — ele murmurou, num tom tristonho —, estariam vivos hoje. Posso atestar isso. — Mostrou a Eldswythe a pedra vermelho vivo suspensa num fio trançado em torno do pescoço.

— O que as pedras pretas fazem? — ela indagou. — Mantêm os cavalos saudáveis?

— Sim, senhora. Esta uma aqui poderia trazer metade de um pêni.

Eldswythe pegou a pedra, esfregando a faces polidas entre os dedos. Não acreditava em nada, claro, mas não levantaria suspeitas ao lhe dizer isso.

— E as verdes?

Jacques abaixou a voz e olhou ao redor como se fosse partilhar um segredo.

— Lady Margaret, estas são muito poderosas. — Pegou uma tira de couro do bolso e amarrou-a em torno da pedra.

— Quando o amado de uma dama a usa em torno do pescoço, a devoção de um para com o outro nunca se acabará.

— Colocou-a na palma da mão de Eldswythe. Ela ergueu a palma aberta e sorriu.

— Suponho que isso lhe valha um belo pêni, não?

— Pelo menos cinco! — ele exclamou, e riu alto. — Mas a senhora pode ficar com ela. — Virou-se para o acampamento. — Preciso examinar Winnow. A pobre égua não comeu ainda.

Eldswythe enfiou a pedra verde no bolso e seguiu atrás dele, até a carroça, onde uma égua, de costas vergadas, se postava de cabeça baixa e olhos fechados, a pata direita traseira dobrada.

Jacques amarrou o saco de aveia no focinho do animal.

— Ah, pobre Winnow. — Esfregou a mão na canela da égua. — Que pena que sofra tanto. — Pegou uma pequena pedra preta de sua coleção e amarrou-a em torno da junta da pata.

Ajoelhando-se, Eldswythe tocou a pele descarnada da perna inchada do animal. Em alguns lugares, minava um líquido viscoso dourado, e o pelo caíra.

— Alguns dias ela lhe parece melhor? — perguntou.

— Quando o inchaço some, ela anda bem. Limpando a mão, Eldswythe disse:

— Não é mormo que a fará ficar melhor. Uma boa fricção com alcatrão e gordura deve curá-la em um mês. Mas você deve comprar a mistura certa de um apotecário. — Sorriu e enfiou a mão no bolso para tocar a pedra que ele lhe dera. — Gaste um pouco do dinheiro que ganha vendendo pedregulhos para ajudar seu pobre animal. — Riu, e depois amarrou a pedra em torno do pescoço.

— Lady Margaret, eu não tinha idéia de que as damas criadas em convento aprendiam tanto sobre cavalos e coisas afins.

Eldswythe sentiu o sangue sumir da face.

— Eu era encarregada do cavalo da Madre Superiora. Tanto o cavalo como Irmã Bromely tinham o mesmo problema. Ainda posso sentir o cheiro de alcatrão e gordura cada vez que ponho o pé na capela.

— Entendo — anuiu Jacques, sorrindo.

Robert surgiu das árvores, afivelando o cinto da espada, o rosto vermelho, as sobrancelhas enrugadas.

— Onde esteve? Hillsborough fica apenas a um dia de distância. Estou ansioso para partir.

Jacques subiu na carroça e ergueu a tampa do banco do cocheiro. Pegou um filão de pão, partiu um pedaço e estendeu-o a Eldswythe.

— Lady Margaret não tem estômago para o caldo de Gunnora, senhor. Nem eu. Então, ofereço para partilhar meu estoque particular. — Piscou para Eldswythe.

Ela rasgou o pão e mastigou.

— Se eu não comer alguma coisa de manhã, senhor, ficarei doente. — Engoliu. — Estou pronta para ir. Por mais hospitaleiros que sejam os seus amigos, sinto falta do conforto de nosso solar.

Robert puxou Barstow pela peia.

— Adeus, Jacques — despediu-se, erguendo Eldswythe para o cavalo. Acenou para Gunnora, que segurava o bebê risonho ao seio.

Filo agitou o braço sob o toldo de sua tenda.

— Tome cuidado na estrada, sir Robert. Olhe bem sua esposa. Existem homens ruins por aí em épocas como esta.

Robert bateu de leve na espada e passou um braço pela cintura de Eldswythe.

Filo levou as mãos aos quadris, e seus olhos esquadriharam a mata. Então, berrou:

— Preciso de uma ajuda para desarmar esta tenda. Onde todo mundo foi?

Eldswythe correu o olhar pelo acampamento.

Gunnora estava sentada na carroça alimentando o bebê. Joan lavava as vasilhas à margem do riacho.

Jacques não estava em parte alguma que se visse.

Capítulo XII

O soldado usava uma túnica escarlata e um distintivo de ferro com um grifo com uma pomba nas garras. Palitava os dentes com o punhal, recostado a uma árvore.

— Tem certeza de que era ela?

Jacques de Littean enxugou a testa com o lenço. Soldados sempre o deixavam nervoso, principalmente aqueles que prometiam pagar por informação, mas mantinham as facas prontas.

— A dama viajava com sir Robert e fingiam que eram casados. Eu diria que não eram.

Outro soldado soltou uma risadinha e foi se postar atrás dele.

— Como isso?

— O jeito que olhavam um para o outro. Não é natural que um marido fique babando atrás da esposa daquele jeito. Até fingiram que estavam brigando. — Sorriu. — Mas aquela dama não era lady Margaret de Suttony. Essa é loira e esguia. Aquela é alta de cabelos pretos e parece que está esperando bebê.

O líder na tropa bocejou.

— Sua informação não é útil. Lorde Gilroy não disse que lady Eldswythe de Crenalden estava grávida. A mulher que você viu com Breton não é ela. Suma daqui. — O soldado empurrou Jacques de Littean de lado, e caminhou a passos duros na direção do cavalo. — Montem! — ordenou aos outros que pareciam entediados. Jacques agarrou o homem pelo braço.

— Tem mais, bom senhor. Por uma moeda, eu lhe direi. Percebeu imediatamente que seu pedido fora um erro grave.

O soldado fez meia-volta e agarrou Jacques pelo pescoço, prensando-o contra uma árvore.

— A menos que tenha erguido as saias da mulher é visto a marca que tem no traseiro, você não sabe quem ela é.

Com os braços presos atrás das costas, Jacques temeu por sua vida. Sabia que os homens poderiam arrancar-lhe a informação e deixá-lo de mãos vazias. Ou pior, sem a cabeça.

— Ela disse o bastante, senhor. Mostrou interesse pela perna inchada de meu cavalo e me disse como tratar disso. Lady Margaret não faria isso — balbuciou. — A mulher com sir Robert é a feiticeira de cavalos.

O soldado chegou mais perto.

— Diz que estão na estrada entre as aldeias de Cavendish e Lackford?

— Eu mesmo os segui até lá, senhor. Eles não me viram.

O soldado soltou-o e virou-se para montar. Jacques esfregou o pescoço e recuou. — O dinheiro que prometeu, senhor? Foi a última coisa que disse antes de sentir o golpe que estalou seu crânio e derrubou-o, amontoado no chão.

Eldswythe descansou a cabeça nas costas de Robert e fechou os olhos, embalada

pelo trote de Barstow. A discussão que haviam fingido ter na noite anterior continuava a surgir em sua mente como um sonho perturbador.

Robert sentava-se rígido nas costas de Barstow. Ela podia sentir que tanto o cavaleiro como o cavalo estavam tensos, e cansados.

Ele pigarreou.

— Ver você tão alegre esta manhã com de Littean não me assentou bem. Não confio no sujeito. Estou ansioso para levá-la em segurança a Hillsborough.

Eldswythe tocou a pedra verde amarrada no pescoço.

— Ficou com ciúme?

Robert olhou para a estrada adiante.

— Se eu pudesse negar que a desejo, Eldswythe, eu negaria. Tornaria as coisas mais fáceis entre nós. Dito isso, quanto mais cedo chegarmos a Hillsborough, melhor.

Ela abaixou os olhos.

— Concordo.

Porém, a simples idéia de não ver Robert Breton diariamente, cavalgar perto dele ou mesmo dormir com ele outra vez a abalava. Não estava pronta para separar-se de sua companhia. Chegariam a Hillsborough na manhã do dia seguinte. Aquelas poucas horas sozinhos seriam as últimas, ela sabia.

Eldswythe deixou que o movimento ritmado do trote a acalmasse e mal percebeu o ligeiro sacudir de cabeça do animal. O erguer da pata. E depois, o tropeço.

Robert praguejou:

— Maldição!

Eldswythe endireitou-se, cada músculo das costas, tenso.

— Ele está manco!

Deus Todo-Poderoso, como não percebera antes? Robert levou o cavalo até debaixo de um enorme carvalho e desmontou. Eldswythe escorregou pelo flanco e postou-se ao lado dele, e se ajoelhou perto da pata de Barstow. Tateou os tendões do cavalo.

— Erga! — Robert ordenou.

Barstow ergueu a pata, e ele pousou-a em seu joelho dobrado. Tirando o punhal do cinto, escavou e raspou a sujeira da sola da pata. O aço rangeu na ferradura conforme torrões de terra caíam. A causa do problema revelou-se: um seixo grande como uma bolota de carvalho calcado entre a ferradura e o talão.

— Parece que alguém colocou isto aqui de propósito. Nunca vi um pedregulho enterrado tão firme — resmungou Robert.

Eldswythe mordeu o lábio. Santa Maria! Por que Jacques fizera aquilo? Ajoelhou-se ao lado de Robert e olhou para a pata de Barstow. A sola branca macia já começara a arroxear onde a pedra se alojara.

— Ele está machucado, mas pode andar agora. — Inclinou a cabeça para dar uma olhada melhor enquanto Robert arrancava o último fragmento. — Teremos de...

O baque soou aos ouvidos de Eldswythe como um porrete que se chocasse a um bloco de pedra. Robert caiu para a frente e esparramou-se de cara no chão.

Eldswythe soltou um berro de pavor. De repente, mãos a agarraram. Um joelho coberto de cota de malha derrubou-a ao chão.

Barstow empinou conforme o aço tiniu, uma espada escorregando de uma bainha enferrujada.

— Feiticeira de cavalos! Não há como fugir desta vez. Eldswythe esticou as mãos, enterrando as unhas no homem que a segurava para baixo.

— Agarre os pés dela! Vou amarrar as mãos!

Ela viu de relance um soldado parado sobre o corpo imóvel de Robert, a espada posicionada para atacar.

— Não!

No mesmo instante, a cabeça de Barstow chocou-se às costas do homem. O enorme cavalo relinchou enquanto uma pata cortava o ar e aterrissava diretamente na cabeça do soldado, atingindo-o com força, empurrando-lhe a face com o elmo para o chão.

Um segundo soldado saltou das moitas e agarrou o outro pelo braço, fazendo-o levantar-se.

— Mullins, seu idiota! Levante. Pegue a feiticeira. Se não conseguirmos, vai ser o inferno, estamos mortos. Gilroy ou aquele animal vai nos matar!

Puxou o amigo de lado, porém manteve o olho em Barstow, que agora arreganhara os dentes.

— Um presente para sir Robert Breton de lorde Gilroy — disse o soldado, ao jogar um bico de verruma no chão.

— Ele falou que era para lhe dizer que tudo é justo no amor e na guerra.

Arrastou Eldswythe na direção do cavalo que esperava.

O outro soldado cambaleou até sua montaria, o elmo amassado, o rosto coberto de terra e sangue. Seu braço esquerdo pendia frouxo de lado conforme ele se arrastou até a sela.

— Cavalo maldito! Meu osso do ombro está quebrado! Barstow bufou e escavou o chão, ameaçando atacar enquanto Robert jazia imóvel, o sangue escorrendo pelo canto da boca, o punhal na mão fechada.

— Robert!

Mãos rudes a puxavam pelos cabelos e depois a ergueram. Eldswythe aterrissou com um baque no lombo de um cavalo, jogada como um saco de beterrabas e amarrada como um porco para o matadouro. As cordas enrolavam-se em suas mãos e tornozelos, cortando a pele como facas.

Barstow relinchou, o grito estridente espantando os pardais das árvores.

— Vamos embora! — berrou o soldado. — Antes que o cavalo do demo ali resolva vir atrás de nós!

Eldswythe virou a cabeça de lado, tentando cuspir o trapo sujo que enfiaram em sua boca. Arquejou, lutando para respirar, enquanto o cavalo sob ela fazia meia-volta e galopava para a mata.

Através dos olhos toldados de lágrimas, viu Robert de relance. Não se movia, e ela não tinha certeza se ele respirava. Impotente para ajudá-lo, suplicou silenciosamente que Barstow ficasse ao lado do dono. O cavalo bateu as patas dianteiras e bufou, como se entendesse.

Capítulo XIII

Eldswythe gemeu e encostou a cabeça dolorida no flanco suado do cavalo. Continuava a cavalgar de rosto pendurado, atravessada no garanhão. O capitão parecia pouco se importar com a rapidez com que andavam, ou com os ramos que lhe arranhavam a face e as pernas. A floresta tornava-se mais escura, e Eldswythe começou a perder a esperança.

Não conseguia afastar a visão de Robert imóvel no chão. Uma sensação de pânico subiu de seu estômago e ela lutou contra a vontade de vomitar. Rezou a Deus para que

ele não estivesse morto.

Um soldado num cavalo cinza emparelhou ao lado deles.

— Espero que a gente tenha pegado a dama que lorde Gilroy quer, aquela que chamam de feiticeira de cavalos. Não seria melhor verificarmos isso?

Eldswythe ficou tensa e ergueu a cabeça. Por favor, não.

O capitão parou seu cavalo debaixo de um grupo de árvores e apeou.

— Tem razão, Wellesley, vamos olhar. Lorde Gilroy não vai ficar contente se levamos a mulher errada. — Virou-se e ergueu as saias de Eldswythe, jogando-as pelas costas dela e expondo-lhe o traseiro. Ela sentiu o ardor do tapa com a luva de couro nas nádegas nuas. — Parece que pegamos a certa. — O homem riu quando os dois outros saltaram de seus cavalos para darem uma olhada melhor. Wellesley correu o dedo pela cicatriz de Eldswythe.

— Ela tem mesmo a marca do cavalo demo. — Lambeu os lábios. — E que traseiro, macio e rosado e...

O capitão puxou as saias de Eldswythe para baixo.

— Não comece com idéias. — Deu-lhe outro tapa nas nádegas. — Se lorde Gilroy planeja tomar a moça, não vai querer compartilhar. — Arrastou Eldswythe do cavalo. — Aqui é um bom lugar para acampar como qualquer outro.

Colocou-a no chão e verificou a mordaca. Depois, arrastou-a até uma árvore e passou uma corda em torno de sua cintura.

— Agora, não fique pensando que pode fugir. Sente aí enquanto fazemos comida. Pode ser que a gente deixe um pouco para a senhora. Se for boazinha. — Piscou.

Eldswythe fechou os olhos. Seu corpo estava todo dolorido e sua cabeça latejava.

Os soldados continuaram a arrumar o acampamento. Um acendeu o fogo, enquanto os outros saíam para caçar o jantar. Ao pôr do sol, voltaram com esquilos e galinhas, que limparam e estriparam. Sentaram-se ao lado do fogo e beberam conforme a caça assava nas chamas.

O capitão agachou-se e puxou a mordaca para baixo do queixo de Eldswythe.

— Vou tirar o trapo de sua boca para que possa comer e beber alguma coisa, mas se pensar em fugir, saiba que existem muitas maneiras de mantê-la quieta que não deixarão marca. No mínimo, eu a amarrarei como um porco até entregá-la a Gilroy. — Pegou um pedaço de carne e enfiou-o na boca de Eldswythe, erguendo o odre até os lábios dela.

Ela tossiu e cuspiu.

— Gilroy é um bastardo! Morrerei por minhas próprias mãos primeiro, antes de me submeter a ele!

Os homens riram, e o capitão abriu um sorriso largo.

— Não posso dizer que a culpo, senhora. Lorde Gilroy é um bastardo, sim... de seu pai!

Os outros assobiaram.

O capitão riu, a voz quase simpática.

— Se eu fosse mulher, iria preferir passar a eternidade condenado ao inferno com todos os outros suicidas a passar a noite com Gilroy. Ele é seu meio-irmão e gosta de brutalidade. Aposto que já ouviu falar também que as partes íntimas de Gilroy são tão retorcidas quanto a mente dele. Mesmo as prostitutas de acampamento se escondem quando ele as procura.

Os soldados uivaram. Eldswythe engoliu em seco.

— Veja os cavalos, Wellesley. Gerrod, você fica com o primeiro turno. — O capitão amarrou de novo as mãos de Eldswythe e depois verificou a corda em torno de seus pés e cintura. — Você é uma coisinha bonita — disse. — Se lorde Gilroy não tivesse interesse em sua pessoa, seria difícil afastar meus homens de você esta noite. Mas eu suspeito de que sir Robert já a teve primeiro. Você ficou muito tempo ao lado dele para não cair na

cama do homem.

Eldswythe sentiu o calor subir por suas faces.

— Pena, lady Eldswythe, porque se sir Robert se aproveitou de você, foi por despeito. — Soltou uma risadinha. — Afinal, Gilroy deflorou a dama que era o amor de sir Robert. Depois, os dois tentaram acertar as contas com relação a lady Margaret faz quase um ano. Se Breton quiser você, Gilroy não vai se importar se suas pétalas já foram arrancadas.

Nauseada com a revelação, Eldswythe desabou contra a árvore e deixou que as cordas que a prendiam a segurassem. Seria verdade? Ela era um peão, encurralada entre dois homens vingativos em sua guerra particular por causa de outra mulher?

Não era possível. Robert não a usaria de maneira tão vil. Ele cobiçava suas terras, disso ela tinha certeza. Mas não a usaria para acertar as contas com John Gilroy por causa de uma mulher.

No momento em que Robert abriu os olhos pesados, o calombo do tamanho de um ovo atrás de sua orelha pareceu que iria partir seu crânio e abri-lo ao meio.

Ele gemeu e ergueu a mão, sentindo o focinho aveludado de Barstow roçando sua palma. O garanhão cheirou seus cabelos e esfregou o nariz em sua face. Robert tentou focar os olhos, a vista borrada. Mal conseguia divisar a forma massiva de Barstow. Agarrou a brida do cavalo e ergueu-se de pé. Esquadrinhou a mata, a visão turva, procurando desesperadamente por algum sinal de Eldswythe.

Então, avistou algo. Um brilho de aço reluziu no capim ao seu lado.

A angústia o sufocou. Ele fechou a mão em torno da ponta quebrada da lança, um bico de verruma como aquele que perfurara seu ombro um ano atrás. Não sentiu a dor, nem da ponta aguçada que se enterrava em sua palma nem do calombo que latejava em sua cabeça.

Um rugido zangado explodiu de sua garganta,

— Gilroy! — Apoiou-se no cavalo, vacilante, mas determinado a continuar consciente. — Não descansarei até enterrar esta ponta de lança em seu coração!

Eles eram fáceis de rastrear. Três homens em três cavalos, andando pelos bosques num passo lento o suficiente para serem alcançados. O homem que os seguia com a raiva fervendo no peito e o ódio devorando as entranhas não parou nem hesitou na busca. Mesmo quanto a dor que latejava em sua cabeça fez o mundo escurecer, ele segurou-se ao cavalo e confiou no animal para encontrar o caminho até que a visão retornasse.

Agachado nas moitas com a espada desembainhada, Robert podia ver o capitão bebendo ao lado da fogueira, e Eldswythe amarrada a uma árvore.

O único guarda afastou-se de lado a túnica escarlate com uma das mãos e se encostou a outra árvore para urinar, sem suspeitar de que era observado.

As folhas farfalhavam e Robert, pronto para o combate, ergueu os olhos e deparou-se com uma figura encapuzada pendurada num galho da árvore bem em cima do guarda. Jacques de Littean tinha um punhal nos lábios, e fez um sinal a Robert para que não se movesse. Com um salto, caiu sobre as costas do soldado e, então, passou o punhal pela garganta do homem.

— Aqueles que não negociam honestamente com ciganos — murmurou — encaram as consequências.

O sangue esguichou do ferimento e espalhou-se pelas moitas.

O soldado desabou de joelhos e caiu largado no chão. Desviando-se do corpo, de Littean puxou o capuz sobre a face e encarou Robert.

Robert saltou das moitas. Espada em riste, comprimiu a ponta contra o pescoço do

cigano.

— Foi você que colocou os homens de Gilroy atrás de nós.

Jacques de Littean recuou e olhou para o acampamento.

— Calma, senhor. — Levou o dedo aos lábios. — Estou aqui para ajudá-lo a libertar lady Eldswythe.

Os olhos de Robert se estreitaram de suspeita.

— Você a denunciou a eles e agora quer ajudar? Eu deveria matá-lo — sibilou.

— Tentei ganhar um dinheiro em troca de algumas informações. Mas aquele camarada ali não honrou com sua parte na barganha. Não podem ter o que não pagaram para conseguir. É minha honra de cigano que estou procurando resgatar. — Pousou a mão sobre o coração.

Robert fez um ar de escárnio.

— Um código cigano de honra?

— Um homem deve saber que nunca se engana um cigano. O capitão e os outros precisam aprender essa lição. — Sorriu. — As chances estão a nosso favor se trabalharmos juntos. O senhor conseguirá o que quer, e eu conseguirei o que quero.

— Não vou cair de árvores cortando gargantas. Luto face a face.

Jacque subiu de novo na árvore.

— Vai ser morto então. Lá vem o outro.

— Wellesley, o que o está retendo por tanto tempo?... — O soldado cutucava as moitas com a espada e segurava o escudo de lado. — Fale, homem!

Robert saltou na frente do soldado e desceu-lhe a espada sobre a cabeça.

O elmo retiniu e deslocou-se de lado. O soldado cambaleou para trás.

Robert atacou, mas precisou desviar-se de uma investida selvagem do oponente. Fagulhas voavam e a espada cortou o ar diante de seu rosto.

Quando a espada enterrou-se no tronco, o soldado apoiou a bota na árvore e puxou a lâmina para trás. A espada soltou-se de repente, e ele cambaleou, depois arquejou e levou a mão ao peito. Caiu de joelhos. De boca aberta, desabou, com o punhal de Robert enterrado nas costas.

Com um baque surdo, de Littean saltou para perto de Robert.

— Ele quase me derrubou de meu poleiro, senhor. Obrigado. — Virou-se e correu para a mata. — Pode pegar o último também. Deve estar pronto para você agora.

Robert disparou atrás dele. E, para sua surpresa, avistou o capitão caído no chão a alguns centímetros de distância de Eldswythe.

Ela arregalou os olhos ao avistá-lo, e lançou um olhar ansioso para o cigano.

De Littean virou o corpo flácido do capitão para cima e cortou a bolsa presa ao cinto.

— Uma pitada de magia cigana na bebida, capitão. Espero que tenha gostado.

Robert correu para o lado de Eldswythe e cortou-lhe as cordas. Beijou-lhe os pulsos arranhados e sangrando, em seguida a puxou para dentro dos braços.

— Não importa o que eles fizeram, eu acertarei as coisas — murmurou. — Gilroy pagará por isso.

Eldswythe enterrou a face em seu ombro, gemendo de alívio.

Jacques deu um tapinha no ombro de Robert.

— Não vai embora ainda, vai, senhor? Preciso de sua ajuda.

— O que mais quer de mim? — Robert indagou, e olhou para o capitão. — Você o drogou, não é? — Chutou o odre das mãos do homem.

— Teria drogado os outros, também, mas não tive a chance. O capitão colocou a bebida ao lado das moitas para amarrar lady Eldswythe. Os outros levaram as deles junto.

— Você matou os homens e pegou sua bolsa. O que resta a fazer? Jacques sorriu.

— Não reconhece sua cota de malha e a sela?

Robert olhou para a sela no lombo do cavalo do capitão.

— De Littean, qual é exatamente o seu plano? — Ele soltou os laços de sua cota de malha e do colete almofadado do corpo do capitão, e desafivelou a sela do lombo do cavalo.

— Vou levar os cavalos comigo. Há um comerciante em Billington que não faz perguntas. Vão valer uma libra ou duas. — Sorriu. — Levarei as roupas do capitão aqui e deixarei na vila que saquearam. O povo de lá está precisando de um par decente de botas e calças para o inverno.

Recuou e levou as mãos aos quadris.

— Deixe um homem pelado vagueando pelo mato por um dia, e ele terá um monte de coisas com que se preocupar além de sair atrás de nós.

Tirou a argola de ouro da orelha.

— Só para o caso que haver alguma dúvida, quero que ele se lembre, do cigano que enganou e deixou para morrer. — Pendurou a argola na orelha do capitão e deu um passo para trás a fim de admirar o trabalho. Caiu na risada. — Não ficou bonito?

Jacques levou a mão de Eldswythe até os lábios.

— Lady Eldswythe, perdoe-me. Estou tentando endireitar as coisas. Não lhe fizeram mal? — Apontou para a pedra verde que pendia do pescoço dela. — É outra pitada de magia cigana que a guardou. Não tão forte como a magia de uma feiticeira de cavalos, mas funciona. — Piscou para Robert.

O capitão mexeu-se, saindo do estupor, resmungou e esfregou a barriga nua.

Jacques saltou no cavalo do capitão e apertou os calcanhares, puxando os outros dois animais de lado.

— Eu o verei na próxima primavera, na feira de Hillsborough. — Acenou e desapareceu entre as árvores.

Robert jogou as almofadas e a sela sobre o dorso de Barstow, e apertou a cilha.

— Eldswythe, amanhã à noite estaremos em Hillsborough. Gilroy não poderá tocá-la lá. — Caminhou até ela e ergueu-lhe o rosto, descansando a testa na dela. — Aconteça o que acontecer em Hillsborough, nunca duvide de que eu... — gaguejou e, então, baixou a cabeça e beijou-a com ardor.

O capitão resmungou e abriu os olhos.

— Que diabos...

Robert hesitou antes de se afastar. Jogou a ponta quebrada da lança aos pés do capitão.

— Dê isto de volta a seu senhor. Diga-lhe que quando nos encontrarmos novamente em batalha, eu transpassarei seu coração com minha espada.

Sem mais uma palavra, ergueu Eldswythe no lombo de Barstow e montou atrás. Incitando a montaria a um trote, afastaram-se do local onde os soldados de Gilroy jaziam mortos, e seu capitão, nu, retorcia-se no chão.

Eldswythe aconchegou-se ao peito de Robert, sentada nas costas de Barstow. A brilhante lua cheia iluminava o céu da noite com o um farol, e o ar estava calmo.

A floresta que bordejava a estrada parecia tranqüila, a não ser pelo som das patas de Barstow. O animal não mancava mais. Eldswythe respirou fundo, grata que o cavalo estivesse são, e a estrada larga em que viajavam fosse plaina e sem sombras.

Uma hospedaria apontou entre as árvores na encruzilhada não muito longe dali. Réstias de luz dourada brilhavam por trás das venezianas, e a melodia de um alaúde encobria as risadas e a cantoria. Viajantes se divertiam antes de se acomodarem para a noite.

A voz profunda de Robert ressoou aos seus ouvidos.

— Vamos parar ali. O Urso e a Raposa é uma estalagem modesta, mas com comida e bebida boas.

Assustada, Eldswythe endireitou-se, surpresa que ele assumisse o risco e parasse num lugar como aquele. Talvez estivesse tão fatigado quanto ela.

Robert puxou as rédeas de Barstow, desmontou e colocou Eldswythe no chão.

— Será que terão um quarto? — ela indagou. — Pelo barulho, o lugar está cheio.

— Arranjarão. O conde de Hillsborough mantém uma conta aberta coxa o estalajadeiro. Meu irmão sempre traz seus companheiros de caça para comer aqui.

Levou Barstow até um telheiro lotado e, depois, virou-se e pegou Eldswythe pela mão. Seguiu em silêncio ao lado dela e quando se aproximaram da porta da estalagem, parou. Virou-a para que o fitasse.

— Eldswythe, não dirija a palavra a ninguém. Fique calada e não desperte atenção. Eu falarei.

Antes que ela pudesse responder, ele empurrou a porta e entrou. Com a mão ainda na dele, Eldswythe não teve outra escolha a não ser acompanhá-lo. As vozes no salão fizeram silêncio. O ar era pesado com o cheiro de suor, cerveja e fumaça.

Viajantes cansados, homens a maioria, e algumas poucas mulheres, sentavam-se amontoados às mesas, agarrados a canecas de cerveja turva.

Robert soltou-lhe a mão e atravessou a sala. Um homenzinho roliço desceu as escadas do andar superior.

— Que diabos? É o Cavaleiro Negro que celebra seu retorno ao mundo dos vivos? Sir Robert Breton, é o senhor ou estou vendo um fantasma? — Tirou o boné da cabeça e se inclinou várias vezes em mesuras. — E essa é lady Mar... ah, não. Vejo que não é. — Olhou para Robert como se esperasse uma apresentação.

Robert meneou a cabeça.

— A senhora precisa de um quarto. Há um de sobra? — perguntou com secura e não deu mais explicações.

Reynold relanceou os olhos na direção da escada, para os quartos lá em cima.

— Para o senhor, milorde, naturalmente. E providenciarei que o senhor... quero dizer, que a dama não tenha intromissões.

Fez outra medida e subiu as escadas e bateu a uma porta.

— Fora, seus desordeiros! Sua hora acabou, e tenho um senhor e uma senhora esperando.

Um casal saiu cambaleando logo depois. A mulher com um avental sujo amarrado nos quadris largos, enfiou uma moeda entre os seios. O homem tinha ar de inocente.

Reynolds ergueu as mãos, convidando Robert e Eldswythe a subir.

— É todo seu, milorde. Vou buscar toalhas limpas e algumas cobertas para a senhora.

Robert acompanhou Eldswythe até o quarto. Sacou a espada e inspecionou debaixo da cama, depois abriu as venezianas e esquadrinhou o quintal lá embaixo. A lua iluminava a janela, a luz suave amenizando a rusticidade da mobília lá dentro. O ar fresco da noite arrepiou a pele de Eldswythe.

Reynolds reapareceu à soleira da porta, com uma pilha de lençóis nos braços.

Robert fez um sinal para que ele entrasse.

— Vamos precisar de comida e bebida. O melhor que tiver para oferecer.

O gorducho entrou e colocou a roupa de cama sobre o colchão e saiu depressa.

Eldswythe sentou-se com cuidado ao pé da cama. Vozes bêbadas subiam da taverna lá embaixo, e sob a luz tênue, os ombros de Robert pareciam caídos de cansaço. Deus do céu, ele estava exausto até os ossos, tal como ela se sentia. Extenuado.

Ansiava jogar os braços em torno do pescoço dele e cobri-lo de beijos. Porém, como? Desde que ele a resgatara dos soldados, mantivera-se em silêncio. Será que lamentava o trabalho que ela lhe trouxera?

Passos ressoaram pela escada.

— Isso deve ser do agrado da dama e do senhor também, milorde. — Quando Eldswythe abriu a porta, Reynolds colocou nas mãos dela uma bandeja com tigelas fumegantes de sopa, uma perna de carneiro assada e vinho tinto quente com especiarias.

Fazendo uma medida, ele saiu apressado.

A porta fechou-se atrás dele, abafando o ruído e a luz.

Os olhos de Robert pousaram em Eldswythe. A bandeja balançou em suas mãos. O vinho transbordou pelas beiradas dos cálices altos de peltre. Deus do céu, ela precisava se declarar a ele e acabar com aquilo. Mesmo que significasse uma rejeição.

— Não posso acreditar que estou prestes a dizer isso... — Colocou a bandeja sobre a mesa, a voz um fiapo.

— Não! — Robert exclamou, fechando o espaço entre os dois como se fosse tocá-la. Então, parou, os punhos fechados caídos de lado. — Estamos ambos exaustos. Seja o que quer que tenha havido, ou haja entre nós, deve ser mantido sob controle. Não diga nada que torne as coisas mais difíceis para você... ou para mim.

Eldswythe baixou os olhos.

— Tenho de lhe dizer... antes de amanhã. Antes de chegarmos a Hillsborough, pois receio não ter outra chance. Eu...

Robert tomou-lhe as mãos e puxou-a, fazendo com que ela se calasse. Encostou o rosto contra a cabeça dela e acariciou-lhe as costas; a palma quente provocando uma descarga de anseio desesperado pelo coração de Eldswythe.

— Por favor, fique calada. — Sua voz era um murmúrio rouco. — Pensei que a tivesse perdido. Quando acordei para descobrir que você sumira, mal consegui respirar.

Eldswythe passou os braços em torno de seu pescoço.

— A última coisa que vi foi você largado no chão sem se mexer. Pensei que os homens de Gilroy o tivessem matado. Daquele momento em diante, não me importei com o que aconteceria.

Com o coração disparado junto ao dele, Eldswythe apoiou-se a Robert, sentindo os joelhos bambos e trêmulos.

— Robert, posso passar a eternidade no inferno implorando perdão a Deus, mas não posso passar a minha vida na Terra sem saber... Eu quase o perdi, Robert. Não consigo suportar a idéia de não saber como seria amar você.

Ergueu os lábios e beijou-o com ardor e um completo abandono. Devorando o sabor suave da boca de Robert, sua necessidade tornou-se mais urgente e desenfreada.

Sem fôlego e tremendo, ela afastou-se, enquanto arrancava a capa. Os laços da combinação cederam sob seus dedos trêmulos. Com um encolher de ombros, a roupa caiu até sua cintura, passou pelos quadris e amontoou-se aos seus pés.

Os olhos de Robert não se desviaram dos dela, a despeito da tentação de se deliciarem na beleza da mulher que estava nua à sua frente. Por todos os santos, ela o surpreendia. A maioria das mulheres que sobrevivera ao que ela acabara de enfrentar teria desmaiado, histérica. Mas Eldswythe não se acovardara. E Deus sabia que ela sofreria muito nas últimas semanas. Era uma criatura forte, no pleno domínio do bom-senso e da vontade. Não o acusara de não protegê-la como havia prometido. Em vez disso, postava-se à sua frente com uma honestidade desnuda, e declarava o quanto se importava com ele. Estaria mesmo disposta a se deitar com ele? Teria o convite nascido realmente do desejo? Eldswythe nada tinha a ganhar em se deitar com ele, e nem muito a perder. Por que faria isso?

Tamanha ousadia comoveu seu coração e a audácia fez sua virilha doer, porém ele não a deixaria oferecer-se assim.

— Eldswythe — murmurou —, você não sabe o que está fazendo. Você me odiará por isso, e se odiará pelo que está prestes a fazer.

— Eu sei exatamente o que estou fazendo. Deus me ajude, mas isso é o que eu quero. — Deu um passo na direção dele e tomou-lhe a barra da túnica nas mãos trêmulas.

Robert segurou-a pelos pulsos, impedindo-a de se mexer.

— Eldswythe, se você ficar grávida...

— Conheço os riscos. Escolho assumi-los.

Ele podia sentir o próprio coração batendo no silêncio do quarto, enquanto ela o encarava, esperançosa e com os olhos cor de esmeralda faiscando de desejo.

Eldswythe nunca parecera tão bela como estava naquele momento. As longas pernas, os quadris esguios e roliços, as nádegas suaves. Os ombros magros e esculpidos. Os seios firmes com um anel de um castanho rosado circundando as pontas. Em sua nudez banhada pelo luar, ela parecia vulnerável e absolutamente sedutora.

Ela comprimiu o corpo no de Robert. Seios, ventre e coxas a assaltá-lo. Não havia hesitação nem medo quando lhe reclamou a boca com a intenção bem clara de lhe minar a resistência. Entreabriu os lábios e a língua insinuou-se entre os de Robert.

Os sentidos o derrotaram.

Louco de desejo, ele a ergueu nos braços e atravessou o quarto. Sua boca ainda cobria a dela quando a colocou sobre a cama.

Rezou a Deus para que ela não tivesse segundas intenções por trás daquela sedução. Rezou para que os motivos fossem tão honestos e tão francos quanto pareciam.

— Eldswythe, a lua já está alta — disse. — Devemos partir ao amanhecer. Sonhei em ensiná-la, em lhe mostrar o quanto pode ser maravilhoso o ato do amor, mas esta noite pode ser apressada. A primeira vez você pode sentir dor e eu...

— Você diz esta noite como se houvesse outras pela frente. Uma esperança falsa, Robert, e você sabe disso. Eu prefiro fazer amor com você por uma hora, a não fazer de jeito nenhum. Não estou com medo. Por favor, me mostre se faz. — Correu as mãos pelas costas dele, antes de lhe erguer a túnica pela cabeça.

Ao toque das pontas dos dedos de Eldswythe em suas costas, um calafrio percorreu o corpo de Robert, aclarando sua cabeça. Ele quase se afastou da cama. Quase. Mas, então, os lábios de Eldswythe tocaram seu pescoço, úmidos e quentes, acariciando a cicatriz que corria da clavícula até a orelha. As mãos macias se estenderam por seus ombros e o obrigaram a se curvar e comprimir-se a ela, para sentir a maciez dos seios e a respiração quente agora em sua boca.

Precisava dela. Mais do que algum dia precisara de uma mulher.

Com um gemido brotado do fundo da alma, ele afastou-se dela e tirou as botas e as calças. O ar frio da noite envolveu-o conforme arrancava as ceroulas e libertava o membro intumescido, pondo de lado todas as suas honrosas intenções, toda a nobre determinação de evitar uma situação infeliz.

Ela o fitou, a expressão cheia de anseio. Robert beijou-lhe os lábios e hesitou, mas Eldswythe correspondeu avidamente, deslizando as mãos por suas nádegas nuas. Ele se debruçou entre os braços macios, sentindo os pelos entre as pernas de Eldswythe roçar sua virilha.

De repente, estava tremendo como um garoto, mas ela parecia não perceber. Deixou os dedos escorregar até o meio das coxas, para dentro das dobras úmidas. Um grito de susto encapou dos lábios de Eldswythe antes que ela o cortasse, respirando fundo.

Fora muito apressado, ele sabia, mas não havia tempo para demoras. Não aquela noite. Robert fez o que tinha de fazer para deixá-la pronta. Acariciou-lhe o botão sensível ao centro com os dedos, enquanto se continha. Logo, ela se retorcia sob seu toque e estava pronta para recebê-lo, mas se pudesse, ele teria lhe dado mais tempo para se acostumar com o que estava para acontecer.

— Eu gostaria que houvesse mais tempo — murmurou. Ela fechou os olhos e agarrou-se a Robert com mais força.

— Não sei o que fazer.

A necessidade o fustigou, quase destruindo seu controle.

— Confie em mim.

Gentilmente, afastou as pernas de Eldswythe com os joelhos, posicionou-se entre

suas pernas e a penetrou, gentilmente.

Eldswythe ficou tensa e enterrou as unhas nos músculos agrupados das costas de Robert. Ele ouviu o ar escapar de seus lábios quando se enterrou mais fundo, dentro dela. Um gemido abafado subiu de sua garganta conforme ela jogou a cabeça para trás, fechando os olhos.

— Passe as pernas em torno de minha cintura — ele murmurou. Com um impulso, deslizou mais para o fundo, até que toda a extensão do membro pulsante penetrasse as dobras macias e o peso de seus quadris pressionasse os dela.

Sentiu a compressão ceder, e Eldswythe arquejou quando ele começou a se mover em um ritmo cadenciado, cada vez mais depressa até que pensou que fosse morrer de prazer com a doce sensação que fluía e aumentava a cada estocada.

Eldswythe gemeu e arqueou os quadris, o ritmo da união urgente e quase violento. Os pés da cama batiam contra a parede e as cordas debaixo do colchão esticavam-se conforme Robert mergulhava dentro dela, com mais e mais força, com uma necessidade dolorosa, cega e selvagem. Contorcendo-se e arqueando-se sob ele, ela sincronizou os meneios, enquanto ele lhe apertava as nádegas e a puxava para mais perto. Uma película de suor cobriu o vale entre os seios, e as faces queimavam.

Robert, então sentiu os músculos internos se fechar em torno dele, tremer e depois se contrair com força ainda maior.

Eldswythe gemeu, sacudida por espasmos conforme os músculos se fechavam em contrações cada vez mais violentas, deixando-a sem fôlego, presa naquela paixão.

Um som gutural, um gemido rouco de satisfação completa ressoou na garganta de Robert quando explodiu dentro dela. Lavado de suor, beijou-a de leve nos lábios e então murmurou ao seu ouvido:

— Eu queria ter demorado mais tempo com você, Eldswythe.

Com as faces radiosas de um rubor rosado, ela disse, baixinho:

— Eu não teria durado outro minuto, se você demorasse. E poderia soltar meu último suspiro sem esse abençoado alívio.

Ele riu, uma risada baixa e gutural. Beijou-lhe a face, ainda apoiado ao corpo de Eldswythe.

— Eu ficaria aqui para sempre, se pudesse. Se pudéssemos...

Baixou a cabeça e correu a mão pelos seios fartos, afagando os bicos que logo saltaram roliços e duros ao seu toque.

Ela fechou os olhos.

— E eu gostaria que você ficasse aqui para sempre, se eu pudesse. Esquecer qualquer lugar, menos este. Mas Crenalden está esperando. E seu exército. Ambos conspiram para nos manter atrelados ao nosso dever.

Robert pousou a cabeça no meio dos seios macios.

— Deixe-me saborear outro minuto em seus braços antes que a manhã chegue. — Ergueu a pedra verde que pendia da tira de couro no pescoço de Eldswythe. — De onde veio isso? — Sua voz era rouca, os olhos ainda toldados de saciedade. Traçou pequenos círculos em torno dos mamilos com o pedregulho frio.

— Foi um presente. Mas, você tem razão, sou muito confiante e inocente. Com essa admissão, tenho outra a fazer. Eu me apaixonei por você, Robert Breton, embora tenha tentado muito não me apaixonar. Sei que detesta meu pai, e que quer nossas terras. Mas não posso controlar meus sentimentos. Eu te amo. .

Robert não disse uma palavra, mas rolou para lado, tirando a pressão de cima dela. De costas, olhou para o teto.

Quem dera pudesse lhe dizer que a amava também. Não sonhara que seu coração fosse capturado pela feiticeira de cavalos. Em algum lugar naquelas últimas semanas ela o enchera de esperança e energia e, quase inesperadamente, renovara seu espírito. Eldswythe não ocultara nenhum segredo dele. Oferecera-lhe o coração sem esperar nada

em troca, mesmo sabendo que ele tomaria muito mais dela. Com franqueza e sinceridade, ganhara seu respeito. Com o corpo e o coração, conquistara sua alma. Ela não era como as outras mulheres em sua vida que guardavam segredos, dolorosos segredos que colocavam as próprias vidas e a sua em perigo. Ele pagara o preço por confiar em Margaret de Suttony. Que preço pagaria por confiar em Eldswythe?

Encolheu-se, a agonia do passado ainda tão penosa como uma ferida recente. Talvez Eldswythe não fosse tão honesta ou tão nobre, quanto ele acreditava que fosse. Talvez estivesse escondendo algo, e usado o corpo para enfraquecer suas defesas. Ele não podia mais confiar no próprio discernimento. No que dizia respeito a ela, seu cérebro ficava toldado de desejo. Porém, se ela comprovasse ser diferente, então como ele poderia abrir mão da única mulher que poderia amar e respeitar? Ambos tinham jurado seguir caminhos que os manteriam separados. Como poderia falar de amor se não tinha esperança de um futuro sem conflitos? E se ela não fosse o que parecia? Melhor ter certeza antes de pronunciar palavras das quais poderia se arrepender.

Sua cabeça doía de confusão, e ele levantou-se da cama.

— Eldswythe — murmurou, uma pontada de dor na voz —, eu não...

A mão esguia de Eldswythe deslizou pelas costas e foi descansar em seu ombro.

— Você está arrependido do que acabamos de fazer, Robert? Do que eu pedi que fizesse?

— Não, querida! Deus do céu, não me arrependo! — Perscrutou-lhe a face, cansada, mas radiante com a luz da saciedade. Deitou-se de novo na cama e passou o braço em torno dela, puxando-a para perto. — Mas você merece ser amada por alguém que possa amá-la livremente e que não tenha nenhum ressentimento contra Crenalden. Por alguém a quem possa confiar completamente sua terra e seu coração. E que confie em você... sem reservas. Você merece um homem melhor do que eu.

Robert não pretendia magoá-la, mas ela engoliu um soluço.

— Não lhe dei motivos para duvidar de mim. Meu pai não deixou o seu morrer — ela murmurou. — E você poderia pedir ao rei uma terra que não fosse a minha, ou aceitar a recompensa em ouro, em vez disso.

Um sentimento frio e depressivo invadiu as entranhas de Robert. Será que Eldswythe fizera amor com ele na esperança que ele abrisse mão de suas terras?

Sobressaltada e arrancada de um sono profundo, Eldswythe desentrançou as pernas das de Robert e correu para a janela, o clamor do sino lá embaixo quebrando o silêncio. Homens gritavam e figuras aflitas corriam pelo quintal banhado de sol. Um garotinho, arrastando uma corda, chamou Eldswythe.

— Alguém assustou os cavalos. Senhora, mande seu marido descer.

Eldswythe virou-se para Robert.

— Barstow!

Num instante, Robert saltou da cama e enfiou as roupas. Agarrou a espada, e beijou Eldswythe na boca.

— Fique aqui. Gilroy pode estar tramando alguma coisa.

Saiu correndo do quarto.

Cavalos relinchavam e corriam entre as árvores e carroças. Homens entravam nos bosques e outros tentavam acalmar um animal trêmulo encurralado perto do poço.

Robert agarrou o menino pelo ombro.

— Viu um garanhão, um baio com patas tão grandes como pratos? — berrou.

O menino apontou para o telheiro.

— Ele ainda está lá, senhor. Foi um dos únicos que não fugiram.

Robert caminhou até o telheiro e encontrou Barstow ao lado do poste. As rédeas dançavam no feno. Embora não estivesse preso, não movera um músculo.

Robert soltou um suspiro lento ao amarrar as rédeas do animal de novo no poste.

— Seja o que for que houve não o assustou. Ou quem sabe não estivesse disposto

a abandonar seu jantar, hein?

Riu, e então ouviu o tinido mortal de uma lâmina numa bainha.

As mãos de Robert voaram para a espada, e ele se preparou para atacar.

Uma voz profunda berrou:

— Calma, Robert! Pelo amor de Deus, homem! É Thomas!

Robert abaixou a espada e bufou:

— Amigo, não imagina o quanto passei perto de arrancar sua cabeça.

Thomas ergueu as mãos. — Os santos me protejam. Quando nos encontrarmos da próxima vez, vou gritar meu nome, caso contrário posso terminar como aquele sujeito.

— Apontou para o corpo largado de um soldado com um punhal curto saindo do peito. Robert puxou, a capa do homem de lado com a ponta da espada.

— Ele usa o distintivo de John Gilroy. Graças a Deus por matá-lo antes que ele entrasse na hospedaria.

Thomas resmungou.

— Eu não o matei. Caçava um outro a pé nos bosques, mas esse sujeito... nem mesmo sabia que ele estava aqui.

— Então, quem...

Um lampejo branco atraiu o olhar de Robert, uma mulher correndo... Eldswythe. Segurava uma vara na mão, os cabelos negros, revoltos, brilhavam à luz da manhã e os olhos verdes faiscavam de medo.

— Robert! O que aconteceu?

Ele cruzou os braços e sorriu. Se alguma vez Eldswythe do castelo de Crenalden parecera uma feiticeira de cavalos, era naquele exato momento. Ainda descabelada e radiante do ato de amor, saíra como louca do quarto, disposta a salvá-lo. Pronta para uma batalha.

Afastou-se para ir ao seu encontro, esperando poupá-la de ver o corpo do soldado morto.

— Os outros cavalos se assustaram, mas Barstow ainda está aqui. Comendo.

Eldswythe parou diante dele, ofegante. Abaixando a vara de lado, seus olhos dardejaram para a direita e para a esquerda. Foram pousar em Barstow, que estava com o nariz enfiado na manjedoura, abocanhando bocados de cereais e espalhando outro tanto conforme mastigava. Então, seu olhar recaiu sobre o soldado. O homem de Gilroy, morto com o elmo torto de lado e um punhal no coração.

Robert pousou-lhe a mão no ombro.

— Eu o descobri assim. Thomas aqui caçava o outro pelos bosques.

Com os olhos arregalados e a voz trêmula, ela encarou Robert.

— Você está bem? Não foi ferido?

— Não tenho me sentido tão bem faz semanas. Diga-me, o que pretendia fazer com essa vara?

Antes que ela tivesse a chance de responder, Robert puxou-a para dentro dos braços e, com uma risada rica e profunda, beijou-a em cheio nos lábios. Demorou-se por um momento e depois resmungou:

— É hora de ir. Devemos partir enquanto ainda tenho poder para resistir ao impulso de levá-la de volta para a cama. Hillsborough está esperando por nós.

Thomas pigarreou.

— Temos uma guarnição de Hillsborough na estrada não muito longe daqui. Eles ficarão felizes em saber que o encontrei.

Desviou os olhos, dirigindo-os para a estrada. Pelo rubor das faces, era evidente que estava constrangido pelo que acabara de presenciar. Seu amigo, um Breton, beijando lady Eldswythe. Então, ainda olhando com ar ausente à distância, disse:

— Robert, você precisa saber... seu irmão deu abrigo a Margaret.

Robert afastou-se de Eldswythe. Uma expressão de horror faiscou em seus olhos.

Ele respirou fundo mas forçou um ar de indiferença que não a enganou.

— Obrigado, Thomas. Estamos prontos para ir embora... — Seguiu na direção do amigo. — Peço que mantenha o que testemunhou para si mesmo. Não serviria de nada revelar o que viu. Lady Eldswythe e eu temos responsabilidades. Não nos esquecemos dos deveres que nos aguardam. Concordamos em seguir caminhos separados deste ponto em diante. Seja qual for o arranjo que meu irmão tenha feito por Margaret... eu não me importo.

Embora a postura continuasse a mesma, as costas se endireitaram, o queixo se ergueu, e Eldswythe sentiu uma mudança repentina em Robert. O guerreiro autoritário da praia de Dover, o cavaleiro mal-educado chamado de Cavaleiro Negro reaparecera. Ela não se esquecera como ele atravessara a areia com um toque de arrogância nas maneiras. Discutira com o escrevente e mal controlara a raiva até que lera a carta do rei e, em seguida, recuperara o controle, agindo com ar ausente e superior.

No silêncio desagradável que se seguiu, o som débil de sinetas de sela, tiniu de algum lugar nos bosques.

Eldswythe jogou a vara e olhou ao redor, procurando por entre as árvores. Pela paz do Senhor. As sinetas soavam muito familiares, e ela julgou que vira de relance um cavalo castanho correndo entre as sombras da mata. Ceres? Impossível!

De repente, pensamentos de Crenalden voltaram aos borbotões. Isolda. Khalif. Seu pai. As sinetas que tilinta-vara pelas árvores a recordavam de seu dever, de um voto que jurara cumprir.

Robert afastou-se e uma sensação avassaladora de perda a consumiu.

O sol expulsou as estrelas indistintas do céu do alvorecer enquanto Barstow descia pela estrada, o passo acelerado diante da visão à frente.

Cavaleiros e cavalos moviam-se numa massa confusa sob as árvores. Uma guarnição de trinta, talvez quarenta homens. Estandartes azuis e prateados esvoaçavam com a brisa da manhã, as flâmulas ostentando a efígie de Hillsborough: um unicórnio empinado.

Thomas seguia a uma distância discreta atrás de Barstow, dando liberdade a Eldswythe de conversar com Robert. Porém, ela não conseguia encontrar palavras para dizer a ele que estava com medo.

Era a feiticeira de cavalos de Crenalden. Como o povo de Hillsborough a receberia? Como uma hóspede? Ou prisioneira? Uma onda de pavor a invadiu.

Remexendo-se na sela, uma leve dor entre as pernas recordou-a de como passara suas últimas horas com Robert Breton. Contudo, não tinha qualquer arrependimento, embora a incerteza da vida no castelo de Hillsborough assomasse como uma tempestade.

Robert diminuiu o passo de Barstow e ergueu a mão para chamar os homens. Um a um, os cavaleiros ergueram as espadas acima das cabeças.

Hugh cruzou as mãos calçadas em manoplas pelo peito enquanto os membros da guarnição aclamavam seu mestre. Thomas passou a galope e parou perto de Robert. Hugh aproximou-se, soltou uma risada e bateu na coxa. Os cabelos castanhos espalharam-se por seu ombro quando tirou o elmo.

— Thomas finalmente encontrou o esquivo sir Robert Breton e lady Eldswythe. Maldição do inferno, onde esteve?

Robert sorriu e agarrou o cavaleiro pelo braço.

— Hugh, que bom ver você.

O amigo sorriu de volta e devolveu o aperto.

— Pelos cornos de Belzebu! Fizemos uma varredura pela floresta e mandamos uma guarnição para Oeste. Se não o conhecesse melhor, pensaria que você não queria ser encontrado. — Olhou para Eldswythe e cocou a barba emaranhada. — Lady Eldswythe, eu a perdôo por desobedecer minha ordem e sair em disparada do meu lado

na floresta de Belway. Mas é bem provável que a bela Bertrada nunca mais fale com a senhora de novo. Ficou doente de preocupação e não acha o castelo de Hillsborough de todo de seu gosto.

Eldswythe baixou os olhos.

— Sinto muito, sir Hugh. Tentarei acertar as coisas com Bertrada.

Hugh deu de ombros e virou-se para Robert.

— Os homens estão contentes de tê-lo de volta. O conde de Gloucester não é o homem certo para comandar o exército de Henrique. Caso você estivesse com eles, as coisas não teriam saído tão mal. O restante dos homens de Henrique está se recuperando em Hillsborough. As tropas de Gilroy mataram pelo menos uns cem.

Robert empertigou-se, assumindo uma postura de soldado.

— O exército de Hillsborough será a força que expulsará John Gilroy.

— Esperam suas ordens. Robert ergueu o punho.

— Todos montados. Para Hillsborough!

Eldswythe observou o homem que, apenas dias antes, tinha uma risada fácil e a abraçava com ternura enquanto dormiam juntos. Ali, à sombra do castelo de Hillsborough, sir Robert Breton, era um guerreiro sanguinário e corajoso. O homem que chamavam de o. Cavaleiro Negro, estava de volta.

Capítulo XIV

Quando o crepúsculo caiu, as sombras do castelo de Hillsborough, uma cidadela com sete torres e um forte imponente, ergueram-se de encontro à lua. Eldswythe desamarrou a pedra verde que balançava em seu pescoço. Remexeu-se na sela, profundamente consciente de que Hugh estava logo atrás. Baixando a voz, disse a Robert:

— Muito obrigada por tudo o que fez por mim. Agora, eu pediria que o que se passou entre nós nessas últimas semanas seja esquecido. Você precisa liderar um exército para Crenalden, e eu devo levantar o resgate do conde de Gloucester e me preparar para desposá-lo e administrar o castelo de meu pai. — Sua voz emudeceu conforme ela procurava nos olhos de Robert algum sinal de objeção.

O semblante de Robert tornou-se frio, o olhar distante. E ele continuou a olhar para a frente, mas fez um gesto de assentimento com a cabeça.

Eldswythe tomou-lhe a mão e colocou a pedra verde na palma, fechando os dedos sobre ela.

— Quero que guarde isto. Quero lhe dar alguma coisa por me ajudar. Robert Breton, você é um cavaleiro valoroso e capaz. Um guerreiro como nenhum outro que irá derrotar John Gilroy. Tenho certeza disso. Meu pai, e o seu ficariam orgulhosos de você.

Robert fitou em silêncio os olhos marejados de lágrimas de Eldswythe. Os seus tremeram de angústia.

Hugh aproximou-se.

— Por que está tão soturna, lady Eldswythe? Ele foi rude? Pela paz do Senhor, Robert! Vai ser um solitário se não mudar seus modos.

Eldswythe sentiu a cor subir à suas faces.

— Sir Hugh, Robert tem se comportado como um cavaleiro do mais alto calibre. Tenho pó em meus olhos, é só.

Robert olhou furioso para Hugh, mas falou com Eldswythe:

— Minha senhora — disse, formalmente —, quem sabe ficasse mais confortável viajando na carroça deste ponto em diante.

Eldswythe arqueou uma sobrancelha. Robert parecia insensível. Sim, por que não viajar na carroça? Havia outros trinta cavaleiros naquela patrulha para protegê-la.

Robert puxou as rédeas de Barstow.

Sem esperar por ajuda, Eldswythe saltou do lombo de Barstow e bateu no pescoço do animal.

— Adeus, Barstow, e obrigada.

Sem olhar para trás, caminhou na direção da carroça, desviando-se dos cavaleiros e soldados a pé que esperavam para continuar a marcha.

A carroça sacolejava e recendia a porcos. Na verdade, ela teria preferido muito mais um cavalo, uma mula ou até mesmo andar. Porém, isso não lhe fora oferecido como opção. Apoiando-se à tábua do fundo, ela mastigou um pão duro e um pedaço de carne salgada. Não via Robert fazia horas.

Com um estalo, a carroça parou. Eldswythe debruçou-se de lado.

— Por que paramos?

O escudeiro apontou para a estrada adiante.

— E o cavalo de sir Robert, senhora. Está se recusando a andar.

— Barstow? Está manco? — Ela passou a perna pela lateral da carroça.

— Não sei não, senhora. É difícil dizer daqui. Uma coisa é certa. Se algo aconteceu ao animal de sir Robert, eu não gostaria de ser o homem que causou isso.

Eldswythe ergueu o vestido acima das canelas e saltou para a estrada lamacenta.

— Não pode ir até lá, minha senhora. Não é lugar para uma mulher.

Ignorando o escudeiro, ela correu na direção dos soldados que se reuniam em torno do garanhão empacado no meio da estrada.

Eldswythe exalou um suspiro. Não era Barstow, mas o enorme baio de Robert, aquele que carregara as bagagens e provisões desde a praia de Dover.

O animal relinchava e sacudia a cabeça.

Dois homens de caras suadas encostaram os braços musculosos atrás dos quartos do animal e escorregavam na lama tentando empurrar o enorme cavalo para à frente. O baio plantara as quatro patas no chão e se recusava a avançar.

Robert pegou as rédeas. Eldswythe observou quando ele acariciou o pescoço do cavalo e tentou acalmá-lo.

— Devemos experimentar o chicote, senhor? — um soldado perguntou, respirando pesado.

Robert o encarou, furioso.

— Não! O cavalo não será chicoteado. O soldado enxugou o rosto no braço.

— O que há de errado com ele? O senhor o deixou descansar três vezes na última hora. Será que ele pegou a Peste? — Seus olhos se arregalaram.

Eldswythe não se conteve.

— Não é a Peste — retrucou, adiantando-se. — Sei o que está errado com ele e receio que não seja nada bom.

— Sabe? — Robert pareceu surpreso em vê-la.

— Sim. Está com intoxicação. Receio que não vá se recuperar.

— Como, exatamente, chegou a essa conclusão, lady Eldswythe?

— Conheço os sinais. Os flancos estão inchados e ele está respirando com muita dificuldade.

— Ora, esses sinais eu já vi antes. Mas normalmente passam. Como sabe que ele

não irá se recuperar?

Hugh parou na frente de Eldswythe.

— Robert, deixe o cavalo. Mandaremos um homem vir buscá-lo depois. Não podemos nos atrasar aqui. Os homens de Gilroy estão apenas a uma légua atrás de nós.

Robert meneou a cabeça.

— Então, mandaremos um corredor até Hillsborough e pediremos reforços. — Virou-se para Eldswythe. — Como sabe que o cavalo morrerá?

Eldswythe aproximou-se do enorme garanhão e pousou a palma em sua cilha, do lado esquerdo.

— O coração está disparado. Pode sentir aqui. — Pegou a mão de Robert e colocou-a sobre o coração do cavalo. Então, ela ergueu o lábio superior do animal. — Suas gengivas estão avermelhadas e ficando roxas.

Robert empalideceu.

Segurando Eldswythe pelo ombro, Hugh puxou-a para trás.

— Robert, deixe o cavalo. Nosso batedor informa que a guarnição de Gilroy entrou na floresta. — Endereçou um olhar velado para Eldswythe e depois para o amigo. — Correm boatos pelas fileiras. Os homens acreditam que você foi enfeitiçado. Estão dizendo que ela é a razão do baio estar doente, que fez isso para nos retardar. Gilroy, afinal, é meio-irmão dela e a lealdade de lady Eldswythe está sendo questionada. Fique de sobreaviso. Ela não será bem-vinda em Hillsborough. Há algum outro lugar onde possa levá-la? — Olhou envergonhado para Eldswythe, como se compartilhasse daqueles sentimentos.

Os joelhos de Eldswythe amoleceram. — Não! Não é verdade. Sir Hugh, Robert, vocês não suspeitam que eu...

Robert interrompeu-a. Falou com Hugh com uma veemência que a surpreendeu.

— Eu jurei protegê-la. Sou um homem de palavra. Mantereí minha promessa. — Virou-se para encarar seus homens. — Lady Eldswythe irá para Hillsborough. Nós lhe ofereceremos proteção por ordem do rei. Se algum homem quiser me desafiar sobre isso, dê um passo à frente.

As tropas continuaram em silêncio, nenhum único homem se atrevendo a contestá-lo.

De repente, o enorme baio dobrou os joelhos e, com um esforço monumental, abaixou os quartos traseiros até o chão. Encostou o focinho no barro, gemeu e começou a rolar.

Eldswythe virou-se para Robert. De palmas juntas, suplicou:

— Por favor, Robert, sei que não suporta vê-lo sofrer. Não o deixe morrer em agonia. Isso pode demorar horas.

— Está me pedindo para matar meu cavalo?

— Não há nada mais a ser feito! Se o deixarmos aqui, ele terá uma morte lenta e dolorosa.

O cavalo rolou para o lado inchado, pernas estendidas, gemendo a cada respiração.

Hugh esquadrinhou a estrada atrás deles.

— Robert, não podemos demorar. Ficar mais tempo arriscará as vidas de nossos homens e as nossas.

Eldswythe inclinou-se ao lado de Robert, ajoelhado na lama perto do cavalo. Pegou o punhal de seu cinto. Com um reflexo rápido, ele agarrou-a pelo pulso num aperto poderoso. Eldswythe não soltou a arma, e o encarou nos olhos, as lágrimas rolando pelas faces.

— Se cortar abaixo da grande veia, ele morrerá tranquilamente.

— Tenho visto homens e cavalos morrerem pela espada, minha senhora, e alguns por minha própria lâmina. Nem todos morreram tranquilos. — Solto-lhe o pulso.

— Não pode salvá-lo? A feiticeira de cavalos não pode restaurar-lhe as forças?

Não foi a raiva de Robert que fez Eldswythe prender a respiração, foi o modo amargurado e ferino com que a chamara de feiticeira de cavalos.

— Estivesse em meu poder curá-lo, você sabe que eu o faria. E eu sei que você tem um coração de cavaleiro. Por favor. Termine com o sofrimento dele. — Ofereceu-lhe o punhal.

— Não presuma que conhece meu coração, Eldswythe. — Robert tirou a brida da cabeça do cavalo e pegou o punhal da mão dela. — Você ficará desapontada com tudo o que eu fizer deste ponto em diante.

Eldswythe afagou o focinho do animal, levantou-se e se afastou em silêncio, magoada pelas palavras de Robert.

— Não o deixarei sofrer — Robert murmurou, inaudível para os outros, mas alto o suficiente para Eldswythe ouvir.

Ela, porém, não olhou para trás.

A lua pairava logo acima do horizonte quando a pequena guarnição cruzou a ponte levadiça para entrar no castelo de Hillsborough. Arqueiros caminhavam pelas ameias ao alto, e sentinelas postavam-se nas duas altas torres circulares que flanqueavam a guarita do portão. O fosso abaixo estava coberto com uma massa espessa de lama. Reluzia ao luar e exalava um forte cheiro de lixo.

Eldswythe apertou o nariz e endireitou-se ao ver os estábulos logo dentro do pátio. Pelo menos sentia o cheiro de esterco fresco, pois havia montes dele. E os estábulos. Jesus! Devia haver trezentos cavalos ou mais ali, a julgar pelos celeiros e pilhas de feno espalhadas pelo pátio.

Além da muralha interna, a área externa do castelo era cheia de lojas e tendas e dois poços de água, um para o gado e outro para as pessoas. Com os animais confinados para a noite, tudo estava quieto no lugar. Cavaleiros amontoavam-se em torno de uma fogueira do lado de fora das portas do grande salão.

As conversas cessaram quando a guarnição se aproximou. Os homens se inclinaram numa mesura para Robert e fitaram Eldswythe quando a carroça parou.

Risinhos abafados foram ouvidos. O mais alto dos homens aventurou-se a chegar perto da carroça e olhou para Eldswythe.

— Cá está ela, a feiticeira de cavalos do castelo de Crenalden! Se eu soubesse que era tão encantadora, eu mesmo teria me apresentado como voluntário para ir resgatá-la. — Piscou e sorriu.

Um escudeiro espiou pela lateral da carroça.

— Ouvi dizer que ela pode cavalgar um cavalo de batalha tão bem quanto qualquer homem.

O cavaleiro alto limpou a garganta com ar de desaprovação.

— Ela pode cavalgar o meu a qualquer hora — Sacudiu o quadril para frente. — Até ajudarei a colocá-la em cima dele.

As risadas a acompanharam quando Eldswythe desceu da carroça e parou do outro lado, longe dos olhos curiosos. Os homens se calaram quando Robert rodeou a carroça.

— Ela está aqui sob minha proteção. Vocês irão tratá-la com todo o respeito. — Fez um gesto para que ela o seguisse. — Por aqui, lady Eldswythe. — Endereçou um olhar ameaçador para os homens. — Sugiro que procurem suas camas. O treinamento começa ao amanhecer. Pearson, os cavalos estão em condições e preparados?

O jovem cavaleiro fez uma mesura.

— Sim, sir Robert. Estamos praticando faz dias, esperando o senhor chegar,

imaginando... — Baixou os olhos, como se lamentasse a irreverência.

Robert deu um passo na direção do jovem cavaleiro e parou quando um garoto, que ainda não completara dez anos de idade, saiu do corredor no topo das escadas.

— Milorde! — exclamou. — Estávamos com medo que tivesse morrido.

Robert subiu as escadas, as passadas avançando de três em três degraus de cada vez. Sorriu e desmanchou os cabelos do menino.

— Que bom ver você, Jack. Acho que cresceu.

O garoto sorriu e inclinou-se diante de Eldswythe.

— M-m-milady — gaguejou, e depois desviou os olhos e virou-se para subir os degraus com Robert.

Eldswythe subiu atrás dele. Robert não lhe dirigira a palavra desde que ela o deixara ajoelhado na estrada.

Robert entrou no salão parcamente iluminado e parou ao lado de uma mesa enorme colocada diante da grande lareira de pedra. O fogo resplandecente lançava um brilho dourado pelas tapeçarias e bandeiras heráldicas que assomavam dos pórticos ao alto. Ele serviu-se de cerveja escura numa caneca de peltre e ergueu-o.

— Uma bebida? — ofereceu. Esperou um momento e entornou o copo.

Exausta, Eldswythe afundou no banco almofadado perto da lareira quente.

— Não, obrigada.

Pendeu a cabeça cansada e olhou para os sapatos cobertos de lama. Os belos tijolos vidrados sob seus pés eram pintados de azul e branco e ostentavam a insígnia do conde de Hillsborough.

Uma voz profunda ecoou da cadeira de encosto alto envolta em sombras, situada na plataforma.

— Bem-vindo, Robert, meu irmão.

Um homem alto, de nariz avermelhado, cujas feições ostentavam uma impressionante semelhança com as de Robert, atravessou o salão.

— Então, o rei o chamou de volta para defender Crenalden. Sinto muito que não tenha integrado a Cruzada. Poderia ter curado sua consciência culpada. — Serviu-se de uma bebida. Usava um manto verde de mangas em forma de sino, contornado de arminho e cheio de jóias. Camisa e calças justas de lã e botas de couro até o tornozelo. O pesado medalhão de ouro pendurado em seu peito reluziu à luz do fogo. — Uma missão bem-sucedida, eu vejo — disse, apontando para Eldswythe.

Robert encheu a caneca de novo.

— Lady Eldswythe, deixe-me apresentar-lhe meu irmão, Harold, conde de Hillsborough.

Eldswythe levantou-se do banco e curvou-se numa cortesia.

— Sou Eldswythe, filha do conde de Crenalden. Estou agradecida ao seu irmão, e à sua grande casa, por vir em meu auxílio.

Harold fitou-a com olhos avermelhados.

— O rei o ordenou, lady Eldswythe. Acho que ele espera tornar nossas famílias amistosas. A cortesia exige que eu pergunte, como passa a senhora esposa de seu pai, Isolda? Fui educado com o irmão dela.

Pelo tom cruel de sua voz, Eldswythe percebeu que ele fazia uma pergunta da qual já sabia a resposta.

— Isolda está morta — respondeu, sem rodeios, recusando-se a dar a ele a satisfação de perceber seu pesar. Harold fez uma careta e no silêncio desagradável que se seguiu, o ressentimento cresceu dentro dela. — Por que não mandou reforços para ajudar o conde de Gloucester? O exército do rei poderia ter usado a ajuda dos cavaleiros de Hillsborough.

Harold virou-se para a plataforma e levou a mão às costas. Um leve odor de cerveja azeda permeava seu hálito quando ele falou:

— Lady Eldswythe, meus cavaleiros estavam em Gales, defendendo os interesses do rei Henrique. Enquanto seu filho principesco e meu pio irmão se preparavam para a Cruzada, eu não pude dispor de meus homens para ajudar Crenalden.

Robert bateu a caneca na mesa.

— O conde de Gloucester foi capturado. Você poderia ter assumido o comando.

Hillsborough ergueu os braços, fingindo irritação.

— Gales fica a uma boa distância daqui. Gilroy marchou sobre Crenalden mais cedo do que o rei esperava.

— Aposto que estava caçando ou bebendo. Negligencia seus deveres para com a Coroa. Gilroy vai tentar conquistar Hillsborough se ninguém se opuser a ele. — Robert bufou de raiva. — E você fez pouco aqui. O fosso fede, os pátios estão cobertos de esterco e duvido de que você tenha dirigido algum pensamento para a colheita.

O conde sorriu, os belos dentes brancos faiscando nas sombras.

— Hillsborough é meu por direito de nascença, irmão, para administrar como eu achar adequado. Fiz o que precisava ser feito! Lei é lei. Você é o segundo filho. Pare de se meter em seus negócios.

Robert levou a mão para o cabo da espada. Harold recuou e apertou o medalhão de ouro.

— Ora, não vamos brigar. Estou realmente contente que tenha voltado. Administrar o domínio é um esforço tedioso. E receber o resto do exército do rei é uma dor de cabeça. Os homens passam o tempo à toa e andam atrás de nossas mulheres. Jogam e bebem de noite e, na manhã seguinte, reclamam que estão doentes ou feridos e não podem treinar. São uns frouxos. Indisciplinados. — Pigarreou. — Meus espiões me disseram que o conde de Gloucester pode estar morto. Pelo menos ninguém o viu desde que Gilroy o trancou na prisão. Os homens que o guardavam foram liberados.

Saltando do banco, Eldswythe agarrou-se à mesa.

— Eu lhe imploro, lorde Harold, dê-me o dinheiro para pagar o resgate. Gilroy vai apresentá-lo, vivo e bem.

O conde meneou a cabeça.

— Não vejo nenhum sentido. Crenalden está perdida e o conde de Gloucester é dado como morto. Pagar um resgate agora não será de nenhum ganho. Se acha que ele está vivo e quiser dar a Gilroy o que ele pede, lady Eldswythe, pode levantar o dinheiro da própria família de Gloucester ou consegui-lo de meu irmão aqui. — Estalou os dedos. — Ah, perdão. Robert entregou tudo o que possuía para a Cruzada, e tem apenas um cavalo de resto, eu diria. Imagino que não pode ajudá-la também. Eldswythe recuou, tremendo.

— Perdoe-me, eu não deveria ter pedido dinheiro ao senhor. Afinal, é um Breton, e eu sou a filha do conde de Crenalden. — Endireitou os ombros. — Por que tenho a sensação de que está feliz por ver John Gilroy nos derrotar? — Empurrou a mesa, incapaz de controlar a raiva. — Acho que espera que ele seja vitorioso, mas isso apenas colocaria um ladrão a um passo de sua porta. Tome cuidado com aquilo que deseja.

O conde arqueou uma sobrancelha.

— Você ultrapassa os limites da civilidade, lady Eldswythe. Se quiser hospitalidade aqui, controle sua língua!

Robert soltou um suspiro.

— Basta! Ambos estamos cansados de nossas viagens. — Encarou o irmão. — Levarei milady aos aposentos das senhoras. Nada mais pode ser feito esta noite.

Harold girou seu anel de esmeralda no dedo.

— Dentro de uma semana, irmão, comemoraremos a festa de São Miguel. Lorde Bernard, o bispo de Cleves, nos honrará com sua presença. Espero que você e lady Eldswythe se vistam de acordo, como convém à sua posição. — Agitou a mão na frente do rosto, como se afastasse um cheiro ruim. — Nesse ínterim, até que eu os veja de novo, precisam tomar um banho. Façam-se apresentáveis! Estão vestidos como servos.

Eldswythe observou-o se afastar, os sapatos de saltos duros, estalando pelo pavimento de pedra. Robert exalou um suspiro.

— Peço desculpas pelo comportamento de Harold. Meu pai não teria se portado assim. — Serviu-se de outra bebida. — Quanto ao bispo, ele não é nenhum amigo de Hillsborough. Suas visitas aqui sempre foram controversas e servem a algum objetivo político. Tome cuidado.

Ele colocou o copo sobre a mesa e fez um gesto para Eldswythe, indicando que o seguisse. Atravessaram o grande salão e subiram uma escada estreita em espiral. Seguiram por um corredor até que ele parou diante de uma porta em arco e bateu.

— Abram. Lady Eldswythe vai dormir aqui esta noite. O burburinho de vozes femininas aumentou do outro lado e depois, emudeceu. A porta abriu-se, e uma mulher esbelta sorriu para Robert. Cabelos cor de mel escapavam do véu imaculado-quando ela se curvou numa cortesia. Um minúsculo livro de orações pendia de uma corrente de ouro em torno de seu pulso.

— Sir Robert, fico feliz de ver que está bem. Tenho rezado por você.

— Meus cumprimentos, Margaret — ele disse, a voz dura como aço. Olhou para dentro do quarto, como se anotasse mentalmente quem estava lá.

Empurrou Eldswythe pela soleira da porta.

— Eu a deixarei nas mãos de lady Margaret. Meu irmão declarou-a castelã até que minha mãe retorne da peregrinação. Ela lhe encontrará roupas e um lugar para dormir. — Inclinou-se. Seus lábios roçaram o lóbulo da orelha de Eldswythe. — Tome cuidado — murmurou.

Com isso, virou-se e saiu.

A porta fechou-se quando Margaret puxou Eldswythe para o quarto de dormir, onde não menos que sete mulheres compartilhavam duas camas. Pelos menos ambas tinham cortinado e estavam cheias de cobertas, peles e mantas.

Eldswythe parou onde estava, olhando para Margaret, aturdida como se ela fosse uma aparição. No entanto, estava muito viva e morava em Hillsborough!

Margaret apontou para uma cadeira e sentou-se na outra como se fosse uma rainha insultada.

— Lady Eldswythe, parece que viu um fantasma. — Abanou-se com um lenço de linho e levou-o aos lábios. — Não é de se admirar, considerando-se o que passou. Que bênção que o rei tenha encarregado sir Robert de conquistar seu castelo de volta. — Pousou a mão muito branca sobre os seios e ergueu os olhos para Eldswythe, sorrindo com doçura.

Eldswythe sentiu os pelos eriçar. Detectara algo no tom da outra, que soava a ciúme e maldade.

Margaret cruzou as mãos no colo, os olhos de corça procurando os de Eldswythe.

— Dou-lhe as boas-vindas, milady, e ofereço nossas condolências. As damas de Hillsborough não guardam nenhuma má vontade contra a filha do conde de Crenalden. Lamentamos que se veja em situação tão infeliz. — Seus olhos subiram e desceram pela extensão de Eldswythe, da cabeça aos pés.

Ela sentiu as faces queimar, ciente de como deveria parecer suja e pobremente vestida. Fingiu que não se importava.

— Obrigada, lady Margaret. O povo de Crenalden, que agora tem de suportar o domínio de Gilroy e seu exército, poderia usar suas preces.

Margaret sorriu.

Uma garota magra com sardas no nariz enrolou uma coberta nos ombros de Eldswythe.

— Você é uma feiticeira de cavalos como dizem? — indagou. — É verdade que soube que o cavalo de sir Robert morreria de cólica e ia cortar a garganta dele antes que sir Robert a impedisse?

Um arquejo coletivo subiu pelo quarto.

— Anne — Margaret a repreendeu —, que você saiba de tais fofocas é muito inconveniente. — Levantou-se e colocou um suntuoso manto sobre os ombros. — Você passa muito tempo passeando para saber que novidades os corredores trazem. — Virou-se para Eldswythe. — Acho que ela está apaixonada por sir Robert. Diante das notícias de seu retorno, ela mal conseguiu se refrear e esperar para cumprimentá-lo.

Anne ficou tão vermelha quanto beterraba, porém Margaret continuou, olhando feio a garota:

— Francamente, Anne, não diga que não a avisei. Você descobrirá que perdeu a virgindade e, pior, vai se ver esperando um filho. — Ergueu a mão como se não quisesse ouvir uma palavra da garota. — Ele não se importará nem um pouco com sua situação difícil e você estará arruinada,

O quarto ficou em silêncio e Anne, de boca aberta. Margaret sorriu com doçura para Eldswythe.

— Descanse agora, milady. Pode ficar no lugar de Anne na cama com a viúva Alyce.

Eldswythe meneou a cabeça. Melhor recusar e não se impor a ninguém. Precisaria de cada amiga que conseguisse arranjar.

— Obrigada, mas prefiro dormir aqui ao lado do fogo.

— Pretende dormir no chão? — Margaret pareceu surpresa.

Com um gesto de concordância, Eldswythe apontou para o catre.

— Se eu puder emprestar mais uma manta.

Com um ar de desaprovação, Margaret entregou-lhe uma coberta com beiradas de pele que estava sobre a cama. Eldswythe sorriu para a idosa viúva Alyce e para a chocada lady Anne, e depois estendeu a manta ao lado da lareira.

— Ficarei bem aqui. Obrigada.

Margaret comprimiu os lábios numa linha fina.

— Como primeira coisa amanhã de manhã, você precisa tomar um banho e vestir roupas limpas. Mandarei sua criada trazer suas malas.

O coração de Eldswythe deu um salto. Seria possível que conseguira salvar alguns poucos pertences?

— Bertrada? Onde está ela?

— Está dormindo nos estábulos. Não temos mais espaço aqui em cima.

Eldswythe mordeu a língua. Pobre Bertrada, mandada para dormir nos estábulos. Devia estar sofrendo, medrosa de cavalos como era. Sem dúvida Margaret mandara seus pertences para lá também, depois de ter mexido em tudo.

Obrigou-se a sorrir.

— Tenho poucas coisas. Sem dúvida sabe disso, e também sabe que minhas sacolas não contêm feitiços, ervas ou poções de qualquer natureza. Não sou uma feiticeira de cavalos, apesar do que as pessoas dizem.

As mulheres sufocaram uma risada, mas as feições de Margaret se endureceram.

— Boa noite, lady Eldswythe. Rezo para que não tenha deixado seus modos nos celeiros e possa conduzir-se em Hillsborough como convém a uma mulher de sua posição. — Benzeu-se e virou-se para sair. — Digam suas preces, cada uma de vocês. Deus olha com ternura para as mulheres devotas. — Rumou para a porta, e então parou e voltou-se para Eldswythe. — Milady, farei tudo em meu poder para que sua estada aqui seja tão confortável, mas tão breve quanto possível. Disso pode ter certeza.

Eldswythe virou-se no catre e olhou para o fogo. As sombras caíram pelo quarto conforme as senhoras apagavam suas velas. Ela passara mais da metade da vida num convento e muitas vezes dormira no chão. E uma coisa que aprendera da experiência com as freiras era dormir sobre pedra. E que os verdadeiros devotos nunca eram metidos a santos, ou arrogantes como Margaret. A mulher era uma fingida.

Hillsborough não parecia tão sinistro à luz do dia. Os corredores eram cobertos de tapeçaria, e o cheiro de pão fresco e ervas penetrava pelas janelas altas e abertas.

Assim que Eldswythe tomara um banho e vestira suas próprias roupas limpas, sentira-se mais confiante. Bertrada a ajudara a colocar o traje verde-escuro com a corrente prateada em torno da cintura e colocou a tiara predileta de prata para prender o véu branco à cabeça.

Seguindo o grupo de mulheres pelas escadas, ela descera ao grande salão para o desjejum. As damas da casa mostravam-se gentis, exceto Margaret, Anne e a viúva Alyce. As idas e vindas de Robert eram o assunto favorito.

Numa rotina monótona, uma semana se passou sem novidades, enquanto esperavam por mantimentos e cavalos de parte do rei. Eldswythe sentia uma saudade imensa de Robert e, cada vez que entrava no salão, procurava por ele, que não fizera nenhuma tentativa de procurar sua companhia.

Naquela manhã, ela sentou-se depressa a mesa do desjejum e, como fizera todos os dias durante aquela semana, comeu em silêncio. A seguir, teria de agüentar uma hora de capela com as senhoras antes de, abençoadamente, seguir para os estábulos.

O oficial cavaleiro a princípio ficara relutante em deixá-la entrar. Vestida elegantemente, ela não parecia uma dama que fosse trabalhar num celeiro, e ele se mostrara cheio de suspeitas de uma nobre vinda de Crenalden.

Eldswythe, porém, havia muito tempo aprendera que era melhor aparecer nos celeiros em trajes elegantes do que com um vestido velho e sujo. Bruxas sempre se vestiam com roupas rasgadas e de aspecto feito. Melhor não parecer assim. Era mais seguro ter a aparência da filha de um conde.

Além disso, ela convencera lorde Harold a empregar uma soma em ouro para aprimorar os cavalos que ele adorava cavalgar para caçar. Havia dinheiro suficiente para remédios e ataduras para o resto dos animais. Assim, conquistara a gratidão do oficial.

Ela passava horas no estábulo, era respeitada pelos cavaleiros e ajudantes por sua disposição para o trabalho. Mesmo os cavaleiros começaram a procurá-la, para pedir sua opinião. O trabalho mantinha sua mente longe de Robert. De Crenalden. Contanto que suas mãos e a mente estivessem ocupadas, ela tinha pouco tempo para se preocupar.

O sol já estava alto e quente, e ela apressou-se a entrar no celeiro de cabeça baixa. Rodeou o canto e se deparou com o peito largo de um cavaleiro. Um homem vestido numa túnica negra familiar. Robert.

— Perdão, sir Robert.

Ele sorriu e inclinou-se numa mesura cortês.

— Bom dia, Eldswythe. Vejo que está se mantendo ocupada. Está tudo bem com você e os cavalos? — Havia uma expressão de ternura em sua face, porém o tom de voz era formal. Distante. Ela baixou os olhos.

— Sim. E como está o senhor?

Robert colocou o balde que segurava no chão.

— Estou bem, embora irritado de esperar que o rei mande provisões. Precisamos de mais armaduras e mais arqueiros antes de atacarmos Crenalden.

— Tudo mais está pronto? — ela indagou, com receio de que ele fosse logo embora, e ansiosa ao mesmo tempo para que ele partisse, sabendo que o povo de Crenalden sofria cada dia sob o domínio de Gilroy.

Robert esperou até que um cavaleiro se afastasse antes de responder:

— Meus homens estão prontos. Assim que pudermos, marcharemos. Quanto maior a demora, melhor a vantagem para Gilroy. Não tornei nossos planos conhecidos. Há

espiões por toda a parte.

Eldswythe engoliu em seco. Ele falava de negócios. De guerra. E nada mais. Como se mal conhecessem um ao outro!

Afastou-se.

— Eu o deixarei com os seus deveres, então. Deus querendo, as provisões do rei logo estarão aqui.

Ele deu um passo em sua direção.

— Eldswythe... — disse, baixinho, a mão pousando de leve em seu ombro.

Uma voz profunda de repente ressoou no pátio.

— Robert. Os homens estão esperando nas liças.

— Preciso ir — ele murmurou, abaixando a mão e virando-se para acenar para Tomas. — Mas é bom vê-la, Eldswythe, saber que está segura e bem-disposta. — Girou nos calcanhares e juntou-se a Thomas no pátio.

O oficial cavaleiro postou-se silenciosamente ao lado de Eldswythe e estendeu-lhe um balde cheio de artemísia fumegante.

— Senhora, precisamos de sua presença do celeiro sul e sir Robert precisa treinar.

Eldswythe exalou um suspiro ao ver Robert afastar-se em passadas largas.

— É verdade, oficial, o que dizem a respeito de um ginete cavaleiro?

— O que, senhora?

— Que todo ginete precisa de um cavalo, uma espada e de uma mulher, mas ele ama apenas os dois primeiros.

Capítulo XV

Eldswythe e as outras mulheres atravessaram o pátio externo para a capela, na manhã seguinte, com o céu claro e brilhante. Bigornas ressoavam, cavalos relinchavam, e o ruído de espadas se chocando soava acima dos gemidos e resmungos dos homens se exercitando. O dia tinha estado quente e o ar permeado do odor metálico de ferro e cavalos recém-ferrados.

Soldados pararam para olhar as mulheres que passavam. Eldswythe sentiu os pelos se eriçarem e controlou os nervos, preparando-se para ouvir a temida palavra "feiticeira de cavalos". Milagrosamente, a multidão em torno continuou em silêncio. Nenhum murmúrio ou zombaria chegou aos seus ouvidos. O aviso de Robert, ao que parecia, fora bem entendido.

Um padre careca, esguio e esbelto como um salgueiro, começou a missa de São Miguel, a voz monótona reverberando do vestibulo. Em questão de uma hora, a maioria das senhoras parecia estar fazendo qualquer outra coisa menos ouvir o sermão, exceto Margaret, que se mostrava sinceramente absorta nas recitações em latim.

Eldswythe tentou concentrar-se, mas sua mente divagava.

O genuflexório era desconfortável, a parede fria às suas costas. Porém, era melhor do que ficar de pé, como as outras. Estava inquieta, ansiosa para ir aos estábulos. Examinou os afrescos na parede atrás do padre. Os Quatro Cavaleiros do Apocalipse se

destacavam, cada cavalo de uma cor diferente, o garanhão preto e seu cavaleiro muito parecidos com Barstow e Robert Breton.

Ela encolheu-se, o afresco recordando-a do prazer de cavalgar Barstow, aninhada no colo de Robert.

Margaret sentava-se empertigada. Nas sombras da capela, seus olhos azuis e os cabelos loiros a faziam parecer quase angelical.

O padre concluiu o ofício com um melodioso "amém", e as senhoras começaram a sair da capela.

Anne aproximou-se dela conforme seguiam para a porta. Puxou a manga de Eldswythe.

— Sir Thomas planeja pedir minha mão a meu pai — murmurou, ao saírem para a luz do dia. — Rezo para que tenha ouro suficiente. Morrerei se não puder me casar com ele!

Eldswythe sorriu e olhou para o rosto meigo e arredondado da garota. Esperava pelo bem de Anne, como filha mais nova de um nobre, que ela tivesse permissão para se casar por amor.

Seguiu a garota, toda cheia de risinhos pelo pátio e, depois, afastou-se do grupo de mulheres e rumou para os estábulos.

Robert surgiu diante dela.

— Eldswythe, o bispo de Cleves chegou e pede uma audiência com você.

Eldswythe franziu a testa. Que assunto o bispo poderia ter com ela? Não conhecia o homem, mas ouvira dizer que era enérgico e implacável quando se tratava de mulheres.

— Mais tarde — ela retrucou, passando por ele. — O cavalo de seu capitão está com olhos remelentos, e um ataque de tosse está se espalhando pelos celeiros.

— O bispo precisa vê-la agora.

— Irei assim que puder.

Emparelhando o passo com o dela, ele murmurou num tom de advertência:

— Por aqui, Eldswythe. — Pegou-a pelo cotovelo e conduziu-a para o salão.

Que os santos a protegessem! Será que fora convocada para ser espetada como uma feiticeira?

Os cavalos esquecidos, ela tropeçou quando subiram os degraus para o grande salão.

— Pelo menos tenha a cortesia de diminuir o passo e me ajudar — ela reclamou. — Chamarei menos atenção com nossa conversa do que com seus bufos.

Robert estacou. Seus olhos pareciam cansados e vagos.

— Eldswythe, se você soubesse o quanto eu quero tocá-la. Tomá-la em meus braços...

Sem mais uma palavra, ele fez meia-volta e rumou para a escada lateral que conduzia ao solário de seu irmão.

— Siga-me — ordenou. — E, por favor, tome cuidado.

— Pedirei ao bispo para pagar o resgate de William — ela disse, e subiu correndo as escadas atrás dele. — O conde de Gloucester e meu pai apóiam a igreja com generosidade. Ele precisa nos ajudar agora.

Robert parou, um pé pousado no último degrau.

— Eu não teria esperanças se fosse você. Depois de Deus e de si mesmo, o bispo ama o ouro. Normalmente costuma pedi-lo, não se oferecer para dá-lo. — Rumou para um corredor em arco que era desconhecido de Eldswythe. Ela correu atrás dele, incerta de para onde ir.

O bispo de Cleves, vestido numa batina arroxeadada e comum manto curto branco com as beiradas em ouro, andava de um lado para o outro do lado de fora de um par de portas em arco. A careca e o rosto magro e fino, bem barbeado, brilhavam sob as tochas de sebo que enfumaçavam a parede. Olhou para Robert com olhos estreitados,

calculistas.

— Sir Robert — murmurou, sem se dar o trabalho de cumprimentar Eldswythe. Abriu as portas.

O solário, um aposento grande, revestido de painéis de carvalho, era quente e cheirava levemente a fumaça de lenha e vinho azedo. Cada parede estava coberta com uma tapeçaria e uma cama imensa acortinada dominava o espaço. Duas velas queimavam sobre altos pedestais. Uma única poltrona, coberta de brocado de seda e larga o suficiente para duas pessoas, estava sob o vão da janela.

Os olhos de Eldswythe foram atraídos para uma garrafa vazia e as roupas espalhadas pelo chão, inclusive um par de chinelos de prata femininos.

Robert atravessou o aposento e recostou-se à lareira, cruzando os braços numa atitude casual.

O bispo fez um sinal a Eldswythe, mandando que fosse ficar ao lado de Robert e, depois, entrelaçou as mãos atrás das costas. Tinha um ar de superioridade que a fez, instantaneamente, detestá-lo.

— Sir Robert, sinto muito que não tenha ido para Acre. Mas, por outro lado, existem batalhas aqui a serem lutadas. Batalhas que são igualmente importantes para o rei.

Robert resmungou.

O bispo cruzou o espaço e, com um gesto brusco do braço, puxou as cortinas da cama onde uma forma humana, enterrada sob uma montanha de peles e lençóis, gemeu e virou-se de bruços.

— Levante-se, lorde Hillsborough. Não é surpresa encontrá-lo ainda na cama. O rei manda suas saudações e me pediu para entregar uma mensagem urgente, a razão de minha visita.

Harold sentou-se, sem camisa, esfregando os olhos. Com os cabelos pretos cortados logo acima das orelhas ao estilo militar e impressionantes olhos azuis, era quase bonito. Gemeu e massageou as têmporas.

— Quem vem me perturbar a uma hora dessas? Ainda não é meio-dia. — Seus olhos focalizaram-se no bispo. Bocejou e cocou a barriga. — Ah, já aqui, bispo? Voou nas asas dos anjos desta vez, ou cavalgou o cavalo do demônio?

O bispo esbravejou. .

— Você sempre foi um moleque insolente, arrogante e descuidado de sua língua. Não tivesse eu a paciência de um homem de Deus, teria pouca tolerância com um cafajeste como você. Faz ao nome de seu pai um desserviço.

Harold jogou-se de costas nos travesseiros.

— É cedo demais para se conversar com um homem de Deus e do rei. Corro o risco de me enforcar não importa o que eu diga. Quem mais está aqui, senhor meu bispo? Sinto cheiro de mulher. Um aroma terreno. De feno fresco e suave e de cavalos. Poderia ser uma feiticeira de cavalos? Aquela que aconselhou meu indeciso irmão a acabar com seu corcel em sofrimento? — Apontou a mão num gesto de descaso na direção de Eldswythe.

Robert agarrou o punho da espada e avançou para a cama, jogando as cobertas no chão.

— Você é um inútil, irmão. Eu esperava que tivesse mudado durante minha ausência, mas vejo que não.

O bispo postou-se na frente de Robert e empurrou-o para o lado. Lançou-lhe um olhar de reprovação e depois encarou Harold com fúria.

— Você é de sangue nobre, um membro da Corte do rei, Hillsborough. Comporte-se com dignidade e cubra essa sua nudez. Há uma dama presente.

Harold riu e levou a mãos para as partes íntimas.

— Aposto que não é nada que ela já não tenha visto antes. — Olhou para

Eldswythe e inclinou a cabeça na direção de Robert.

Eldswythe sentiu o calor subir por suas faces. Como poderia ele saber disso?

O bispo pegou uma coberta do chão e jogou-a no colo de Harold.

— Cubra-se, seu idiota imoral! Não é de se admirar que o rei não possa encontrar uma mulher de berço nobre que concorde em se casar com você.

Virou-se para Eldswythe.

— Isso me leva à razão de minha visita, milady. Irei direto ao assunto. A senhora é agora a condessa de Crenalden.

Eldswythe cambaleou, agarrando-se à cadeira.

— Meu pai está morto? — indagou, a voz trêmula.

— Sim, milady. — Não havia pena na voz do bispo, e nenhum sinal de que julgasse a notícia comovente. — O rei manda suas condolências. Ele ainda está na Escócia combatendo a revolta dos renegados, mas não se esqueceu da Inglaterra ou do infortúnio que recaiu sobre a senhora. Deseja que encontre um marido imediatamente. A terra de Crenalden e seus direitos de água devem permanecer vinculados a Coroa.

Eldswythe desabou na cadeira, a cabeça girando. Seu pai estava morto! Ela não ouvira uma palavra sequer do que o bispo pronunciara depois disso.

— Como ele morreu? — indagou, num tom suplicante. — O príncipe Eduardo e a Cruzada não podem ter chegado ainda à Terra Santa.

— Seu pai morreu na França, milady. Alguém enterrou uma flecha em suas costas.

— Gilroy! — Eldswythe gritou. Enterrou o rosto entre as mãos. — Ele disse que tinha assassinos...

O bispo começou a andar de um lado para o outro, a longa batina farfalhando em torno de seus pés.

— O príncipe encontrará o matador, não tenha dúvida. Seu pai era um aliado valioso. Agora, pare com essa choradeira e escute o que mais tenho a dizer. O rei deseja que desposse Harold, o conde de Hillsborough. Esta casa, como a sua, sempre foi um apoio forte para a Coroa. A senhora é uma condessa, e ele é um conde. É um enlace razoável. Ocupam posições iguais.

Eldswythe agarrou as saias e levantou-se. — Não! Prometi a meu pai que desposaria o conde de Gloucester. Honrarei meu juramento. Não me casarei com lorde Harold. Não me casarei com um Breton!

O bispo meneou a cabeça, as veiazinhas azuis sob seus olhos oblíquos latejando conforme ele falava.

— Seu juramento de desposar Gloucester não foi sancionado pelo rei. Ele nunca deu o consentimento apesar dos pedidos repetidos de seu pai e do conde. A senhora não é agora nem nunca foi noiva do conde de Gloucester. Não aos olhos da Igreja ou da Coroa.

Robert virou a cabeça e uma expressão de surpresa perpassou por sua face, logo substituída por uma de raiva e frustração. Olhou para Eldswythe.

— Você não era oficialmente noiva do conde de Gloucester?

O bispo o interrompeu.

— Milady, ninguém mais viu Gloucester faz mais de um mês. Gilroy parou de exigir o resgate por ele. Devemos presumir que o conde está morto. Que tenha morrido na prisão de Gilroy. A senhora se casará conforme o rei ordena.

— Não! Eu me recuso. O bispo bufou, mal escondendo a irritação.

— O rei suspeitava que pudesse se recusar. — Olhou para Harold, ainda nu na cama sem mais nada além de uma colcha de pele no colo e um sorriso forçado na face. — Francamente, eu não a culpo. A maioria das mulheres esconde-se quando o vê chegar. Normalmente, ele está bêbado. Mesmo sóbrio, é inútil quando se trata de administrar seus domínios ou um exército. Hillsborough mantém-se à tona porque o povo aqui é leal ao seu irmão. No ano em que Robert Breton ausentou-se, Harold aqui levou o

lugar à ruína. — Seus olhos se estreitaram. — Mas a senhora não tem escolha, eu receio, a menos... — Parou, e cocou o queixo. — A menos que esteja preparada para desposar o irmão dele, um segundo filho sem terras ou título.

Eldswythe ficou muda. Espanto e aflição a invadiram, deixando-a sem fala.

O bispo entrelaçou as mãos atrás das costas.

— O rei está preparado para lhe oferecer sir Robert por marido. O que é importante para a Coroa é que Hillsborough e Crenalden unam-se e protejam os interesses reais. Ele não se importa realmente com qual Breton a senhora escolha, apenas que opte por um deles.

Robert cerrou os punhos.

— O rei presume que eu consinta? Não recebi nenhum recado dele, nenhuma instrução desde a carta do escrevente, em Dover.

O bispo pendeu a cabeça.

— O senhor conhece Henrique. Não receberá nenhum recado, apenas outra promessa. Ele ordenou que defendesse o castelo de Crenalden e protegesse lady Eldswythe. Em troca, prometeu-lhe a terra ao longo do rio Greve que o senhor queria, e duzentos hectares da terra fértil de Crenalden. Considere agora que ele está oferecendo o bolo inteiro, o castelo de Crenalden e seu condado, se você ou seu irmão concordarem em tomar lady Eldswythe como esposa.

Harold sentou-se na cama.

— Diga ao rei que eu me casarei com ela, feiticeira de cavalos ou não! Outro condado me cai bem, além das terras e o castelo de Crenalden. Ora, esse é um dote que não posso recusar, mesmo que ela tenha cavalgado com o demo e ostente a marca para comprovar.

Havia cobiça em seus olhos.

Eldswythe relanceou os olhos para Robert. Parecia um gato com um passarinho na boca.

— Eldswythe — ele deu um passo na direção dela —, eu não sabia nada sobre isso. Se pensa que eu a trouxe a Hillsborough sabendo o que o rei planejava...

Ela recuou.

— Que tola eu tenho sido. Mas estou curada, e tenho de agradecer a Sua Alteza por isso. — Respirou fundo. — Com relação ao conde de Gloucester, suplico para desposá-lo. Prometi a meu pai que o faria tão logo o rei desse sua permissão. Não sabia que o rei era contra desde o princípio. — Baixou os olhos, a respiração apertada no peito. — Mas não o enganei, Robert. Nunca.

O bispo limpou a garganta.

— Precisa escolher, milady, um irmão ou o outro. Eldswythe sacudiu a cabeça, o coração partido.

O bispo esmurrou a mesa, fazendo as canecas de peltre tombar.

— Vamos esclarecer a situação, lady Eldswythe. Se recusar-se a casar como o rei ordena, vai voltar a uma abadia distante e esquecida por Deus. O castelo de Crenalden e todos os domínios de sua família serão tomados, divididos e parcelados entre os súditos do rei. A senhora ficará sem nada. Será o fim de sua linhagem e de seu nome de família. Inclinou a cabeça para a frente e encarou-a.

— A vida num convento, milady, será difícil para uma feiticeira de cavalos. Providenciarei pessoalmente que a senhora seja convenientemente convertida.

Tocou a rosário e o cinto de couro que pendiam de sua cintura.

Robert postou-se em frente ao bispo.

— Não ameace lady Eldswythe. Se puser a mão nela algum dia, mesmo em nome de Deus, vai se arrepender. Eu prometo. — Levou a mão para a espada.

O bispo deu um passo para trás, encarando Robert em desafio.

Eldswythe engoliu em seco. Feiticeira de cavalos, ele a chamara, e além de tudo

ameaçara surrá-la até a submissão, Porém, nenhum homem tinha domínio sobre ela agora.

Postou-se diante do bispo, erguendo-se a plena altura. E o encarou com raiva e com orgulho.

— Senhor bispo, não me chame de feiticeira de cavalos. Sou uma curandeira. E deixe-me esclarecer. Suas ameaças não me assustam. Vi meu povo ser assassinado, testemunhei a Peste matar tanto gente como animais, e me vi amarrada e carregada como prisioneira de Gilroy. Perdi tudo o que eu tinha, minhas terras, meu castelo, meu cavalo e meus amigos, e perdi meu pai. Acha, mesmo por um momento, que a idéia de um convento me apavora? Passei a maior parte de minha vida num, então, isso não me dá medo, senhor, mas não desistirei dos direitos de minha família. Se devo me casar para tentar salvar o que resta dos domínios de meu pai, eu o farei. — Cruzou os braços. — Eu me casarei com Robert Breton.

Harold praguejou e continuou a resmungar por entre os dentes.

O bispo limitou-se a sorrir, mas seus olhos faiscavam com uma luz de quem se considerava um vitorioso.

— Escolha sábia, milady, não desafiar o rei. Fazer o que lhe foi dito. —Virou-se para Robert. — Concorda então em desposar lady Eldswythe?

O olhar zangado de Robert pousou no bispo.

— Lady Eldswythe precisa concordar livremente em se casar comigo. Não aceitarei uma esposa relutante. Ninguém pode me obrigar a isso. Nem mesmo o rei.

Os cantos da boca fina do bispo se arquearam para cima, como se ele apreciasse o confronto.

— Lady Eldswythe? Concorda voluntariamente em desposar sir Robert?

Ela não respondeu, aturdida demais para conseguir falar.

Capítulo XVI

— Espero sua fidelidade e lhe darei a minha. Não entrarei na santidade do casamento com leviandade.— Robert atravessou o aposento e postou-se diante de Eldswythe.

Ela se apoiou à lareira. Seu destino parecia inevitável, assim como o de Robert. A menos que pudesse dissuadi-lo.

— John Gilroy tem Crenalden. Se você me desposar por minhas terras e um título, deve ter em conta de que eu poderia terminar sem nada.

Ele tomou-lhe a mão na sua e beijou o dorso, os lábios mal roçando a pele.

— Esse é um risco que estou disposto a assumir. Eldswythe puxou a mão depressa. O contato dos lábios quentes de Robert em sua pele fazia seu estômago tremelicar. Sustentou-lhe o olhar.

— Senhor meu bispo, diga ao rei que me casarei com Robert Breton de livre vontade. Consinto sem coerção. E o senhor, sir Robert, terá pelo menos o que deseja, em sua inteireza. Os domínios de meu pai. Detesto ter de dá-los ao senhor e embora seja

obrigada pela lei do casamento a ceder, jamais acreditarei que não armou essa coisa toda para conseguir o que queria.

Ela podia ouvir seu pai revirando-se no túmulo! Mordeu o lábio para sufocar o sofrimento de se ver obrigada a consentir.

Robert meneou a cabeça. A raiva faiscava em seus olhos.

— Não sou culpado de conspirar contra você nisso. É obra do rei, não minha.

— Está acertado. O rei ficará contente! — o bispo exclamou. — Faremos a festa de noivado esta noite e publicaremos os proclamas. Daqui a duas semanas vocês serão marido e mulher. — Serviu-se de uma caneca de vinho, tomou-o e bateu a caneca sobre a mesa. Rumou para a porta. — Sir Robert, venha comigo enquanto eu esboço o contrato de noivado. O senhor precisa escrever uma carta ao rei. Um mensageiro espera para informar o resultado de minha visita, e Henrique quer saber de suas tropas. Deve também lembrá-lo para que mande provisões. Em sua idade avançada, ele se esquece do que prometeu. Que isso sirva de aviso ao senhor.

Robert fez uma mesura diante de Eldswythe e tocou-lhe o queixo.

— Não demorarei, prometo. — Seguiu o bispo pela porta.

Harold jogou as cobertas de lado e enfiou o camisolão. Seus pés nus saltavam pelo chão de pedra enquanto ele procurava pelos chinelos.

— Pardon, lady Eldswythe, preciso sair e fazer meu desjejum. Depois ir à capela para agradecer por ter sido poupado de um casamento. — Inclinou-se profundamente, as nádegas nuas apontando do camisolão, os cabelos pendurados em torno do rosto. — Desculpe-me. Não pretendia ofendê-la. Você é uma beleza e muito casta, tenho certeza. — Riu com sarcasmo, a boca se curvando. — Tem muito a oferecer, mas suspeito de que já tenha dado tudo a meu irmão.

O calor da raiva subiu pelo pescoço e espalhou pelas faces de Eldswythe. Ela girou nos calcanhares para sair e, então, estacou quando a voz áspera de Harold ressoou:

— Você esconde mal seus sentimentos. Está tão abobalhada por ele como ele está por você. — Enfiou os braços no robe de veludo. — O bispo, não é nenhum tolo e nem o rei. Eles não pretendiam que você se casasse comigo. Sabiam que não haveria de querer. Você foi um brinquedo nas mãos deles, milady, e nas de meu irmão, fazendo exatamente o que desejavam. Eles até deram um jeito de que concordasse com isso voluntariamente. Mulheres... São tão fáceis de enganar...

A suspeita e a dúvida, de repente, invadiram Eldswythe, tirando-lhe o ar dos pulmões. Fora planejada a cena que acabara de assistir? Robert, aquele patife, sabia o tempo todo o que o rei estava tramando, embora negasse? Ah... ele responderia por isso, de um jeito ou de outro!

Ergueu o queixo.

— Por favor, sir Harold, não perca seu tempo exultando com a desgraça alheia. Vá fazer suas preces e agradeça por não ser o meu futuro esposo.

Harold caiu ha risada. Fechou as mãos uma na outra e ergueu os braços aos céus.

— Irei, e também rezarei pela alma de meu querido irmão. Ele acabou de concordar em tomar uma raivosa feiticeira de cavalos por esposa.

Eldswythe debruçou-se na balaustrada da galeria para observar os criados lá embaixo correrem pelo salão com organizada eficiência, arrumando as mesas e arrastando longos bancos de carvalho para junto da parede. O intendente contava copos e pratos.

Robert caminhou lentamente até o lado dela.

— Ouvi dizer que os trovadores cantarão esta noite sobre uma feiticeira de cavalos

que pode fazer um cavalo de batalha dançar e que conhece uma poção que vai curar a Peste.

Eldswythe não ergueu os olhos.

— As histórias dos menestrelis são grandemente exageradas para fazer tornar uma narrativa melhor. — Observou uma criada espalhar flores frescas pelas mesas.

Robert deu risada. — Estão bem perto da verdade, milady, e juro manter segredo dos detalhes.

Ela encolheu-se junto à pilastra e concentrou-se em observar um servo que levava, para a mesa principal, tigelas fumegantes de molho escuro, e travessas de carne de caça assada e peixe. A mesa reluzia com pratos de ouro e prata, e estava coberta com toalhas imaculadamente brancas adornadas com fitas em azul e prata.

Homens e mulheres andavam pelo vestíbulo, cobertos de jóias e vestidos nas mais finas sedas e trajes coloridos. Robert estava vestido com extrema elegância. Era uma figura impressionante num casaco de veludo negro com mangas em babados e ombros estofados contornados com pele de zibelina. Cada mulher no castelo não deixaria de notá-lo. Eldswythe não poderia deixar de notar também, e a proximidade de Robert a esquentava como uma febre.

Ciente de que seria examinada com olhos atentos como sua futura esposa, ela alisou os cabelos trançados frouxamente e passou as mãos pela frente do vestido azul-claro. Seu melhor vestido e seu predileto, costurado para se ajustar às suas formas esguia e destacar seu busto.

Olhou para Robert, imaginando se ele julgava que ela escolhera aquele vestido porque era azul, em honra à cor da Casa de Breton.

Seus olhos a percorriam com ar apreciativo de cima a baixo.

Então, Robert apertou uma pequena bolsa de veludo na mão de Eldswythe.

— Um presente. Em honra de nosso noivado.

Ela abriu a bolsa e tirou de dentro um anel de prata. Na face havia um unicórnio empinado com um rubi em cada olho, a figura engastada num contorno oval de pérolas e ametistas.

— É... magnífico.

O queixo forte de Robert ergueu-se com orgulho.

— Foi o primeiro prêmio que ganhei em Smithfield — disse. Olhou pela balaustrada da galeria. — Ganhei muitos prêmios desde então, mas este significou muito. Quero que fique com ele. — Enfiou o anel no dedo médio de Eldswythe. — Ficaria feliz se você o usasse.

— Eu... eu não tenho nada para lhe dar.

Ele tirou a pedra verde de sob a túnica e balançou-a diante dela.

— Este é seu presente para mim. — Inclinou-se e a beijou. — E isto — resmungou, contra seus lábios.

Os joelhos de Eldswythe vacilaram. Ela o puxou para mais perto, esquecendo-se por um momento de que ele era um Breton, de que estava de pé no grande salão do castelo de Hillsborough e que, naquela noite, ela concordara em desposar o homem que seu pai detestava.

Trombetas soaram para anunciar o jantar, e Robert afastou-se com um sorriso capaz de dissuadi-la de duvidar daquilo que estava prestes a fazer: jurar perante o mundo que seria sua esposa. Em silêncio, ele conduziu-a pela escadaria.

As portas se abriram para o grande salão e os nobres se enfileiraram até a plataforma, passando pelos aldeões, burgueses e cidadãos, cavaleiros e nobres. Gaitas de fole tocaram quando Eldswythe entrou na procissão com Robert a seu lado.

O bispo abria o caminho. Logo atrás dele, Harold pavoneava-se numa túnica prateada com unicórnios azuis bordados no brasão em seu peito.

Robert puxou-a para mais perto.

— Meu irmão gosta demasiado de festejar. Estará dormindo de bêbado antes que a noite termine.

O salão caiu em silêncio quando o conde de Hillsborough subiu à plataforma e parou em frente à sua poltrona de espaldar alto.

— Bem-vindos, ilustres convidados. — Inclinou-se para o bispo de pé à sua direita. — Em homenagem ao nosso visitante, desfrutem da abundância dessas mesas e da companhia dos amigos.

A multidão irrompeu em aplausos e depois se aquietou quando o sacerdote do castelo foi até o centro do salão.

— Primeiro, boa gente, vamos inclinar nossas cabeças. Oh, Santo Pai, abençoei esta casa e aqueles reunidos aqui. Esta noite, coloquemos nossas diferenças de lado. Rezemos por uma colheita abundante, um inverno suave e uma primavera prematura. Amém.

Fez o sinal da cruz e depois ergueu os braços.

Uma fileira de criados surgiu, enchendo copos e oferecendo taças de água para que os convidados pudessem lavar suas mãos. Servos carregavam bandejas de comida, um atrás do outro, pelas mesas, apresentadas ao som de trombetas e com floreios.

A comida pareceu não tentar muito Robert, mas o vinho com especiarias e mel era de seu agrado. Bebeu à vontade e encheu o copo de novo.

Eldswythe desviou os olhos de seu olhar sombrio e serviu-se de uma ameixa açucarada de uma tigela de prata. Deus do céu, como ela sentia falta da doçura da fruta, como o gosto despertava lembranças de Crenalden. Lembranças que a fizeram sentir-se segura e, ao mesmo tempo, melancólica.

O bispo levantou-se de sua cadeira e lançou um olhar para Margaret. Pela expressão, a presença de Margaret o desagradava. Ele então ergueu o cálice de prata.

— Honrados convidados, proponho um brinde. No dia de hoje, cinco de julho, anunciamos o noivado de sir Robert Breton, o segundo filho de Raulf, o falecido conde de Hillsborough, e irmão de Harold, o atual conde de Hillsborough, com lady Eldswythe, condessa de Crenalden.

O salão caiu em silêncio. Mesmo os cães pareceram se acomodar. A voz do bispo ecoou quando ele ergueu o cálice.

— À Casa de Breton, e à de Crenalden. Que haja paz entre elas de agora em diante!

Um silêncio ainda mais profundo espalhou-se pelo salão.

Deus, estava acontecendo tão cedo! Eldswythe relanceou os olhos para Robert, que parecia paralisado na cadeira.

O bispo virou-se para Robert.

— Levante-se, e tome a mão de lady Eldswythe na sua, sir Robert.

Ele pegou a mão de Eldswythe conforme se levantavam das cadeiras.

— Com a benção do rei, lady Eldswythe, filha de Aldrick, o conde de Crenalden, concorda em desposar sir Robert Breton, filho de Raulf, irmão do conde de Hillsborough, Harold?

A mão de Eldswythe tremeu, e Robert fechou os dedos sobre os dela. Sua respiração acelerou-se. Santa Maria, era difícil! Prometer-se de corpo e alma a um homem, qualquer homem. Mesmo Robert Breton. Pelo menos não era com Harold. Um covarde, interessado em mulheres, caça e seus copos de bebida.

O bispo pigarreou, arrancando-a de seus devaneios.

— Consinto — respondeu depressa, desejando apenas que aquilo acabasse.

— Lega a sir Robert Breton — ele continuou —, pelo casamento, todo o castelo de Crenalden e seus domínios como seu dote, recentemente transmitido à senhora com a morte de seu pai?

— Sim.

Pela paz de Deus! O que fizera?

— Sir Robert, aceita lady Eldswythe como sua noiva, com a promessa de que a desposará e assumirá a senhoria das propriedades e da pessoa de lady Eldswythe?

As últimas palavras fizeram o sangue de Eldswythe se enregelar. Ela gozava de mais liberdade como uma mulher solteira, sem terra ou um título. Agora, era obrigada por lei a submeter seu corpo e sua alma a um homem em quem não tinha certeza se confiava. Um homem que nem uma vez dissera que a amava.

Robert apertou-lhe a mão.

— Sim — ele respondeu, resoluto.— E providenciarei que John Gilroy seja escorraçado de Crenalden e a terra devolvida a quem tem o direito de reclamá-la: lady Eldswythe.

O bispo ergueu o cálice e olhou os convidados.

— Que os proclamas sejam publicados. Dentro de duas semanas, lady Eldswythe e sir Robert estarão casados!

A multidão irrompeu em aplausos. Copos eram batidos nas mesas, criados assobiavam e os cães latiam com todo o tumulto.

Robert inclinou-se, erguendo os dedos de Eldswythe até os lábios.

— Parece que se tornou bastante popular entre o povo. Eldswythe puxou a mão num gesto brusco.

— Nem todos estão contentes. — Relanceou os olhos discretamente na direção de Margaret.

Margaret estava tão branca quanto um lençol, e teria desmaiado se lady Anne não a amparasse. Harold saltou de pé.

— A meu irmão e lady Eldswythe! Que possam conhecer muito amor, ter muitos filhos e desfrutar de alegria em concebê-los. — Oscilou ligeiramente e caiu na cadeira, para diversão do povo.

Robert resmungou. Fez uma mesura ao irmão, muito sério, as sobrancelhas franzidas de irritação. Eldswythe não pôde deixar de notar que seu polegar procurava o cabo da espada.

Graças a Deus, os músicos começaram a tocar enquanto os criados passavam distribuindo pulseiras com guizos. Os convidados dividiam as atenções entre Harold e Robert e deixaram as mesas para se reunir no centro do salão, onde homens e mulheres se postaram em filas separadas, de frente uns para os outros, esperando que os tambores comessem.

Robert empurrou a cadeira, e levantou-se quando os criados amarraram os guizos em seus pulsos.

— Uma dança de noivado, milady, para nós. Eldswythe puxou as mangas para o alto e estendeu os braços. Um criado amarrou os guizos em torno de seus pulsos.

Robert conduziu-a ao salão.

— Ainda guarda o conde de Gloucester em seu coração, Eldswythe? Estava apaixonada por ele quando prometeu ser minha esposa? Ainda está?

Eldswythe rodeou Robert, batendo palmas ao compasso dos tambores. Então era essa a razão de seu mau humor.

— Você amava lady Margaret? Ainda ama? — ela contrapôs. Inclinou-se para mais perto conforme rodeavam um ao outro, os guizos tilintando nos pulsos. —Você me ama? Ou me usa, assim como o rei, para atingir seu propósito e alcançar sua meta de alçar-se acima de seu irmão e reivindicar minha terra?

Robert avermelhou.

— Jurei ser seu marido, tomar a você e apenas você como esposa. Não deveria ser isso tudo o que importa? Serei justo e governarei seu povo com mão gentil.

— Você não me conquistou, Robert Breton — ela esbravejou —, nem ganhou minha terra ou meu castelo ainda! Como eu disse antes, isso é algo que pode nunca vir a

acontecer.

— Espero, pelo bem de ambos, que isso aconteça. Quero que nós dois consigamos o que queremos, embora desejemos isso por razões diferentes.

Os tambores pararam. O tilintar dos guizos gradualmente diminuiu, e Eldswythe sentiu os olhares dos convidados sobre os dois. Sorriu para Robert e se curvou numa cortesia. Ele fez uma mesura rígida em troca e levou-a de volta ao lugar, a expressão tensa e contrariada.

Os convidados voltaram às suas mesas em busca de refrescos. Os músicos seguiram para o centro do salão e um tocador de mandolina dedilhou um acorde.

— Agora, é hora de uma canção — disse, conforme se inclinava diante de Harold e depois na direção do bispo.

Uma canção cheia de inflexões, triste, porém bonita, encheu o salão. Os hóspedes decepcionados começaram a vaiar e bater os copos nas mesas.

Harold ficou de pé, cambaleante.

— Deus do céu, toque outra, bom senhor. Essa canção piedosa me dá engulhos. — Estalou os lábios e jogou um beijo da direção de Margaret, que se sentou, aborrecida, e levou a mão à boca.

O bispo bateu o copo na mesa.

— Sente-se, lorde Hillsborough. Aja como convém à sua posição.

Robert levantou-se e ergueu o cálice diante de Eldswythe.

— Um brinde à adorável lady Eldswythe, que esta noite concordou em desposar-me e contar devotada à minha casa e aos meus futuros herdeiros. Ela será uma esposa fiel e obediente.

Num gesto amplo, ele passou o braço em torno da cintura de Eldswythe, erguendo-a. Antes que ela pudesse objetar, inclinou o rosto e pousou os lábios nos dela.

A multidão prorrompeu em gritos de aprovação quando Eldswythe inclinou-se para Robert e apoiou a mão em seu peito. A respiração arfante de Robert roçou-lhe a face.

Ele esfregou o nariz em seu ouvido.

— Eles suspeitam de que estamos cheios de luxúria um pelo outro. Não vamos desapontá-los.

Eldswythe inclinou a cabeça para trás. Fingiu um sorriso e falou alto o bastante para que todos ouvissem.

— Sir Robert, por favor, não até nossa noite de núpcias. — Bateu os cílios e sorriu. — Ou, pelo menos, dê-me um exemplo melhor para me ajudar a esperar.

Agarrou a face de Robert entre as mãos e puxou-lhe a boca para a sua. Seus lábios se abriram, e ela aconchegou-se toda contra ele, convidando-o a se demorar.

Os convidados berraram, enquanto os músicos atacavam uma melodia alegre.

Afastando-se, Eldswythe recuou, mas não antes de se esfregar contra a evidência que de o excitara profundamente.

— Se eu soubesse o que estava guardando para mim — ele resmungou —, eu a carregaria para cima três horas atrás.

Ela murmurou por sobre o ombro.

— Não me é possível dormir em algum lugar que não sejam os aposentos das senhoras. E as camas lá estão cheias. Não há lugar para você.

As flautas e trombetas soaram acima do burburinho. Todas as atenções mudaram de Eldswythe e Robert para as grandes bandejas de doces que os criados carregavam em fila ao redor do salão. Guloseimas em forma de animais míticos, navios e mesmo um bolo enorme com o castelo de Hillsborough eram levados à mesa. Então, um mordomo ordenou que os criados comessem a servir.

O salão ficou em silêncio mais uma vez quando uma copeira apareceu, carregando uma enorme bandeja de prata. Rodeou a mesa e parou em frente a Robert.

Ele arregalou os olhos, e seu rosto tornou-se escarlate. As veias em suas têmporas

latejaram.

Na bandeja havia um prato decorado à semelhança de seu cavalo baio, deitado de lado, as pernas estendidas, os flancos inchados enrolados numa mortalha.

A garota curvou-se numa cortesia leve e estendeu a bandeja para a apreciação de Robert.

— Para o senhor, milorde, mandado fazer em sua honra por lorde Hillsborough.

Robert saltou da cadeira.

— Qual é o significado disso? — Encarou o irmão, furioso.

Com um sorriso, Harold desceu da plataforma e aproximou-se da bandeja.

— Ora, Robert, meu querido irmão, mandei fazer em honra de seu excepcional cavalo, para que possamos relembrar e homenagear o valente garanhão. Talvez lady Eldswythe queira cortar a primeira fatia. — Ele pegou seu punhal e ofereceu-o a ela. — Talvez pudesse cortar... bem aqui. — Passou a lâmina pelo pescoço da forma eqüina e decepou a cabeça do cavalo. O bolo cheio de açúcar aterrisou num grande monte aos seus pés.

Antes que alguém pudesse impedi-lo, Robert saltou pela mesa, empunhando seu punhal.

Tão depressa quanto ele, Harold ergueu a faca. Com um giro largo, cortou a manga da túnica de Robert. Uma mancha vermelha de sangue escorreu pelo tecido. Robert investiu contra o irmão e prensou-o contra a plataforma, a ponta do punhal comprimida à face de Harold.

Eldswythe pousou a mão de leve no braço de Robert. Os músculos sob seus dedos estavam tensos.

— Sei que não está em seu coração matá-lo. Você é irmão dele, seu único parente, tão leal quanto ele é cruel.

Harold ergueu o pescoço e forçou um sorriso.

— Nosso querido pai iria rolar na tumba se o filho predileto cometesse assassinato. Você será enforcado e nunca poderá reivindicar meu condado.

Eldswythe ergueu uma prece muda a Deus para que acalmasse os corações.

Mas os olhos de Robert continuaram duros como aço. Um silêncio mortal caiu sobre o salão e a multidão moveu-se, como se uma linha imaginária separasse os homens de Harold dos de seu irmão. Thomas e Hugh postaram-se em frente à plataforma, as mãos nas espadas, perto das costas de Robert, deixando sua posição bem clara.

Robert olhou primeiro para Eldswythe e depois lentamente esquadrinhou a multidão, avaliando quem se aliara a quem. Então, seu olhar perigoso veio cravar-se de novo no irmão.

— Agradeça a lady Eldswythe, Harold. Poupe sua vida por que ela me pediu. — Baixou o punhal, mas seu tom implicava uma ameaça que não poderia ser ignorada.

Harold ergueu-se e, então, arrancou o chapéu da cabeça. Fez uma mesura para Eldswythe, a expressão cheia de zombaria e desprezo.

Eldswythe respirou fundo.

O bispo levantou-se, determinado a terminar a disputa. Ergueu a mão, num gesto solene.

— Saiam em paz, bons amigos. Vão e procurem o conforto de seus leitos.

Não era um pedido, e sim uma ordem. E foi obedecida.

Harold afastou-se do salão com uma criada pelo braço, seguido pelo bispo e a comitiva, logo atrás. As gaitas de fole soaram, e os hóspedes saíram, obedientes, pelas portas do salão, as vozes baixas e abafadas em desapontamento. Os homens lançavam olhares curiosos à Eldswythe, e as mulheres tagarelavam excitadamente por trás das mãos. Criados mantinham as cabeças baixas e limpavam as mesas.

Robert embainhou o punhal e apertou a mão no braço ferido, um fio de sangue

escorrendo por seus dedos. As veias em suas têmporas eram visíveis, os músculos de seu queixo saltados. Com olhos frios, observou cada cavaleiro que se demorava, e Margaret, que fez uma grande encenação ao sair. As damas a ajudaram a descer da plataforma e ajeitaram suas saias enquanto ela, com uma expressão de desaprovação velada na face, relanceava os olhos na direção de Eldswythe.

Robert interpôs-se ao campo de sua visão e tomou Eldswythe pelo cotovelo.

— Venha comigo. Lá para cima — disse, enquanto mantinha os olhos estreitados em Margaret.

Sem retrucar, Eldswythe o seguiu, desejando que aquela noite aflitiva terminasse.

Quando chegaram ao patamar, ele a soltou e precedeu-a pelo corredor e depois a conduziu através de um par de portas em arco que se abria para um aposento imenso de pedra. Um apartamento particular, largo e luxuosamente mobiliado com tapeçarias, uma profusão de tapetes turcos e uma única cama imensa de carvalho. Um fogo queimava na lareira do tamanho de um homem.

Assim que ela entrou, Robert fechou a porta e baixou a tranca de ferro.

— Você ficará aqui esta noite. — Antes que ela abrisse a boca para protestar, ele continuou: — Não a deixarei sozinha lá fora com meu irmão, nem a mandarei de volta ao covil de Margaret. — O desgosto retorcia-lhe a face.

Eldswythe o vira assim quando ele fora forçado a matar seu baio. Ela sabia que era melhor não discutir desta vez. Na verdade, sentia-se agradecida de não ter de dormir nos aposentos das damas. Para disfarçar o nervosismo, enfiou atrás da orelha a mecha de cabelos que sempre escapava de seu toucado e cruzou os braços.

Robert ajoelhou-se em frente à lareira.

— O quarto continuará quente quando o fogo apagar. — Jogou outra acha de lenha nas brasas, pousou o braço ferido no joelho dobrado e sentou-se de costas para ela, cornos ombros ligeiramente caídos.

Eldswythe já o conhecia bem para detectar as emoções no tom de voz de Robert. Ele se virará para esconder a preocupação e ocultar o quanto estava aborrecido com a cena no salão. Sozinho ao lado do fogo, parecia cansado e à deriva. Não lembrava em nada o homem que a desafiara a aceitar seu dom como feiticeira de cavalos.

Em vez disso, Eldswythe via um homem vulnerável, mas que sobrevivera a um pai duramente brutal, a um irmão ciumento e vingativo, e às armadilhas do amor, determinado a se pôr à prova e abrir seu caminho no mundo. E ela ansiava para acalmar seu espírito atribulado, mas não sabia como.

Atravessou o aposento. Silenciosamente, parou perto de Robert.

— Por favor, seu braço está ferido. Deixe-me cuidar dele.

Correu a mãos pelos cabelos de Robert até a nuca e depois lhe massageou os ombros. Os músculos tensos soltaram-se sob seus dedos. Robert levantou-se e virou-se para fitá-la.

— Se não fosse por você hoje, eu poderia ter matado meu irmão.

— Não, não teria. Não conseguiria...

— Preciso lhe contar algo. Gilroy tem reunido aliados. Ele planeja marchar sobre Hillsborough. Preciso partir com meu exército e interceptá-lo.

Eldswythe agarrou-se a uma cadeira para firmar-se.

— Quando?

— Diante das circunstâncias, não há tempo a perder. Não é seguro aqui. Vou mandar você para longe.

— Para onde?

— Para Londres. Com o bispo e seus guardas.

No silêncio que se seguiu, Eldswythe entrelaçou as mãos trêmulas, à beira de perder o controle.

— E você? Estará em número menor, em desvantagem. Ficaré a salvo?

As feições de Robert eram estóicas, determinadas e impassíveis, mas seu polegar desenhava pequenos círculos no cabo da espada.

— Fiz um juramento ao rei.

Então, seus olhos caíram nas mãos de Eldswythe, que as apertava agora ao peito. Sem pensar, ela virava o anel que ele lhe dera no dedo.

Ela percebeu o movimento sutil, os dedos abertos de Robert como fosse tocá-la. Porém, ele fechou os punhos e deixou os braços pender ao lado do corpo.

Sua mente disparou. Enquanto ele falava com fria convicção, os olhos faiscavam com uma mensagem diferente. No fundo, Eldswythe sabia que Robert sentia a mesma influência oculta, a mesma tensão que se debatia furiosa entre os dois, tão poderosa como qualquer código de honra, mais que qualquer atração física.

Ela não poderia negar o que sentia. Aquela noite poderia ser sua última chance. Deu um passo para mais perto e passou os braços por seu pescoço e beijou-o com ardor.

Ele prendeu-lhe as mãos nas suas e interrompeu o abraço.

— Eldswythe — murmurou contra seus lábios —, eu não a trouxe aqui esperando...

— E eu vim aqui sem saber o que esperar. Mas sei o que quero. Sempre soube o que eu quero.

— E eu também, a menos que tenha se esquecido de que você me odeia por isso.

— Odeio — ela respondeu, aconchegando-se ainda mais a ele.

O arfar do peito de Robert acelerou-se. O hálito quente bafejou-lhe a face, e Eldswythe pôde sentir suas defesas recuando, a resistência falhando.

Com um gemido rouco, ele apertou-a de encontro ao peito.

— Eldswythe, preciso de você. — Então, comprimiu a boca contra a dela e beijou-a com um tipo de paixão que ela não sentira nele antes, urgente e dolorosamente crua.

Céus, como ela precisava dele! Todas aquelas longas semanas separados em Hillsborough. Cada hora, cada minuto, cada segundo.

Robert enterrou o rosto em seus cabelos.

— Sinto sua falta. Não consigo dormir sem você.

Eldswythe sentiu as pernas trêmulas. O sangue pulsava por suas veias num galope. Ela jogou a cabeça para trás e deixou que ele pousasse beijos escaldantes por seu pescoço.

Então, os lábios de Robert se afastaram. Ele a fitou nos olhos e as mãos tocaram sua face, numa carícia terna, como se tentasse memorizar como ela era, que sensação causava.

— Deus sabe que se eu pudesse, estaríamos casados hoje, mas...

O peito de Eldswythe apertou-se. E ela mal conseguia respirar. A simples idéia de Robert deixá-la sozinha aquela noite roubava o ar de seus pulmões. Sem dizer uma palavra, ela o beijou pela linha do maxilar, distribuindo beijos leves um atrás do outro até chegar à têmpora, enquanto corria as mãos pelo peito largo e mais abaixo, além da beirada da túnica, desafiando-o a impedi-la.

Uma fina linha formou-se em torno da boca de Robert, e ele agarrou-a pelos braços, os dedos se fechando num sinal de advertência.

— Se você ficar esperando um filho e eu morrer em batalha... — A voz desesperada calou-se. E seu rosto empalideceu. — Não suporto o pensamento de deixá-la sozinha com um bebê.

Eldswythe pousou os dedos em seus lábios para silenciá-lo e meneou a cabeça.

— Você não vai morrer — declarou, surpresa com a própria veemência. — E ser a mãe de seu filho só me traria alegria. Como eu disse antes, meu amor, sou bastante forte. É minha escolha.

Robert virou o rosto de lado, respirando fundo como se precisasse de tempo para que as palavras de Eldswythe o penetrassem. E, quando a encarou, ela foi surpreendida por seu olhar de alívio, seguido por uma expressão de absoluta admiração nos olhos.

— Você não pode saber o que significa para mim ouvir o que disse, sabendo que tenho cobiçado a terra de sua família, que não hesitaria diante de nada até enfrentar Gilroy para tomar de volta o que é seu e depois tomá-lo de você.

Eldswythe ergueu a boca até a de Robert.

— Você tem um poder sobre mim que eu não compreendo. Tentou me seduzir semanas atrás porque queria Crenalden e, mesmo assim, estou apaixonada por você. — Provocou-o, assaltando-o com a língua ousada e as mãos a deslizar pelas nádegas de Robert. Sentiu-o encolher-se ao seu toque e, no fundo da mente toldada de desejo, ouviu-o murmurar:

— Por todos os santos, feiticeira, você me encantou! — Ergueu-a nos braços e a carregou para a cama. — Não consigo esquecer a morte de meu pai e mesmo assim me vejo aqui com você, desejando a filha de meu maior inimigo. Não sei o que me possuiu.

Colocou-a entre as peles e as sedas e se despiu depressa, a manga da elegante camisa de linho manchada de sangue seco. Eldswythe mordeu o lábio diante da vista da ferida, um corte pequeno, mas fundo o bastante para sangrar.

Ele olhou para o braço e fez um gesto de descaso.

— Foi só um arranhão, milady. Outra cicatriz para acrescentar à minha coleção. — Deitou-se na cama. O cheiro másculo pairou sobre Eldswythe, provocante e poderoso. Então, seus lábios a devoraram, a boca ávida e insistente.

Eldswythe deixou que Robert lhe tirasse o vestido e a combinação dos ombros e lhe desnudasse os seios. O calor da pele dele cobriu-a, e ela jogou a cabeça para trás quando ele deslizou os lábios por seu pescoço, provocando uma onda de calor que lhe subiu do ventre para a espinha. Se o custo de amá-lo aquela noite fosse trair a herança e o nome de família, ela pagaria de bom grado o preço.

Enquanto ela se deitava em abandono sob seu corpo, Robert não conseguiu pensar em nada a não ser em quanto Eldswythe era bela, a face rosada pelo fogo e os cabelos brilhantes caindo pelos ombros nus. Podia ouvir-lhe a respiração, sentir o calor da pele macia sob sua mão, e uma onda de desejo disparou por suas entranhas. Eldswythe sorriu e deslizou a mão até pousá-la em seu peito por um momento, antes de escorregar a ponta dos dedos por seu ventre. A tortura da carícia era divina demais para ser real e ele não conseguiu se refrear e conteve o fôlego.

A simples idéia do que estava prestes a fazer sacudiu-lhe o corpo em um tremor. Queria ver o êxtase na face de Eldswythe e observar seu corpo estremecer de prazer e alívio. Se custasse a noite toda para levá-la até esse ponto, assim seria. Ele poderia refrear o próprio desejo por tempo o bastante para vê-la chegar lá, e o prazer que extrairia disso seria ainda maior.

Ergueu-se e lentamente puxou-lhe as saias para cima, além da borda das meias.

— Feche os olhos e não pense em nada a não ser naquilo que sente. Quero conhecer cada curva sua.

Eldswythe ficou tensa. Em seu olhar, havia desejo, mas também uma pontada de apreensão. Ruborizou-se, embaraçada, talvez um pouco assustada. E Robert recordou-se de que aquela era apenas sua segunda vez.

— Não há por que ter medo. Você é linda — murmurou, para tranquilizá-la —, todinha, cada pedaço.

Ela gemeu, o som baixo e ressoante, e o canto de sua boca ergueu-se, num ar de prazer.

Ele riu, e concentrou a atenção nas meias de Eldswythe, puxando a beira de uma com os dentes. Aspirou-lhe o cheiro feminino conforme puxava a fina peça de lã pela perna, centímetro a centímetro, até o tornozelo, e depois repetiu a ação com a outra meia. Jogou-as no chão e fitou aquelas pernas gloriosas completamente desnudas, de um branco cremoso, estendidas languidamente pela cama. A vista o deixou sem fôlego.

— Você tem pernas maravilhosas, Eldswythe — disse, correndo os dedos de leve

para cima da canela até seus joelhos. Ela arquejou, e Robert puxou-lhe o vestido pelos quadris, deixando-a completamente nua.

Uma risada nervosa escapou dos lábios de Eldswythe.

— Posso sentir seus olhos sobre mim. — Ela puxou uma coberta sobre a cintura. — Estou com frio.

Robert riu e tirou-lhe a coberta das mãos.

— Então, deixe-me esquentá-la. — Beijou-a nos joelhos e separou-lhe as coxas com as mãos.

Um arquejo de espanto ressoou da garganta de Eldswythe e suas pernas ficaram tensas.

— Não é decente... que eu o deixe fazer isso, é? Robert beijou-lhe as canelas, os lábios escorregando para cima.

— Fazer o quê, minha feiticeira? O que acha que eu planejo fazer?

— Eu... eu não sei realmente... Oh, por todos os santos, você está me provocando!

Robert riu outra vez, seus lábios colados à pele sedosa na parte interna da coxa de Eldswythe. Beijou-a de leve, a boca arrancando-lhe gritinhos de prazer. Chegou ao monte de macios pelos pretos que lhe cobria a fenda entre as pernas, e então ergueu a cabeça. Esperou, vendo os seios de Eldswythe arfar, subindo e descendo depressa ao compasso acelerado da respiração.

Ela gemeu e abriu-se para ele, o movimento incerto. Hesitante.

Robert sorriu e abaixou a cabeça. Usou a língua para lhe provar a suavidade, fazê-la arquear as costas e retorcer-se de prazer, os punhos fechados nas cobertas, as pernas erguidas e abertas ainda mais. Então, acariciou-a com a mão também.

— Eldswythe, relaxe — murmurou, os dedos longos aumentando a intensidade das carícias.

Com movimentos febris, ela jogou a cabeça de um lado para o outro, os quadris se erguendo, reagindo ao toque. Continuando a acariciá-la com a mão, ele cobriu-lhe o ventre de beijos lentos, subindo devagar, mordiscando o vale entre os seios, até o pescoço, o queixo.

— Lembre-se disso — disse com voz rouca ao escorregar os lábios até os dela.

Com a voz ofegante, ela murmurou um "sim" e fechou os olhos.

Robert sentiu os músculos internos se fechar em torno de seus dedos. Então, Eldswythe gritou e com um arquear convulsivo, seu corpo foi sacudido por um tremor violento. Arqueou-se de novo, as feições contorcidas numa expressão extasiada, e gemeu, erguendo as nádegas trêmulas, comprimindo o sexo contra a mão de Robert. Ao mesmo tempo, o desejo dele emergiu. Exigindo atenção, proclamando a necessidade que ele bloqueara.

Os cantos da boca de Eldswythe curvaram-se num sorriso lascivo, e uma fina película de suor porejou em sua testa.

— Essa foi a primeira vez que eu me senti... senti... Não tentou terminar a frase. Respirou fundo, esticou os braços acima da cabeça, aninhando-se no fundo das cobertas, como quem vai se acomodar e dormir.

— Ah, não! Não acabou. É apenas o começo. Ela abriu os olhos depressa.

— Tem mais? Já não viu tudo e fez tudo o que queria? Eldswythe mordeu o lábio e desviou os olhos, meio esperançosa e meio provocante. Robert podia afirmar que ela sabia muito bem que ele não terminara.

Ele deslizou a mão de novo entre suas pernas e acariciou-a, movendo-se em pequenos círculos enquanto os dedos a penetravam outra vez. Eldswythe soltou um longo suspiro, e enterrou as pontas dos dedos nas costas de Robert, enquanto arquejos escapavam de seus lábios.

— Se continuar fazendo assim, vou perder o juízo.

— Então, vire — ele murmurou. — Há mais que eu quero lhe mostrar.

Ela ficou imóvel e deixou que Robert a erguesse pela cintura e a deixasse de joelhos. Ele então pegou a vela ao lado da cama. Suas mãos deslizaram pelas nádegas roliças de Eldswythe. Ela suspirou e comprimiu as nádegas, mas não se encolheu.

— O que está fazendo? — perguntou, em fôlego.

— Só olhando. Você tem uma adorável mordida de cavalo e, eu admito, esta parte é mais para o meu prazer do que para o seu. — Correu os dedos pela cicatriz rosada e depois inclinou a cabeça e beijou cada ondulação. — Cada parte de você me deixa em fogo.

— Agora você viu minha cicatriz como ninguém mais a viu. Satisfeito? — Ela sacudiu o traseiro de um jeito brincalhão.

Robert soltou um gemido. Quando as nádegas se esfregaram contra ele, sua ereção saltou plena, empinada. Latejante. Ela o provocava e queria qualquer outra coisa, menos dormir. Ele, então, virou-a gentilmente e se debruçou sobre Eldswythe, os seios a se amoldarem ao seu peito.

— Quero ver seu rosto — disse, ao erguer-se, apoiando o peso nos braços.

Então, ficou completamente imóvel. Os dedos, de Eldswythe roçaram suas partes mais sensíveis, enroscaram-se em torno da ereção e o acariciaram de leve. Ela o fitou nos olhos, e sorriu:

— Você é tão grande como um cavalo.

Ele lhe mordiscou o lábio inferior.

— Pare, tentadora — resmungou. — Não estou pronto para que isso acabe. Você está?

Ela esboçou um sorriso. A palavra "não" formou-se em seus lábios, enquanto ela separava as coxas. Robert deslizou o membro para dentro dela, devagar, com cuidado, até enterrar-se completamente. Um gemido choroso escapou da garganta de Eldswythe, e seus músculos se apertaram, prendendo-o em seu suave calor.

Uma torrente de desejo inundou Robert. Com a respiração acelerada, ele recolheu o falo e embainhou-o outra vez. E mais uma vez. Investindo cada vez com mais força e mais depressa, seu coração batia contra as costelas, o fôlego arfando. Sentiu que Eldswythe enrolava as pernas em torno de sua cintura conforme ele a ensinara. Podia ouvir seus arquejos e os dela, e o suor a escorrer entre seus corpos.

Eldswythe comprimiu-se com força contra ele, apertando, contraindo os músculos e indo de encontro a cada investida no mesmo ritmo ancestral e primitivo do acasalamento. Seu rosto avermelhou-se. Sua boca abriu-se, e ela fechou os olhos, o corpo sacudido por espasmos. Soltou um gemido. Um gemido fundo, gutural, animalesco. Ao ouvir o som, uma corrente de violenta intensidade ondulou por dentro de Robert, provocando torrentes a pulsar de seu membro para dentro dela. Eldswythe enterrou os dedos em suas costas e a face em seus cabelos, aceitando tudo o que ele lhe dava. Seu nome explodiu nos lábios dela, conforme seu corpo e o dela estremeciam.

Eldswythe deixou as pernas cair, flácidas, quando Robert rolou, deitando-se ao seu lado. Deixou-se ficar ali, largada, absolutamente imóvel, com uma expressão de completo contentamento na face. Por fim, ergueu-se no cotovelo e pousou os lábios na testa úmida do amado. A respiração tranqüila contra a pele de Robert o acalmou, fazendo a paixão refluir e o peito começar a arfar mais lentamente.

Ele passou o braço em torno de sua cintura e acomodou a cabeça entre seus seios. E o sono, o abençoado sono, o invadiu.

Eldswythe despertou de um sono sem sonhos quando a luz da alvorada filtrou-se pela janela. Ainda estava enroscada em Robert, a face aninhada em seu pescoço, as pernas passadas entre as dele, o braço pousado sobre seu ombro. Abrindo os olhos, focou a vista no homem que dormia ao lado.

Ele parecia diferente do cavaleiro solitário que se sentara ao lado do fogo na noite anterior. Não existia mais o trejeito duro do maxilar, as linhas de preocupação em torno

dos olhos e a rigidez da boca. Uma mecha dos cabelos caía-lhe pela testa, e ele parecia relaxado, restaurado.

Mas as cicatrizes que lhe cortavam as costas e o ferimento maior que se enrolava como corda em torno do pescoço eram um sinal denunciador de uma vida que fora qualquer outra coisa, menos pacífica. Eldswythe vira um vislumbre daquilo que ele passara e como ele se esforçara arduamente para sobreviver.

Com receio de acordá-lo, sabendo o quanto ele precisava dormir, ela desvencilhou-se e escorregou para fora da cama, resolvida a deixá-lo descansar naquelas últimas poucas horas.

Vestiu-se em silêncio, imaginando que não havia muito o que pudesse fazer para ajeitar a aparência. Na verdade, não se importava que alguém soubesse o que ela e Robert estavam fazendo. Nem estava constrangida por tê-lo seduzido. Não nutria qualquer dúvida sobre seus sentimentos. Se pelo menos Robert dissesse que a amava, se ela soubesse que ele a amava, seria capaz de colocar as diferenças de lado. O Breton unidos aos Crenalden. Qual a possibilidade de isso acontecer sem a intervenção divina?

Soltou um suspiro angustiado, penteando os cabelos com os dedos e então calçou os sapatos. Na ponta dos pés, rumava para a porta quando viu Robert esticar-se e dobrar os braços sobre a cabeça.

Ele espreguiçou-se, os olhos entreabertos.

— Eldswythe? — chamou, sonolento.

Ela correu até a cama e puxou as cobertas sobre ele.

— Volte a dormir. Preciso arrumar as bagagens. A menos que tenha uma razão imperiosa para me impedir, vou com você para Crenalden. Eu te amo, Robert, mas tenho o direito. Até nos casarmos, Crenalden ainda é minha.

Sorriu e pousou um beijo suave em seus lábios, e depois girou nos calcanhares e rumou para a porta.

Robert sentou-se como se alguém tivesse jogado um balde de água gelada sobre ele. Praguejou e arrancou as cobertas das pernas. Ela ia a Crenalden com ele? O diabo que ia!

— Eldswythe!

Saltou da cama e saiu pisando duro pelo quarto, alheio à nudez ou ao ruído de homens e cavalos que se reuniam no pátio abaixo do solário.

Abriu a porta e parou na soleira, ofegante, sem se importar em fazer as criadas assustadas sair correndo para se esconder.

— Eldswythe! — vociferou.

Quando não obteve resposta, voltou para o quarto e, resmungando por entre os dentes, enfiou-se nas calças e na camisa.

Uma mulher seguindo para o campo de batalha? Feiticeira de cavalos ou não, era muito perigoso. Ela não ficaria adequadamente protegida, e ele não poderia se permitir ser distraído. Eldswythe testemunhara as atrocidades de que Gilroy era capaz. O gosto da batalha não a assustara? Será que ela não compreendia o que poderia lhe acontecer se fosse capturada?

De todas as idéias ridículas que ela alguma vez tivera, aquela era insuperável!

Robert correu pela galeria, os pés ressoando pelas escadas, descendo os degraus de dois em dois. Por que, em nome de Deus, ele se deitara com Eldswythe na noite anterior? Por que pensara ter visto um ar de súplica naqueles olhos, para que a abraçasse e a amasse? Fora a única razão?

Quase tropeçou.

Na verdade, precisava demais de Eldswythe. Mais do que se dera conta, de um modo que não se permitira pensar desde Margaret.

Eldswythe o amava sem questionamentos. Não havia duplicidade em sua alma. Ela não era capaz de maldade como a bela Margaret de Suttony, uma mulher que o traía e

depois rira ao vê-lo sofrer, a quem faltava a força de caráter de Eldswythe e que, apesar da beleza reconhecida, nunca seria tão bela como a mulher que ele viera a amar.

Hugh lhe dissera que era hora de pôr seu, ódio por Margaret de lado. Talvez estivesse com a razão.

Diminuiu o passo ao pé das escadas, vagamente ciente de seus companheiros que o fitavam, as bocas meio abertas, algumas cheias de pão.

Em sua pressa ele se esquecera das botas, da espada e da túnica. Seus olhos incidiram sobre a face divertida de Hugh, que apontou para as portas, ainda entreabertas. Balbuciou a palavra "estábulo" e depois voltou os olhos para o prato e a conversar com Thomas.

Com a máxima dignidade que conseguiu reunir, Robert virou-se e subiu de novo as escadas.

Maldição! Eldswythe não iria com ele. Iria para Londres. E assim que ele estivesse vestido e encontrado o bispo, ele a mandaria se pôr a caminho.

A voz de Margaret chamou do patamar da escada.

— Robert, por favor. Preciso vê-lo. É urgente. Ele parou e voltou-se na direção dela.

— Pelo amor de Deus, agora não — retrucou, sem humor algum para tratar com Margaret.

Ela correu atrás dele.

— Por favor, deixe-me falar com você.

Robert entrou no quarto que compartilhara com Eldswythe, enfiou a túnica e meteu os pés nas botas para depois se virar rispidamente.

— O que quer de mim?

Não fez qualquer tentativa de esconder seu desprezo. Margaret enrubesceu.

— Robert, por favor. Peço perdão. Eu faria qualquer coisa que você pedisse se me aceitasse de volta. Não se case com a feiticeira de cavalos. Eu o amo. Eu sempre o amei. Um dia eu disse que não, mas foi um ano atrás. Agora, reconheço que o adoro.

Robert arqueou as sobrancelhas, surpreso por não sentir nada diante daquela súplica. Nem raiva. Nem remorso, nem mesmo pesar. Só pena.

— Não, Margaret. O que está feito está feito. Não há mais nada entre nós.

Os olhos de Margaret se encheram de lágrimas.

— Mas, estou desesperada, Robert. O bispo e meu pai resolveram me mandar para a abadia de Covington! Você me desprezou, e nenhum homem me quer por esposa agora. Não quero tomar o véu. Eu não poderia viver uma vida enclausurada.

— Sinto muito, Margaret. Não posso ajudá-la. Você escolheu outro homem aquele dia no torneio de Smithfield porque ele era mais rico. Fez sua escolha quando pediu para ser liberada de nosso noivado.

— Então, apelarei para seu irmão. Ele foi gentil o bastante para me deixar ficar aqui. Vejo como ele me olha. Se não me quer, então irei atrás dele.

Em nada comovido, Robert amarrou a capa nos ombros.

— Pensar que quase perdi minha vida lutando por sua honra... Eu estava ferido no mosteiro, sozinho e pensando em você, enquanto você se encontrava com outro. Que idiota fui. — Passou por ela e rumou para a porta sem olhar para trás.

— Você não me rejeitará de novo, Robert Breton! Robert parou e fez meia-volta.

— Mantive o seu segredo e poupei-a da vergonha do que você fez. Agora, vá para casa, Margaret. Com o tempo seu pai poderá encontrar outro homem que esteja disposto a tomá-la por esposa.

Uma risada amarga explodiu dos lábios rosados de Margaret.

— Você guarda meu segredo, Robert, porque é seu segredo também. Você não o revelou porque não poderia suportar que alguém soubesse a verdade, que o homem que me engravidou não foi você.

— Era meu filho, Margaret, e você sabe disso! Diga ao mundo, se quiser, mas eu sei que não o fará, já que deu um jeito de livrar-se do bebê. Eu em recuperação havia três meses quando soube o que você fizera, ou a teria impedido. Agora, não há mais nada entre nós. Desejo-lhe paz.

Correu para as escadas, saiu do salão e rumou para os estábulos.

Capítulo XVII

Do estábulo, Eldswythe podia ouvir o clamor de armaduras, homens gritando, carroças estalando, cães latindo. O exército de Hillsborough preparava-se para a guerra. Robert certamente já estaria de pé e vestido agora, lá fora em algum lugar, supervisionando os preparativos.

Saiu do celeiro e seguiu por entre a multidão, na esperança de encontrá-lo, para ter certeza de que ele sabia que ela estava pronta para cavalgar junto dele rumo ao combate. Hugh cutucou-a no ombro, e sorriu com ar compreensivo.

— Robert está procurando por você também, mas está agitado. Tome cuidado com o coração do rapaz. Ele a ama. E merece ser amado de volta.

Eldswythe sorriu e fez meia-volta, esquadrinhando o pátio. Avistou Robert, caminhando em sua direção, carregando uma sela.

— Venha comigo, lady Eldswythe. Gostaria de conversar com você, e há algo que desejo lhe mostrar.

Curiosa, Eldswythe o seguiu conforme ele atravessava o pátio e entrava na armaria, onde inúmeras cotas de malha, armas e apetrechos pendiam das paredes. Ele abriu a trava de ferro de um baú enorme em pé que guardava a cota de armas dos Breton, e colocou a sela dentro, mas continuou com a brida no ombro.

— Você me deixou bem cedo esta manhã, e eu preferiria que tivesse ficado na cama com você o dia inteiro, porém há muito a fazer. — Tirou as luvas, levou a mão para pegar um pedaço de palha que se pendera nos cabelos de Eldswythe e depois se inclinou e beijou-a de leve na testa. — Tenho um presente de casamento para você.

— Você já me deu um presente. Meu anel.

— Tem mais. — Ele tomou-a pela mão e puxou-a para fora, para as escadas até as ameias. Apontou para os campos do sul, onde a grama era verde escura e as macieiras se exibiam carregadas de frutos. — Está vendo lá, ao lado do bosque?

Eldswythe apertou os olhos. A distância, três cavalos pastavam no outeiro, as barrigas redondas e inchadas da grama viçosa de verão.

— Éguas? — Ela virou-se, animada, para Robert.

— Sim. Todas três de belo sangue espanhol. Pertencem a mim. Em poucos meses, eu a cruzarei com Barstow. Com sorte e treinamento, talvez pelo menos um potro cresça para ter a força e o coração do pai.

Ergueu o queixo de Eldswythe e inclinou-se para beijá-la. Ela fechou os olhos, embevecida, saboreando a sensação, os lábios macios contra os dela. O vento frio da manhã soprou pelos passadiços, erguendo-lhe a barra do vestido e enrolando-a em torno

das pernas. E, por um momento, ela se esqueceu de tudo, a não ser dos dois.

— Minha querida, escolha a égua que quer e pode ficar com ela. Leve-a para Londres.

A respiração de Eldswythe ficou presa nos pulmões. Afastou-se dele.

— Para Londres? Não! Vou com você para...

Cometas baliram, ressoando da torre de vigia conforme soldados corriam pela muralha, arcos e flechas em posição. Um guarda berrou, dos degraus ao alto.

— Aproximação de soldados. De prontidão, todos! Instantaneamente, os arqueiros armaram seus arcos diante do pequeno grupo de cavaleiros montados que se aproximava da ponte levadiça.

Robert afastou-se de Eldswythe correu à muralha, os olhos fixos nos viajantes. Eldswythe espiou pela seteira, todos os pensamentos de Londres postos de lado.

O guarda berrou:

— Quem chega? Digam seus nomes!

Um estandarte ostentando o familiar grifo com as garras à mostra flutuava na brisa, e o cavaleiro levou as palmas à boca para responder:

— Viemos em paz. Lorde Gilroy tem um presente para sua irmã, lady Eldswythe de Crenalden.

A respiração de Eldswythe sibilou. Ela espichou o pescoço para ver melhor e contou três homens no lombo dos cavalos. Um deles usava uma túnica branca suja e não tinha armas à vista, e oscilava em cima do cavalo. Os olhos vermelhos estavam afundados, o rosto sem barbear.

— Meu Deus! É o conde de Gloucester! — Virou-se para correr para os degraus.

— Não! — Robert agarrou-a pelo braço. — Guarda, erga a ponte, não os deixe passar, nem deixe lady Eldswythe sair.

As correntes pesadas rangeram. A ponte levadiça ergueu-se lentamente, e as grades de entrada desceram.

Eldswythe olhou para Robert, o sangue fervendo nas veias.

— O que está fazendo? Deixe o conde entrar!

— São homens de Gilroy. Não os deixarei entrar.

Um soldado na estrada abaixo chamou por Robert.

— Viemos em paz, bom senhor, escoltando o conde de Gloucester. Seu resgate foi pago.

Eldswythe debruçou-se pelo parapeito.

— Por favor, Robert, deixe-o entrar!

— Não vê que isso é um truque? Por que razão o trariam aqui? Por que não o levaram para sua família?

Robert gritou para os soldados lá embaixo.

— Deixem-no na estrada! Vocês não passarão pelos portões de Hillsborough!

Um soldado desmontou e arrancou Gloucester do cavalo, jogando o corpo flácido no mato ao lado da estrada. Se o conde estava vivo, não ofereceu resistência.

Eldswythe conteve a respiração.

O soldado berrou de volta:

— Levaremos o cavalo conosco! — Sem mais uma palavra, a pequena comitiva virou as montarias e afastou-se a galope pela estrada.

Eldswythe estremeceu de raiva.

— Deixe-me sair, Robert. O conde precisa de minha ajuda.

Robert segurou-a pelo braço, o aperto inflexível.

— Não a deixarei sair. Algo está errado. — Gritou para o guarda. — Ele está respirando?

— Não, sir Robert, acho que não está.

A mão de Robert fechou-se na espada conforme seus olhos esquadriavam os

bosques.

— Chame o coveiro e mande avisar ao grupo de caça de meu irmão para não voltar pela estrada principal.

O peito de Eldswythe apertou-se.

— Eu o salvei. Talvez possa salvar o conde também. Deixe-me ir.

Robert aumentou a pressão dos dedos.

— Ele está morto, Eldswythe! Agora, escute-me. Eu não paguei o resgate, nem meu irmão. Suspeito de que seja uma armadilha. Gilroy já usou prisioneiros infectados antes. Manda-os para os braços dos seres amados confiantes, infeccionando todos com o contágio. Não assumirei o risco e trarei o conde de Gloucester para dentro. E se ele estiver com a Peste?

Lágrimas escorriam por suas faces, e ela olhou por sobre a muralha.

— Ele era um amigo leal de nossa família. — Agarrou-se às pedras para não tremer. — Ficarei aqui até que eles o carreguem para as valas. Ele não merece o destino que John Gilroy deu a ele. Devo isso ao conde.

— Eldswythe, sua vigília não ajudará o conde de Gloucester. Só a fará sofrer. Afaste-se daí.

Ela meneou a cabeça e avistou o homem que ganhava a vida enterrando os mortos, homens e animais, sair da guarita de entrada, puxando a charrete de duas rodas pela ponte levadiça, abaixada às pressas. Enfiou o capuz na cabeça, fez o sinal da cruz, e começou a tarefa de arrastar o corpo para o veículo.

— Preciso saber por que ele morreu, Robert — ela implorou.

Ele jogou uma moeda pela muralha e gritou à figura solitária que enrolava o corpo numa manta rasgada de lã e o erguia para o leito da charrete.

— Ele está ferido? — Vê alguma coisa no corpo que nos diga como ele morreu?

O coveiro puxou o lenço sobre a boca e o nariz antes de afastar a manta de lado e erguer a cabeça de Gloucester. Sangue vivo escorria da boca, dos olhos e do nariz do cadáver.

O coveiro jogou depressa a manta sobre a cabeça do conde.

— Senhor, é a Peste Negra.

Uma fagulha de ódio saltou das entranhas de Eldswythe. Que tipo de homem era John Gilroy, que podia infectar um homem e planejar espalhar a doença a centenas de outros?

Os soldados nos passadiços benzeram-se com o sinal da cruz. Alguns resmungaram preces. Robert berrou para os homens.

— O contágio não passou dos portões! — Jogou outra moeda de ouro para o coveiro parado lá embaixo. — Leve o corpo para o poço de cal. Enterre-o. Depressa!

O coveiro pegou a moeda e sem mais uma palavra, puxando a charrete, desceu a estrada.

Robert colocou a capa sobre os ombros trêmulos de Eldswythe.

— Volte para o castelo. Providenciarei para que o padre reze uma missa para o conde de Gloucester.

Eldswythe pendeu a cabeça. O cerco a Crenalden e agora a morte do conde extinguiram o sonho infantil de uma vida tranqüila como esposa e mãe. Fora uma tola.

Lançou um olhar incendiado para Robert.

— Meu suposto irmão bastardo pagará por isso. Juro pelo ar que respiro que ele pagará. Jamais tomará Crenalden de mim. Terá de me matar primeiro.

Tirou a capa e entregou-a a Robert. Ergueu as saias, fez meia-volta e rumou para as escadas. Robert alcançou-a e segurou-a.

— Eldswythe, receio que pense em arquitetar algum plano. Você não...

— Farei o que devo! — Ela livrou-se com um safanão. — Sou a condessa de Crenalden. — Respirou fundo. — E uma feiticeira de cavalos. Não sou tão impotente para

reprimir meu irmão bastardo.

— Maldição, Eldswythe, pare! Não permitirei que uma esposa minha...

Ela parou com o pé erguido para mais um passo, no último degrau.

— Não sou sua esposa, ainda, Robert Breton! Agora, solte-me. Não arruinarei seus planos de batalha. Vou ajudá-lo em sua execução. — Deixou escapar uma ligeira risada pelos lábios duros. — Devo lembrá-lo de que luto para conquistar minha própria terra e meu castelo e, depois, terei de entregá-lo a meu marido, um Breton. Porém, melhor para você do que para Gilroy. — Olhou para o céu. — Espero que meu pai compreenda.

Saiu correndo pelo pátio, ignorando os chamados de Robert.

Eldswythe bateu com força a porta da torre atrás de si e encostou-se contra a fria parede de pedra, pensando no conde de Gloucester, enterrado nas valas sem um caixão. John Gilroy matara seu pai e o conde sem quaisquer escrúpulos, mas isso só fez a força de sua determinação aumentar, somada a seu pesar e à sua raiva.

Distraída, nem viu a face da pessoa que caiu sobre ela com toda a força, tirando-lhe o equilíbrio e jogando-a ao chão. Eldswythe livrou o braço e, com um soco forte, acertou o assaltante na cabeça. O atacante aterrissou com um baque em meio a um farfalhar de saias, com as pernas subindo para o ar. Sapatilhas de seda prateada voaram dos pés calçados em meias brancas.

Eldswythe esfregou os nós dos dedos doloridos.

— Lady Margaret...?

Margaret sentou-se, segurando a face com a mão.

— Feiticeira! Você machucou meu rosto!

— Você caiu em cima de mim como se tivesse essa intenção!

Margaret tirou um lenço da manga e tocou o machucado.

— Eu tropecei. Não queria chamar atenção.

Eldswythe ergueu os olhos para as escadas. O quarto mais perto do alto era o de Harold. Uma compreensão chocada a invadiu. As sapatilhas prateadas que vira ao lado da cama de Harold eram de lady Margaret.

Margaret encarou-a.

— Esteve chorando? É Robert Breton, não é? O palhaço! O que ele fez?

Eldswythe meneou a cabeça e afundou-se no chão. 'Margaret ofereceu-lhe o lenço.

— Lady Eldswythe, ele não a merece. Digo, por experiência, ele partirá seu coração e a deixará quando conseguir o que queria.

Eldswythe arqueou as sobrancelhas.

— É verdade. Ele me seduziu e me levou para a cama antes dos proclamas serem lidos. Eu estava tão apaixonada que não pude resistir. O que eu sabia dos homens?— Margaret abaixou a cabeça e suas faces enrubesceram.

— Quando eu lhe contei que estava esperando um filho, ele me rejeitou, e alegou que o bebê não era seu. Na verdade, encontrara uma mulher mais rica. A condessa de Wildemere enviuvara recentemente. Jantaram juntos no torneio de Smithfield no dia em que ele me deixou. Ele usava a luva dela na liça quando foi ferido, não a minha.

Eldswythe estudou Margaret, e sua desconfiança desapareceu, transformando-se em algo semelhante à piedade. Pela cruz, será que ela dizia a verdade?

Margaret enxugou uma lágrima do olho.

— Perdi o bebê, mas o bispo concedeu a absolvição a Robert, liberando-o de nosso contrato. Então, a condessa de Wildemere casou-se com um conde e, logo depois, Robert pôs os olhos em você. Fiquei sozinha. Meu pai se recusa a me aceitar de volta, e meu dote não é grande o bastante para atrair prontamente outro pretendente. Por favor, não conte a ninguém que eu fiquei grávida. Minha vergonha já é punição suficiente.

Eldswythe tocou a manga de Margaret, comovida. Margaret fungou.

— Graças a Deus, Harold me deixou ficar em Hillsborough, embora eu ache que ele só faz isso para aborrecer Robert. Se não encontrar outro homem para me desposar

até a primavera, o bispo me mandará para um convento. Diz que sou um péssimo exemplo de uma mulher devota.

Eldswythe conteve a respiração. Seria esse o segredo sobre o qual Robert não falara?

Uma montanha de dúvidas despertou dentro dela. O que faria com ela depois que tivesse o que queria? Uma sensação de náusea revirou-lhe o estômago.

Margaret segurou-a pelo braço.

— Lady Eldswythe, não mencione o nosso encontro aqui com ninguém. — Ergueu os olhos para as escadas, onde a risada do conde de Hillsborough ecoava. — Ele acabou de voltar da caçada. Está de sangue quente, como sempre depois de uma matança. E me pediu coisas que não ousou admitir. Por favor, guarde consigo o que eu lhe contei.

Eldswythe levantou-se e alisou o vestido. Sem mais uma palavra, saiu da torre. Rumou para os estábulos onde sabia que encontraria conforto e um amigo.

Robert segurou o cavalo enquanto o bispo enfiava o pé no estribo e se erguia para a sela. Um escudeiro ajeitou-lhe os mantos, as dobras e pregas arranjadas para melhor exibir o bordado em ouro. O bispo virou a cabeça, o chapéu de abas largas sombreando-lhe a face. Robert entregou-lhe as rédeas.

— Espero que leve lady Eldswythe em segurança até Londres. Ela é mais preciosa para mim que qualquer outra coisa, ou alguém em Hillsborough. — Assobiou, chamando o escudeiro para que trouxesse o palafrém. — O senhor tem vinte homens para guardá-lo. Mesmo assim, apressem-se a chegar a Windsor antes do cair da noite. Nossos corredores dizem que os batedores de Gilroy já atravessaram o rio. O castelo de Hillsborough está mal preparado, e o exército não se encontra de prontidão, graças a meu irmão. Quero Eldswythe o mais longe daqui quanto possível.

O bispo pegou as rédeas com mãos trêmulas. Seu semblante estava tenso de preocupação e as rugas em torno de seus olhos apertados eram visivelmente de medo.

— Não tenho dúvida, sir Robert. Pretendo estar seguro dentro de Windsor antes que a lua esteja alta. Mas se ela nos atrasar...

Não concluiu a frase antes que a mão de Robert o agarrasse pelo pulso.

— Está dentro de meu poder, bispo, mantê-lo aqui em Hillsborough. A menos que queria ver a batalha, segure a língua. O senhor vai descobrir como é difícil se manter ao lado de lady Eldswythe. Eu a vi cavalgar. Ela pode deixá-lo comendo poeira, se quiser.

O olhar de Robert desviou-se do bispo para Eldswythe, que atravessava o pátio. Ela parou e encarou Robert, para depois se concentrar no escudeiro que segurava seu cavalo e na comitiva de guardas armados que rodeava o bispo.

Eldswythe saiu correndo na direção deles. Robert cruzou os braços e preparou-se. Estava decidido. Eldswythe não ficaria em Hillsborough. Por melhor que fosse a fortaleza, Harold fora um relapso. Os armazéns não estavam cheios o bastante para suportar um cerco, e não havia óleo para queimar ou alcatrão preparado para a defesa. Nem havia água suficiente nos poços para apagar os incêndios. Se Gilroy chegasse a atacar Hillsborough, haveria uma batalha sangrenta e perversa, mas Eldswythe não estaria mais ali.

Só havia um meio de ter certeza de que ele a faria ir embora.

Ela parou, os olhos estudando o bispo.

— Para onde vai o bispo e por que está partindo tão cedo? E por que meu cavalo está selado?

Robert estendeu a mão e afastou aquele cacho de cabelos da testa de Eldswythe, aquela mecha que se recusava a ficar preso à trança ou ao véu. Estudou-lhe a face, memorizando cada sarda e o jeito com que as sobrancelhas se arqueavam, regias e autoritárias.

— Eldswythe, nossos batedores nos informam que Gilroy está talvez a um dia de distância. O bispo está de partida para o castelo de Windsor, onde é seguro. Você vai

com ele. E eu seguirei com meu exército para Crenalden.

As feições dela se tornaram duras como pedra. Nem uma única palavra de protesto passou-lhe pelos lábios, mas os olhos faiseavam de fúria e desafio.

Robert segurou-a pelo braço e puxou-a para mais perto.

— Eldswythe, não é seguro aqui. Você não pode ficar. Devo enfrentar meu maior inimigo e preciso saber que você está bem e além do alcance dele. — Beijou-lhe a testa. — Você sempre será minha feiticeira de cavalos. É inteligente o bastante para saber que Gilroy está em superioridade. Hillsborough não está pronta para um cerco. Lutaremos nos campos ao lado da floresta de Belway e pouparemos o povo da vila e do castelo da devastação de uma batalha.

Respirou-lhe o cheiro, uma mescla de cavalos e feno, e fechou os olhos.

— Faça o que estou pedindo. Permita-me lutar sem o temor de que você possa ser capturada.

Eldswythe encostou a cabeça contra o peito de Robert, as lágrimas rolando por suas faces. Então, enxugou o rosto com o dorso da mão e afastou-se fitando o noivo nos olhos.

— Eu o amo, Robert — disse, e o encarou, na expectativa. — Eu o amo — repetiu, alto o bastante para que todos ouvissem. — Não quero ir para Windsor.

Robert continuou muito sério. Só teria de fazer um sinal, e seus homens a amarrariam ao palafrém que esperava ao lado do bispo.

Ela o fitou, primeiro com mágoa, depois com raiva. E, com os braços caídos, ergueu o queixo.

— Não irei para Windsor. Se tiver de ir para algum lugar, irei com você.

— Eldswythe, casar com você não era parte de meu plano, embora agora eu considere isso um bônus, pois como seu marido, governarei toda Crenalden e os direitos do rio. A morte de meu pai será por fim vingada. A casa de Breton terá seu desagravo. — Esperou antes de continuar, para que as palavras causassem pleno efeito. Então, emendou num tom mais baixo. — Enfrentarei Gilroy por aquilo que é meu. Crenalden. Agora, vá para Windsor. Mandarei buscá-la quando vencermos a batalha.

O rosto de Eldswythe ficou branco. Seus olhos se estreitaram, e a fúria ferveu em suas entranhas.

— Você está tentando me provocar para que eu vá embora com o bispo. Sei que isso é um ardil. Eu o conheço, Robert Breton!

Robert esforçou-se para manter as feições impassíveis. Fez um sinal ao escudeiro parado ao lado do cavalo do bispo. O garoto trouxe a égua para a frente. Eldswythe continuou parada, sem se mover na direção do cavalo para montar, nem recuar.

Custou toda a força de vontade de Robert não gritar que a amava e, por Deus, jogá-la sobre o cavalo e implorar que ficasse a salvo. Não se importava com mais nada a não ser com ela. Que se danassem a terra e os direitos do rio. Gilroy não pararia até que Eldswythe de Crenalden, a única e verdadeira herdeira, estivesse morta.

Fez um gesto aos guardas para que a rodeassem.

Sem uma palavra, ela virou-se e montou a égua. Sentou-se rígida na sela, os olhos fixos na guarita da entrada.

Robert pousou a mão no pescoço da montaria e ergueu os olhos.

— Vá com Deus, Eldswythe. Mandarei suas coisas com sua criada assim que for seguro.

Com os olhos marejados de lágrimas, ela fez a única coisa que Robert não esperava. Inclinou-se e beijou-o, um beijo tão cheio de desejo e saudade que Robert sentiu a dor em suas virilhas inflamar-se como uma fogueira recentemente alimentada.

— Irei — ela murmurou, ao se endireitar. — Mas meu coração ficará com você.

O tempo parou, e Robert lutou contra o impulso de tomar os lábios de Eldswythe de volta nos seus, arrancá-la da sela e abraçá-la com força.

A ponte levadiça bateu com força no chão. As correntes estalaram e os sinos da igreja badalaram acima do pátio, assinalando a partida do bispo.

Os guardas montados saíram em fileira pela guarita de entrada. Os cascos dos animais ressoaram pesarosos pela ponte, enquanto o azul e o prata dos estandartes de Hillsborough esvoaçavam das ameias pelas alto.

Eldswythe enterrou os calcanhares dos lados de seu palafrém e trotou até o centro da coluna de vanguarda. Cavaleiros e soldados a rodearam, e a última coisa que Robert viu foi seu véu de linho branco, erguido pelo vento, ser arrancado de sua cabeça e voar para baixo, preso na lama pela pata dos cavalos.

A cabeça de Robert doía. Fazia três horas que Eldswythe fora embora, mas parecia uma existência. Não fosse tão real o perigo de deixá-la ficar em Hillsborough, ele teria corrido para trazê-la de volta.

Mal tivera tempo de aprontar seu exército antes que as forças de Gilroy marchassem de Crenalden. Seus espiões informavam que as tropas já estavam em movimento.

Maldito fosse seu irmão!

Não havia comida suficiente para resistir a um cerco, ou homens o bastante para postar ao longo das ameias, ou no portão. O que Harold fizera durante o ano anterior, além de caçar e namorar?

Robert irrompeu pelo salão. Se partissem aquela noite, haveria uma chance melhor de que ele pudesse levar seu exército até a floresta de Belway e depois para Crenalden antes que fossem descobertos.

Seus passos ressoaram pelas escadas, e ele entrou pela porta e se deparou com Hugh e Thomas ao lado da lareira, conversando baixo. Hugh inclinou a cabeça, num sinal silencioso de que não estavam sozinhos.

Harold sentava-se lá na plataforma, uma caneca na mão. O cheiro de vinho permeava o ar. Dirigiu-se a Robert, com voz arrastada:

— Irmão, salve Hillsborough. Livre-me de Gilroy. Seus olhos estavam vidrados, mas por trás da névoa,

Robert podia ver o medo. Medo como nunca vira antes. Estreitou os olhos.

— Por que está bêbado e não vestido para a batalha? Harold ergueu a caneca.

— Gilroy quer me assassinar. Ele matou nosso pai. Eu o vi fazer isso. E não tenho vontade de morrer assim. — Sua voz falhou.

O sangue de Robert enregelou em suas veias.

— Você testemunhou o assassinato de nosso pai? Não tentou impedi-lo? Por quê?

Harold levantou-se de sua cadeira, os joelhos bambeando duas vezes antes que pudesse ficar ereto.

— Porque eu queria ser o conde de Hillsborough — respondeu, calmamente. — Porque Gilroy me prometeu que me daria de volta a terra do conde de Crenalden roubada de nós se eu guardasse o crime para mim, em segredo. Com aquela terra, a mesma terra que você queria para seus malditos cavalos, eu ficaria rico. Seria um homem importante. Benquisto pelo rei e sem mais surras de um pai que me detestava. — Desabou soluçando na cadeira, os gritos de sua garganta como os de uma criança.

Uma onda de náusea tomou conta de Robert.

— Seu covarde. Você deixou o homem que lhe deu esta vida morrer por um título e por dinheiro. Apodreça no inferno!

Atirou-se para cima do irmão, mas Hugh passou o braço pelo pescoço de Robert e segurou-o como um grilhão de ferro.

— Deixe-o! O que está feito está feito. Ele é desprezível, e a morte de Harold terminaria em sua prisão. O povo daqui precisa de você. O rei precisa de você. Lady Eldswythe precisa de você. Agora.

Robert abaixou a arma, o ódio pulsando por seu corpo. Deus, como ele odiava o irmão! Era fraco e inútil. Se um homem algum dia conhecesse a cobiça e a ambição, era Harold. Se um homem algum dia conhecesse a vergonha... Harold conhecia.

Deus me livre de ser como meu irmão.

O pensamento o deteve. Qual era a diferença? Queriam as mesmas coisas. Ele quase enganara a mulher que amava, Eldswythe, para conquistar sua terra e dinheiro. Apenas, no final, não conseguira fazê-lo. Não a ela. Que tipo de homem poderia viver com tamanha desonra?

De repente, teve pena de Harold, e o ódio que fervera dentro dele durante anos começou a esvanecer.

Olhou para os amigos.

— Thomas e Hugh, se não estivessem aqui, haveria outra morte. Vocês salvaram a vida de meu irmão. E Eldswythe de Grenalden salvou a minha.

Capítulo XVIII

Está dizendo que deixaram Hillsborough horas atrás? Tem certeza de que ela estava com eles?

John Gilroy perscrutou os bosques enquanto o batedor se ajoelhava à sua frente.

— Sim, milorde. O bispo e lady Eldswythe, escoltados por guardas, estão seguindo nesta direção. Sir Robert mandou lady Eldswythe deixar Hillsborough para se abrigar no castelo de Windsor.

Gilroy sorriu. Deixara que o inimigo ficasse de sobreaviso. E, como previsto, lady Eldswythe fora mandada para longe por segurança. Seria um alvo fácil, e haveria melhor instrumento para barganhar que uma refém adorável? Robert Breton ficaria furioso.

Capturar e manter Eldswythe como refém poderia não oferecer nenhuma vantagem, porém isso não importava, realmente. Naquele momento, seus arqueiros e soldados de infantaria, além de sua cavalaria de quatrocentos membros esperavam em Crenalden por suas ordens para o combate.

Os corvos voavam de uma árvore para outra, e Gilroy esfregou o pescoço. Que inferno dos diabos, praguejou, estava assando debaixo da cota de malhas. Bufou. Graças a Deus o verão logo findaria. Estava cansado da temporada de lutas. Aquela batalha com Robert Breton seria sua última campanha aquele ano e, pelos seus cálculos, Eldswythe deveria passar por aquela trilha a qualquer momento.

O som de patas em galope cresceu, e Gilroy ergueu a mão para calar seus homens.

O soldados pareciam estátuas, os arcos preparados, as espadas prontas.

Eldswythe, à frente da coluna e rodeada de cavaleiros e guardas, surgiu descendo a estrada estreita num palafrém.

Sem perder o passo, a égua empinou as orelhas e resfolegou, como se

pressentisse o perigo. E os olhos de Eldswythe dardejaram na direção do bosque.

Cavalgando em silêncio, alheia ao calor, Eldswythe relembrou as palavras de Robert milhares de vezes. Não contava com aquela declaração calculada e destinada a mandá-la embora, porém profundamente dolorosa, não obstante isso. E ela não tivera a oportunidade de esgueirar-se do castelo e seguir para Crenalden sozinha, como pensara.

Estariam em Windsor ao cair da noite. E trancada atrás das muralhas do palácio-fortaleza de Londres, ela não teria como ser capturada por John Gilroy. E se não fosse capturada, que chance teria de entrar no castelo de Crenalden e colocar o restante de seu plano em andamento?

Espadas reuniram nas fileiras ao seu redor, arrancando-a de seus pensamentos. Num instante, Eldswythe se viu cercada pelos guardas de Hillsborough. E também pelo inimigo.

As tropas de Gilroy desabaram sobre eles. As flechas choviam, tomando o bispo e seus guardas da mais completa surpresa. Eldswythe gritou. Cinco dos quinze homens de Hillsborough caíram com flechadas no peito antes que sacassem as espadas. Os outros lutavam como loucos, tentando protegê-la e ao bispo.

Eldswythe encolheu-se junto ao pescoço do cavalo, para escapar das flechas que passavam assobiando. Por Deus! Queria ser capturada, não morta!

— É a mim que vocês querem! — gritou a um cavaleiro de elmo abaixado, que agitava a espada e pareceu não ouvir.

O bispo sacou um punhal da batina e defendeu-se de um agressor. O soldado, com um braço rápido como um bote de serpente, investiu com precisão. Um berro de enregelar o sangue escapou da garganta do bispo. Ele arqueou-se, paralisado em meio ao ataque.

— Ao inferno, maldito! — rosnou e, então, tombou para a frente, com uma machadinha enterrada nas costas.

Eldswythe fez a égua dar meia-volta.

Que se danem os planos de ser capturada! Fuja!

Viu de relance uma figura vestida de vermelho montada num enorme cavalo branco. John Gilroy bateu nos flancos da montaria, e o animal empinou e saltou do bosque para a estrada.

— Peguem a mulher, aleijem o cavalo se preciso for! Se ela escapar de novo, mandarei esquartejá-los!

Um soldado corpulento jogou-se da montaria, agarrou o cavalo de Eldswythe pela brida e a arrancou da sela. Dois outros a seguraram pelos ombros e a obrigaram a ajoelhar-se a centímetros das patas perigosas do cavalo branco de John Gilroy.

— Então, lady Eldswythe, nós nos encontramos de novo. Pensou que me escaparia?

Ela jogou a cabeça para trás. Melhor enfrentar a morte lutando até o fim do que humilhar-se diante do inimigo.

— Você não tem direito a Crenalden. Ele riu.

— Ora, se tenho, lady Eldswythe. Sou o produto de uma união pecaminosa entre seu pai e minha mãe. O castelo de Crenalden é meu por direito. Robert Breton não o tirará de mim. Nem você. — A maldade faiscava em seus olhos estreitados. E ele empinou o peito.

Eldswythe ergueu os olhos e o encarou furiosa.

— O exército de Robert Breton está em marcha. Você não terá Crenalden.

O rosto de Gilroy tingiu-se de um vermelho brilhante.

— Espere e verá. Mandeí nosso pai direto para o inferno. Mandarei você e Robert Breton para se juntarem a ele. — Ergueu o chicote. — Uma amostra do que está por vir. A menos que jure lealdade a mim, você ficará diante de toda Crenalden e sentirá o açoite até que implore por sua vida.

Instintivamente, Eldswythe ergueu o braço para proteger o rosto, mas fixou os olhos nos da montaria de Gilroy. E, no mesmo instante, o cavalo dançou de lado. O chicote passou pouco-além do alvo. E um jorro de sangue quente desceu pelo canto do olho de Eldswythe.

Gilroy puxou as rédeas do cavalo nervoso que girava em círculos, e desceu o chicote no lombo do animal.

— Feiticeira! — berrou, tentando controlar a montaria. — Matarei o cavalo a chicotadas se usar sua magia de novo. Controle-se!

Receosa pelo animal, Eldswythe baixou os olhos e desejou que o cavalo parasse. O cavalo relinchou e plantou as quatro patas com firmeza no chão.

Uma inquestionável sensação de poder a invadiu. O cavalo obedecera a sua ordem, como se ouvisse seus pensamentos. Ela não o fitara nos olhos e, desta vez, não se sentira fraca nem atordoada como antes. Ao contrário, seu corpo pulsava de energia.

Céus, se ela podia controlar o animal, talvez pudesse controlar dois, ou três, ou mais, sem a necessidade de olhá-los nos olhos!

Gilroy fez um gesto aos dois homens que a seguravam.

— Amarrem as mãos dela. Ela voltará para Crenalden comigo. Se ousar lançar um feitiço num cavalo — girou a montaria ao redor e assobiou para a pequena figura que se postava na beira da mata, para depois virar a montaria e encarar Eldswythe —, o cavaliço morre e o animal também.

O rapaz, vestido numa suja capa marrom e com tamancos surrados, correu para o lado do patrão, cabeça baixa, a face escondida no capuz. Parecia acovardado.

Eldswythe puxou o fôlego. A ameaça de Gilroy era simples, mas efetiva.

— Eu poderia matá-la agora, mas você é mais útil como instrumento de barganha. Quando Robert Breton marchar para Crenalden com seu mísero exército, estarei esperando por ele com três vezes mais homens e cavalos. E quando ele souber que estou com você, ficará enfurecido. Vai querer lutar. Mas se você me conceder sua propriedade e sua lealdade, talvez ele possa sobreviver.

O corpo de Robert ficou tenso como um arco esticado.

— O que aconteceu?

Continuou andando para a armaria, sem tempo a perder. Partiria com suas tropas dentro de uma hora, e as últimas armas precisavam ser carregadas nas carroças. Hugh que o acompanhava não respondeu. Então, Robert estacou e virou-se para encará-lo.

— Desembuche, amigo. Não pode ser pior do que os planos de Gilroy para cercar Hillsborough.

Hugh soltou um suspiro fundo.

— Robert, Gilroy emboscou o bispo. Lady Eldswythe foi capturada. Um de nossos homens sobreviveu e retornou. Perdeu um braço no confronto.

A mão de Robert voou para o cabo da espada e sacou a arma. A lâmina fez um arco no ar quando ele a agitou, com um berro, um som primitivo de raiva que assustou os homens. Enterrou a ponta da arma do chão, cravando a espada até o meio antes de parar. Encarou o amigo.

— Sou o responsável. Fiz um juramento ao rei. O semblante de Hugh tornou-se muito sério.

— Gilroy a fez refém para incitá-lo e para usá-la como moeda de troca.

— Não farei qualquer barganha!

— Terá de fazer.

— O que quer dizer?

— Gilroy ameaçou-a com tortura se ela não fizer um juramento de fidelidade a ele e lhe conceder a propriedade. Já usou o chicote nela.

Com a mente em fúria, Robert arrancou a espada do chão e girou-a para um eixo de carroça encostado à parede da armaria. O eixo espatifou-se com o impacto, e os pedaços de madeira saíram voando em lascas.

Cada veia em seu pescoço e face parecia prestes a estourar, e cada músculo das costas e dos ombros, onde seu pai um dia o chicoteara até arrancar sangue, parecia em fogo. Ele urrou, a raiva desafiante e mortal.

— Eldswythe não merece ser usada como um peão na guerra entre homens. Matarei Gilroy nem que seja no meu último suspiro.

Hugh pousou a mão no ombro de Robert.

— Eu lhe digo isso agora para que você possa fazer planos para a batalha com a mente calma e exata. Alguém preparado para se confrontar com um inimigo diferente de qualquer outro.

Robert afastou-se do amigo e entrou pela porta da armaria, o ar lá dentro frio e metálico. Respirou fundo, expulsando da mente a imagem de Eldswythe amarrada e açoitada, as costas nuas e sangrando.

— Jack! Traga minhas sedas de torneio. As pretas. E apronte Barstow. Coloque as roupas de sela do último verão, e minha brida banhada a ouro.

Jack saltou do canto onde remendava arreios, os olhos faiscando de empolgação.

— Sim, sir Robert. Eu sabia que um dia o senhor haveria de querê-las de volta. As tropas lutarão como loucas com o Cavaleiro Negro no comando.

Eldswythe se sentava imóvel, as mãos amarradas atrás das costas, à frente de seu captor. Mantinha o queixo erguido e ligeiramente inclinada para a frente para que seus dedos não o tocassem entre as pernas.

Não se permitia sentir nada, nem o latejar da cabeça ou as cordas que cortavam seus pulsos. Apertou os olhos com força para sufocar a raiva e canalizar todos os esforços para manter os pensamentos sob controle. Não se atrevia a usar de magia com os cavalos de Gilroy. O tratador, patético em sua tentativa de se manter por perto, ficara para trás.

Qualquer provocação de sua parte, real ou imaginária, não resultaria em nada de bom para o rapaz. Como uma tartaruga assustada, ele mantinha a cabeça enfiada dentro do capuz.

Gilroy riu.

— Lady Eldswythe, quando chegarmos a Crenalden, você estará disposta a fazer qualquer coisa que eu pedir. — Sua língua roçou-lhe o lóbulo da orelha. — Não demorou muito para convencer Margaret de Suttony a fazer o que eu queria. Ela era muito pouco receptiva ao meu charme a princípio. Tive de dar duro para conquistar seu amor. — Mordiscou a orelha de Eldswythe. — Prefiro uma mulher que se mostra um desafio. — Com o hálito a lhe bafejar o pescoço, ele esporeou o cavalo a um galope.

Enjoada, Eldswythe agarrou-se ao enorme cavalo com os joelhos, e rezou para ter forças de continuar a se firmar assim por todas as milhas à frente.

O sol se punha quando chegaram à borda da floresta de Belway. Estavam a

poucas horas de Crenalden, e cada músculo do corpo de Eldswythe doía de sentar-se rígida na sela.

Gilroy puxou as rédeas do cavalo molhado de suor e acariciou o braço de Eldswythe.

— Vamos parar aqui e seguir assim que os cavalos tiverem descansado. — Desmontou, puxando Eldswythe para baixo com ele. Correu-lhe os dedos pela boca. — Tem lábios adoráveis, milady. — Inclinou-se, o hálito quente soprando-lhe a face. — Gostaria de conhecê-la melhor, irmã.

Um calafrio subiu pela espinha de Eldswythe. Com o olhar fixo no chão, ela afastou-se, dando as costas a ele, erguendo os pulsos amarrados.

— Não vou fugir. Juro. Mas minhas mãos estão insensíveis com as cordas.

— Descanse sossegada, minha cara. Se fugir, sua tentativa custará a vida de alguém. — Lançou um olhar para o rapaz, que se sentara na grama e esfregava os pés.

Para surpresa de Eldswythe, o aço frio raspou por sua pele, e as cordas caíram de seus pulsos. Se houvesse um meio de fugir, ela tentaria, e levaria o garoto junto. Porém, o mato ali era tão cerrado quanto uma muralha.

Gilroy empoleirou-se numa pedra e tirou uma maçã da bolsa que trazia à cintura. Pegou o punhal do cinto.

— Gostou de sua estada em Hillsborough? Como está a encantadora lady Margaret?

Eldswythe ergueu o queixo, determinada a não mostrar seu medo. Tudo o que importava agora era que Gilroy a levasse para dentro de Crenalden para que ela pudesse avaliar a força de seu exército e arranjar um meio de mandar um aviso a Robert.

— Lady Margaret? — retrucou, fingindo desinteresse, mas notando que o lenço amarelo que Gilroy tirara da manga exibia as iniciais de Margaret de Suttony. — Por que pergunta?

Ele enxugou o caldo da maçã da boca, cuspiu as sementes e levantou-se,

— Ela me ama, e eu a amo — disse, torcendo o lenço entre as mãos. — Eu costumava usar a fita de minha dama nas liças. — Parou e suspirou, conforme enfiava o lenço de novo na manga. — Eu deveria jogar isto fora, mas é difícil esquecer a mulher que traiu meu coração.

Eldswythe arqueou as sobrancelhas.

— Traiu seu coração?

— Enfiou-se na cama de Robert Breton e ficou grávida. Três meses de gravidez e tentou me dizer que o bebê era meu. Cadela mentirosa. Deixe que eu lhe mostre por quê. — Afastou a capa e enfiou a mão dentro das calças. Ergueu o membro, pulsante e ereto, a cabeça cor de malva torta para a esquerda.

Eldswythe recuou. Vira aquele problema uma vez num garanhão. O cavalo mal conseguia cruzar, e nunca gerara um potro.

Gilroy jogou a cabeça para trás e soltou uma gargalhada.

— Meu cirurgião me afirma que pode dar um jeito nisso com uma simples torcida. As damas me falam que minha deformidade lhes traz um prazer extra. E não precisam se preocupar porque não há risco de um rebento. Margaret gostava muito. — Então, ele franziu a testa. — Ela esperava que eu pudesse plantar um bebê em seu ventre e me dar um herdeiro e me empurrar para o casamento. Ora, eu teria me casado com ela sem necessidade disso. Margaret se livrou da prole de Breton e rompeu com ele no dia do torneio. Continuamos com nossa ligação por meses enquanto Robert lambia a ferida que lhe infligi. Mas, não consegui perdoar sua traição. Terminei o que havia entre nós.

A cabeça de Eldswythe, atordoada diante de tal revelação, começou a doer. Margaret usara Robert esperando arrastar Gilroy para um casamento? E pensar que ela sentira simpatia pela criatura... Não era de se admirar que Robert não falasse do noivado cancelado. Tinha vergonha.

Eldswythe endireitou os ombros e encarou Gilroy nos olhos.

Ele sorriu.

— O que, nada de rubores de donzela? Robert Breton já se deitou com você?

O calor tingiu de vermelho as faces de Eldswythe. Gilroy fez uma careta de escárnio.

— Vejo que sim. Já que você recebeu a iniciação, não Hesitarei em apresentá-la a prazeres mais incomuns. Nunca me deitei com minha meio-irmã, muito menos uma feiticeira de cavalos. E já que Robert refestelou-se com Margaret... — Ele lambeu os lábios e depois de sacudir o falo, enfiou-o de volta nas calças. Então, chamou os guardas. — Montem! Estou ansioso para chegar a Crenalden. — Com um olhar furioso para Eldswythe, bufou: — Espero que Robert já saiba que estou com você. Deve ter colocado o exército em marcha. — Agarrou-a pelos braços, puxou-os para trás das costas e passou-lhe a corda pelos pulsos. Ela fez uma careta de dor.

— Não me amarre. Cavalgarei com você e não causarei problemas. Não quero fazer mal a seu cavalo.

Gilroy riu.

— Deixá-la livre? Saiba de uma coisa: o capitão que a deixou escapar está agora girando pelo pescoço nesta própria floresta. Os cavaleiros que falharam em capturar você e Breton a caminho de Whickerham... também encontraram um fim muito infeliz. Caso você tente fugir, mais vidas serão perdidas por sua conta.

Apontou para o criado que segurava seu cavalo pelas rédeas. Depois, cuspiu nos pés do garoto, a saliva se espalhando pelos tamancos da pobre criança. Virou-se para olhar para Eldswythe.

— Se lutar comigo, ou manipular um cavalo, o garoto morre. Está entendido, lady Eldswythe?

Ela concordou.

Gilroy montou, e em seguida a ergueu para o lombo do animal.

— Não sou tolo. Um movimento suspeito e o garoto paga o preço.

O criado não se encolheu diante das palavras, mas apressou-se a se colocar ao lado do cavalo. Um sentimento pesado instalou-se nas entranhas de Eldswythe. E ela teve a estranha sensação de que o rapaz silencioso que caminhava ao seu lado agia movido por algo além da autopreservação.

O castelo de Crenalden assomou à distância. Nas sombras, seu lar parecia-se com o que sempre fora, uma imponente fortaleza de pedra, as três torres se erguendo sobre um rio de prata. Eldswythe estremeceu, imaginando o que encontraria lá dentro. .

Passara as últimas duas horas pensando em Robert, reproduzindo a última noite de amor juntos, e a troca de palavras entre os dois pouco antes de ela partir com o bispo. Depois de experimentar e sentir aquele tipo de amor total e absoluto, os acontecimentos e a troca dura de palavras que se seguira pareciam incompreensíveis.

O coração magoado e o medo crescente ameaçavam sufocá-la. Precisava continuar forte, recordar-se do propósito final. Sua captura apresentava-se como a oportunidade para descobrir o tamanho do exército de Gilroy, com quantos homens contava e onde estavam, e encontrar um meio de mandar uma mensagem a Robert.

O barulho de vozes gritando, vindo da guarita de entrada, arrancou-a dos pensamentos. A ponte levadiça foi baixada, e a guarnição passou pelas grades suspensas. O pátio enxameava de soldados, tendas improvisadas e cavalos. O fedor da guerra pairava no ar, cheiro de sangue e suor. Uma enorme vala para cozinhar fora cavada do lado de fora da armaria e estava cheia de espetos com porcos, galinhas e pedaços de carne. O povo do castelo trabalhava no local, trazendo lenha para o fogo e cuidando das carnes que assavam. O ferreiro olhou em sua direção, mas não fez menção de cumprimentar a filha do antigo amo, que agora cavalgava com seu conquistador, lorde John Gilroy.

Conforme passaram pelos estábulos, Eldswythe fez uma anotação mental: cada baia estava cheia, e o pátio ao redor estava repleto de corcéis. Havia trezentos, talvez quatrocentos cavalos atrás das muralhas de Crenalden e pelo menos três vezes a quantidade de homens, contando os arqueiros, os soldados a pé e os lanceiros que perambulavam pela área.

Um cheiro detestável, um odor tão horrível que ela cobriu a boca e o nariz, subia do pátio. Uma carroça carregada de cadáveres, homens de Crenalden e de Gilroy, estava parada ao lado do poço. Será que Isolda fora enterrada no cemitério da igreja, ou jogada sem os sacramentos nas trincheiras fedorentas usadas como túmulos? Será que Khalif sobrevivera?

Gilroy parou o cavalo e desmontou. Eldswythe desmontou também, e Gilroy cortou as cordas de seus pulsos antes de fazê-la subir os degraus para o grande salão.

— Bem-vinda ao lar — disse, obrigando-a a parar. — Agora, talvez possa me mostrar onde seu pai esconde a prataria. Procuramos por semanas e reviramos um pouco as coisas. Não posso acreditar que vocês sejam, tão pobres quanto a mobília sugere.

Um cansaço de doer os ossos e uma sensação avassaladora de perda a fez perder as forças. Sua voz quase falhou quando respondeu:

— Vendemos tudo para levantar ouro para a Santa Causa. Vejo que você arruinou ou destruiu tudo o mais.

Ele meneou a cabeça quando passaram pelas portas e entraram no salão.

— Venderam a fortuna pela Santa Causa? Que pena, lady Eldswythe. Essa aventura estava destinada à ruína antes de começar. Eu sabia disso quando paguei pelos navios, mas o gesto me permitiu a oportunidade de tomar o que eu queria. Sou o novo lorde do castelo de Crenalden. Esperei anos por isso. Os lucros do comércio do rio por si só encherão meus baús de ouro. — Inclinou-se e beijou-a, os lábios rudes cobrindo-lhe a boca. Sua respiração exalava a maçãs azedas e quando afastou a cabeça, Gilroy riu com amargura: — Nosso pai teve o filho que queria. Pena que me ignorou.

Eldswythe lutou contra o impulso de vomitar conforme limpava a boca.

— Você não é o lorde de Crenalden! E não me chame de irmã!

Gilroy soltou uma gargalhada.

— Mas eu sou, lady Eldswythe. Talvez precise mostrar a você.

Arrastou-a até o fim do salão, passando por montes de catres de soldados espalhados pelo chão. O cheiro de cerveja azeda, suor e fumaça enchia o amplo espaço, e um fogo queimava na imensa lareira.

— Traga uma tina e água aos meus aposentos — ele berrou ao tratador, que saiu correndo rumo à porta da cozinha.

Um momento depois, Mathilda, a cozinheira de seu pai, apareceu com as ajudantes. Graças a Deus, Mathilda ainda estava viva, pensou Eldswythe.

A pobre mulher tinha os punhos fechados de lado, e caminhava mais devagar do que antes, as saias sujas varrendo as palhas do chão. Relanceou os olhos para Eldswythe e, depois, curvou-se numa cortesia para Gilroy.

— Sim, milorde — disse num tom cauteloso. — Um banho. Mandarei aquecer água imediatamente. — Manteve a cabeça baixa, mas lançou outro olhar furtivo para Eldswythe.

A voz de Eldswythe tremia quando ela murmurou:

— Mathilda, você está bem?

A criada continuou de cabeça baixa, mas respondeu com voz forte:

— Sim, senhora. — Seus olhos correram de Gilroy para os soldados, cavaleiros e guardas sentados ao lado do fogo.

Gilroy riu.

— Ela passa bem como qualquer criada que jurou me servir. Talvez melhor. Meus homens não estão interessados em alguém tão enrugado e tão gordo. Agora, fora, velha.

Apronte meus aposentos e meu banho. E encha a tina para dois. — Lançou um sorriso malicioso para Eldswythe.

Mathilda apressou-se a voltar para a cozinha. O tratador esgueirou-se para uma alcova pouco iluminada no fundo do salão, procurando refúgio.

Com a ponta de espada, Gilroy empurrou Eldswythe para as escadas e pelo corredor que conduzia ao quarto revestido de painéis de carvalho que um dia fora seu. Ela encontrou o aposento inalterado, a mobília intacta, as tapeçarias nas paredes ainda em condições imaculadas. Seus livros preciosos, todos os seis, exceto pelo Hylica perdido, estavam onde ela os deixara nas estantes ao lado da lareira, mas seus baús estavam abertos e suas roupas e peles tinham sumido.

Gilroy bateu a porta com força e virou-se para encará-la. Eldswythe recuou, com medo de suas intenções. Vira o suficiente de seu temperamento mutável. Ninguém ali ousaria correr para ajudá-la mesmo que a ouvissem gritar.

— Tire a roupa, irmã. Pretendo terminar o que comecei perto do rio e quero você limpa. Robert Breton vai conhecer o sofrimento que me causou ao desfrutar de lady Margaret. Depois disso, você pode achar a lealdade a mim mais tolerável e assim poupar-se do açoite. Dizem que sou um bom amante.

Os pelos na nuca de Eldswythe se arrepiaram. A idéia daquele homem tocá-la provocou-lhe ânsia de vômito.

Gilroy atravessou o quarto, até onde um grande baú, marcado com seu brasão de armas, um grifo com uma pomba entre as garras, estava sob o vão da janela. Solto o cinto e tirou a túnica suja pela cabeça. De peito nu, abriu o baú e remexeu lá dentro.

— Aqui estão. Não as uso faz algum tempo. Margaret não gostava delas.

Tirou um par de algemas de ferro, as faixas do pulso debruadas de veludo e pequenas o bastante para serem braceletes. Pérolas enfeitavam as travas das fechaduras.

Balançou-a no ar.

— Ou você faz o que eu lhe disse ou a prenderei aos pés da cama, e farei o que eu quiser. Sei o quanto você detesta estar manietada.

Eldswythe recuou. Suas costas chocaram-se à parede fria, e não havia para onde fugir.

Ele agarrou-lhe a mão e puxou-a com força para a frente.

— Fique de joelhos e faça seu juramento a mim. Não a chicotearei se você fizer isso em particular.

— Não! Eu sou a condessa de Crenalden, a herdeira legítima. Não me submeterei a você!

Gilroy ergueu a mão para agredi-la. Eldswythe levantou o joelho e acertou-o com força entre as pernas.

A porta abriu-se no mesmo instante que Gilroy caía, gemendo.

Mathilda parou, segurando um balde cheio de água fumegante. Relanceou os olhos para Eldswythe e então deu um passo e tropeçou, derramando água quente no colo de Gilroy. Um sorriso perpassou-lhe pela face e sumiu em seguida.

Gilroy rugiu como um urso ferido e esforçou-se para ficar de pé conforme os guardas entravam correndo.

— Prendam a feiticeira no poste do lado de fora dos estábulos! — Apontou para Mathilda. — E prenda a velha na parede do calabouço!

Os guardas agarraram Eldswythe pelos braços e dois homens ergueram Mathilda do chão,

A fúria ferveu em Eldswythe. O ódio mortal e perverso despertou dentro dela, a violência de sua força muito maior que qualquer outra que ela já conhecera.

— Não existe homem mais vil que você em toda a Inglaterra, John Gilroy! Deixe Mathilda em paz! Espanque a mim, e deixe-a em paz!

Uma película de suor brilhou na testa de Gilroy, enquanto ele massageava a virilha. Caminhou mancando até o baú e tirou um chicote enrolado, na ponta do qual havia um punhado de finas tiras de couro.

— É o que farei, feiticeira. Terá de implorar para viver. O povo de Crenalden, o que restou dele, será testemunha de sua derrota. Faremos isso no pátio antes que meu exército saia para a batalha.

Passos ressoaram pelo quarto. Um homem alto, um guarda do portão com sangue na manga da túnica, inclinou-se diante de Gilroy.

— Milorde, Simon De Montfort acaba de chegar. Traz outros trezentos homens e cavalos. Exige ver o senhor. Quer os termos de pagamento pelo serviço adiantado. Alega que o senhor deve a ele.

Gilroy estacou.

— De Montfort?! Deus o abençoe, ele chegou aqui bem a tempo! — Deu um tapa nas costas do guarda. Virou-se e berrou aos outros: — Mande a velha de volta para a cozinha, para trabalhar. Ela é minha única cozinheira e esta noite jantarei com meus novos aliados, para depois acertarmos tudo. — Girou nos calcanhares, e apontou para Eldswythe. — Prenda-a no poste do lado de fora dos estábulos. Cuidarei dela assim que puder. — Jogou o chicote para o guarda. — Se ela gritar, use isto.

O guarda empurrou Eldswythe pelo pátio, o local ainda mais cheio de fogueiras, tendas e homens, a mão enorme aferrada ao seu braço.

— Sou a filha, do conde de Crenalden, a condessa de Crenalden! — ela gritou. — Você pedirá meu perdão quando isto estiver acabado!

O homem soltou uma gargalhada, e ergueu-a de pé quando Eldswythe tropeçou numa poça de lama.

Santa Genoveva, ajudai-me!

Eldswythe arrastou os pés para ganhar tempo. E murmurou pelo canto da boca:

— Bom senhor, eu lhe direi onde escondemos nossa prataria, se me ajudar a sair do castelo.

O guarda parou, mas continuou a segurá-la com força pelo braço.

— Ouvi você contar a lorde Gilroy que sua prataria foi vendida. Pude ver em seus olhos que falava a verdade. E se eu a deixasse ir, Gilroy me mataria tão depressa quanto matou o conde de Hillsborough. E iria atrás de você e a mataria também antes que chegasse aos bosques.

As pernas de Eldswythe cederam e ela cambaleou. A surpresa seguida pelo alívio a inundou. John Gilroy matara o conde de Hillsborough? Ela fechou os olhos e mordeu o lábio inferior. Santos abençoados, não fora seu pai que matara o pai de Robert. Como Gilroy fizera isso, e por quê?

O guarda puxou-a para cima de novo.

— Vamos, lady Eldswythe. Não vai encontrar ninguém aqui para ajudá-la. Melhor ajudar a si mesma e fazer o juramento para seu irmão bastardo.

As últimas palavras do homem a abalaram. Ele tinha razão. Não havia ninguém que pudesse ajudá-la. E com as tropas De Montfort seguindo com o exército de John Gilroy, os cavaleiros de Hillsborough sofreriam uma severa derrota. Uma visão premonitória lampejou por sua mente. Carnificina e a visão tenebrosa de homens e cavalos mortos logo encheriam os campos do lado de fora do castelo. Seu perigo pessoal empalidecia diante daquilo que estava por vir.

Um puxão violento em seus pulsos algemados jogou-a contra o poste de prender cavalos. Ela tropeçou e bateu contra o canto da viga quadrada. A dor espalhou-se por seu ombro.

O guarda sacudiu o chicote diante de seu rosto.

— Beije as botas de lorde Gilroy quando ele vier vê-la. Poupe-se de ser chicoteada.

Deixou-a lá, sentada na lama, com os braços doloridos presos a uma curta distância do poste, a fogueira mais próxima muito distante para lhe fornecer calor.

Eldswythe observou as figuras recortadas nas sombras do pátio. Cavaleiros agrupavam-se em torno do fogo crepitante, conversando, enquanto os escudeiros cuidavam de armaduras e armas. Cavalos inquietos escavavam a lama, procurando grama ou sementes. Se ela pudesse espantá-los, causar o caos pelo pátio, talvez pudesse usar a oportunidade para... para o quê? Presa ali como um cão, não havia esperança de fuga, não importava o que ela ordenasse aos inocentes animais.

Seu estômago revirou-se. Rezou a Deus para que pudesse ver Robert mais uma vez antes de morrer. Fechou os olhos, exausta.

— Eldswythe — uma voz suave murmurou na escuridão. — Eldswythe, eu lhe trouxe pão e um pouco de vinho.

Os olhos dela se arregalaram.

— Quem está aí? Mathilda?

O estropiado tratador, o mesmo rapaz que caminhara durante milhas ao lado do garanhão branco de Gilroy, puxou o capuz da face, embora não totalmente. Cabelos grisalhos cortados rentes reluziram com a luz, e olhos de um azul profundo refletiram a lua.

Eldswythe puxou o fôlego, estupefata.

— Safia? É você?! — perguntou baixinho, quase incapaz de murmurar as palavras. Safia a fitou.

— Meu coração saltou quando você passou pela floresta de Belway pela primeira vez, um mês atrás. Estive por perto desde então.

— Pelo sangue do Senhor! Foi você na hospedaria que matou o patrulheiro de Gilroy! — Eldswythe fechou os olhos com força, ansiando por aninhar a face na mão de Safia. — Veio me ajudar?

— Não consegui encontrar as chaves de suas algemas. Filha do meu coração, deixar Crenalden... deixar você... foi a coisa mais difícil que já fiz na minha vida. — Ergueu o olhar para encontrar o de Eldswythe. — Eu estava grávida do filho de seu pai.

A respiração de Eldswythe ficou presa no peito. E ela encarou Safia.

— O povo do castelo teria matado o bebê, um filho nascido de uma feiticeira. Ele ficou furioso e com vergonha de mim, e do que tínhamos feito. Prometera desposar Isolda e já tinha um bastardo, John Gilroy. — Safia lançou um olhar por sobre o ombro, como se ainda receasse a verdade. — Não quis outro.

Eldswythe gemeu, as lágrimas marejando seus olhos. Ela jamais poderia imaginar que seu pai fosse capaz de cometer assassinato.

Safia fez um gesto como se fosse tocar a face de Eldswythe e, em seguida, encolheu a mão.

— Quando Isolda perdeu o bebê, seu pai julgou que era castigo de Deus. Pegou a cruz e juntou-se à Causa Santa como penitência pelo pecado que ele e eu cometemos.

— Onde está seu filho?

Safia meneou a cabeça, o olhar cheio de sofrimento e pesar.

— Deixei que as Mulheres Chorasas o levassem para longe. Está a salvo, crescendo forte. Não sabe quem é seu pai ou sua mãe, uma feiticeira de cavalos. — Ergueu a cabeça.

A mente de Eldswythe entrou em turbilhão. O desencanto, o desapontamento com seu pai era quase maior do que ela podia suportar.

— Se meu pai realmente me amasse, ou a você, não a teria mandado embora. Você foi como uma mãe para mim.

— Eldswythe, seu pai não entendia o elo entre nós, ou seu dom. Ignorou seu talento e deixou que brincasse com ele porque não sabia mais o que fazer. Talvez julgasse que se eu fosse embora, seu dom iria embora também.

Eldswythe encostou a cabeça ao poste e fechou os olhos. O acampamento estava quieto e ninguém parecia se importar muito que um pequeno e sujo tratador se juntasse à prisioneira e conversasse. Ela podia ouvir os cavalos, centenas deles, respirando. Remexiam-se, inquietos como se soubessem que no dia seguinte partiriam para uma batalha.

Safia ergueu a caneca de vinho até os lábios ressecados de Eldswythe. A bebida desceu suave pela garganta e acalmou-a. E ela encarou a única pessoa sobre a face da Terra que poderia responder sua pergunta:

— Nessas últimas semanas eu descobri que posso fazer um cavalo agir como eu quiser apenas com meus pensamentos. — Baixou os olhos. — Sou uma feiticeira de cavalos como você — murmurou. — Se você sabia que eu tinha o dom, por que não me contou?

— Eu não tinha certeza. Você tinha vivido uma vida enclausurada. Até então, não tivera necessidade de descobrir o que poderia fazer.

Eldswythe agarrou as correntes, o estômago revirado.

— As Mulheres Chorasas são um congresso de feiticeiras?

— Não, buscam, proteção. Há uma como nós entre elas, uma bela jovem chamada Mahaut que quer ser líder do grupo, mas tem o coração inclinado ao ciúme e à inveja. Você é abençoada, Eldswythe, com uma boa alma e nascida com os poderes de observação e intuição que a tornam uma curandeira talentosa. Com o tempo, será capaz de controlar muitos cavalos de uma só vez, apenas com o pensamento. Estou velha. Meu dom está se esvaindo. Não posso comandar um grupo de cavalos como costumava. Tome cuidado com a maldade que vem com o talento.

Eldswythe pestanejou.

— Eu jamais faria um cavalo sofrer. Você me ensinou a usar meu conhecimento para o bem. Diga-me que jamais causarei mal. Diga-me que você nunca fez isso.

Safia meneou a cabeça, a expressão sombria.

— Você será testada, Eldswythe, como eu fui. Descobrirá que esse poder pode ser inebriante, incitando a ganância e a mesquinhez.

Eldswythe endireitou-se, os braços completamente entorpecidos. Seu dom poderia ser perigoso, mas, mesmo assim, ela possuía um poder indomado, indisciplinado, mas um poder, não obstante. Talvez pudesse usá-lo, afinal, para libertar-se e ajudar o povo e o homem a quem amava.

Robert Breton.

— Safia eu amo Robert Breton mais que minha vida. — Relanceou os olhos ao redor. — O exército de Gilroy é colossal. Não será uma batalha, será uma matança. Eu faria qualquer coisa para virar a maré.

Safia estremeceu.

— Tome cuidado, querida. Se usar seu poder desse jeito, será tentada para sempre. Tentada a mudar o resultado dos eventos segundo a sua satisfação. Você nem sempre pode determinar quem está certo e quem está errado. Eu não tive força suficiente para resistir ao mal em meu próprio coração. Estava tão brava com seu pai... — Calou-se, as lágrimas escorrendo por suas faces. — Quase matei Khalif.

Eldswythe respirou fundo.

— Foi você que fez Kahlif adoecer... Ele quase morreu e começava a se recuperar. Não poderíamos nos arriscar a mandá-lo para Acre.

— Eu lhe digo isso como um aviso. Por favor, tome cuidado, de como usa seu dom.— Safia lançou um olhar furtivo pelo acampamento e depois puxou a capa pelos ombros. — Soltei Khalif do lado de fora do castelo. Fiz o que podia por ele.

O céu pareceu ficar mais próximo, mudando de cinza para negro conforme a

tempestade roncava, aproximando-se. Murmúrios de "feiticeira de cavalos" ecoaram pelo pátio enquanto os homens olhavam para as nuvens escuras, para depois cravá-los em Eldswythe.

Era um mau presságio ter a chuva a molhar os cavalos de batalha na noite anterior a um combate.

Eldswythe ergueu a cabeça quando dois homens rumaram em sua direção. Cambaleavam, um tropeçando no outro.

Safia lançou um olhar por sobre o ombro, seguindo o de Eldswythe. Tirou um punhal de sob a capa e enfiou a arma na bota de Eldswythe.

— Tome isto. Mande avisar sir Robert de que você está viva — disse, depressa. — Ele está desesperado. Rezo para que não se precipite na batalha vindoura.

— Você o avisou, contou que seu exército está inferiorizado em número?

— Conte. Mas De Montfort não havia chegado ainda e, portanto, Breton nada sabe sobre ele. Há pouca coisa que Robert Breton possa fazer com o exército do rei na Escócia e a maioria dos demais cavaleiros leais em navios para Acre.

— Peça às Mulheres Choras para irem ao campo de batalha. Deixe-as de emboscada na beira da floresta. Se nos ajudarem, ficarei eternamente em débito para com vocês.

Um sorriso malicioso espalhou-se pela face de Safia.

— Robert Breton é digno de você, minha menina. Um grito sufocado escapou dos lábios de Eldswythe.

— Os soldados estão se aproximando. Fuja! Será descoberta. Vá!

Safia puxou a capa, o orgulho faiscando na expressão sem marcas.

— Eu a quero como uma filha, Eldswythe. Quando tudo isso estiver terminado, venha para nós, ou fique com ele. O que escolher, eu compreenderei.

Em seguida, desapareceu no pátio escuro.

Os soldados bêbados se assustaram quando um cavalo lhes cortou a frente em disparada. A corda rompida que o prendera serpeava pela lama, e os homens cambalearam para sair de seu caminho. Quase foram atropelados.

Capítulo XIX

O sol da manhã mal conseguia brilhar por trás das nuvens pesadas. O pátio estava cheio de lama.

Eldswythe agachou-se contra o poste. Com os braços esticados para o alto, formigando, ela passara a noite tentando imaginar um plano que desse ao exército de Hillsborough alguma vantagem. Tinha vontade de chorar, a dor da frustração avassaladora. Robert deveria estar a menos de uma légua de distância.

Vozes femininas ecoaram, sobrepondo-se ao ruído dos acampamentos que acordavam.

Mathilda atravessava o pátio, carregando panelas sujas no avental. Atrás, vinham o intendente do castelo, Alfred, e a esposa do padeiro, Karlene, com pilhas de tigelas e copos. Enfiaram os pratos sujos no bebedouro de cavalos não muito longe de Eldswythe, e começaram a lavar.

Mathilda disse, com olhos baixos:

— Senhora, tentamos encontrar algumas chaves e libertá-la, mas ficamos trancados na cozinha a noite toda, cozinhando para lorde Gilroy e De Montfort.

Alfred fingiu lavar uma caneca.

— Lady Eldswythe, seu pai era um bom homem. Deve estar rolando em seu túmulo... Seu castelo tomado por um traidor e um assassino... Ele jamais chamaria esse bastardo de filho!

Eldswythe concentrou-se no pequeno grupo, o cérebro toldado de exaustão. Mal conseguia reconhecê-los.

Karlene resmungou:

— Milady, estou com tanta fome que até comeria o pão que Gilroy me fez assar para os cavalos, só que ele mantém tudo guardado e racionado para os animais. Acho que me surraria se eu me atrevesse.

Eldswythe ergueu a cabeça, o lampejo de uma idéia a nascer. Seu coração falhou uma batida.

— Karlene, quanto sobrou do pão para os cavalos? Karlene esfregou as costas.

— Não muito, senhora. Enquanto faço pão para os cavalos de lorde Gilroy, nossos homens estão morrendo de fome no calabouço. Rezo para que sir Robert e suas tropas cheguem logo. O que restou de nós não vai durar muito... E quem haveria de pensar que olharíamos para Hillsborough para nos salvar?

Eldswythe mordeu o lábio. Levantou-se, os braços acorrentados dobrados atrás da cabeça.

— Acho que sei um jeito de podermos dar às tropas de sir Robert uma chance de luta.

Alfred, Karlene e Mathilda continuaram as tarefas mais devagar. Mathilda inclinou a cabeça na direção de Eldswythe e ergueu a sobrancelha com ar de interrogação.

— Alfred — Eldswythe murmurou —, traga as barricas de centeio. As limpas, não aquelas com debulhos e cascas.

Os olhos do intendente se arregalaram.

— Eu tinha esperança de poder poupar o centeio.

— É para os cavalos.

Mathilda sorriu. Uma expressão de compreensão passou por sua face.

— Os cavalos! Claro! — Agarrou Karlene pela mão. — Vamos voltar à cozinha, aprontar os fornos e fazer pão de centeio, Karlene, assado com as sementes da colheita do ano passado.

Alfred sorriu, o triunfo em sua face.

— Ah! Sei qual usar, lady Eldswythe. Sim, sim, precisamos de uns duzentos pães para começar. No mínimo!

Eldswythe soltou um suspiro fundo.

— Prestem atenção para deixar o pão pouco assado. Deve ficar mole no meio.

Karlene sacudiu as mãos.

— Sim! Isso mesmo! Vamos fazer isso, milady. E vamos dizer que estamos com falta de farelo e cevada... porque estamos.

Mathilda soltou uma risadinha.

— E com a chuva vai dar tempo de a gente assar o pão. Eles não marcharão até que pare de chover. — Recolheu as vasilhas no avental e olhou para Eldswythe. — Tenho fé que uma feiticeira de cavalos e o Cavaleiro Negro podem superar John Gilroy. Deus esteja com a senhora e sir Breton, lady Eldswythe. Nós estamos.

Mathilda, Karlene e Alfred correram para a cozinha enquanto as gotas de chuva, redondas e duras como pedregulhos, despencavam do céu. Trovões ressoavam, e Eldswythe ergueu o rosto para o céu. Não sentia dor, embora seus ombros tremessem e as lágrimas escorressem por suas faces.

Que Deus a perdoasse. Ela não pudera resistir ao poder, à tentação. E muitos,

muitos cavalos estavam prestes a sofrer por isso.

Mathilda e as outras criadas saíram da cozinha com braçadas de formas de pão, que foram espalhando pelas fileiras de cavalos.

Eldswythe fechou os olhos, seus pensamentos encorajando os animais a comer e encher os estômagos. Logo, as montarias devoravam avidamente a comida e lambiam o chão em busca de migalhas. E ela sentou-se no chão, o coração pesado e devastado pela culpa.

Mathilda passou do lado dela e deixou cair um saco de pão vazio no colo de Eldswythe.

— É a única coisa que temos parecida com uma manta. Assamos duzentas formas de pão, o bastante para alimentar cada cavalo do pátio. — Mathilda suspirou. — O povo do castelo, o que restou, reza a Deus que a feiticeira de Crenalden e seu cavaleiro alcancem a vitória. Foi Deus que a mandou, lady Eldswythe. A senhora é abençoada. — Bateu de leve no joelho de Eldswythe e apressou-se a seguir para a cozinha.

Eldswythe encostou a cabeça ao poste e rezou para que fosse realmente a vontade de Deus que alcançassem a vitória aquele dia.

Armas prateadas reluziram à luz pálida da manhã. Gilroy, rodeado por seus capitães, desviou-se rumo ao guarda, arrancou-lhe o chicote e, sem uma palavra, caminhou para Eldswythe.

Ela sentiu o sangue fugir de suas faces. Não tinha medo da dor, mas detestava a ideia da humilhação, de ser forçada a ajoelhar-se na frente dele. Se a toxina não funcionasse nos cavalos, essa seria sua sina.

Gilroy agachou-se, a face a menos de um palmo da dela.

— Levante-se, lady Eldswythe. — Tateou a ponta do chicote de couro que enfiara debaixo do braço. — Seu namorado está nos campos com seu exército, me esperando. Vou cumprimentá-lo. — Enrolou o chicote apertado e prendeu-o ao cinto.

Tremendo, Eldswythe olhou para os mercenários de Gilroy que aprontavam os cavalos. As tropas se reuniram em formação esperando que o portão se abrisse. Os tambores de guerra soaram. O tinir de aço encheu o ar.

Gilroy ergueu Eldswythe pelos cabelos.

— Soube que Robert Breton vestiu seus trajes negros de torneio, que seu cavalo está coberto por sedas pretas, e que sua armadura brilha reluzente. Ele ressuscitou o Cavaleiro Negro porque espera me intimidar. Não intimida. Eu o derrotei uma vez. Desta, quando eu arrancá-lo do cavalo, não darei trégua. Quero pôr um fim a esse jogo de gato e rato.

Eldswythe puxou os ombros para trás e endireitou-se.

— Você o derrotou num torneio, não numa guerra; E trapaceou para ganhar. Não é o melhor cavaleiro.

Com ar indiferente, Gilroy esboçou um sorriso forçado e depois assobiou. Seu escudeiro aproximou-se correndo, puxando o enorme corcel branco pelas rédeas. Gilroy montou e usou o pé para empurrar o escudeiro de lado. Abaixou o visor do elmo e depois se virou para Eldswythe.

— Veremos, quem é o melhor cavaleiro. Mas você não estará lá para observar. Vai ficar aqui com um guarda. — Apontou para o soldado que estava ao lado do fogo. — Mandarei buscá-la quando chegar a hora. Não sou tolo para levá-la ao campo. Não posso deixar que chegue perto de meus cavalos durante a batalha.

Com isso, ele fez a montaria dar meia-volta e galopou para o portão, os capitães e

mercenários restantes, seguindo-o.

Eldswythe ficou a observá-los sair. Nenhum animal dera um passo em falso, nem tremera. Não havia sinal de que a toxina tivesse feito efeito. Talvez isso nunca acontecesse.

A bruma rodopiou ao redor, e ela buscou forças contra a onda de desesperança que a invadiu. De pé, tão ereta quanto as correntes em seus pulsos permitiam, ela fechou os olhos e rezou por Robert e pelos cavaleiros de Hillsborough. Enfrentariam o maior exército de toda a Inglaterra.

Eldswythe continuou ali, de pé, durante o que pareceram horas antes que tudo ficasse silencioso no pátio, a não ser pelo estalar das fogueiras fumegantes e pelo grito dos guardas nas ameias.

O som de passos que se aproximavam atraiu-lhe a atenção, e ela virou a cabeça. Deparou-se com o ferreiro, caminhando em sua direção. A face azeda, marcada de bexigas, estava mais dura do que ela já vira, e ele trazia um cavalo maltratado pelas rédeas e um trapo na mão livre.

— Lady Eldswythe! — exclamou. — Lorde Gilroy mandou a senhora vir comigo. — Ergueu o pedaço de pano. — Tenho ordens de vendá-la, para que não lance um feitiço em nenhum cavalo.

O guarda a encarou com ar indiferente. Levantou-se e aproximou-se da fogueira.

Eldswythe encarou o ferreiro. Parecia implorar com os olhos para que ela concordasse. Deixou que ele amarrasse o pano sujo em torno de seus olhos.

— Tem uma chave? — perguntou baixinho, erguendo os pulsos.

Pôde ouvir o ferreiro soltar um suspiro.

— Não para isso — ele murmurou. — Mas tenho das correntes do aro do poste. Sou o ferreiro, afinal. Este poste é feito para cavalos e touros. Não para a filha do conde de Crenalden.

Uma fagulha de esperança brilhou no âmagô de Eldswythe. Será que o ferreiro viera ajudá-la?

As correntes caíram de seus pulsos, e o ferreiro empurrou-a pelo ombro e colocou-lhe as mãos na sela.

— Suba. Não precisa de olhos para isso, precisa, feiticeira?

Eldswythe subiu e o ferreiro saltou atrás. Murmurou-lhe ao ouvido:

— Finja que está com medo.

Ela abaixou o queixo e encolheu-se, vacilando um pouco.

— Para onde está me levando? — perguntou com voz frágil, esperando desesperadamente que ele pretendesse levá-la até Robert.

Ele chutou o cavalo, incitando-o a um trote.

— Para os bosques à beira do campo de batalha. Fique escondida entre as árvores, mas procure sir Robert e seus homens para protegê-la, se eles puderem. Vou atrás de minha mulher e meus filhos. Estavam na vila antes do cerco. Não soube deles desde então.

A ansiedade em sua voz era evidente, e o ferreiro forçou o cavalo a um galope. Guardas gritaram quando os dois se aproximaram do portão, perguntando por que o ferreiro sozinho voltara para buscar a feiticeira.

— Abram as grades! — ele berrou, em resposta. — Lorde Gilroy quer a senhora no campo, e me deu isso para mostrar a você. Deixem-nos passar.

As correntes das grades estalaram. Eldswythe sentiu o cavalo saltar para a frente e atravessar a ponte levadiça. Assim que chegaram à estrada, o clamor da batalha ergueu-se como um trovão. Ela arrancou a venda da face e olhou para o lenço amarelo, bordado com as letras "M" e "S", que o ferreiro segurava na mão.

— Onde conseguiu isso? É a prenda de Margaret de Suttony.

— Um dos cães de Gilroy encontrou nas palhas. Parece que lorde Gilroy o jogou

fora ou perdeu.

O cavalo seguiu junto às árvores. O ruído de homens, espadas e armaduras retinindo e cavalos relinchando ecoava no ar. O ferreiro levou a montaria até perto do confronto.

— Vou deixá-la aqui, milady. Longe da confusão, mas perto o bastante para encontrar sir Breton. É o melhor que posso fazer.

Cada som, cada cheiro, cada cor que Eldswythe podia sentir falava da violência da guerra: fumaça, o retinir do aço, homens gritando, manchas escarlates no verde do mato, e um céu sombrio.

O ferreiro desmontou e entregou as rédeas a Eldswythe.

— Por que me ajudou? — ela indagou. O ferreiro ergueu o rosto, cansado.

— Eu contava com o conde de Crenalden para dar comida e abrigo à minha família, e detesto John Gilroy por aquilo que fez. A todos nós.

Inclinou-se numa reverência e saiu correndo para os bosques.

O coração de Eldswythe deu um salto quando ela se virou para olhar o campo. A batalha estava em andamento, os lanceiros de Gilroy espalhados pelo local conforme os cavaleiros montados de Hillsborough se aproximavam. Flechas choviam, enquanto soldados de infantaria corriam pelo campo.

Ela incitou o cavalo pelas árvores, para aproximar-se da vanguarda do exército de Hillsborough. Procurou por Robert, esquadrinhando desesperadamente o cenário.

Mortos e feridos jaziam largados, e uma onda de náusea invadiu Eldswythe. Ela nunca vira uma batalha tão de perto, quanto mais tantos homens estripados e transpassados por lanças. O mato tingira-se de vermelho, o sangue jorrando dos soldados caídos e, para cada fatalidade com os defensores de Hillsborough, parecia que mais cinco homens de Gilroy corriam para o combate.

Cavaleiros, centenas deles ostentando os estandartes pretos e vermelhos de Gilroy avançavam em fila. O som dos tambores e, então, um silêncio sobrenatural caiu sobre o campo. A cavalaria montada de Hillsborough surgiu no outeiro do lado oposto aos homens de Gilroy. Os homens assumiram seus postos em fila que se estendia por meia légua, mas os de Gilroy eram mais numerosos, quase três para um.

Deus Todo-Poderoso! Sua magia não era forte o bastante para comandar quatrocentos cavalos inimigos, pensou Eldswythe.

De repente, Robert assomou-se à vanguarda, o negro dos trajes destacando-se entre as muitas cores heráldicas. Barstow, adornado em sedas negras, os arreios reluzentes em ouro e prata, parecia o próprio cavalo do demônio.

Robert ergueu a lança, seus guerreiros prontos para o enfrentamento, e assumiu a postura de ataque.

O ar retinia com o tilintar das sinetas de sela e o relinchar dos cavalos. A montaria de Eldswythe refugou, recuando para o meio das árvores. Os cavaleiros de Gilroy entraram em posição. Nenhum único cavalo hesitara.

Eldswythe esfregou a têmpora, a cabeça latejando.

Santa Genoveva, não há nada que eu possa fazer?

Robert ergueu o punho. Uma trompa soou uma única nota. Homens urraram, e a cavalaria montada investiu pelo campo.

O cavalo de Eldswythe, assustado, começou a girar em círculos, sem saber que caminho seguir.

Calma! Calma!

O som de escudos se chocando, aço retinindo, homens e cavalos urrando encheu o ar. Eldswythe ficou tensa. Pelo amor de Deus! As tropas de Gilroy tinham cercado o exército de Hillsborough, e Robert lutava com fúria no meio do embate.

Um cavaleiro de verde, manchado de lama e sangue, avançou na direção de Robert. Era. Simon De Montfort, o conde de Leicester, que se unira a um traidor como

John Gilroy.

Eldswythe soltou um grito de horror e concentrou-se no corcel do conde de Leicester. O cavalo virou a cabeça de lado e olhou, sem piscar, no instante em que De Montfort erguia sua machadinha e em seguida a descia sobre o escudo de Robert, partindo-o ao meio. O aço resvalou pelo braço de Robert, cortando a cota de malha e o estofado. Uma trilha escarlate correu para a manopla de Robert.

Robert puxou o braço, desviando-se do ataque enquanto o cavalo do inimigo empinava, e depois descia, um joelho se dobrando, jogando Simon De Montfort do lombo. Caiu de lado, prensando o cavaleiro sob o corpo.

Com o rosto acinzentado, Robert enterrou a ponta da espada no pescoço do conde de Leicester enquanto homens em túnicas vermelhas fervilhavam pelo campo.

— Recue! — A voz de Hugh ecoou quando ela partiu a galope para o lado de Robert. — Lady Eldswythe! Fuja!

Por todos os santos, ela fora avistada! Mas não fugiria. O braço de Robert estava fraturado!

Robert vacilou na sela, e Hugh pegou as rédeas de Barstow, puxando-o na direção de um grupo de cavaleiros de Hillsborough atrás de uma fila de carroças viradas.

Eldswythe esporeou a montaria para a carroça. Só então viu um dos cavaleiros de Gilroy, cujo cavalo tremia, os músculos contraídos. O animal cambaleou e, então, caiu de joelhos. O cavaleiro saltou e sacou a espada para enfrentar os homens de Hillsborough.

Um a um, os cavaleiros de Gilroy se espalharam, os animais abandonados tropeçando pelo campo. A musculatura tremia sob a pele suada, e cada um deles tinha uma expressão de pânico nos olhos. Enlouquecidos, corriam atropelando os estandartes de Gilroy. Infantaria, arqueiros, lanceiros estavam sem defesa. Jogaram suas armas e imploraram trégua, ou fugiram.

Os cavaleiros de Hillsborough investiram atrás dos homens de Gilroy. Eldswythe levou sua montaria até o enclave dos cavaleiros de Hillsborough, correndo para o lado de Robert. Hugh o tirava de Barstow.

Sufocando um soluço, Eldswythe saltou da montaria e quebrou o eixo de uma flecha em dois. Imobilizou o braço de Robert, para depois enfaixar o ferimento com a seda do estandarte.

— Pelo amor de Deus, Robert, é uma fratura feia. Os olhos dele se arregalaram.

— Eldswythe, em nome de Deus, o que está fazendo aqui? — Tocou o corte acima do olho dela com a mão sã e pestanejou. — Ele usou o chicote? O diabo que o carregue, vou matar Gilroy!

Eldswythe pegou um odre de vinho da carroça e levou-o até os lábios dele.

— Foi só um golpe. Não estou ferida, Robert. — Se ele percebera as algemas ainda em torno de seus pulsos, não dera demonstração. — E acredito que seremos vitoriosos.

Robert tentou sorrir, a face sem cor, a boca manchada de sangue.

— Foi você que provocou os tombos? Como fez isso, feiticeira? — indagou, ofegante. A voz de Eldswythe vacilou.

— Semente de centeio de nossos campos do norte. Deixou nossos cavalos doentes no verão passado. Se Deus quiser, os animais vão se recuperar em um dia ou dois. Mas o exército de Gilroy, não.

A expressão nos olhos de Robert lhe disse que ela se enganava.

— Receio que não, meu amor. — Apontou para o campo.

Gilroy investia em sua direção com uma fileira de cavaleiros logo atrás, em cavalos que corriam como o vento e não mostravam qualquer sinal de tropeço. Centenas de guerreiros, bem mais que os homens restantes de Hillsborough, vestidos de vermelho em cavalos sem sinais de envenenamento, numa segunda onda de ataque.

Um calafrio percorreu Eldswythe.

Não posso deixar que isso aconteça.

Arrojou-se de trás da carroça, parando diante da fila de cavalos que avançavam. Ergueu as mãos presas nas algemas e fechou os olhos.

Por favor, por favor, ajude-me a fazê-los voltar!

A voz de Robert retumbou atrás dela.

— Eldswythe!

Ela relanceou os olhos por sobre o ombro e viu um homem enraivecido e sem medo, tão pálido como a morte. Ele tentava alcançá-la, mas o que atraiu o olhar de Eldswythe estava além dele — figuras na beira da floresta — as Mulheres Chorasas vestidas de verde, com calças justas, com arcos erguidos para disparar, e espadas preparadas nas mãos. Safia, com uma capa esvoaçante emergiu das fileiras cavalcando Ceres, sua égua dourada com contas na crina. Ao lado dela, cavalgava uma jovem ruiva, aquela que Safia chamara de Mahaut. Mesmo à distância, era indiscutível o orgulho da face de Mahaut, uma face de guerreira, emoldurada por cabelos da cor do cobre polido.

Com um aceno, Safia ergueu os braços, assim como Mahaut.

Eldswythe sentiu um jorro de energia incandescente transpassá-la. Virou-se e ergueu mais ainda os braços, e o influxo de poder que a invadiu a fez sentir-se quase imponderável. Forças se juntaram às suas, fluindo de Safia e de Mahaut.

Robert parou ao seu lado.

— Meu Deus!... — murmurou, com voz contida.

Os cavalos em disparada, a uns vinte metros de distância estacaram de repente. Empinaram e fizeram meia-volta, deixando os cavaleiros desequilibrados e sem controle. De olhos arregalados e como loucos, centenas de animais refugavam, recusando-se a cruzar uma linha imaginária, negando-se a obedecer aos ginetes que os cavalgavam. Para onde quer que Eldswythe olhasse, cavalos empacavam. Alguns se deitavam, prensando os cavaleiros sob o corpo. Alguns viravam e corriam de volta para o castelo, impossíveis de serem detidos.

Robert virou-se para encarar seus homens e gritou, agitando o braço bom por sobre a cabeça, a espada apertada no punho.

— Ao ataque!

Seus homens investiram, perseguindo aqueles que se retiravam, abatendo os inimigos caídos e aqueles que lutavam a pé. Homens desmontados não eram páreo para uma legião de guerreiros em cavalos de batalha e aqueles que optaram por não lutar e fugiram para a floresta defrontavam-se por um novo exército, diferente de qualquer coisa que já tinham visto antes — as Mulheres Chorasas, que esperavam à fímbria dos bosques, com espadas e escudos, arcos e flechas preparados.

Robert agarrou Eldswythe e empurrou-a para trás de si.

O enorme corcel branco de John Gilroy lutava para ficar de pé. Os músculos das espáduas tremiam, e os olhos tinham uma expressão de loucura.

Gilroy saltou do cavalo inútil e esbravejou:

— Robert Breton, vamos terminar o que existe entre nós! — Ergueu a espada numa das mãos e o chicote na outra. — Até a morte! Não darei trégua.

Robert cambaleou, suas forças se esvaindo. Manteve os olhos cravados em Gilroy, mas falou com Eldswythe:

— Eu te amo, Eldswythe. Vivo por você. Respiro por você. Luto por você. Não me importo com terra ou um castelo. Não tomarei nada de você assim que abater aquele animal.

Eldswythe engoliu em seco.

— Não o enfrente, Robert. Eu não quero Crenalden. Quero você.

Uma calma determinação ressoou na voz dele.

— Margaret e eu íamos nos casar quando ela me contou que o bebê que carregava era dele. — Apontou a espada para Gilroy. — Disse que o amava. Terminei

nosso noivado porque ela me pediu. Então, Gilroy recusou-se a se casar com ela. Antes que eu soubesse que ele poderia não ser o pai da criança, Margaret se livrou dela. Meu filho, Eldswythe, uma vida que eu não conhecia, mas uma vida que eu fizera. Passei o último ano cheio de ódio. Mas, nessas últimas semanas com você, reconciliei-me com... consegui perdoar Marg...

Gilroy ergueu a espada.

— Chega de conversa. Lute!

Robert respirou fundo e encarou o inimigo.

— Lady Eldswythe não ficará segura até que você esteja morto. Vamos lutar.

Inclinou a cabeça na direção da carroça.

— Adeus, feiticeira. Proteja-se. Você estará para sempre em meu coração. —

Pegou o pedregulho verde do pescoço, o único presente que ela lhe dera, e levou-o aos lábios, e então se virou para enfrentar John Gilroy.

Robert plantou os pés com firmeza no chão, os ombros para trás, ignorando a dor que disparava pelo braço quebrado. Inferno dos diabos, eleja estivera pior! Não era o ferimento que fazia o suor porejar em seu lábio superior, ou deixava tensos os músculos marcados de seu pescoço.

Seus olhos se concentravam no chicote desenrolado de Gilroy.

Lembranças do passado, da dor incandescente provocada com calculada eficiência, os açoites fortes o bastante para romper a pele, mas não para cortar o músculo correram por sua mente. Nem cavalo, e nenhum homem, nenhuma mulher ou criança, deveriam alguma vez sofrer o suplício de um chicote. A fúria superou qualquer sensação de fraqueza, de dor, obliterando as recordações das punições que ele sofrera quando garoto.

Girou a espada, a ponta de aço fazendo um arco próximo do abdômen de Gilroy. O estalo familiar do chicote crepitou no ar e, num instante, Robert sentiu o couro enrolar-se em torno de seu pulso e puxar seu braço para a frente. O contato não ardera, a pele estava protegida pela luva de metal, mas o braço da espada estava imobilizado, e a única maneira de se livrar era deixar cair a arma.

Eldswythe arquejou ao ver Robert com o chicote enrolado em torno do pulso. Incapaz de se mover, ela se viu paralisada de terror e, então, Hugh a arrastou para trás da carroça.

— Fique para trás! — Sacou a espada, pronto para defendê-la.

Com o olhar preso em Robert, ela ergueu a saia e tirou da bota o punhal que Safia lhe dera. Olhou para o punhal. O que poderia fazer? A arma seria inútil contra John Gilroy coberto de armadura, e ela não teria chance de chegar perto o bastante para cortar o chicote do braço de espada de Robert.

— Deixe-o lutar — disse Hugh. — Ele tem um acerto a fazer. Admiro sua coragem, mas sua interferência irá distrair Robert.

Eldswythe jogou o punhal e ajoelhou-se ao lado de Hugh, incapaz de desviar os olhos do confronto.

Gilroy puxou o chicote para trás, sacudindo o braço de espada de Robert ainda preso pelo pulso. Robert urrou, lutando para endireitar-se. Então, com a força de um touro, puxou o braço para trás. O chicote retesou-se. A surpresa lampejou pela face de Gilroy quando o açoite saltou de sua mão e ele cambaleou, escorregando na lama e caindo para a frente.

Eldswythe soltou um grito quando Robert inclinou-se e investiu, a espada em riste. Um esguicho de sangue espalhou-se pelo ar. O buraco no peito de Gilroy sugou o ar

quando ele puxou a respiração, arquejou e depois caiu de joelhos, os olhos esbugalhados de incredulidade. Aterrissou de cara no chão, o punho ainda fechado no cabo da espada.

Robert apertou o braço ferido e ajoelhou-se. O peito arfando e a respiração perigosamente curta.

Eldswythe correu até ele.

O braço ferido sangrava horrivelmente, e um riacho escarlate ensopava-lhe a manga da camisa. Através das pálpebras pesadas, ele a fitou.

— Eu te amo, Eldswythe. Se eu morrer, me enterre aqui em Crenalden. — Fechou os olhos e desabou.

Eldswythe tirou o cinto e apertou-o em torno, do braço de Robert para estancar a hemorragia.

— Hugh!

Hugh enfiou as rédeas de Barstow em suas mãos e içou Robert para a sela.

— Leve-o para o castelo. Depressa!

Hugh e Eldswythe seguiram desviando-se dos cavaleiros que cercavam os sobreviventes e carregavam os mortos. O campo de batalha caíra em silêncio, quebrado apenas pelos gemidos dos feridos. Então, um grito de vitória ecoou dos bosques, e Eldswythe olhou para a linha das árvores. As mulheres tinham sumido, embora ela ainda sentisse que Safia continuava por perto.

Ao entrarem no pátio do castelo, Hugh gritou, por sobre o ombro:

— Ele está respirando, lady Eldswythe?

— Está — ela respondeu, as lágrimas marejando seus olhos. Robert oscilava na sela. A respiração era rascante, mas ele respirava.

A voz de Robert soou, arquejante.

— Eldswythe, depois que cuidar dos meus cortes e arranhões, mande buscar cerveja e fazer um ensopado. Estou faminto.

Hugh meneou a cabeça, um sorriso de alívio a espalhar-se por sua face barbuda.

— O amor mantém o coração dele batendo, lady Eldswythe.

— Não — ela brincou. — É o estômago.

Hugh conduziu Barstow pelo pátio, onde Mathilda, Karlene e os outros esperavam.

Capítulo XX

O ruído de martelos e os gritos dos trabalhadores ressoavam pelo pátio. Pedreiros e carpinteiros consertavam as muralhas do castelo e colocavam os andaimes para construir novas torres. Bertrada pegou um pente de marfim. Fez um gesto para que Eldswythe se sentasse.

— É bom estar em casa, não é, milady?

Eldswythe sentou-se e ajeitou as saias, para depois tatear, sob o decote do vestido, o pedregulho verde que combinava com aquele que Robert usava no pescoço. O corpete era decorado de pérolas e contas de prata, o vestido opulento e rodado. Um dos muitos que Robert mandara que ela comprasse para o casamento. Ele gastara uma boa porção da recompensa do rei com ela e com Crenalden. Mas ainda havia três caixas de

ouro e um baú cheio de pratarias até a boca no canto do quarto. O tesouro chegara duas semanas atrás e, com ele, outra carta, que transferia o condado de Crenalden para Robert Breton.

Bertrada correu o pente pelos cabelos de Eldswythe.

— Juro que nunca a vi tão bonita, milady. Suas faces estão radiantes e seu cabelo tão brilhante quanto carvão polido. Mesmo esse cacho teimoso que sempre escapa de seu véu e cai na testa está cooperando hoje.

Eldswythe apertou o pedregulho, incapaz de conter a emoção. Tinha um segredo, um segredo que poderia explicar por que estava tão radiante. E por que não conseguia parar de comer ameixas açucaradas?

— Fico contente de ver você feliz também — conseguiu dizer a Bertrada, pousando a mão no braço da criada.

Bertrada riu.

— Sir Hugh, milady, pretende pedir minha mão. — Reprimiu uma risadinha. — Ele me fez jurar que aprenderia a montar um cavalo primeiro, e ficou surpreso quando eu consegui. Até pedi a ele que me comprasse uma sela adequada para damas como presente de casamento.

Eldswythe sorriu.

— Vocês dois têm sido inseparáveis. Será bom vê-los acomodados.

Uma batida soou à porta. Passos cruzaram o quarto sem esperar permissão.

Robert parou em frente de Eldswythe, o braço enfaixado atrás das costas, num gesto suspeito.

Inclinou-se para ela. Seus cabelos negros cheiravam a menta e sálvia, um perfume absolutamente inebriante. O coração de Eldswythe disparou tão loucamente como da primeira vez em que o vira.

— Para você, senhora. Mais dois presentes Eldswythe arquejou quando pegou uma carta e um livro, uma cópia do Hylica igual àquela que perdera, meses atrás.

— Onde conseguiu isto?

— Gostaria de levar o crédito — Robert murmurou, com um dar de ombros —, mas não sei quem o mandou. Achei as duas coisas do lado de fora da porta.

Com as mãos trêmulas, Eldswythe abriu o livro e leu a inscrição dentro da capa:

Eldswythe, filha do meu coração, ele é digno de você.

— É de quem?

Ela sorriu para Robert, um homem que ela soubera desde o primeiro instante que lhe roubaria a alma.

— Não diz — respondeu, enfiando o livro debaixo do braço. Abriu a carta e ergueu os olhos para encontrar os de Robert, estarrecida com as palavras da mensagem.

— O que é, minha esposa?

— É do rei. Está me enviando uma tropa de cavalos. Um presente por meu serviço à Coroa. Um plantel puro-sangue. Os melhores cavalos de toda a Inglaterra.

Robert estendeu-lhe a mão.

— É bem merecido, meu amor. O rei vê em você aquilo que eu vim a amar. Um espírito flexível e um dom que nunca entenderei, mas respeito. Agora, tenho outra surpresa. Há um homem no pátio procurando por uma feiticeira de cavalos. Estou inclinado a mandá-lo embora.

Eldswythe sorriu, e atravessou o quarto para olhar pela janela estreita que dava para o pátio. Virou-se depressa e enlaçou o pescoço de Robert.

— Khalif? Você o encontrou! É o melhor de todos os meus presentes de casamento. — Cobriu o rosto de Robert de beijos enquanto as lágrimas rolavam por suas faces.

Ele riu e prendeu-lhe as mãos na sua.

— Receio que ele tenha perdido uma ou duas contas da crina e tenha um pouco de

pelos queimados. Fora isso, o cigano que contratei para encontrá-lo parece ter cuidado bem dele.

Esticando o pescoço, ela espiou pela janela de novo. Jacques de Litteau segurava a rédea de Khalif.

Eldswythe enxugou o rosto com o dorso da mão, e um lento sorriso espalhou-se por seu semblante.

— Ele está perdoado. — Afastou-se do abraço terno de Robert e rumou para a porta de mãos dadas com o marido. — Quero ver o cavalo de meu pai! Venha comigo.

As palavras "de meu pai" escaparam de sua boca e a fizeram estacar, paralisada. Pela primeira vez em semanas, Eldswythe sentia vontade de dizer ao mundo que seu pai era o grande conde de Crenalden, o nobre cavaleiro que criava os melhores cavalos de toda a Inglaterra. Um homem que amava tanto a filha que deixara, embora relutante, que ela fosse o que tinha de ser... uma feiticeira de cavalos e uma curandeira.

Robert ergueu-lhe o queixo, esfregando o nariz em sua têmpora.

— Eldswythe eu te amo. Mais que a vida. Meu espírito canta ao vê-la feliz.

Com o coração derretido, ela quase esqueceu de seu segredo.

— Robert, há algo que preciso lhe contar... Ele ergueu a mão.

— Primeiro, notícias de Hillsborough. Meu irmão foi capturado... pelo casamento. Por Margaret. Ela gastou um bocado das reservas do condado para preparar o casamento. Quando de Littean viu o feliz casal pela última vez, estavam brigando por causa do mísero dote de Margaret. Parece que meu irmão perdeu cada centavo dele numa corrida de cavalos.

— O que faremos? O inverno está chegando.

— Mandarei provisões, se minha esposa concordar.

— Claro! A briga de um com o outro já será difícil o bastante. Peça a lady Anne que nos faça uma visita. Vou precisar dela.

Os olhos de Robert pousaram nos dela, ardentes e amorosos.

— Eu tenho tudo o que preciso. Nenhum cavalo, nenhuma quantia de ouro ou de terra, nenhum título poderia comprar o que alimenta minha alma.

— Será que o Cavaleiro Negro vai para as liças para a temporada de torneio? Usará minha insígnia na manga? — ela indagou com uma seriedade que a surpreendeu, impelida pelas novas preocupações com o futuro.

— Não, meu amor. O Cavaleiro Negro aposentou-se. Para sempre. Não arriscará seu cavalo ou sua vida por diversão. Tem uma esposa agora, que traz luz ao seu coração.

Os passos de Bertrada saíram do quarto. Eldswythe sorriu. Sua criada sempre sabia quando se retirar. Ela tirou a capa dos ombros e depois empurrou Robert para a cama.

— Khalif pode esperar um pouco mais. Preciso fazer um agradecimento apropriado a meu marido por isso.

As mãos de Robert já lhe desatavam as fitas do vestido, quando ela sentou-se no colo do marido.

— Querido, quanto ouro sobrou? — Apontou para os baús fechados encostados à parede.

— Bastante. Por que pergunta? — Seus dedos estavam ocupados nos laços.

Ela passou a mão pelo ventre.

— Vamos precisar de um dote. Ela terá o dom, tenho certeza.

Com uma risada de felicidade e surpresa, Robert puxou-a contra o peito, cobrindo-lhe os ombros nus de beijos. E murmurou-lhe ao ouvido:

— Sou o pai. Mantereí a jóia de minha filha trancada até que ela encontre um cavaleiro que precise de uma feiticeira de cavalos como esposa. Então, o ouro ou terras que ela tiver não vão importar.

— Diga, Robert Breton. Diga as palavras que adoro ouvir.

— Eu te amo, lady Eldswythe, feiticeira do castelo de Crenalden. Direi e repetirei sem cessar até que me implore para parar.

Eldswythe fechou os olhos e deixou a voz sedosa e o toque gentil de seu cavaleiro comandar sua alma.

FIM